REALIDADE

FEVEREIRO 1967 UMA PUBLICAÇÃO DA EDITORA ABRIL Cr$ 800

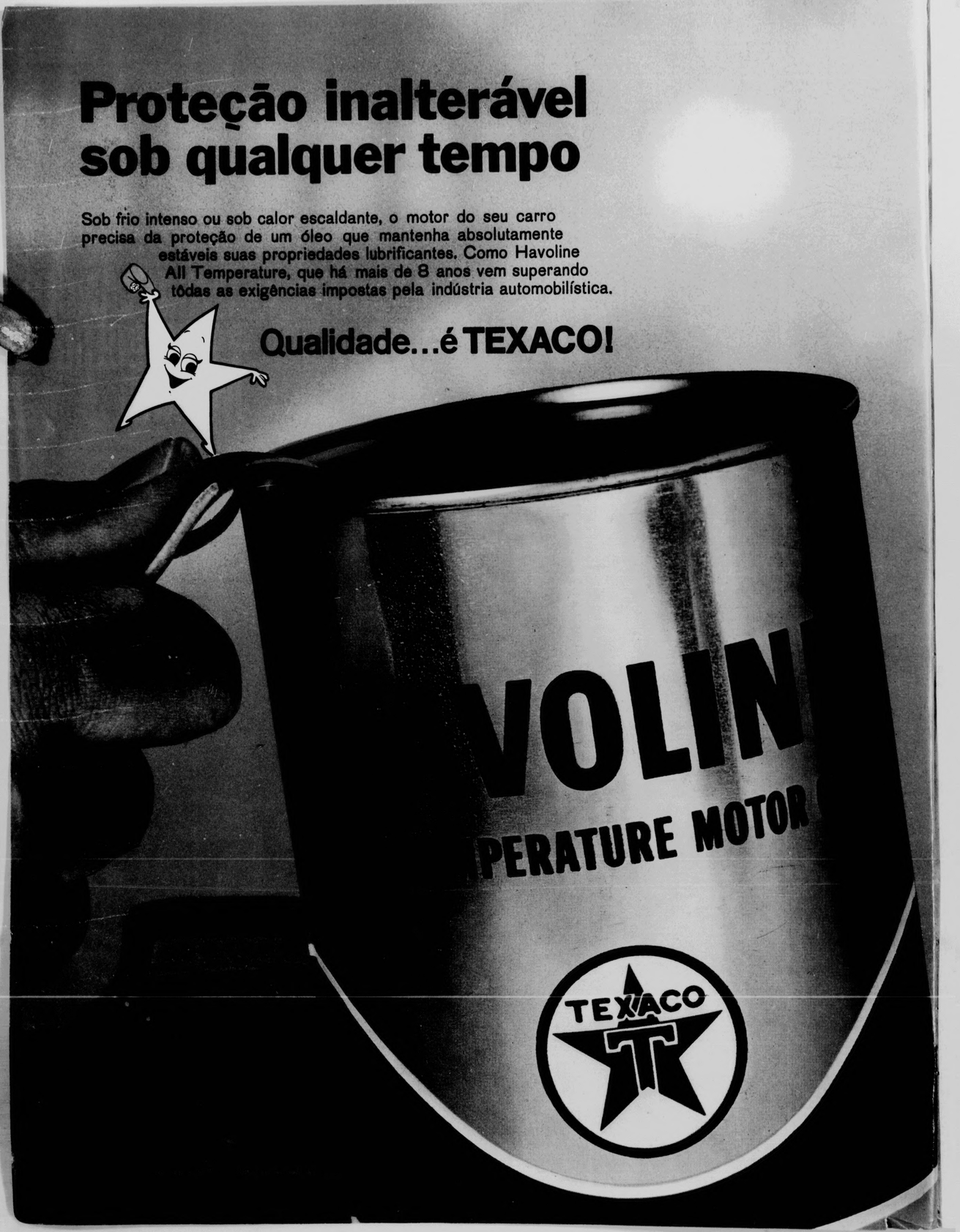
O PORQUÊ DOS PRECONCEITOS

QUANDO COSTA E SILVA ERA GAROTO

A ESCOLA DO FUTURO JÁ EXISTE

TENHO CÂNCER E NÃO QUERO MORRER

Carnaval: esta é a festa de todos nós



A apreensão de REALIDADE

No penúltimo dia do ano passado, REALIDADE de janeiro foi apreendida em São Paulo, por decisão do juiz de Menores. Simultâneamente — e embora o juiz não tivesse qualquer jurisdição quanto aos exemplares destinados a outras comarcas — cêrca da metade da tiragem da revista foi detida na gráfica onde é impressa. Finalmente, alguns dias depois, o juiz de Menores da Guanabara, também mandou apreender a revista. Nos dois casos, a alegação foi a mesma: tratava-se de uma edição "obscena" e "ofensiva à dignidade da mulher". E, em ambos os casos, o único recurso cabível era se dirigir aos Tribunais Superiores.

Assim, enquanto os nossos advogados preparavam suas defesas e a revista aguardava o pronunciamento da Justiça, centenas de milhares de leitores em todo o país ficaram proibidos de ver a edição especial que focalizava "A Mulher Brasileira, Hoje".

O que havia de "obsceno" na edição apreendida? Os dois juízes de Menores não especificaram. Mas certas pessoas supõem que eram os desenhos científicos mostrando o funcionamento do corpo feminino. Alguns apontam uma estatística sôbre o índice de abortos (incluída nos resultados da maior, mais variada e mais cuidadosa pesquisa de opinião e comportamento jamais realizada entre mulheres brasileiras). Outros mencionam uma entrevista com uma môça que não se envergonha de ser mãe solteira; a foto de uma prostituta que — pelo milagre da maternidade — confessa sua intenção de se regenerar; e o debate da última página, onde duas escritoras conhecidas apresentam opiniões divergentes sôbre a importância da virgindade pré-matrimonial.

SEGUE

A apreensão de REALIDADE

Finalmente, muitos pensam que uma determinada foto, publicada na reportagem sôbre uma parteira do interior, foi julgada "obscena" pelos defensores da moralidade pública.

Torna-se evidente, portanto, que a "obscenidade" — no sentido exato da palavra — não estava em jôgo, pois a revista não continha sequer uma frase maliciosa, uma foto provocante, um desenho erótico ou um texto libidinoso. O que estava — e ainda está — na balança é uma atitude perante a vida, o mundo e a realidade brasileira.

Desde nosso primeiro número, em abril de 1966, manifestamos a opinião de que a única maneira de resolver problemas é enfrentá-los. E nos meses que se seguiram a jovem equipe que faz esta revista procurou não perder de vista as dúvidas e problemas que são contìnuamente levantados, ponderados e debatidos no Brasil inteiro. A recepção foi entusiástica: em apenas seis meses, REALIDADE alcançou a maior tiragem do país, com 475.000 exemplares e mais de um milhão e meio de leitores por edição.

A apreensão do número de janeiro constitui, assim, muito mais que uma simples ação punitiva contra qualquer vulgar publicação licenciosa. Significa, essencialmente, que qualquer juiz de Menores pode impedir que uma revista circule em todo o país, apenas por não concordar com o seu ponto de vista. Significa que basta a simples opinião de uma autoridade administrativa para anular meses de trabalho e provocar vultosos prejuízos materiais. E significa, finalmente, que a liberdade da imprensa vê-se novamente em perigo, uma vez que êste tipo de apreensão ameaça jornais e revistas que publicarem fatos, estatísticas e opiniões julgados inconvenientes a critério exclusivo de uma única pessoa.

Assim, embora pretendamos continuar debatendo os grandes problemas nacionais, deveremos supor que — de repente — não mais vão aparecer môças menores e grávidas diante dos juízes de Menores. Que a esmagadora maioria das jovens chega virgem ao casamento. Que mulheres casadas jamais apelam para a interrupção intencional da gravidez. Que há unanimidade da opinião pública a favor do desquite como melhor solução para um casal que vive sem amor. E que — enfim — todos êstes problemas só voltariam a existir se e quando fôssem novamente levantados por REALIDADE.

É preciso repetir que nosso único objetivo — desde o primeiro número — foi fazer uma revista para homens e mulheres inteligentes que desejam saber mais a respeito de tudo. Queremos continuar informando, divertindo, estimulando e servindo aos nossos leitores. Com seriedade, honestidade e entusiasmo. Queremos continuar comunicando a nossa fé inabalável no Brasil e no seu povo, na liberdade do ser humano e nas realizações da livre iniciativa .

REALIDADE, enfim, só tem uma pretensão: ajudar a construir um Brasil moderno, próspero e feliz. E é isso que continuaremos tentando fazer.

REALIDADE

UMA PUBLICAÇÃO DA EDITÔRA ABRIL — ANO I — NÚMERO 11 — FEVEREIRO 1967

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Redação

Diretor: Roberto Civita

Redator-Chefe: Paulo Patarra
Editor de Texto: Sérgio de Souza
Redatores: Carlos Azevedo,
José Carlos Marão,
José Hamilton Ribeiro, Lúcio Nunes,
Luiz Fernando Mercadante,
Micheline Gaggio Frank,
Mylton Severiano da Silva,
Narciso Kalili, Roberto Freire
Pesquisas: Duarte Lago Pacheco
Secretário Gráfico: Woile Guimarães
Chefe de Arte: Eduardo Barreto Filho
Diagramadores:
Jaime Figuerola, Rubem B. Moraes
Fotógrafos: Roger Bester, Jorge Butsuen, Luigi Mamprin, Geraldo Mori, Lew Parrella (chefe)
Sucursal, Rio: Paulo Henrique Amorim, Nélson Di Rago, Mílton Coelho, Alessandro Porro (diretor)
Sucursal, Nova Iorque: Odillo Licetti

Administração

Diretor Comercial: Alfred Nyffeler
Vice-Diretor de Publicidade: Sebastião Martins
Gerente de Publicidade, S. Paulo: Rubens Molino
Representantes, São Paulo: Sílvio Fernandes, José Luiz Decourt Ricci
Representantes, Rio: Nílson Alves
Pôrto Alegre: Jesus C. Ourives (gerente) e Vernei Pinto
Belo Horizonte: Sérgio Pôrto
Curitiba: Édison Helm
Diretor Administrativo de Publicidade: Antônio Cioccoloni

*

Diretor Editorial: Luís Carta
Diretor Comercial: Domingo Alzugaray
Diretor do Escritório do Rio: André Raccah
Diretor Responsável: Edgard de Sílvio Faria

*

REALIDADE é uma publicação da Editôra Abril Ltda. / Redação, Publicidade e Correspondência: Rua João Adolfo, 118, 9.º, fone: 37-9111 / Administração: Rua Álvaro de Carvalho, 48, 6.º e 7.º and., São Paulo / Sucursal, Rio de Janeiro: Av. Presidente Vargas, 502, 18.º, fone: 23-8913 / Sucursal, Pôrto Alegre: Av. Otávio Rocha, 134, 6.º, fone: 4778 / Sucursal, Belo Horizonte: Av. Goitacazes, 43, cj. 301-2, fone: 4-7146, Sucursal, Curitiba: Edifício Galeria Tijuca, Rua Cândido Lopes. 11, 15.º and. cj. 1516 — C. Postal 3121, Telefone: 4-5937 - 4-9427. Distribuição exclusiva para todo o Brasil da Distribuidora Abril S.A. Preços: exemplar avulso Cr$ 800. Assinatura semestral Cr$ 4.800. Assinatura anual Cr$ 9.600. Nenhuma pessoa está credenciada a angariar assinaturas desta publicação. Se fôr procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: no Rio, Rua República do Líbano, 19; São Paulo, Rua Martins Fontes, 163-165. Pelo Correio: Caixa Postal 7901. / Todos os direitos reservados. / Impressa em oficinas próprias e nas da S.A.I.B. Soc. Anônima Impressora Brasileira, São Paulo. As opiniões que aparecem nos artigos assinados não representam necessàriamente o ponto de vista da revista, podendo até ser contrárias a êste.

Capa		Um rosto de mulher que canta. E, como ela, milhões de brasileiros, neste mês, estarão festejando como sempre o carnaval. A foto é de David Drew Zingg.
Problema	26	**O porquê dos preconceitos** — Começando nos tempos de Sócrates, na velha Grécia, Carmem da Silva analisa os tabus que escravizam as sociedades.
Carnaval	35	**Esta é a festa de todos nós** — E, nela, é preciso cantar. Esta é a história das músicas que fazem o povo pular quatro noites e três dias por ano.
Astronáutica	42	**Você agüentaria?** — No futuro, talvez, qualquer um possa ir à Lua. Mas, por enquanto, a viagem é para os quase super-homens. Aqui se diz por que.
Religião	53	**A Igreja se renova** — Como conseqüência direta do Concílio Vaticano, em diferentes países do mundo estão surgindo surpreendentes inovações litúrgicas.
Perfil	64	**Um garôto chamado Artur** — Há um lugar onde o presidente do Brasil será sempre "o Artur": é Taquari, onde fomos buscar a história de sua infância.
Documento	76	**É luta, é dança, é capoeira** — Salvador da Bahia tem academias e mestres dessa luta que veio da África. Ela é bonita, mas ensina golpes que matam.
Futebol	85	**Aqui a guerra é pela bola** — Um ensaio fotográfico sôbre o esporte mais popular do mundo e um artigo mostrando quem mais sofre com êle: o torcedor.
Educação	98	**Já existe a escola de amanhã** — E funciona no Brasil. Nela não há notas, nem exames, e o ensino prepara o jovem para encarar a vida com confiança.
Gente	108	**Ela tem 500 anos** — Vida de estrêla não é tão bonita como parece. Pelo menos é o que diz Norma Benguel, que conta a sua verdade, pela primeira vez.
Polícia	116	**Cuidado, isto é conto-do-vigário** — Tudo começou com um português. Depois a técnica se desenvolveu tanto que, hoje, o vigarista é um grande ator.
Ciência	124	**Estas máquinas só faltam falar** — Os computadores estão revolucionando o mundo: lançam foguetes, contam à velocidade da luz e até compõem sinfonias.
Depoimento	131	**Tenho câncer, não quero morrer** — A môça tem 24 anos e se chama Maria. Aqui ela conta como reagiu quando soube que só tinha dois anos para viver.

Tiragem desta edição: 505.300 exemplares

A edição proibida: acusação e defesa

Tudo começou com um requerimento do curador de Menores, endereçado ao juiz de Menores da Comarca de São Paulo, Capital. Era o dia 30 de dezembro passado, pouco depois do meio-dia. REALIDADE estava nas bancas desde as primeiras horas da manhã. O requerimento dizia:

"O curador de Menores infra-assinado, cientificado dos têrmos de determinadas "reportagens" da publicação REALIDADE, n.º 10, de janeiro de 1967, hoje posta à venda nas bancas de jornais e revistas da Capital, reportagens essas, algumas delas obscenas e profundamente ofensivas à dignidade e à honra da mulher, pela presente e com base no artigo 53 da atual Lei de Imprensa, requer:

1.º) a imediata e sumária apreensão dessa publicação, onde seja encontrada à venda nesta Comarca;

2.º a remessa do exemplar anexo à Comissão de Revistas e Publicações, cuja manifestação se pede.

Têrmos em que, A.,

P. Deferimento

São Paulo, 30, dezembro, 1966.

assinado) Luiz Santana Pinto
(2.º curador de Menores)."

Na mesma fôlha, de próprio punho, foi feito o despacho do juiz de Menores de São Paulo:

"Acolho o requerido. Ao S.V. (Serviço de Vigilância) e S.R.E. (Serviço de Ronda Especial) para proceder à apreensão, na forma requerida, solicitando-se (palavra ilegível) colaboração da Delegacia de Costumes para a efetivação da medida." O despacho não está assinado pelo sr. Artur de Oliveira Costa, juiz de Menores de São Paulo.

Horas depois, iniciava-se a apreensão da revista nas bancas de São Paulo e se determinava na gráfica que imprime a revista a proibição de que qualquer exemplar deixasse o depósito, em direção a outros Estados, menos o da Guanabara, que já havia recebido a edição de janeiro.

No dia seguinte, sábado, 31 de dezembro, o "Diário Oficial" de São Paulo publicava a seguinte decisão do juiz de Menores da Capital paulista:

"A publicação contém algumas reportagens obscenas e profundamente ofensivas à dignidade e à honra da mulher, ferindo o pudor e, ao mesmo tempo, ofendendo a moral comum, com graves inconvenientes e incalculáveis prejuízos para a moral e os bons costumes".

Defesa, São Paulo

A 3 de janeiro, através de seu advogado, professor Sílvio Rodrigues, Catedrático de Direito Civil da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, REALIDADE impetrava mandado de segurança junto ao presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Publicamos a seguir, os trechos principais do requerimento:

I. **Os fatos** — 1) O juiz de Menores da Capital de São Paulo, acolhendo representação do curador de Menores, determinou a sumária apreensão da revista REALIDADE. Em obediência a tal determinação, foram apreendidos em oficinas da emprêsa, 231.600 exemplares, cêrca da metade da tiragem total da revista, sem contar os exemplares nas bancas de jornais.

2) Tal apreensão causou e está causando brutais prejuízos morais e materiais à Editôra Abril.

II. Do cabimento de mandado de segurança — 1) A apreensão trata-se de ato administrativo da autoridade judiciária, praticado precipitadamente, com abuso de poder e sem audiência da interessada, ferindo direito líquido e certo da impetrante, direito êsse de publicar a matéria constante do número apreendido e de vender os exemplares do seu periódico. Lesado foi ainda o direito de defesa da revista e seus direitos patrimoniais. Tal ato, ainda, pode resultar na diminuição de confiança de seus anunciantes e leitores.

2) A Lei de Imprensa, em seu art. 54, parágrafo 3.º, defere recurso de apelação da sentença proferida no processo constante daquele dispositivo. Mas a decisão objeto do presente pedido de segurança não defluiu de relação processual configurada no art. 54 e seus parágrafos da Lei de Imprensa, em que as partes prejudicadas têm oportunidade de se defender; ao contrário, o pronunciamento contra o qual se rebela a impetrante se fundou no art. 53, do mesmo diploma, que configura a hipótese de medida de caráter administrativo de autoridade judicial, contra a qual a lei não dá recurso, nem possibilita o pedido de correição, visto que não há tumulto (Regimento Interno do Tribunal de Justiça de São Paulo, art. 360).

3) Assim sendo, o único recurso que resta à impetrante, contra a medida violenta tomada pelo juiz de Menores da Capital, é o mandado de segurança. Configurou-se ato violador, cometido com abuso de poder por parte da autoridade judiciária, atuando na órbita administrativa.

4) Tal afirmativa se confirma com a própria análise dos fatos. Apenas porque o juiz de Menores da Capital entendeu ser obscena a matéria publicada pela revista REALIDADE, ordenou êle a sua apreensão. Daí resultará forte prejuízo a ser experimentado pela impetrante, apenas porque o conceito de **obsceno** do juiz de Menores da Capital é excessivamente amplo. Se s. exa. estiver errado — **e, data venia, está, como abaixo será mostrado** — o mal causado por sua atitude, tomando medida drástica sem ouvir a interessada, será irreparável, sem o recurso ao remédio heróico.

5) Isso porque nas publicações periódicas, o transcurso de tempo as torna obsoletas. A permissão eventual para o número apreendido circular daqui a 90 ou 120 dias, é pràticamente inócua, pois a revista terá perdido a sua oportunidade. Assim, pode-se imaginar o imenso, o desmedido, o colossal arbítrio que se estaria conferindo ao juiz de Menores, se seus atos administrativos não ficassem sujeitos à censura através do mandado de segurança. Para arruinar uma editôra bastaria que lhe aprouvesse declarar obsceno um texto, ordenar a apreensão da revista que o publicou, para que ela fôsse retirada inexorável e inapelàvelmente da circulação, trazendo prejuízos incalculáveis para a emprêsa. Ora, isso seria a admissão de uma censura de imprensa que a lei não autoriza, e mais severa do que as censuras nos países mais antidemocráticos do mundo.

6) Ora, só o mandado de segurança, através da medida liminar, pode corrigir os perigos resultantes da exorbitância de uma medida administrativa de tal alcance. Só o Tribunal de Justiça, percebendo a manifesta exorbitância da medida, pode desde logo cassar a ordem, para restabelecer a prerrogativa negada através da apreensão.

III. Do Mérito — 1) A apreensão da revista REALIDADE foi determinada pelo juiz de Menores por conter tal publicação, ao ver de s. exa. algumas reportagens "obscenas, profundamente ofensivas à dignidade e à honra da mulher". Tal assunto é questão de **conceito,** portanto matéria de direito, e não de fato, capaz de ensejar seu exame no processo excepcional de segurança.

2) Tôda a controvérsia há que se circunscrever ao exame do **conceito de obsceno,** constante do art. 53, da Lei de Imprensa. Obsceno, para Moraes (Dic., ed. 1858, verbete obsceno), é o que é sensual, torpe, impudico; e comparando a sinonímia entre desonesto e obsceno, declara que êste vocábulo é muito mais forte do que o primeiro, "porque a sua particular energia é significar o que é sujo, imundo, sórdido, torpe, etc..."

A mesma idéia se encontra no **Moderno Dicionário** de Francisco Fernandes, onde conceitua obsceno como aquilo contrário ao pudor, à decência, torpe, lascivo.

3) Ora, no presente caso, não há nada de torpe, de lascivo, de sórdido. Trata-se de publicações com propósitos altamente construtivos e educacionais, onde os trabalhos porventura censurados foram feitos com a maior objetividade, apenas procurando a verdade científica, desarmados seus autores, ou o editor da revista, de qualquer parcialidade, de intuíto sensacionalista, ou de propósitos menos respeitáveis.

IV. Um outro aspecto da exorbitância do ato do juiz de Menores — 1) Embora a competência do juiz de Menores se circunscreva à Comarca da Capital, s. exa. ordenou a apreensão de tôda uma edição da revista, que se destina não apenas aos leitores dêste município, mas de todo o Brasil. Apreendida que foi metade da edição, que estava na iminência de ser despachada para os outros Estados do país, enfim, para centenas de cidades que estão fora da jurisdição de s. exa.

2) É possível que o juiz de Menores de Salvador, de Pôrto Alegre, de Belo Horizonte, de Manaus entendam que a publicação apreendida, em vez de ser obscena, como acredita seu colega de São Paulo, seja revista de caráter altamente educativo. Entretanto, os leitores daquelas cidades estarão impedidos de ler a revista, porque uma autoridade, sob o poder da qual êles não se encontram, viu obscenidade nas páginas de REALIDADE.

3) É óbvio o caráter abusivo do ato praticado pelo juiz de Menores, que quis intervir em área que está fora de sua jurisdição. Seu ato, se legítimo (o que se contesta), teria que se circunscrever à Capital do Estado de São Paulo. Poderia, na hipótese, proibir a venda nas bancas da Capital. Entretanto, como proibiu o despacho da revista para os outros Estados, exorbitou de seus poderes, tornando manifestamente abusivo o ato por êle praticado.

4) Assim sendo, tornando-se manifesta a lesão do direito da Editôra, por ato administrativo do juiz de Menores, praticado com abuso de sua autoridade, sem audiência da interessada, requer lhe seja concedida a segurança pedida, para fins de ficar sem efeito o ato incriminado, ou para, ao menos, lhe serem devolvidos os exemplares apreendidos do número de janeiro da revista REALIDADE, e que serão remetidos para venda em outras localidades, fora da jurisdição do juiz de São Paulo.

Acusação, Guanabara

Vinte e quatro horas depois de ver decretada sua apreensão em São Paulo, REALIDADE era objeto de idêntica medida no Rio de Janeiro. Foi o seguinte o despacho do sr. Alberto Cavalcanti de Gusmão, juiz de Menores da Guanabara:

Volta a REALIDADE aos temas que já provocaram pronunciamento dêste juízo. E volta a êsses temas — amor livre, comportamento sexual etc. — em reportagens de absoluta desenvoltura. Quem vem acompanhando a linha de desenvolvimento de trabalhos divulgados pela revista, percebe claramente que a direção do periódico, fugindo aos propósitos comuns de periodismo no Brasil — informar corretamente, divulgar as coisas e idéias, dentro do panorama dos nossos costumes, aceitando ou combatendo moderadamente os nossos hábitos e as nossas tradições — resolveu bem ao contrário, encetar uma campanha e realizar uma verdadeira revolução radical no terreno da moral familiar.

Revista moderna, tècnicamente bem feita, procura apoiar as suas reportagens em pesquisas e levantamentos. Mas não faz apenas pesquisas e levantamentos e sim defende teses, promove campanha aberta e indissimulada. Até onde poderão os órgãos de divulgação assumir tal posição e promover, com a virulência que se nota no caso, a alteração de costumes, combate a moral consagrada?

Quem faz a exaltação da mãe solteira, quem combate o preconceito da virgindade da mulher não está assumindo abertamente posição contrária aos cânones morais adotados pela nossa sociedade e consagrados nas leis do país?

Fazer essa pregação com altissonância em órgão de divulgação que tem acesso em todos os lares e é lido por todos — crianças, jovens e adultos — não constitui um atentado aos bons costumes, isto é, aos costumes que a lei tolera e que são conjunto de regras disciplinadoras da vida em sociedade? Não constitui, afinal, um despotismo da imprensa livre êste ato de ministrar, em doses maciças de divulgação, uma doutrina moral que não foi acolhida pelos órgãos de soberania da nação — as casas legislativas — e por isto mesmo não está nas leis?

Sabendo-se que a imprensa informa e forma opinião, não estaria o jornalista que toma posição facciosa em tais assuntos ultrapassando os poderes da imprensa levando ao descumprimento das leis, criando mal-estar social? E tudo isto ainda não é muito mais grave em países de baixíssimo desenvolvimento cultural onde pequena parcela da população adulta vota, onde os costumes se desagregam e a família, célula da organização social, enfrenta a mais grave crise por que já passou?

A que rumos poderá levar uma pregação como a da revista REALIDADE?

O problema da mãe solteira, por exemplo, que reflete desagregação crescente, traz aos serviços de assistência, em geral, uma cada vez maior sobrecarga de tarefas. São os juízes de Menores, principalmente, que se defrontam com a legião interminável de menores abandonados. É desastroso tocar neste problema sem procurar reforçar os laços morais tradicionais.

A revista REALIDADE divorcia-se, destarte, da realidade brasileira e, em matéria de costumes, de moral familiar, intenta promover — ao que parece — uma verdadeira revolução.

Assim, com manchetes dêste tipo: "Sexo não tem nada com indecência", "Felicidade é possível sem casamento", "Sou mãe solteira e me orgulho disso", "Devemos ser independentes a qualquer custo", "Confissões de uma môça livre", "Três histórias de desquite".

Na reportagem "Nasceu" a revista apresenta seqüência fotográfica completa, inclusive o ato da delivrance. Os editôres, ao que parece, entendem que com êsse realismo estão honrando o nome do periódico. É evidente que, com tal concepção de realismo, a revista chegará, sempre honrando seu nome, às mais incríveis agressões ao decôro público. Aliás êste é outro aspecto que já havia sido salientado pelo Juízo ao apreciar a reportagem "A juventude diante do sexo" cuja continuação foi proibida no número 5. O que é inteiramente aceitável em livros de ciência, não cabe, muitas vêzes, nos periódicos de acesso fácil ao público em geral. A fotografia, o desenho e a linguagem do livro de Medicina podem constituir obscenidade no jornal ou na revista comum, configurando o crime de ultraje público ao pudor, previsto no art. 234, do Código Penal.

Não se queixe a revista porque já foi advertida por êste Juízo. Prossegue, todavia, no seu trabalho de desagregação, surda aos protestos que partem de vários pontos do país e que chegam à sua própria redação e ao juiz de Menores. É o caso de perguntar, como nos tempos de Cícero: "Quosque tandem abutere catilina patientia nostra?"

Atento ao exposto e usando da faculdade que me confere a Lei de Imprensa (art, 53 da Lei 2083 de 12 de novembro de 1953) declaro atentatória à moral e aos bons costumes, além de obsceno, o número 10 da revista REALIDADE — Ano 1 janeiro de 1967, e determino a apreensão dos exemplares que sejam encontrados à venda no Estado da Guanabara."

Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1966.

a) Alberto Augusto Cavalcanti de Gusmão
juiz de Menores

Defesa, Guanabara

A 9 de janeiro, o advogado de REALIDADE no Rio, professor João de Oliveira Filho, ex-presidente do Instituto dos Advogados do Brasil, entrava com um recurso junto à Justiça carioca. Em síntese, são êstes os resumos dos trechos mais importantes da petição:

A presente é um pedido de reconsideração do despacho de v. exa.

V. exa. considerou que REALIDADE resolveu "encetar uma campanha e realizar uma verdadeira revolução no terreno da moral familiar", para promover "alteração de costumes, combate à moral consagrada", exercendo um despotismo de imprensa livre, ministrando "em doses maciças de divulgação, uma doutrina moral que não foi acolhida pelos órgão da soberania da nação", "criando mal-estar social", usando de métodos que se transformam em "caracterizadas agressões à moral dominante e aos costumes aceitos". Concluindo, v. exa. declarou que o n.º 10 de REALIDADE era "atentatório à moral e aos bons costumes, além de obsceno".

Se "atentado à moral e aos bons costumes" é o significado de "obsceno", não seria êste caráter um plus àquele conceito, como poderia significar o advérbio "além" usado no respeitável despacho de v. exa., cuja reconsideração, "data venia", estamos pedindo. Se, porém, êsse "além" significa um "plus", um "para mais", um "ainda em cima", então o conceito de "atentado à moral" e aos bons costumes" não é a mesma coisa que " caráter obsceno".

A relevância da distinção é essencial, destarte, para a qualificação da competência.

Se "atentado à moral e aos bons

SEGUE

costumes" não é o mesmo que "caráter obsceno" de uma publicação, o Juízo de Menores, mandando apreender publicações que atentem contra a moral e os bons costumes, abusa do poder, porquanto a Lei só lhe deu o poder para declarar o "caráter obsceno" de publicações.

Será, pois, necessário, dada a ambigüidade de conceitos que transparece no respeitável despacho em aprêço, que, com a devida vênia, ponhamos em fila os conceitos sôbre "caráter obsceno".

O eminente ministro Nélson Hungria, diz que "O juiz penal não pode perder de vista que, ao incriminar o "ultraje público ao pudor", o legislador propôs-se a tutelar a **moral coletiva,** não segundo um tipo puro ou abstrato, mas como o **sentimento** (aspecto interno) e a conduta (aspecto externo) **comuns** ou **normais** em tôrno da sexualidade na vida social...

"Diz-se **obsceno** o ato que atrita, abertamente, grosseiramente, com o sentimento médio de pudor ou com os bons costumes. A obscenidade deve ser apreciada objetivamente. O ato é obsceno ou não é obsceno. Nenhuma **subjetividade** pode intervir, para completar o que o ato exprime, inequivocamente, por si mesmo."

E mais adiante pondera ainda, citando um jurista italiano: "O artista analisa o mal e a obscenidade e os reproduz artisticamente, não para exaltá-los, mas para mostrar o seu horror, não para que se imitem, mas para que, revelados, sejam combatidos".

Isto pôsto, chegamos à conclusão de que tinha razão o juiz de Menores quando distinguia com o "além", contido no seu respeitável despacho, a situação de ser o escrito atentatório à moral e aos bons costumes e a situação de ser o escrito de caráter obsceno.

Aliás, é a própria Lei de Imprensa que acentua essa diferença, quando qualifica de crime e abuso da liberdade de Imprensa "ofender a moral e os bons costumes".

Conseqüentemente teria o Juizado, abusado do poder de mandar apreender o n.º 10 da revista **REALIDADE,** sob a consideração de ser "atentatório à moral e aos bons costumes" (pois êsse fato não dá ao juiz de Menores poderes para mandar apreender publicações, nos têrmos do art. 53, da Lei de Imprensa em vigor:

"Não poderão ser impressos, nem expostos à venda ou importados jornais ou outras publicações periódicas de caráter obsceno, como tal declarados pelo juiz de Menores, ou, na falta dêste, por qualquer outro magistrado."

Pôsto, pois, que caráter obsceno do escrito é aquele que atrita, grosseiramente, como o sentimento médio do pudor, ou com os bons costumes, deveremos examinar um por um os artigos do n.º 10, de

acusação e defesa

REALIDADE, declarado na totalidade de caráter obsceno, para se verificar se eles têm ou não êsse caráter.

Antes, porém, seria conveniente considerar a afirmação do sr. juiz, que a revista teria encetado "uma campanha e realiza uma verdadeira revolução radical no terreno da moral familiar", promovendo "alteração dos costumes, combate a moral consagrada".

Vamos ver, porém, que a orientação da revista está na conformidade do que consta na Enciclica "Gaudium et Spes", de S. Santidade o Papa Paulo VI, onde, observa: "A perturbação atual dos espíritos e a mudança das condições de vida estão vinculadas a uma transformação mais ampla das coisas. Esta faz com que as ciências matemáticas e naturais ou as que tratam do próprio homem adquiram preponderância crescente na formação do pensamento, enquanto as artes técnicas, derivadas daquelas ciências, influenciam na ordem da ação. Êste espírito científico produz um sistema cultural e modos de pensamentos diferentes dos anteriores. A técnica progride a ponto de transformar a face da Terra e já tenta subjugar o espaço interplanetário. A inteligência humana dilata de certa maneira o seu domínio também sôbre o tempo. Sôbre o passado, pelo conhecimento histórico. Sôbre o futuro pela arte prospéctica e pela planificação. O progresso das ciências biológicas, psicológicas e sociais não só contribui para que o homem tenha um conhecimento melhor de si mesmo, mas também ajuda a influenciar diretamente na vida da sociedade, usando métodos técnicos. Ao mesmo tempo, o genero humano prevê e cada vez mais regula o próprio crescimento demográfico."

Acentua o Santo Padre, ainda que "a mudança de mentalidade e de estrutura coloca em questão freqüentemente os valôres recebidos. Sobretudo junto dos jovens que, às vêzes impacientes, se tornam até indóceis por causa da angústia. Conscientes do próprio valor na vida social, muito cedo aspiram nela participar. Por isso, com freqüência os pais e educadores sentem cada dia dificuldades maiores no cumprimento de seus deveres. Na verdade, as instituições, as leis, os modos de pensar e agir legados pelos antepassados não parecem sempre bem adaptados ao estado atual das coisas. Vem daí uma perturbação grave no comportamento e nas normas de conduta."

Referindo-se à família no mundo de hoje, diz S. Santidade, que "na verdade, porém, a dignidade desta instituição nem por tôda parte refulge com o mesmo brilho, pôsto que a obscurecem a poligamia, a peste do divórcio, o chamado amor livre e outras deformações". De resto, as condições econômicas, sócio-psicológicas e civis de hoje em dia, acarretam não leves perturbações na família. Não sem preocupações, finalmente, observam-se em determinadas partes do globo problemas derivados do crescimento demográfico. Isso tudo angustia as consciências. Contudo, a fôrça e o vigor do instituto matrimonal e familiar se evidenciam igualmente porque as profundas mudanças sociais e contemporâneas, não obstante as dificuldades a que dão origem, manifestam, muitas vêzes, de várias maneiras, a verdadeira índole dêsse instituto."

Em seguida, Paulo VI faz um apêlo: "Os doutos em ciências, especialmente biológicas, médicas, sociais e psicológicas podem contribuir grandemente para o bem do matrimônio e da família e a paz das consciências, se, mediante estudos comparados, se esforçarem por esclarecer mais profundamente as condições que favorecem a ordenação honesta da própria ação humana. Pela palavra cultura, em sentido geral, indicam-se tôdas as coisas com as quais o homem aperfeiçoa e desenvolve as variadas qualidades da alma e do corpo; procura submeter a seu poder pelo conhecimento e pelo trabalho o próprio orbe terrestre; torna a vida social mais humana, tanto na família quanto na comunidade civil, pelo progresso dos costumes e das instituições; enfim exprime, comunica e conserva, em suas obras, no decurso dos tempos as grandes experiências espirituais e as aspirações, para que sirvam ao proveito de muitos e ainda de todo o gênero humano."

Referindo à educação para a cultura integral do homem e aos meios para adquiri-la, diz o Papa "que para a mesma educação existem na sociedade atual oportunidades, decorrentes sobretudo da larga difusão de livros e dos instrumentos novos de comunicação cultural e social, que podem favorecer a cultura universal."

Ora, se a revista REALIDADE pretende divulgar êsses conhecimentos pela forma popular de uma revista de alto nível e acessível a todos, não só pelo preço, mas também pela sua linguagem, seu programa está de conformidade com a mais alta Palavra Humana, que é a de Sua Santidade o Papa Paulo VI, tão alta que se aproxima da Divina, e, assim, não é revolucinária da moral familiar, não combate a moral consagrada, não atenta contra os bons costumes, não toma posição facciosa, não pode criar mal-estar social, não agride a moral dominante e os costumes aceitos, não faz trabalho de desagregação social, senão, ao contrário, procura mostrar em linguagem simples e com vocabulário correto, os males, não para os exaltar, mas, para mostrar o seu horror, não para que se imitem, mas para que, revelados, sejam combatidos.

Não podemos, porém, ficar sòmente nessas afirmações, que poderiam ser consideradas como programáticas, mas devemos verificar que a sua aplicação se fêz no volume 10 da revista REALIDADE.

Começando pela capa o exame do número apreendido, verifica-se ser ela uma Edição Especial dedicada à mulher brasileira de hoje, trazendo os títulos de alguns dos diversos artigos da revista: "Pesquisa: o que elas pensam e querem"; "Confissões de uma môça livre"; "Ciência: o corpo feminino"; "Eu me orgulho de ser mãe solteira"; "Por que a mulher é superior"; "Assista a um parto até o fim".

Vê-se que em nenhum dêsses títulos há qualquer caráter de obscenidade, de forma que a capa, pudesse ser condenada.

Abrindo-se a revista, na primeira página vem o texto explicativo dos trabalhos desenvolvidos e do método adotado para a elaboração dos escritos. Nesse texto nada existe de obsceno.

Na página de abertura estão o índice de todos os artigos, com o resumo de três linhas para cada trabalho. Não existe nesses resumos qualquer resquício de obscenidade, nada que possa despertar qualquer manifestação de sexualidade e para tanto passamos a transcrevê-los:

Capa: **A foto de George Love** — Uma mulher colocada sob lente de aumento sintetiza o espírito desta edição especial: mostrar como é a mulher brasileira.

Pesquisa: **O que pensam nossas mulheres** — Para saber isso, uma equipe de 10 pesquisadores percorreu o Brasil inteiro, em 40 dias, fazendo 1.200 entrevistas.

Polêmica: **A indiscutível, nunca proclamada (e terrível) superioridade natural da mulher** — E a história que o homem inventou, para poder provar o contrário.

Ciência: **Ela é assim** — Por que uma mulher é uma mulher? O que a faz diferente dos homens? Oito páginas a côres mostrando os mistérios de um corpo de mulher.

Ensaio: **O amor mais amor** — A equipe de fotógrafos que trabalham para a revista foi para as ruas e trouxe o ensaio fotográfico do mês: como é o amor materno.

Religião: **A bênção, sá vigária** — Hoje, em tôdas as horas, brasileiros estão aprendendo que também as freiras podem cuidar da salvação de suas almas.

Gente: **Nasceu!** — Dona Odila vive numa cidade do Rio Grande do Sul. E há uma palavra mágica que muita gente já ouviu de sua bôca. Dona Odila é parteira.

Documento: **Esta mulher é livre** — Ela é uma jovem artista de 24 anos, que não tem mêdo de dizer a verdade sôbre o sexo. Talvez seja a Ingrid Thulin nacional.

Psicologia: **Consultório sentimental** — Aqui se conta o drama, a ilusão e o desengano das que vivem esperando que lhes caia do céu uma saída para suas vidas.

Perfil: **Minha gente é de santo** — Olga Francisca Régis tem 41 anos e 66 filhos, dos quais apenas oito são de seu próprio sangue. Olga é mãe-de-sento.

Problema: **Três histórias de desquite** — Uma vive como virgem. Outra, sòzinha com a filha de 19 anos. A terceira casou de nôvo, desafiando a Constituição do país.

Economia: **Dona Berta, o diretor** — Começou aos 26 anos, com uma maquininha. Hoje, tem uma indústria próspera, eficiente, moderna. E é o senhor patrão.

Depoimento: **Sou mãe solteira e me orgulho disso** — Quem afirma é uma môça carioca, de muita coragem. Ela tem apenas 20 anos, estuda Direito e sabe bem o que quer.

A seguir, vêem as cartas recebidas pela Redação e em nenhuma delas há qualquer aspecto de obscenidade.

Na página 11, aparecem notas sôbre a produção literária de nossas mais renomadas escritoras e sob o título "Teatro e Cinema", vêm notícias sôbre artistas brasileiras.

Da página 21 à página 28, são publicados os resultados de uma pesquisa notável sôbre os mais diferentes assuntos em que a mulher está envolvida, para evidenciar o que elas pensam a respeito. Essa pesquisa fornece importantes elementos para os legisladores, quanto a Leis que devam fazer; são importantes para os educadores, a fim de mostrar como devam agir na educação dos adolescentes; são recomendáveis para os cônjugues, a fim de os alertar no comportamento que possam ter um para com o outro; são esclarecedores para a solução de polêmicos problemas sociais, que estão no conhecimento de todos pelos jornais.

O artigo seguinte é um trabalho humorístico, em que se procura mostrar que sob o ponto de vista da Biologia, da Antropologia, da Psicanálise, das estatísticas, a mulher é superior ao homem, não tendo êsse artigo despertado ao sr. curador de Menores qualquer suspeita de obscenidade, porventura nêle contido.

A matéria das páginas 37 a 43 é científica, mostrando o desenvolvimento do fenomeno da procriação, sem que nada nêle possa despertar sentimento comum de vergonha. Pelo contrário, êsse artigo está de acôrdo com a orientação do Papa Paulo VI, como já transcrevemos.

Nas páginas 46 a 50, são publicadas fotografias para evidenciar o amor de tôdas as mães para os seus filhos, fotografias essas que seria blasfêmia dizer que sejam obscenas. O sr. curador de Menores sòmente pôs reparo em uma fotografia em que uma mãe amamenta seu filho e onde a legenda diz que "Esta mulher é uma prostituta. Pelo filho, quer deixar de ser." Êsse texto não pode ter, em absoluto, caráter obsceno. Antes é uma frase que dignifica a mulher quando vem a ser mãe e que mostra que essa situação é benéfica para a mulher.

Nas páginas 53 a 62, vem impressa uma interessantíssima reportagem sôbre a ação religiosa e social de freiras no nordeste brasileiro, não existindo em qualquer de suas palavras um resquício sequer de obscenidade, de tal sorte que s. exa. o curador nenhuma objeção pôs a êsse artigo.

A seguir, vem um artigo com o título "Nasceu!". O senhor curador de Menores não pôs nenhuma objeção sôbre a seqüência dos fatos que constituem o parto. É que s. exa. compreendeu, perfeitamente, os benefícios que êsse escrito traz às mulheres, que têm mêdo de dar à luz, encontrando cada uma nêle a paciência da parteira, a contribuição que ela dá, com o seus parcos conhecimentos, nos recantos longínquos do país às mães nos trabalhos do parto, e a alegria que proporciona ao pai o nascimento de um filho.

Também para o curador de Menores nenhuma obscenidade existe na reportagem sob o título " Minha gente é de santo", onde se fala de uma mulher, na Bahia, que é mãe-de-santo de candomblé.

Para s. exa., entretanto, já o artigo "Esta mulher é livre", teria, não o aspecto de obscenidade, mas que constituiria "autêntico chamariz a tantas adolescente fúteis que andam por aí", quando, ao contrário, a sua leitura esclarece as môças. as donzelas, chamando a atenção para os perigos em que elas se acham envolvidas e que, sem o devido cuidado, poderão aparecer vítimas de sua ignorância. Mas, que, tal escrito está isento de qualquer caráter de obscenidade, sem dúvida está, porque sua leitura não desperta nenhum sentimento de vergonha para quem o lê.

O sr. curador, referindo-se ao artigo sob o título de "Consultório Sentimental", não dá ao mesmo caráter obsceno e diz apenas que "de consultório só tem o nome e de sentimental o apelido".

Mas, o que êsse trabalho teve em vista foi alertar as mulheres a respeito de como funcionam êsses consultórios, revelando a comédia, o drama e a grande farsa que nêles existem.

Depois do artigo assim considerado vêm publicadas três histórias de desquite, nas quais nada de obsceno existe, de tal sorte que o sr. curador de Menores não encontrou nelas nenhuma observação que pudesse ser feita em contrário à sua publicação.

Depois dêsse artigo vem a reportagem "Dona Berta, o diretor", em que conta a história real de uma mulher que desenvolve uma indústria, e mostra como a mulher pode vencer no campo industrial, trabalho êsse que não teve nenhuma objeção do sr. curador de Menores.

Nas páginas 116 a 120, foi publicada entrevista com uma môça de 20 anos, estudante de Direito, em que conta por que motivo se tornou mãe solteira e passou a se orgulhar dessa situação, trabalho êsse que também não teve nenhuma observação em contrário do sr. curador de Menores, mesmo porque é um depoimento que faz com que as môças que possam ter certas ilusões a propósito de ligações antes do casamento, verifiquem o que enfrentarão ao dar passo que lhes leve a essa situação.

Afinal, vamos verificar a última seção sob o título "A mulher deve ser virgem ao casar?".

É pergunta de uma leitora. É um assunto discutido amplamente, não causando nenhum sentimento de vergonha, nem ofendendo o sentimento comum de pudor. Duas escritoras brasileiras respondem, uma pela afirmativa, outra pela negativa.

Esta seção mereceu do sr. curador de Menores a observação de que seria assunto a ter abrigo em obras científicas sem. entretanto, ter mencionado que tivesse êle qualquer aspecto obsceno.

Chegamos, meritíssimo juiz, ao final do exame de todos os escritos contidos no número 10 da revista REALIDADE, que v. exa. houve por bem declarar atentatório à moral e aos bons costumes, além de obsceno.

Perdoe-nos s. exa. a extensão do nosso arrazoado para evidenciar, sob todos os aspectos, que os artigos insertos do incriminado número de **REALIDADE** não contêm nenhum caráter de obscenidade, sob qualquer dos aspectos em que se considere o conceito de "obsceno".

Verificamos, sim que s. exa. sòmente discorda que as grandes questões sôbre sexo, que estão preocupando o mundo inteiro, não sòmente entre os sociólogos, entre os professôres, entre os chefes de família, mas também, como vimos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado ainda agora em Roma, em consonância do qual Sua Santidade o Papa Paulo VI lançou ao mundo sua Encíclica notabilíssima, sob o ponto de vista social, "Gaudium et Spes", seja tal discussão lançada em meio da população, por meio de uma revista de larga divulgação, como se estivesse a encetar uma campanha e realizar uma verdadeira revolução radical no terreno da moral familiar.

S. exa. acusa **REALIDADE** de promover campanha aberta a indissimulada para alteração dos nossos costumes, para combate à nossa moral consagrada, com exaltação da mulher e mãe solteira, com combate à virgindade.

Com a devida vênia, porém, não é assim. **REALIDADE** não está pregando que as mulheres deixem de ser virgens, não está pregando que as mulheres devam se esquivar do casamento, não está pregando que as mães devam abandonar seu filhos, não está incutindo, por qualquer forma, que o amor filial desapareça ou diminua, ou que os laços da família se afrouxem. Mostra as experiências de muitas mulheres a respeito dêsses aspectos de desagregação da família, para que tôdas, que se encontram à beira do perigo, evitem dar o passo fatal. Na sabedoria chinesa encontramos o aviso de que todos devem saber exatamente o momento em que pode dar o passo que os derrubam no abismo. E como saber êsse fatal momento se não tiver conhecimento da experiência dos outros, que têm a coragem de a contar? Contar o fato que aconteceu é evitar que o mau exemplo vá produzindo seus males por aí afora.

Ainda ontem, 8 de janeiro de 1967, o **Jornal do Brasil** publica, em seu caderno B, um trabalho de Ana Maria Carvalho, sob o título "Sexo se aprende na escola?"

Inicia dizendo que uma psicóloga francesa diz que o adolescente aprende o sexo nas esquinas e nos botequins, sem que as escolas brasileiras pensem nêles. Em seguida, passa a articulista a apresentar seu artigo como documento relativo ao problema no mundo, esperando, com isso, contribuir para se entender a situação nacional.

Traz, em breve relatório, o que está ocorrendo na UNESCO, na Suécia, na República Federal Alemã, na Dinamarca e Checoslováquia, nos Estados Unidos, na Bélgica, na França, na Suíça, na Inglaterra e no Egito.

A seguir, pergunta — "No Brasil?"

Diz que apenas dois colégios estaduais da Guanabara — André Maurois e Infante D. Henrique — tomaram a iniciativa, e dificilmente outros os seguirão.

Por quê?

Diz então que a maioria dos professôres é contra ou acha a educação sexual matéria dispensável, porque o "jovem desta era do jato, da maconha e da bolinha, já sabe tudo sôbre sexo". Técnicos do Ministério da Educação, apesar de declararem-se a favor, argumentam que há assuntos mais imediatos a resolver.

Entretanto, como se lê no começo do mencionado trabalho publicado no **Jornal do Brasil,** e que juntamos à presente petição, em julho de 1966, cinqüenta países enviaram à Capenhague, cêrca de 500 médicos, psicólogos e observadores para a 5.ª Conferência Internacional da Federação para o Planejamento Familiar. Durante a demonstração da primeira aula de educação sexual da criança dinamarquesa, houve choque de poucos e encanto da maioria. O material consistia em pedaços coloridos de feltro representando um bebê em posição feta e os órgãos genitais masculino e feminino e a tarefa era reconstruir o quebra cabeça, sabendo-se apenas que as partes correspondentes são da mesma côr.

A UNESCO, em seu último congresso, como se lê no aludido artigo, lamentando que os pais não assumam a incumbência de difusão da educação sexual, apelando para as escolas, diz que "deveria haver, paralelamente, um esfôrço mundial para informar os pais dêste problema capital, e sobretudo, ajudar aos professôres na resolução de seus próprios problemas, para que não transformem a educação sexual em uma série de informações e sim numa integração afetiva e social."

Ora, nada mais que isso tem feito a revista **REALIDADE** no concernente aos problemas relativos à mulher, ao sexo, à educação dos adolescentes, tratando de todos êsses assuntos, que são de prática diária dos adolescentes, por meio elevado, relatando casos, não para os exaltar, senão para evidenciar o mal que nêles existe.

Com a devida vênia do juízo que o meritíssimo juiz faz da orientação seguida pela revista **REALIDADE,** entretanto está ela na linha preconizada por todos quantos querem preservar a instituição da família no mundo inteiro.

REALIDADE está fazendo trabalho benéfico para a ação do Juizado de Menores no Brasil. Está abrindo os olhos de todos para que o Juizado de Menores de todos os lugares do país não se defrontem com as legiões intermináveis de menores abandonados. Não é desastroso tocar nesse problema, como em outros, procurando reforçar os laços morais tradicionais. São êsses laços morais tradicionais que **REALIDADE** procura reforçar, mostrando as ilusões dos adolescentes, e os erros em que caem, os erros dos adultos, e os males que produzem para a vida social, quando pensam, egoisticamente, que seus atos sòmente se prendem ao seu pequeno círculo, e não repercutem, como os círculos nas águas mansas de um lago quando uma pedrinha nelas é jogada.

Sabemos que um pedido de reconsideração tem seus percalços, mas se a lei deu aos interessados êsse direito é porque sabem que os juízes não são contrários à reconsideração dos seus despachos, tomados, sempre, uns e outros na vontade de acertar.

Invocando os doutos suprimentos de v. exa. é que a suplicante vem pedir a v. exa. que se digne de reconsiderar seu respeitável despacho, para o fim de mandar que seja liberada a venda da revista, neste Estado, e entregue os exemplares apreendidos à suplicante, por entender esta que é de Direito e Justiça.

Serenamente. **REALIDADE** aguarda a decisão da Justiça.

REEMBÔLSO POSTAL

ATENDE-SE A PEDIDOS PELO

Para férias sensacionais

com as novas emoções dos

primeiros lançamentos de 1967

CHARLES CHAPLIN - Carlos Heitor Cony, Eisenstein, Pudóvquim e outros. Este livro revela melhor o Chaplin-artista do que sua própria autobiografia. Cr$ 9.000

NÁSSER E A REVOLUÇÃO EGÍPCIA - Peter Mansfield. A esfinge dos tempos modernos desafia o mundo contemporâneo Quem é Násser? Que é o **nasserismo?** Preço provável Cr$ 7.500

LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM - Diversos autores Contos, reportagens, crônicas, confissões e entrevistas, pelos melhores autores brasileiros e estrangeiros, reunidos em livro que você lerá na cama, nas horas vagas, com o maior prazer. Cr$ 6.000

LIVRO DE CABECEIRA DA MULHER - Diversos autores. Companheira inseparável do LIVRO DE CABECEIRA DO HOMEM, esta obra tem um único objetivo: divertir com inteligência, reunindo o que há de melhor em ficção e jornalismo do Brasil e do exterior. Cr$ 6.000

A MISTIFICAÇÃO DAS MASSAS PELA PROPAGANDA POLÍTICA - Serge Tchakhotine - tradução de **Miguel Arraes.** A propaganda hàbilmente orientada pode levar as massas à prática de atos que não correspondem a seus verdadeiros interêsses. Cr$ 10.000

S.O.S. SENTIMENTAL - Zsu-Zsu Vieira. Da famosa coluna de **ÚLTIMA HORA** para as páginas de livro, os conselhos às pessoas aflitas e perplexas. Leitura emocionante e rica de conteúdo humano.
Preço Provável Cr$ 4.000

1932 - A GUERRA PAULISTA - Hélio Silva. Por que todo um povo - velhos e mòços, homens e mulheres - pegou em armas e fêz a revolução? Trinta e cinco anos depois, a interrogação recebe uma resposta
Preço provável Cr$ 10.000

ESCOLHO MINHAS ARMAS - Gordon Parks. Autobiografia em que o conhecido fotógrafo, autor e compositor negro norte-americano toma posição na luta de seus irmãos de raça pelo respeito à dignidade a que todos os séres humanos têm direito. Cr$ 6.000

PENSÃO RISO DA NOITE: RUA DAS MÁGOAS (CERVEJA, SANFONA E AMOR) - José Condé. Sete novelas picarescas e telúricas de Condé que dão ao livro uma contextura de romance, encantando os leitores pelo que têm de humor e de amável ironia. Cr$ 6.000

USA X VIETCONG - Fernand Gigon. Os americanos vivem em sobressalto, perseguidos pelo inimigo que não vêem. Não sabem **quem** é ou como é êle, e lutam contra as matas, as pedras e as sombras. Este livro imparcial nos revela Intimamente as duas faces do conflito. Preço Provável Cr$ 6.500

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S. A.

RUA SETE DE SETEMBRO, 97 - RIO DE JANEIRO, GB

abaeté

cartas

REALIDADE n.º 10: A Mulher Brasileira, Hoje

Sr. Diretor: Os senhores podem ficar esperando o prêmio que estão procurando, pois quem semeia a prostituição e o adultério no seio das famílias honestas e no coração das mocinhas puras, terá de receber resposta à altura, e eu tenho certeza de que o povo brasileiro saberá separar o joio do trigo, para lançar tudo o que é repulsivo e imoral ao fogo sagrado da Justiça e da Verdade.

LUIZ ANDRÉS JR.
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Estão vendendo pornografia, mas isto vai acabar. Palmas para os srs. juízes de Menores que saíram em defesa da Moral brasileira.

CLEMENTINA SOARES MINTORI
São Paulo — SP

Senhor Diretor: Escrevo-lhe cheio de profunda tristeza pela apreensão da edição de janeiro desta revista. Pretendia estender-me à respeito, porém acho mais eloqüente transcrever as palavras de um pai: Meus filhos lêem comigo REALIDADE, pois creio que o "meio conhecimento" em assuntos de educação sexual é o verdadeiro perigo. Autorizo a publicação desta e peço a Deus que esclareça as autoridades a respeito das diferenças entre obscenidade, sociologia e educação sexual. Pergunto ainda por que apreendem uma obra-prima e permitem a livre venda de livros pornográficos.

NICOLA LABATE
São José dos Campos — SP

Sr. Diretor: Tive oportunidade de ler o exemplar de REALIDADE n.º 10 e acheio-o apenas digno de elogios. Portanto, quero dar um voto de confiança e uma palavra de incentivo para que REALIDADE continue abordando **qualquer** assunto, com a mesma coragem que tem demonstrado até agora.

EUNICE APARECIDA ROMÃO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Com satisfação, li num jornal desta Capital, que o n.º 10 de REALIDADE foi lido num colégio de freiras com o consentimento da Madre Superiora. Estabelecer o diálogo é coisa importantíssima na educação da juventude e qualquer assunto, sem exceção, deve ser discutido e esclarecido para que as gerações de amanhã possam conduzir o Brasil para um futuro mais feliz.

HERNÂNI L. FURTADO
São Paulo — SP

Senhor Diretor: A revista REALIDADE é, sem favor algum, a melhor revista brasileira. Na condição de assíduos leitores e admiradores incondicionais dêste magnífico trabalho, tanto jornalístico quanto humano, sentimo-nos no direito de fazer algumas observações: acreditamos que a intenção dos senhores foi criar uma revista capaz de despertar o pensamento dos brasileiros, abordando com honestidade assuntos de vital interêsse e norteando-se sempre por critérios científicos. Isto, dentro da estrutura arcaica em que vivemos, é um avanço considerável. Assim é com pesar que afirmamos, como meros observadores, que os objetivos de vanguarda a que esta revista se propõe atingir, tais como esclarecer, educar e orientar o leitor, estão, infelizmente, sendo mal compreendidos por alguns juízes de Menores. Há ainda neste país pessoas que se sentem duramente atingidas pela verdade, porque toda sua personalidade se baseia em valôres estéreis de uma fictícia moral, impregnada de ódio e intolerância. Sabemos que REALIDADE, se quiser continuar nos mesmos moldes que até agora manteve, terá caminhos espinhosos e repletos de incompreensão. Congratulamo-nos com os senhores, que souberam manter bem alto o nome desta revista, não transigindo diante das dificuldades e ameaças.

OSMAR SETTE
SÁTIRO ITO
ADELAIDE UMEBAYASHI
ROBERTO DE ALMEIDA
ALZIRA SILVA
WALKIRIA PIACSEK
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Se o Juizado de Menores considera a mulher, o corpo da mulher e o parto como coisas obscenas então não há qualificativo para defini-lo, pois homens que consideram a maneira como vieram ao mundo como coisa obscena, não devem sentir respeito por nenhuma mulher. Sou casado e tenho quatro filhos, sendo um dêles menina quase môça e jamais deixei de levar REALIDADE para o meu próprio lar. Inclusive a edição de janeiro.

HENRIQUE FERNANDO S. CRUZ
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Abraham Lincoln nos disse: "Podeis enganar alguns por muito tempo, podeis enganar muitos por algum tempo, mas não podeis enganar muitos por muito tempo." A campanha que ora se faz contra essa revista não tem sentido, pois o que ela nos conta é apenas a realidade.

CLEIDE ZIMMERMANN
São Vicente — SP

Crescinco fará o futuro doutorzinho

Assegure o futuro de seu filho confiando suas economias a Crescinco. Você estará aplicando com sabedoria, sem arriscar os frutos de seu trabalho, pois Crescinco sempre oferece o máximo de rendimento consoante com o máximo de segurança. Procure-nos para escolher conosco o investimento que mais lhe convém: Fundo Crescinco, Letras de Câmbio ao portador, Obrigações Reajustáveis do Tesouro etc. Se o futuro doutorzinho pudesse opinar, certamente aprovaria sua iniciativa.

Crescinco - a maior organização do gênero na América Latina, com representantes em mais de 80 cidades em todo o Brasil. Veja nas listas telefônicas.

CRESCINCO - Depto. A-41

Desejo receber, sem compromisso, informações sôbre os bons negócios Crescinco

Nome: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

Cidade: ..... Estado: .....

Cia. Empreendimentos, Administração e Investimentos IBEC - Capital e Reservas: Cr$ 669.305.348 - Carta de Autorização do Bco. Central da República n.º 116 - C.G.C. n.º 60.872.991 nov/66

TUDO QUE A MULHER DEVE SABER

para ser mais mulher

Você vai adorar a Biblioteca DA ARTE DE SER MULHER. Reune famosos especialistas internacionais na arte de tornar a mulher mais mulher. São 7 belíssimos volumes, inclusive o "livro de beleza", encadernados em plástico, com douração. 1.550 páginas e mais de 350 ilustrações e gráficos.

1 - **Da Arte de Ser Mulher Esclarecida: O QUE A MULHER DEVE SABER, Ginecologista Dr. Harold M. Imerman.**
2 - **Da Arte de Ser Mulher Amada: AMAR E SER AMADA (A Comunicação Profunda e o Amor Existencial), Psicólogo Prof. Pierre Weil.**
3 - **Da Arte de Ser Mulher Feminina: ETERNAMENTE FEMININA, Ginecologista Dr. Robert A. Wilson.**
4 - **Da Arte de Ser Mulher Sempre Jovem: COMO TER BOA SAÚDE E PROLONGAR A MOCIDADE (Alimentação racional, simples e natural) Dietista Dieno Castanho.**
5 - **Da Arte de Ser Mulher Cativante: GUIA DE BOAS MANEIRAS (no lar, em sociedade e no trabalho). Marcelino de Carvalho.**
6 - **Da Arte de Ser Mulher Perfeita: A ARTE DE SER MULHER, desde a menina-mulher até a mulher-madura) Psicóloga Carmem da Silva, da Revista "Cláudia".**
7 - **Da Arte de Ser Mulher Atraente: TÔDAS PODEM SER BELAS, Clínico de beleza Dr. Carlos Alberto de Souza. Magnífico livro-álbum fartamente ilustrado à côres, repleto de exercícios e conselhos de beleza.**

OFERTA ESPECIAL DE JANEIRO:

Pelo Crédiário: 8 pagamentos de Cr$ 13.000.

Pelo Plano Econômico de Venda Direta (sem a presença do Vendedor, com entrega parcelada dos volumes e devolução imediata de seu dinheiro, caso sua satisfação não seja completa): Apenas Cr$ 52.500. Economia de quase 50%. Você paga 3 x Cr$ 17.500 contra-entrega de cada 2 volumes, de 30 em 30 dias. (Com a última parcela entregamos o livro de beleza, à côres).

Faça sua reserva em tempo! Não mande dinheiro agora.

À IBRAT (Depto. de Cursos e Publicações Femininas) - Rua 24 de Maio, 77, Conj. 904 - SÃO PAULO - tels. 34-8481, 35-7558, 36-3741
Enviem-me pelo Plano Econômico a biblioteca "Da Arte de Ser Mulher" (6 volumes mais o "livro de beleza", à côres), conforme estou assinalando abaixo:

☐ — Em 3 pagamentos de Cr$ 17.500, contra-entrega de cada dois volumes, de 30 em 30 dias.

☐ — Todos os volumes de uma só vez, contra pagamento de Cr$ 50.000

Nome: .....
Firma: ..... tel .....
End.: .....
Cidade: ..... Estado .....

(Interior e outros Estados, via reembôlso postal)

cartas

Sr. Diretor: As reportagens feitas pela equipe de REALIDADE, se olhadas pelo prisma educativo, são de imenso valor. Pessoas ignorantes, que às vêzes têm até preguiça de ler, quando criticam a revista é porque não têm possibilidade de entender suas mensagens. Por que REALIDADE não faz uma pesquisa entre seus leitores para conhecer o número de pessoas que a situam no nível de revista educativa e informativa e o número das que a condenam? Eu gostaria de ver esta enquete para saber qual é o Estado que mais negaria REALIDADE. Êste será, a meu ver, o mais atrasado.

GERALDO GOULART
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Lamento sinceramente êstes últimos episódios encenados pelo Juizado de Menores. Antes êle tentasse recolher os milhares de "livrinhos obscenos" que proliferam por tôdas as cidades.

REINALDO N. TAKAHASHI
Campinas — SP

Sr. Diretor: Será que a verdade apresentada nas páginas dessa revista ofendeu os brios de nossos falsos moralistas? Por que então não recolher também certos jornais que quase todos os dias mostram em suas primeiras páginas fotos realmente obscenas?

ROMEU ROSSI
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Fui assistente social durante quatro anos e, mais de uma vez, nos Juizados de Menores, vi criancinhas recém-nascidas abandonadas por mães solteiras (nem sempre pobres), que não tinham coragem de enfrentar a sociedade. Quem é mais digna? Aquela que luta contra tudo e todos para criar seu filho ou aquela que é capaz de praticar o crime do abandono para salvaguardar as aparências?

AURÉLIA B. SIVO
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Publicações diárias e semanais apresentam continuamente mulheres seminuas, em atitudes de franca sensualidade, aos olhos do público que transita pelas ruas das capitais. Entre êsse público, há crianças e adolescente, mas nesse caso, ninguém protesta, nem o sr. juiz de Menores. Mas um artigo, um depoimento dignos de serem lidos e estudados por tratar de assuntos verdadeiros, são apreendidos para **salvaguardar a inocência do nosso povo!** Onde está o raciocínio equilibrado?

CARLOS ANTÔNIO BARONE
Rio de Janeiro — GB

Sr. Diretor: Por minha formação cristã, sempre pensei e penso que se cada um de nós, mortais, enfrentasse a vida com um pouco mais de indulgência em relação ao próximo, as coisas iriam bem melhor. Quero dizer que podemos aprovar ou não o modo de comportar-se de uma pessoa, mas nem por isso apelar ao escândalo, caso não concordemos com êsse modo de viver. Achei interessantes as histórias da jovem mãe solteira e da atriz: elas agiram como sentiam que deviam agir. Nem por isso eu vou fazer a mesma coisa, pois eu tenho **minha** personalidade e **meu** modo de ver as coisas. Quanto à história do parto, tudo é tão natural, para não dizer corriqueiro, que não consegui entender por que foi censurada. Se é por causa das fotografias, todos nós nascemos desta maneira e é até comovente ver uma vida chegar ao nosso mundo tão encrencado. Êste nosso mundo, para progredir, necessita de muita, mas muita indulgência mesmo. Será que o senhor e sua equipe conseguirão explicar o que é indulgência para aquêles que só sabem criticar e difamar?

MARIA LUÍZA TIBÉRIO DE ANDRADE
São Paulo — SP

Sr. Diretor: Às nossas mãos, por intermédio de pessoa amiga, veio ter o exemplar que no Rio de Janeiro foi confiscado, ato que — diga-se para bem da cultura brasileira — é uma ignomínia, no qual lemos e apreciamos as ilustrações da reportagem "Assista a um parto até o fim", sendo que o conteúdo desta, nada mais é que um resumo instrutivo ao alcance das mentalidades de níveis médio e superior, tão necessário à formação do povo brasileiro. Nosso pensamento, queremos crer, representa grande parcela do pensamento de nossos concidadãos brasileiros e, por isso, renovamos nossos protestos diante de atitude tão falsa e hipócrita das autoridades que presidiram tal ato.

JOSÉ CARLOS BRANCO
HIPÓLITO CÉSAR SOBRINHO
JOÍNA HUY
RAUL CLÓVIS DE A. SANTOS

Sr. Diretor: Tenho acompanhado — entre perplexo e profundamente envergonhado — as declarações do Juizado de Menores em suas "justificativas" para a apreensão de REALIDADE de janeiro. Lamentamos as arbitrariedades que vêm se realizando quase sem chances de reação. Posso imaginar como estão se sentido todos aquêles que vêem na sua revista uma das poucas expressões de inteligência neste país.

ROBERTO DUAILIBI
São Paulo — SP

o Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A. não considera cafézinho prestação de serviço

(por isso oferece aos seus clientes os seguintes serviços: máquina especial para cobrança de sêlo, cobrança de impostos federais em São Paulo, impostos estaduais, inclusive vendas e consignações, impostos municipais, contas de energia elétrica, telefônicas etc.)

Tudo isso sem contar remessa de valores e cobrança de duplicatas em 52 cidades dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Guanabara. Na verdade, o Banco Nacional da Lavoura e Comércio S.A. oferece aos seus clientes um pouco mais do que se pode esperar de um Banco: desejo de servir. Não é exatamente isso que v. sempre esperou de um Banco?

BANCO NACIONAL DA LAVOURA E COMÉRCIO S.A.
"O NOSSOBANCO"
MATRIZ: RUA DA QUITANDA, 85/93 - SÃO PAULO

WH Publicidade

Se sua secretária tem a ousadia de chamar a Alitalia e marcar sua viagem sem consultá-lo...

Aumente-lhe o ordenado!

Ela merece êste prêmio pelas múltiplas e agradáveis sensações que irá proporcionar-lhe: um confortável jato da Alitalia, comidas e bebidas deliciosas, admirável serviço de bordo e "aquela" atmosfera alegre e acolhedora, tìpicamente italiana. Algo realmente insuperável. E se suas ocupações o obrigam a trabalhar durante o vôo, não se preocupe. Nós lhe ofereceremos uma poltrona especial para isso. Conosco você pode fechar bons negócios em todos os cantos da terra, pois estamos presentes em 89 cidades, nos seis continentes. Como vê, haverá razões de sobra para aumentar o ordenado de sua secretária. E se, por acaso, ela não fizer questão de dinheiro, então... leve-a consigo na sua próxima viagem. Mas não se esqueça de levar também a sua espôsa. É claro!

ALITALIA

cartas

Sr. Diretor: Como mulher atualizada — que sofreu os erros de uma educação excessivamente controlada, onde tudo era feio, e o "feio" não era explicado —, venho levantar o meu protesto pela maneira de pensar retrograda dessas pessoas que fizeram arrancar das bancas um tão importante número de REALIDADE. Se existem pessoas de mentalidade tão atrasada, elas em absoluto não representam a maioria! Sou casada, mãe de quatro filhos, sendo a mais velha uma menina de sete anos; e foi exatamente pensando nos meus filhos, que resolvi colecionar esta revista. Por que achar o parto uma coisa imoral? O parto faz parte da criação humana e precisa ser visto como é, e nunca como uma ficção com histórias sem sentido e obsoletas, como é costume contar às crianças.

ALDA MESQUITA STEINBERGER
Niterói — RJ

Sr. Diretor: Em reunião do Conselho Diretor da Associação Brasileira de Agências de Propaganda de São Paulo, realizada dia 4 de janeiro, por proposta do signatário, foi consignado um voto de solidariedade desta Associação a vossa senhoria, pela incompreensão de algumas autoridades, em relação à revista.

JÚLIO COSI JR.
PRESIDENTE
São Paulo — SP

Sr. Diretor: REALIDADE exibe a realidade dos fatos. E tudo que é realidade deve ser exposto e discutido.

WALTER THIEN
São Paulo — SP

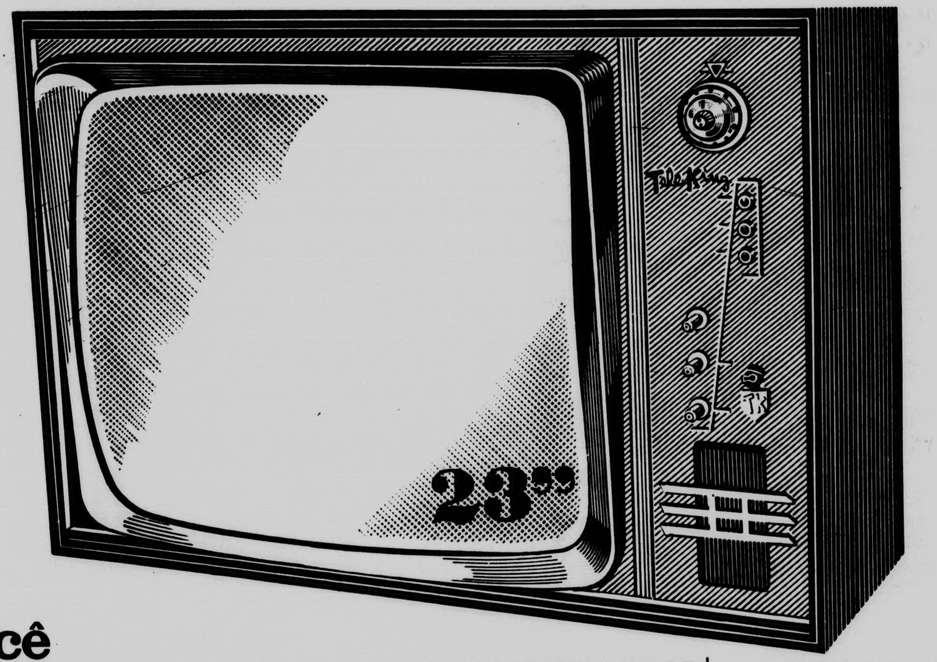
Sr. Diretor: Gostei imensamente da honestidade que REALIDADE teve em publicar as opiniões da mulher brasileira sôbre todos os assuntos da última pesquisa. Que mêdo têm certas pessoas de ler a verdade! Fiquei emocionada com a reportagem "Nasceu!". A foto tirada com o papai feliz carregando pela primeira vez seu filhinho é de uma fôrça de expressão fordimável. A fisionomia do rapaz é de ternura e orgulho. A foto tirada na hora H é também ótima, e servirá para eu responder à pergunta que não deve tardar dos meus dois meninos: de que jeito nasce um bebê?

TEREZA MONFORT
São Paulo — SP

Não podendo publicar as centenas de cartas que chegaram a esta redação, REALIDADE agradece a todos os leitores que enviaram palavras de solidariedade e incentivo.

nós da Eletrovisão fabricamos televisores especialmente para quem compra por marca!

Tele King 3fi



e você que vai comprar um TK é bom saber:

3fi é a mais recente inovação exclusiva do TeleKing. É o único televisor, brasileiro equipado com Circuito de Recepção em 3 Frequências Intermediárias, que capta os sinais de áudio e vídeo filtrando e eliminando as interferências e ruídos.

NÃO PRECISA REGULADOR DE VOLTAGEM! V.D.R. é outro aperfeiçoamento exclusivo. É uma unidade de comando do circuito eletrônico, que não deixa as imagens se entortarem, com as quedas de voltagem.

SINTONIA INSTANTÂNEA
Porque tem o MemoMatic, que ajusta automáticamente o som e a imagem.

Extraordinária sensibilidade para os sinais fracos. Som frontal de alta sensibilidade. O TK 23 polegadas é ideal para o setor social da família. Tipo mesa, ou se preferir, consolete, com quatro pés adaptáveis sem qualquer aumento de preço.

TK 19 polegadas e o TEKINHO, 12 polegadas são duas versões portáteis do TeleKing.

O seu Revendedor preferido tem o TeleKing e boas condições de venda para você.

ELETROVISÃO S/A

Primeira indústria brasileira de televisores.
Escritório Central. Avenida Rio Branco, 156, conjunto 334 - Tel.: 22-7028 - Guanabara

Camisas Volta ao Mundo Valisère lançam novos modelos. E explicam a você, ponto por ponto, quais são as suas diferenças com as outras camisas:

1 - O colarinho das novas Camisas Volta ao Mundo Valisère é indeformável, pois é plastificado (Valflex). Nunca amassa e nem dobra. Um detalhe de elegância: os pespontos da costura foram eliminados.

2 - O tecido das novas Camisas Volta ao Mundo Valisère possui um toque muito mais macio. Ter Volta ao Mundo sôbre o corpo é um verdadeiro prazer.

3 - Passou o tempo das camisas largas e que ficavam soltas sôbre a cintura. As novas Camisas Volta ao Mundo são afuniladas, agarrando-se mais ao corpo. Muito mais elegantes!

- Também as mangas são mais estreitas, nas novas Camisas Volta ao Mundo Valisère. Você deixa de ter asas, volta a ter braços.

- Há novos padrões de tecidos nas Camisas Volta ao Mundo Valisère. Você pode escolher entre diversos modelos.

E a vantagem de sempre: Camisas Volta ao Mundo Valisère são fáceis de lavar, secam rápidamente, dispensam passar a ferro. Mas exija-as sempre com a etiqueta Volta ao Mundo Valisère!

Novas Camisas Volta ao Mundo

♣ *Valisère*

RHODIANYL

INDÚSTRIA BRASILEIRA

QUAL O CÚMPLICE MAIS IMPORTANTE PARA ÊSTE CRIMINOSO ?

VOCÊ.

Êste homem é contrabandista. Cada vez que você compra, "inocentemente", perfume, uisque, cigarro, ou qualquer outro produto contrabandeado, você está ajudando criminosos iguais a êle. Portanto, você se torna criminoso também. E o que é pior:
você colabora para o empobrecimento do país.

Além de tudo, a maioria das mercadorias de contrabando são falsificadas. Como é que você pode ter certeza da sua autenticidade?
Prestigie o artigo nacional.
Você terá garantia de qualidade e procedência, não será cúmplice de criminosos e estará ajudando o Brasil. Muito mais do que imagina.

DEPTO. FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

carnaval

Dinheiro não é documento

Era a noite do Baile das Atrizes.

Quando a briga começou, êle rompeu os cordões de isolamento, correu para a portaria do teatro, começou a dar as primeiras ordens:

— Desce aquela porta ali, reforça a guarda aqui.

Na rua, o povo se mexia de um lado para o outro e era preciso impedir que algum esperto aproveitasse a confusão para entrar. Bigode bem aparado, **chuveiro** no dedo e voz de comando, era o policial típico:

— Não entra ninguém.

Quando tudo voltou ao normal, apontou dois moços ao porteiro e falou com naturalidade:

— São meus cupinchas e entram comigo.

— Pois não, senhor comissário.

Entram os três. Na verdade êle era dentista e só tinha pôsto os pés numa delegacia uma vez, para pegar um atestado de residência. Graças aos talentos que Deus lhe deu, seu carnaval foi sempre muito divertido e bem pouco dispendioso.

Nem todos, porém, nasceram com o mesmo horóscopo. Para fazer o carnaval, há um mundo de orçamentos, que vão do despreocupado programa do sr. Jorginho Guinle à preocupação com o dinheiro para a passagem de ônibus do anônimo folião de rua.

O fato é que quase ninguém deixa de brincar por falta de dinheiro.

"Com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco", já cantava Francisco Alves, há 20 anos, em marchinha de Pedro Caetano e Claudionor Cruz.

Sem dinheiro, brinca-se principalmente na rua.

É o carnaval do saiote improvisado ou do vestido velho furtado à irmã ou à espôsa compreensiva. O dinheiro é curto e, por isso, curtas também são as pretensões. O rosto lambuzado de ruge, batom nos lábios, sobrancelhas desenhadas, o folião sai de casa, sòzinho, sob o olhar complacente da vizinhança. Na cidade, engrossa os blocos improvisados com quatro ou cinco tamborins, que outros, como êle, formaram aos poucos. São os chamados blocos de sujos, enobrecidos — há alguns carnavais — com a participação de Kim Novak, num ano, e Brigite Bardot, em outro.

As despesas são poucas. O sujo não precisa de mais que algumas doses de pinga, a 150 cruzeiros, para ter gás nos quatro dias. Vez por outra, uma cervejinha gelada, a mil cruzeiros, para refrescar. E quando o dinheiro está bem curto mesmo, o negócio é pôr a cabeça debaixo de um chafariz e aproveitar as últimas notas para tomar outra pinga, que lhe irá manter o impulso.

FOTO DE GERALDO MORI

O luxo

A fome não chega a preocupá-lo. Um cachorro-quente (600 é bom preço) resolve pelo dia inteiro. Para dizer a verdade, uma coisa pela outra, carnaval, para êle, muitas vêzes, acaba sendo tempo de poupança.

Logo acima do sujo, vem a faixa dos que juntam dinheiro durante o ano, para participar dos desfiles das escolas de samba. Seu grande dia é o domingo. Transforma-se em vedete e, muitas vêzes, espera uma noite inteira para percorrer os cinco quarteirões de aplausos, na Presidente Vargas. Se fôr apenas figurante em uma das alas, gasta aí pelos 200 mil cruzeiros com a fantasia. Mas, se fôr personagem de destaque, a despesa vai longe e há necessidade do auxílio de alguém, pois a coisa pode chegar à casa dos milhões. Isabel Valença, mulata do Salgueiro, desfilou num domingo com a sua fantasia de Chica da Silva, na Presidente Vargas, e, 24 horas depois, foi ao Teatro Municipal buscar o primeiro prêmio em luxo. Nunca ninguém soube, ao certo, quanto havia em dinheiro e trabalho naquela roupagem riquíssima.

Nos salões, o primeiro nível é o chamado carnaval-família: o baile do clube de bairro, com policiamento feito pelos próprios diretores e muita animação. Ali brinca, de um modo geral, a classe média. Suas despesas ficam nos 100 mil do aluguel de uma mesa para os quatro dias, mais uma média de 30 mil diários para os gastos com o cuba-libre (2.500 por dose, e os sanduíches (1.500 a dois mil os de presunto), a cerveja (1.200) e refrigerantes (500 cruzeiros). Tudo bem somado, pode dar um Carnaval de 250 a 300 mil cruzeiros, no máximo.

Chega-se, então, ao carnaval **on the rocks.**

Aí, a festa já fica na base do talão de cheques.

É o carnaval caixa-alta do Copacabana Palace no sábado, do Municipal na segunda, e da disputa entre Sírio Libanês, Monte Líbano e Iate Clube, na têrça-feira. Os preços são quase iguais. Serve de base o baile do Municipal, que vende seis mil ingressos.

São três mil individuais e lisos a 70 mil cruzeiros e mais três mil entre lugares nas mesas (140 mil por cadeira), frisas um milhão e 150 mil) e camarotes (dois milhões). O convite dá direito à ceia, mas não à bebida. E, no caso, o que se usa é uísque, na base de 70 mil por litro. E haja litro.

Os gastos totais são quase segrêdo de estado, menos para o Impôsto de Renda, que manda seus fiscais avaliarem os **sinais exteriores de riqueza,** como diz a lei.

Mas êles podem enganar-se, pois até lá chega também o **penetra,** que acaba se insinuando até uma mesa bem servida de peru, farofa e uísque, porque, afinal, o sol e o carnaval nasceram para todos.

negócio

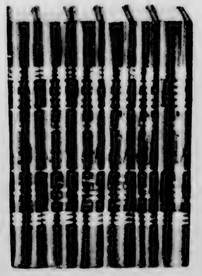
Ganha-se muito e é divertido

Êste ano, as escolas de samba cariocas vão gastar perto de meio bilhão de cruzeiros. Outro meio bilhão desfilará nas passarelas do Municipal, em fantasias de luxo. Nas ruas, um milhão de foliões gastarão cêrca de 30 mil cruzeiros cada um em lanches, refrigerantes e uma porção de enfeites de última hora, para improvisar fantasias. Serão mais de 30 bilhões de cruzeiros postos em circulação, por gente de tôdas as classes.

Para disputar tanto dinheiro, milhares de pessoas se improvisam em pequenos comerciantes e industriais: no carnaval, quem não pula **se vira** para ver se consegue reforçar o orçamento do resto do ano.

Para costureiras e outros artesãos o trabalho começa cedo. Nos bangalôs de subúrbio e nos barracos cinzentos das favelas nascem as côres do carnaval carioca. Há as encomendas para as escolas e o baile do Municipal, os colares e pulseiras havaianas, máscaras, bonés de marinheiro, chapéus de todo jeito, gorrinhos e mil penduricalhos que vão colorir a alegria das ruas e dos salões.

Êsse trabalho de vestir ou enfeitar o folião exige um mínimo de habilidade manual. Mas quem não a tem também não passa mal. Defende-se caçando gatos, para tirar o couro que serve para fazer cuícas, pandeiros e tamborins. SEGUE



COMO VOCÊ GOSTARIA QUE FÔSSE SUA SECRETÁRIA?

A BIBLIOTECA DA SECRETÁRIA DE EMPRÊSAS reune modernas e eficazes idéias, técnicas e caminhos que economizarão o seu tempo e aumentarão o seu valor executivo.

Seis belos volumes encadernados em plásticos, com douração. 1.840 páginas. 390 ilustrações, fechos e modelos de cartas.

1 - A SECRETÁRIA DE SUCESSO, Equipe da Parker Publishing Company.
2 - RELAÇÕES HUMANAS NA FAMÍLIA E NO TRABALHO, Pierre Weil.
3 - CORRESPONDÊNCIA - Linguagem e Comunicação, Odacir Beltrão.
4 - VOCABULÁRIO DE INTERCÂMBIO COMERCIAL (Português-Inglês e Inglês-Português).
5 - ORATORIA, LIDERANÇA E EFICIENCIA PESSOAL, A. de Pádua Reis. (maior eficiência através da comunicação oral e da escrita).
6 - MANUAL DO SECRETÁRIO DE INGLÊS COMERCIAL E BANCÁRIO, R. B. Chalmers.

OFERTA ESPECIAL DE JANEIRO:

Pelo Crediário: 8 pagamentos de Cr$ 11.000

Pelo Plano Econômico de Venda Direta (sem a presença do vendedor e com entrega parcelada dos volumes; e devolução imediata de seu dinheiro, caso sua satisfação não seja completa):

Apenas Cr$ 43.200 em 3 X Cr$ 14.400, de 30 em 30 dias, contra-entrega de parcelas de dois volumes. Economia de 50%. Faça sua reserva em tempo. Não mande dinheiro agora.

A IBRAT EMPRESARIAL
R. 24 de Maio, 77, conj. 904 - SÃO PAULO
tels.: 34-8481, 35-7558, 36-3741

Pelo plano econômico, enviam-me a BIBLIOTECA DA SECRETÁRIA DE EMPRÊSAS, conforme estou assinalando abaixo:

☐ — Em três parcelas de Cr$ 14.400.
☐ — Todos volumes de uma só vez, Cr$ 40.000.

Nome .....
Firma: ..... tel.: .....
End.: .....
Cidade: ..... Estado .....

(Interior e outros Estados, via reembôlso postal)

FOTO DE GERALDO MORI

Ela já comprou confete

Um bom couro de gato pode custar até 20 mil cruzeiros.

A grande **viração,** porém, está mesmo nos quatro dias. Um mês antes, já a Secretaria de Finanças fixa taxas e a de Turismo determina os locais onde é possível instalar barracas. Centenas de comerciários, funcionários públicos ou operários, que durante o ano nada têm de comerciantes, formam imensas filas para conseguir licenças que custam de 60 a 100 mil cruzeiros, dependendo do ponto.

As mais caras ficam na av. Rio Branco e imediações; outras são instaladas nos subúrbios; as mais baratas são as da zona rural.

Tirada a licença, o problema é garantir a bebida — refrigerantes e cerveja, porque a cachaça está proibida. Quem chega tarde pode não conseguir uma boa cota das fábricas, e o remédio, então, é apelar para as limonadas e laranjadas, mantidas em canecões com pedrinhas de gêlo.

Quase sempre é mobilizada tôda a família. A filha mais velha, sonhando com o baile no seu clube de bairro, espreme as frutas, enquanto a mãe mistura o caldo com água e açúcar bem dosados, para o chefe da família e os irmãos já crescidinhos cuidarem da venda.

A barraca, instalada na manhã de sábado, logo está pronta para atender os primeiros foliões. A festa dura quatro dias e, se não chover, deixa muito lucro.

Quando o dinheiro é pouco para tirar uma licença, o jeito é comprar um saco de laranjas, descascar bem descascadinhas, arrumar tudo num tabuleiro e descer para o centro da cidade. O lucro é na base de 200%, se o **rapa** não chegar antes e acabar com o negócio.

Os músicos também podem fazer bom dinheiro. Mesmo os que não conseguiram vaga em orquestra pegam o instrumento, vão para a porta do Teatro João Caetano e lá ficam à espera do convite para substituir algum músico que faltou. É êsse o ponto tradicional da classe e todos os maestros sabem que, em dia de carnaval, ali há sempre um pistão ou saxofone à disposição.

Mas, se o dinheiro é realmente nenhum e falta habilitação profissional, também não há problema. Em hora de desfile na avenida ou entrada do Municipal, o **virador** anônimo junta alguns caixotes vazios e grita o seu pregão:

"Olha o camarote de pobre! Olha o camarote de pobre!"

Há quem pague até 5 mil cruzeiros para ver a banda passar, sem entortar o pescoço.

SEGUE

e por falar em qualidade...

milhares de possuidores em todo o Brasil, convencidos pela imagem cinematográfica e alta fidelidade de som, confirmam:

COLORADO RQ

é o único televisor que possue reserva de qualidade.

Colorado Rádio e Televisão S. A. - Rua Afonso Celso, 1065 - Fones: 71-1210 e 71-1529 - São Paulo

Mod. Pat.

ESPECIAL

PLAY-DRESS sedutor, elegante, exclusivo. Feito em renda elástica de Helanca, cobre o corpo como uma segunda pele.

Veste bem a qualquer estatura ou tamanho. Favorece a beleza do corpo feminino com suave efeito modelador. Côr: Preta.

29.500

c/ biqu. prêto ou carne, em nylon + Cr$ 4.000

Atrativa **CALÇA-MEIA** Substitue com vantagem 3 peças (meias, calça e cinta-liga) por uma só. Em renda de Helanca, tem elásticidade em todos os sentidos. Côr: Preta.

18.900

Mod. Pat.

e agora também:

LINGERIE SEXY

Diferente, ousada picante e muito sexy. Graciosíssimos biquinis, miniquinis, biquinis com Ouvert, agora também no Brasil. Peça ainda hoje o nosso CATÁLOGO a côres da mais sedutora coleção de lingerie jamais vista. Mande Cr$ 300 em selos postais (taxa de proteção, será deduzida do valor do primeiro pedido). Não mande dinheiro

Compre pelo Reembolso Postal

Cx. P. 1933 **ESPECIAL** CURITIBA-Pr

Nome: .....

Endereço: .....

.....

Cidade: ..... Estado: .....

PEDIDO: Manequim: .....

Echostop

é o fôrro ideal!

placas acústicas e decorativas de gêsso

- A nobreza e eternidade do gêsso transformados em forros
- **enriqueça sua construção**
- **fácil colocação**
- **econômico**
- **ininflamável**

Sonegesso INDÚSTRIA DE ARTEFATOS DE GÊSSO LTDA.

AV. CELSO GARCIA, 812 - FONES: 93-2640, e 92-5218-S.P.
RIO DE JANEIRO: R. Leopoldo Bastos, 130 F (Barra Engenho Nova) Tel. 58-4477
B. HORIZONTE: Rua Platina, 587 - Fone 2-5651
P. ALEGRE: Av. Ceará, 966 - Fone 9-1701 a 05 Ramal 110
END. TELEG.: "ECHOSTOP"

espetáculo

Chegou a vez dos blocos

Ia tudo muito bem, até que uma escola de samba apareceu na Presidente Vargas com uma ala de travestis dançando o minueto. Os turistas, de camisas berrantes e binóculos dirigidos para o grupo, aplaudiram entusiasmados. Mas os velhos sambistas e cronistas mais rigorosos estavam de cara fechada. Para Sérgio Pôrto, Tinhorão, Sérgio Cabral e Lúcio Rangel — que Vinícius de Morais já chamou de **leões de chácara do samba** — aquilo era um abuso. As falsas baianas, de trejeitos afetados e o suor denunciando a barba, por trás da maquilagem mal feita, eram uma ofensa ao samba.

O episódio, porém, era apenas o ponto agudo de um processo que vinha de longe. É que, pouco a pouco, as escolas de samba se transformaram no maior **show** do mundo, fugindo às origens populares. O desfile passava a ser uma superprodução luxuosíssima, com novos objetivos: atrair turistas, principalmente. Fantasias, coreografias e, muitas vêzes, o próprio samba perderam as côres naturais para cair no perigoso terreno da sofisticação.

A essa altura, a pergunta era inevitável: onde ficavam as manifestações mais populares?

Sempre houve, no carnaval carioca — ao lado das escolas de samba — o bloco. Êle saiu dos cordões e dos ranchos. Os **blocos de sujos** nasciam das turmas de rua e, na medida em que iam crescendo, iam representando bairros. São famosos os casos entre o Cara de Boi e o Cara de Vaca, de Vila Isabel. Os dois cresceram tanto que, para evitar os verdadeiros conflitos armados que explodiam quando se encontravam nas ruas do bairro, foi necessário um acôrdo de cavalheiros: o **Boi** saía no domingo e a **Vaca** na segunda. Aquêle que tentasse sair nos dois dias estaria provocando uma guerra violenta.

O bloco, por definição, não pode ser muito organizado. As fantasias são as mais simples possíveis e pràticamente não há coreografia ensaiada, como nas escolas. A única coisa que denuncia um certo cuidado é a corda, que mantém o grupo isolado. Isso é feito para evitar **penetras** com fantasias diferentes e prevenir que estranhos mais afoitos façam investidas sôbre as sambistas.

A fundação do Bafo da Onça, em 1956, foi o grande marco na história dos blocos. Nasceu no Catumbi, tradicional bairro de samba, que nunca teve uma escola famosa. O Bafo concorria com um vizinho — o Vai Quem Quer — mas sempre foi mais bem organizado. Tem o cuidado de colocar a bateria no meio, para dividir homens e mulheres, e tranqüilizar as mamães das meninas que desfilam. SEGUE

FOTO DE GERALDO MORI

O bloco

Mamãe agora está felicíssima! Já não somos os "incríveis gastadores" de sapatos. Sabem por que? Só usamos...

Vicrom- com sola injetada - muito mais econômico !

DC É diferente mesmo. A sola injetada é à prova de descolagem e desgaste. Vicrom é bonito, moderno, elegante, resistente e econômico.

Vicrom

UM PRODUTO ANCORA IND. E COM. LTDA.
CAIXA POSTAL, 2592 - SÃO PAULO

Ancora

SIMBOLO DO BOM CALÇADO

Carbex

pense nas lojas, extraindo, uma por uma, milhares de notas fiscais e suas cópias...
pense no mesmo texto datilografado dezenas de vêzes...
pense nos fabulosos gastos das emprêsas com aquisição de máquinas e contratação de mais funcionários...
pense no problema de acomodação para novas datilógrafas e novas máquinas...
pense no Govêrno, enfrentando o mesmo problema nas repartições públicas...
Bem, chega de pessimismo.
Pense em coisas boas. Pense em *Carbex* — o melhor carbono brasileiro.

V. sabe que os fabricantes de Carbex podem atender sòzinhos à demanda total de papel carbono do Brasil?

pense no que aconteceria se faltasse papel carbono...

Marcus Pereira Publicidade

Jordan

Instalou, ainda, uma carrêta com alto-falantes, para que todos cantem a mesma música, ao mesmo tempo.

Só faltava um abre-alas. E êle veio com **Amor, Amor** ("Quero ser feliz/construir um lar") de Oswaldo Nunes, boxador aposentado. Foi um dos grandes sucessos de 1960.

Daí para a frente, as **oncinhas** do Bafo tornaram-se famosas em tôda a cidade, que cantou também seu outro sucesso ("Oba, nessa onda que eu vou/ Olha a onda iaiá/É o Bafo da Onça/Que acabou de chegar").

Há pouco tempo, apareceu um grande adversário para o Bafo. São três mil índios de tanguinha branca, calção em napa preta e um vasto cocar de penas brancas. É o Cacique de Ramos. Com a rivalidade, os blocos vão caprichando cada vez mais e a pergunta aparece de nôvo: êles perderão seu sabor de autenticidade quando passarem também a ser atração turística? Há um ano, as **oncinhas** recepcionaram — com uma exibição no cais e a bordo — os 1.200 turistas de um grande transatlântico norte-americano.

O processo pode estar em início.

Mas pelo menos dois blocos tradicionais guardarão as suas características. Um é o Chave de Ouro, do Engenho de Dentro, que, apesar da cortês mas sistemática oposição da Polícia, sai tôdas as quartas-feiras, protestando contra o fim do carnaval. Outro é **O que eu vou dizer lá em casa?** formado pelos que foram presos durante os três dias. Na quarta-feira de manhã, ao serem postos em liberdade, organizam seu carnavalzinho particular, ainda na porta da Polícia Central, para compensar a penitência a que foram forçados.

As previsões para o futuro são impossíveis. Mas a verdade é que, na sua simplicidade quase ingênua, os moços alegres dos blocos dos bairros cariocas parecem ir recolhendo, no asfalto das ruas, os pedaços da alma popular em que se foram destazendo as escolas, no caminho do espetáculo de alto luxo.

fábula

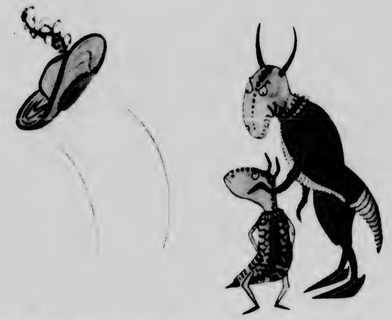
Dois bichos e um chapéu

O Bichinho viu um chapéu no chão e disse para o Bichão:

— Olha que casa bonita, deve ser a casa do rato.

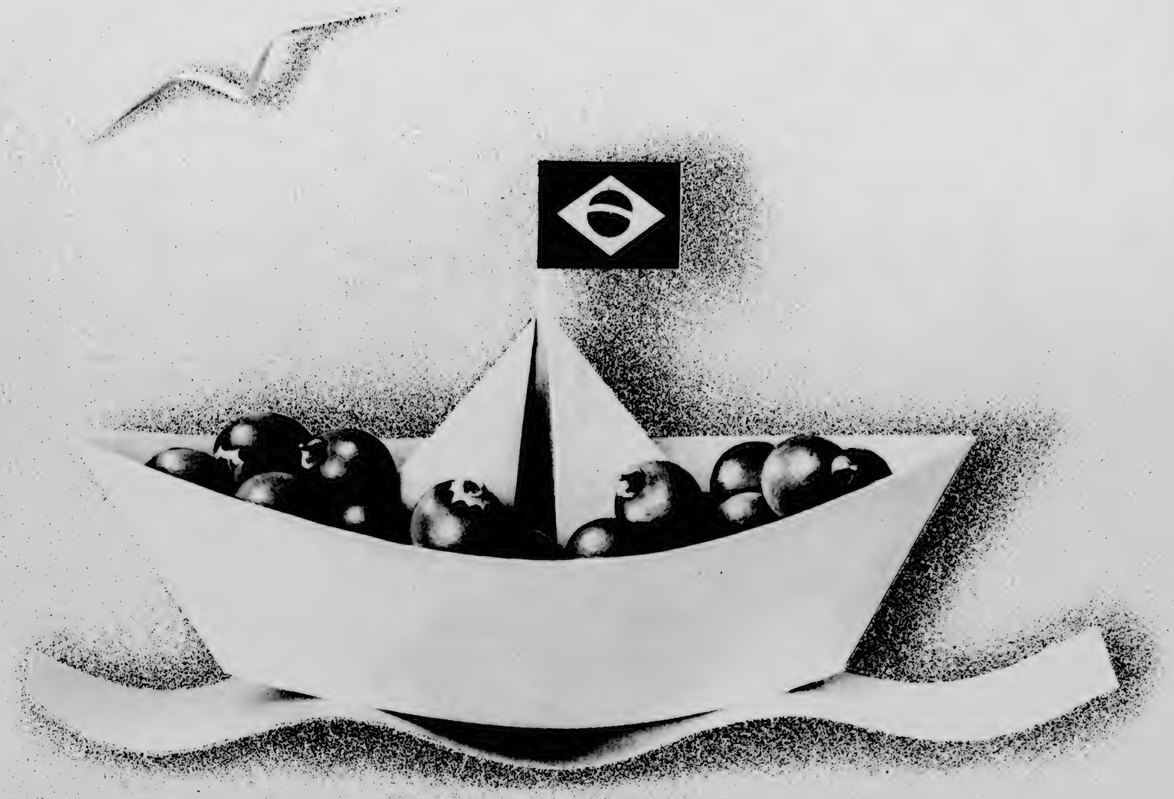
Veio então um pé de vento e levou embora o chapéu.

— Casa coisa nenhuma — respondeu o Bichão — é uma borboleta.



Moral: Tôdas as aparências enganam sempre.

Gerda



Você sabe o que é "Tucum"?

Tucum é uma palmeira da qual se aproveita quase tudo: a fibra para a indústria têxtil, o coquinho, que é excelente alimento, e a amêndoa, que é seu principal produto — servindo para o fabrico de várias gorduras alimentares, de sabão e, até, de chocolate! Os palmares do Maranhão e do Piauí são os mais importantes fornecedores e a cidade de Fortaleza, no Ceará, é o grande pôrto pelo qual se exporta a amêndoa do Tucum que, até recentemente, não era exportada para o exterior.

O Banco Lar Brasileiro, que entusiàsticamente incentiva tôdas as atividades pioneiras no campo da exportação, orgulha-se de financiar a venda de mais êsse produto nordestino ao exterior. E para que êsse financiamento fôsse realmente bem feito, nosso gerente em Fortaleza teve que estudar de tal maneira o assunto que, em pouco tempo, se tornou um "especialista em tucum".

E não parou aí. Agora êle está estudando a fundo todos os aspectos e particularidades de outros produtos nordestinos — inusitados na lista de exportações do Brasil.

BANCO LAR BRASILEIRO S/A

associado ao THE CHASE MANHATTAN BANK, N.A.
com a participação do DEUTSCH - SÜDAMERIKANISCHE BANK, AG

(Capital e Reservas: Cr$ 23,2 bilhões)

Rio □ S. Paulo □ Santos □ Campinas □ Sto. André □ Salvador □ Niterói □ P. Alegre □ B. Horizonte □ Recife □ Curitiba □ Fortaleza □ Brasília □ Vitória

IA-2304

Preconceito: o Bicho-Papão

Texto de Carmen da Silva

Nos anos 468 a 399 antes de Cristo viveu em Atenas um homem de raro saber e conduta exemplar. Mestre por vocação, seus ensinamentos marcaram fundo a mocidade da época, inclusive seu mais ilustre discípulo: Platão. Filósofo, êle fêz do homem o centro de seu sistema, afirmando: "Conhece a ti mesmo e conhecerás o mundo". Sustentava que verdade, conhecimento e virtude estão indissolùvelmente ligados entre si, o que parece difícil de contestar, mesmo em nossos dias. Seu nome: Sócrates.

Mas já então existia o tipo de "virtude" entre aspas, que não tolera verdade e conhecimento. Em nome dêsses "virtuosos", três cidadãos — Anitos, Melitos e Licon que, **por acaso,** eram também seus inimigos pessoais — acusaram-no de ímpio e corruptor dos moços. Sócrates foi levado aos tribunais e convidado a negar suas doutrinas sob pena de ser condenado à morte. A juventude e a intelectualidade ateniense acompanhavam com apaixonado interêsse o julgamento do mestre: a atitude que êle tomasse seria a prova de fogo da firmeza de suas convicções.

Dirigindo-se, talvez, mais aos discípulos que aos juízes, Sócrates respondeu com simplicidade: "Sou um homem velho, resta-me pouco tempo de vida: prefiro morrer dignamente, agora".

No século XVI viveu na Itália um homem de vasta cultura científica. Físico, matemático, astrônomo, escreveu livros, inventou o termômetro, a balança hidrostática, sistematizou importantes leis da Física. Em 1609 construiu em Veneza o primeiro telescópio que lhe permitiu observar fenômenos decorrentes da rotação da Lua e descobrir os satélites de Júpiter, o anel de Saturno, as fases de Venus. Até aí, tudo eram aplausos e honrarias. Seu nome: Galileu Galilei.

Um dia, porém, êle ousou fazer uma proclamação por demais escandalosa: a Terra não era estática e plana, nem constituía o centro do universo; era uma esfera girando em tôrno de seu eixo e em redor do Sol.

A heresia provocou indignação geral; partindo da côrte romana, a revolta se estendeu até as comadres da época, que da Terra só conheciam a que seus pés pisavam. Podemos imaginá-las zangadas e suficientes, argumentando: "Redonda, mas vejam só que absurdo! Pois se a Terra de fato fôsse redonda o mar **derramava!"**

A Inquisição pôs o ímpio contra a parede: ou negava ou morreria queimado. Galileu Galilei — o homem que, juntamente com Newton, foi o propulsor da presente era espacial — negou: não, o sistema solar não era o que é mas sim o que a ciência oficial, a moral, a tradição e os costumes pretendiam que fôsse. Mas, após êsse desmentido em regra, não se conteve e acrescentou: "E pur si muove"... (E, no entanto, ela gira").

Passou o resto de seus dias semiconfinado e vigiado de perto pelos inquisidores: era o tributo que devia pagar ao preconceito.

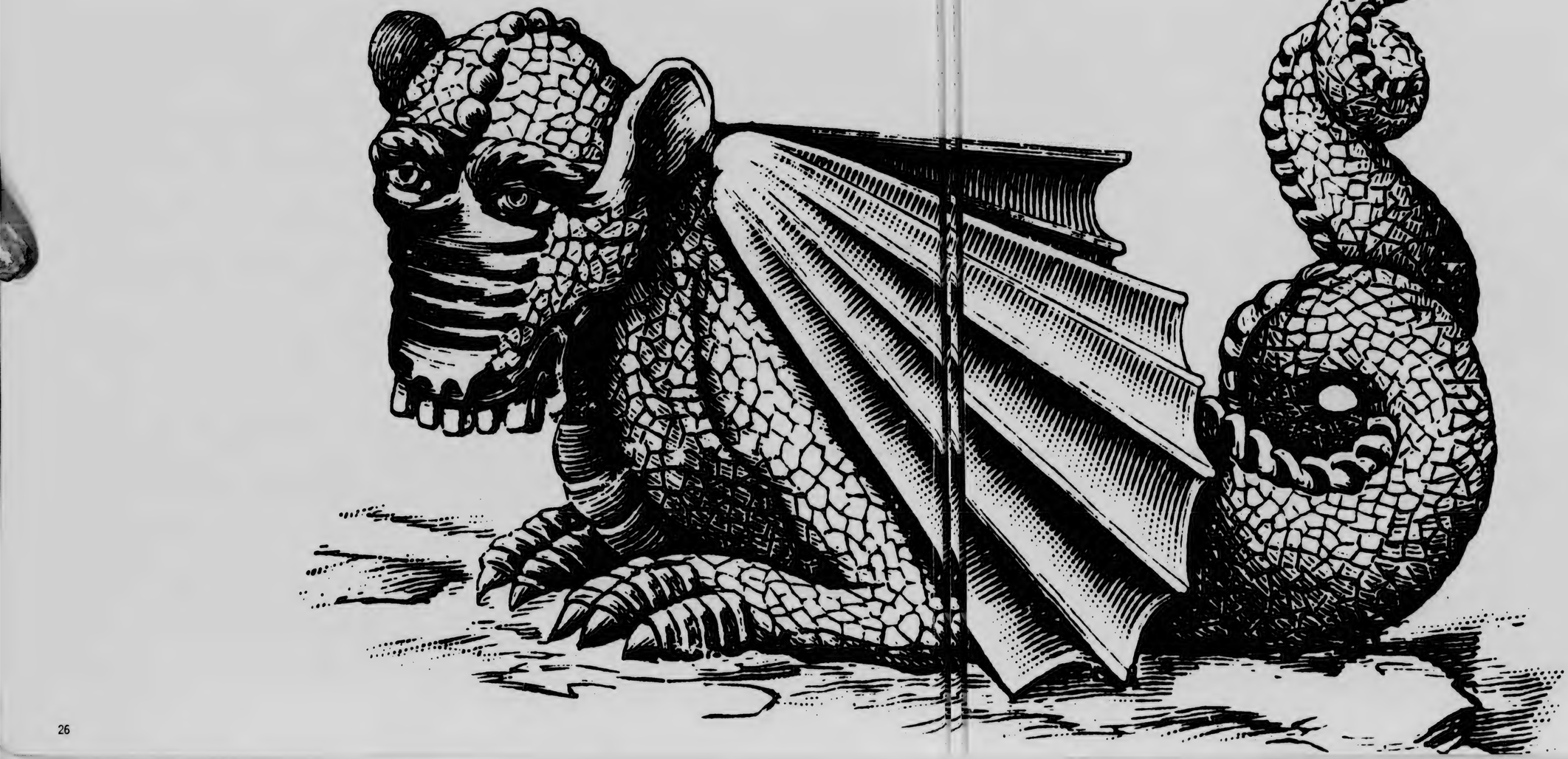
Quatro séculos mais tarde um homenzinho baixo, gritão, com olhos de louco e franjinha caída na testa, sentiu que só fanatizando seu povo conquistaria o poder ilimitado a que aspirava. Esperto, sabia que nada fanatiza tanto como o preconceito. Misturou uma incrível salada étnico-histórico-sócio-econômica, para provar a superioridade da "raça ariana", a pureza do sangue alemão e o direito do super-homem ário-germânico de dominar o mundo. O curioso é que os representantes e porta-vozes da raça superior fôssem êle próprio, Adolf Hitler — nanico e paranóico — e seu ministro Goebbels, outro nanico de pé aleijado.

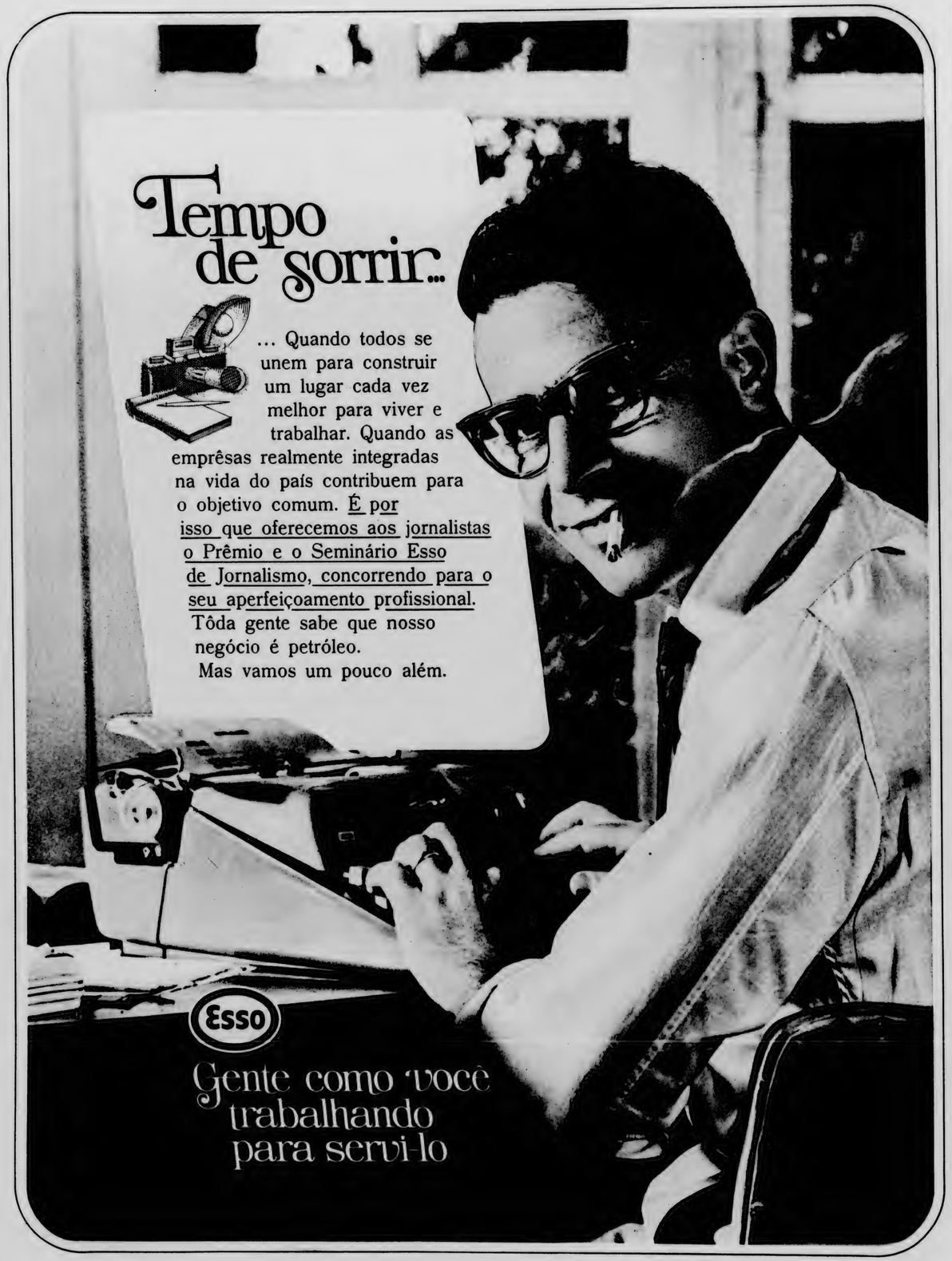
Em grandes piras levantadas nas praças públicas foram queimadas as obras de escritores e cientistas de raça "impura". Seis milhões de judeus foram assassinados nas câmaras de gás, e o mundo afundou na feroz carnificina da II Guerra Mundial.

Eis o preconceito visto pela outra face: o lado do instigador.

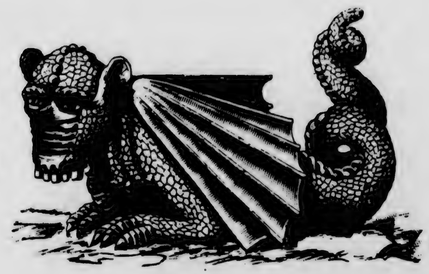
Preconceito não brota do ar

Na origem de um preconceito — seja de raça, religião, instituição ou qualquer outro — sempre se encontrará o interêsse de alguém. É difícil imaginar, por exemplo, que interêsse concreto haveria para quem quer que fôsse em negar que a Terra é redonda. As explicações que ocorrem primeiro são de ordem abstrata: a vaidade e o amor próprio feridos, ou a inveja dos sábios de então, a incompreensão, a rotina mental. SEGUE





Preconceito: o Bicho-Papão



Mas o filósofo norte-americano Barrows Dunham dá uma interpretação bem mais convincente. Naquela época — diz êle — o grupo dominante era a aristocracia, que mantinha uma luta competitiva com os ricos burgueses comerciantes. Ora, se fôsse provado que a Terra era redonda, surgiria a possibilidade de novas descobertas e com isso novos portos se abririam ao comércio mundial, favorecendo a burguesia e comprometendo a supremacia dos aristocratas. Estando nas mãos dêstes, a ciência oficial **tinha** de se opôr a idéias tão inconvenientes.

Naturalmente, o resto da população — os que não eram nem aristocratas nem ricos burgueses: o povo, as indignadas comadres — não tinha interêsses próprios a defender nessa briga; representava apenas o número. Mas o preconceito só se sustenta quando consegue vastas legiões de adeptos; é necessário sensibilizar o número para obter uma aparência de unanimidade que permita alegar: "Todo mundo pensa assim". Nessas condições, desmascarar o preconceito ou opor-se a êle é equivalente a "ir contra o povo, ferir seus costumes e tradições". Para criar êsse juízo entram em jôgo as manobras sutis: o manêjo de certas alavancas psicológicas de efeito seguro, o apêlo a impulsos emocionais, o chamado à ignorância, à estreiteza de visão e à docilidade dos que, por falta de hábito ou de meios, não raciocinam por si sós.

Para firmar um preconceito é preciso cercá-lo de um ar sagrado que torne sacrílegas a análise e a discussão em têrmos racionais. A impostação solene da voz, as palavras altissonantes e de impacto afetivo — quer tenham sentido ou não — criam associações mentais propícias. Todos nós conservamos sombras de primitivos terrores e reverências sobrenaturais, herança guardada no fundo da memória humana; despertando-a, ela dá surpreendente vigor a idéias que o intelecto talvez não se atrevesse a encampar.

Tomemos, por exemplo, a palavra "mãe". Ao ouvi-la, imagens e fantasias milenares nos vêm ao espírito. É a **Mãe-Terra** — Demeter, Ceres, Gea — que ao sabor de seu capricho dava ou negava alimento aos homens. É a mulher grávida, instrumento de que os deuses se serviam para aceitar ou recusar os sacrifícios propiciatórios, abençoar ou maldizer as colheitas, provocar ou sustar epidemias. Dona de todos os bens e todos os males, sua dualidade faz dela um ser temível; ao mesmo tempo que a adoramos, nos causa pavor. Reforçando essa ambivalência, temos as recordações inconscientes de nossa história individual, quando a figura da mãe se erguia tôda-poderosa ante nossa desvalidez infantil. Ternura, hostilidade, gratidão, mêdo, dependência, amor, culpa, tudo o que está no inconsciente pessoal e coletivo ressurge e fervilha na mente à sugestão da palavra "mãe". Tente-se, pois, abordar de forma objetiva o tema da maternidade e encontrar-se-ão resistências quase intransponíveis: as atitudes desmistificadoras serão rotuladas de obscenidade — equivalente moderno da heresia.

Compreende-se, pois, que o preconceito tenha como alvo predileto — embora não o único — as pessoas, funções e instituições mais ìntimamente ligadas à nossa experiência emocional: os pais, o sexo, a procriação, o casamento, a família.

Deixar como está para ver como fica

Freqüentemente, o interêsse atrás do preconceito é um só: afirmar a qualquer preço a **imutabilidade** das coisas. Algumas pessoas, favorecidas pelas estruturas e instituições vigentes, estão satisfeitas e pretendem conservá-las estáticas ao longo do tempo. Talvez tivessem uma ou outra restrição miúda a fazer, mas preferem não modificar nada porque uma mudança traz outra, a evolução age em cadeia e ao alterar esta ou aquela faceta adversa, correriam o risco de vir a perder tudo o que lhes é propício. O imobilismo fica sendo, assim, a posição mais segura: a ela se apegam com unhas e dentes, a ela tratam de atrair o maior número possível de adeptos.

O resultado é a recusa sistemática em examinar os dados objetivos da realidade: querendo-a estratificada, coagulada, pétrea, negam seu caráter essencialmente fluído e opõem-se a qualquer tentativa de dinamizar e aperfeiçoar as instituições existentes.

Uma rapidíssima revisão das conclusões de recentes estudos feitos por especialistas, e inquéritos de opinião realizados entre o público brasileiro revela, em grandes linhas, o seguinte panorama: dois milhões de interrupções intencionais da gravidez, por ano; dez mil prostitutas regularmente inscritas na Polícia; nos homens, aumenta de incidência de doenças venéreas; muitos maridos que acham "necessário" ter duas mulheres; o crescente número de desquites e as situações ambíguas e até iníquas que êles provocam; o florescimento da homossexualidade masculina, abertamente exibida nas ruas e já com foros de espetáculo "artístico"; na imprensa, a reiteração do noticiário sôbre delitos sexuais, envolvendo curras, corrupção e exploração de menores. Detenhamo-nos por aqui: não temos propósitos alarmistas nem sensacionalistas.

Tudo isso está a clamar por soluções urgentes, sensatas, equilibradas, lúcidas, partindo **dos** fatos como êles são. "Partir dos fatos", **não** implica em tornar válido o êrro, nem codificar o mal, mas sim equacionar os problemas com realismo, sem perder a perspectiva do bem-estar coletivo e da virtude socrática (sem aspas), indissolùvelmente associada à verdade e ao conhecimento. É certo que a lei decorre dos costumes; moral e ética vêm, respectivamente, do latino "mores" e do grego "ethos", que significam justamente isso: costumes. Êstes, porém, são suscetíveis de correção, **dentro** das leis da natureza e não em oposição a elas. Seria pouco aconselhável fechar os olhos, deixar correr o barco e permitir que o tempo venha a sancionar — o que fatalmente ocorreria — hábitos que nos chocam como lesivos à dignidade e incompatíveis com a felicidade humana.

Qual seria, então, a alternativa? Mais uma vez, a socrática: verdade, esclarecimento, educação.

O que acontece, porém, quando se tenta alertar a opinião pública para alguns problemas brasileiros de gritante evidência? O preconceito levanta um brado: desintegração da moral, dissolução da família. Toma-se como **causa** da enfermidade o que não é senão o seu **diagnóstico.** É como se o paciente tivesse câncer porque o médico disse, e não porque êle tem mesmo.

Se a família é uma instituição tão frágil que não suportaria a menor tentativa de reformulação em bases mais racionais, parece inútil tratar de preservá-la. Mas a história não confirma hipótese tão pessimista: através do tempo e das sucessivas transformações, a organização familiar tem mostrado excelente saúde e capacidade de adaptação. Acompanhemos as grandes linhas de sua evolução, tendo como guia no caminho o professor de Direito Romano, José Carlos de Matos Peixoto.

Antigamente a família era risonha e franca

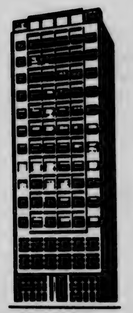
O homem primitivo vivia nas florestas, em indiscriminada comunhão sexual. A primeira limitação oposta a essa promiscuidade foi o estabelecimento da chamada "família australiana", ou seja, o casamento grupal. Dividiram-se as tribos em classes e todos os homens de uma classe eram maridos natos de tôdas as mulheres de outra classe, sem restrição de nenhum tipo. Sòmente entre os membros da mesma classe é que as relações sexuais eram proibidas.

Os filhos pertenciam à classe materna e o conceito de paternidade era desconhecido. Nessas condições, era comum que, ao crescer, a menina viesse a unir-se com seu próprio pai. Pouco a pouco, intuitivamente, foi surgindo nôvo sistema que passava a corrigir esta situação.

A divisão, agora, fazia-se por gerações: tôdas as crianças eram "filhas" de todos os adultos e "netas" de todos os anciãos; os componentes da mesma geração chamavam-se "irmãos" entre si. SEGUE

no plaza hotel você estabelece um prolongamento de seu escritório, para facilitar seus negócios (isso, além da hospitalidade gaúcha e do cardápio internacional)

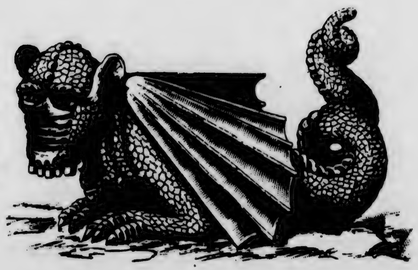
MON BUREAU EST AUSSI A PÔRTO ALEGRE



salimen & franchini

PLAZA HOTEL PÔRTO ALEGRE

Preconceito: o Bicho-Papão



Todos os irmãos eram maridos comuns de tôdas as irmãs, mas não se permitia a coabitação entre membros de grupos diferentes.

A etapa seguinte foi a "família punaluana" que proibia o casamento entre irmãos uterinos e primos carnais. Os "irmãos" e "irmãs" conjugavam-se com as "irmãs" e os "irmãos" do grupo correlato. Mas as dificuldades para determinar o grau de parentesco levaram a uma nova evolução: o casamento entre indivíduos isolados e não entre grupos. A maior importância social da mulher — graças à maternidade visível, à direção da economia doméstica e ao fato de que só através dela podia-se estabelecer a consagüinidade — deu-lhe um papel predominante e o direito de escolher, se quisesse, vários maridos (poliandria).

Com o desenvolvimento da riqueza o homem começa a possuir bens próprios — rebanhos, escravos, instrumentos de trabalho — e a propriedade e a fôrça física lhe permitem afirmar sua supremacia sôbre a espôsa. Chegamos então à família patriarcal. O marido passa a ser o único senhor das riquezas, só a êle a poligamia é permitida. O patriarcado foi "a grande derrota histórica da mulher" e criase tôda uma ideologia para justificar a opressão feminina: "Entre os animais selvagens, nenhum é tão nocivo como a mulher", afirma São João Crisóstomo.

Já na sociedade feudal ela se torna mero valor de permuta, mercadoria que o clã paterno vende ao clã do espôso. Ao lado dêste é uma escrava, só recebendo alguma consideração na qualidade específica de mãe, pois sua descendência garante ao marido que os bens permanecerão, por herança, na família dêle.

Em muitos lugares, ainda hoje, a mulher continua dependente e subalterna, ora fustigada, ora exaltada, em têrmos idealizados que nada têm a ver com sua condição humana. O vínculo familiar ainda conserva intensos e, por vêzes, indisfarçados vestígios dos fatôres econômicos que marcaram o início do patriarcado.

É evidente, contudo, que a família não "se dissolve". Fundada essencialmente em relações que brotam de instintos e sentimentos inerentes ao ser humano, ela tem resistido ao tempo e aos elementos espúrios que nela se imiscuem, deturpando-a parcialmente. Enquanto não formos todos transformados em robôs — o que, esperamos, não ocorrerá tão cedo — tudo leva a crer que a família subsistirá. Mas ela evolui, se modifica, se reestrutura, se adapta, encontra novas formas — e por isso resiste. É certo que o processo parece lento demais e poderia ser moderadamente acelerado, não fôsse o pêso dos preconceitos que se opõem a tôda e qualquer mudança.

Essa brevíssima síntese leva a uma conclusão de que não se pode escapar: se tôdas as modificações ao estado de coisas vigente fôssem desagregadoras e corrosivas; se o preconceito tivesse triunfado sobre o dinamismo natural da história, **estaríamos ainda na fase do matrimônio coletivo.** Não é petrificando a família numa organização estática e rígida que a defenderemos.

Quem tem mêdo do lôbo mau

Entenda-se por lôbo mau, sexo. Entenda-se a palavra irreverente, inconvencional, que permite o máximo de expressividade dentro do máximo de síntese — o sonho dos poetas. Entenda-se o enfrentamento honesto da realidade humana, o reconhecimento da natureza como ela é: afinal, se descendessemos de anjos, não teríamos nenhum mérito de nos portar como anjos. Quem tem mêdo das palavras, das idéias, das verdades? Oficialmente, a resposta seria **ninguém.** Pois não há quem admita e confesse que tem preconceitos. Da bôca para fora todo mundo tem mente tão ampla e espírito tão liberal que chega a espantar.

Lembro que, na Argentina, um conhecido escritor publicou um romance de quase 400 páginas, no qual havia uma — **uma** — cena bastante crua. Eram 15 ou 20 linhas que tornavam compreensível tôda a conduta posterior da personagem. As críticas da imprensa e os comentários verbais do mundinho literário argentino, todos, faziam restrições à tal cena. Nunca por preconceito — naturalmente! As razões eram estéticas, estilísticas; uns achavam de "mau gôsto", outros "literàriamente supérflua"; outros, ainda, falavam em desafio, esnobismo, exibicionismo. O autor escrevera mais de 390 páginas artìsticamente inobjetáveis — mas tôda a discussão girava em tôrno de um grão de sexo perdido no contexto.

Na literatura, na arte, como na vida de todo dia, a atitude costuma ser a mesma. Arranjam-se mil pretextos para repudiar o que atinge o preconceito íntimo que cada um **não** tem.

Alega-se que as crianças não devem ser expostas a certas realidades chocantes que ainda não estão em condições de assimilar. Absolutamente certo, embora ninguém tenha pensado em suprimir o noticiário bélico e a crônica policial dos jornais. Na medida, porém, em que respeitamos a instituição familiar, não lhe podemos negar um direito que a lei lhe dá e um dever que ela lhe impõe: o exercício do pátrio poder. Cabe aos pais não deixar ao alcance dos filhos o que possa impressioná-los desfavoràvelmente ou ferir-lhes a inocência. Sem dúvida, a sociedade deve substituir os pais junto aos órfãos e desamparados.

De qualquer forma, se proibirmos aos adultos tudo o que fôr impróprio para crianças, acabará não havendo mais crianças — o que seria realmente uma pena. FIM

WALDYR BRANDÃO, *em realidade, é segurança nos Imóveis*

Flagrante do jantar de confraternização realizado anualmente no mês de dezembro, com personalidades do mundo político social e funcionários da organização. (da esquerda para a direita: Deputado David Lerer, Waldyr Brandão, Deputado Al Freua Neto e escritor Jorge Rizzini).

Waldyr Brandão simboliza segurança e inovação no ramo de imóveis. Sua posição atual no ramo se deve não apenas à vivência no âmbito nacional dos negócios, mas também a cursos e pesquisas na Europa e nos Estados Unidos. Sua equipe oferece: orientação e total assistência nas transações; advogados especializados; 180 corretores motorizados falando varios idiomas; 6.000 imóveis selecionados por equipes de engenharia, nos melhores bairros de São Paulo; mansões, palacetes sobrados, casas populares, terrenos, administração e hipotecas. (as transações são regidas por normas do Banco Nacional de Habitação e os corretores orientados pela lei n.º 4.116 do Deputado Ulisses Guimarães).

Waldyr Brandão apresenta: **JARDIM ASTÚRIAS**, no Guarujá, com água, luz e telefone, em belissima localização fronteira ao mar.

"Os imóveis são a base da riqueza"

ESCRITÓRIO IMOBILIÁRIO "WALDYR BRANDÃO"

Sindicalizado – Creci n.º 944

Rua Asdrubal do Nascimento, 213 (prédio todo) — São Paulo — Capital — Fones: 36-7288 - 34-9891 - 34-7528 - 37-8415 - 37-2341 - 37-6270 - 35-8351

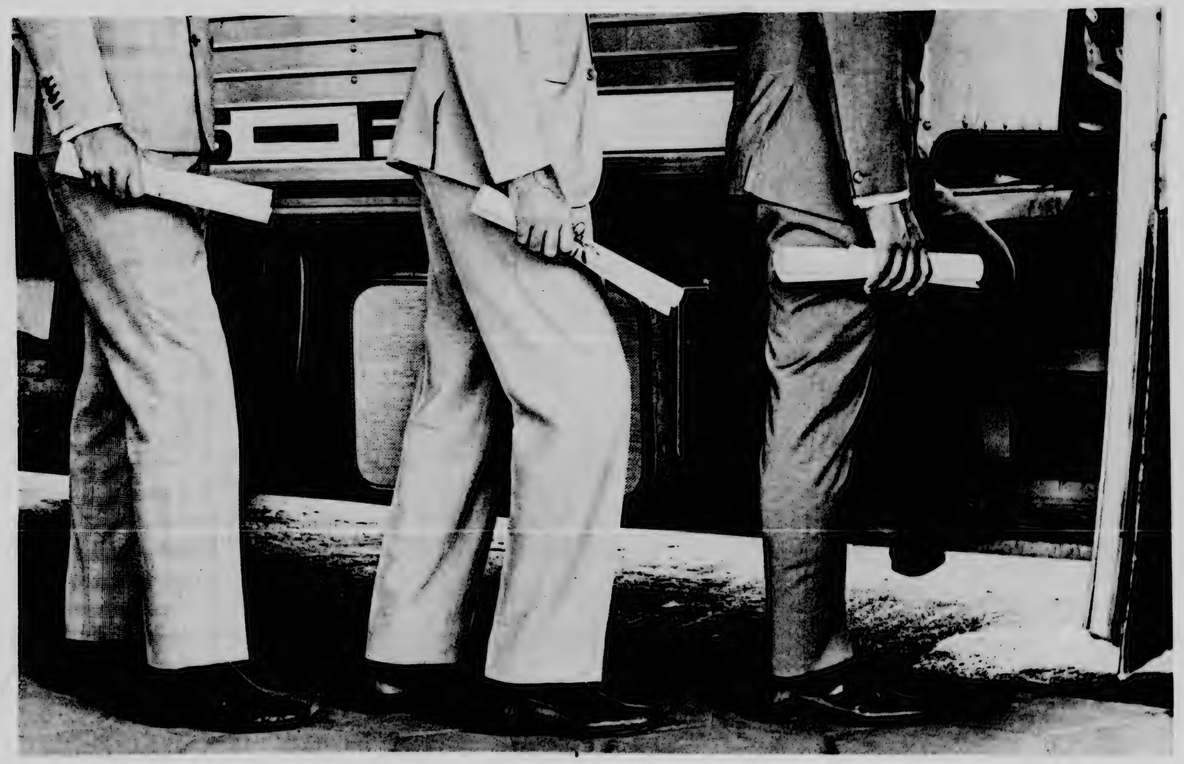
ESCRITÓRIO IMOBILIÁRIO W B WALDYR BRANDÃO

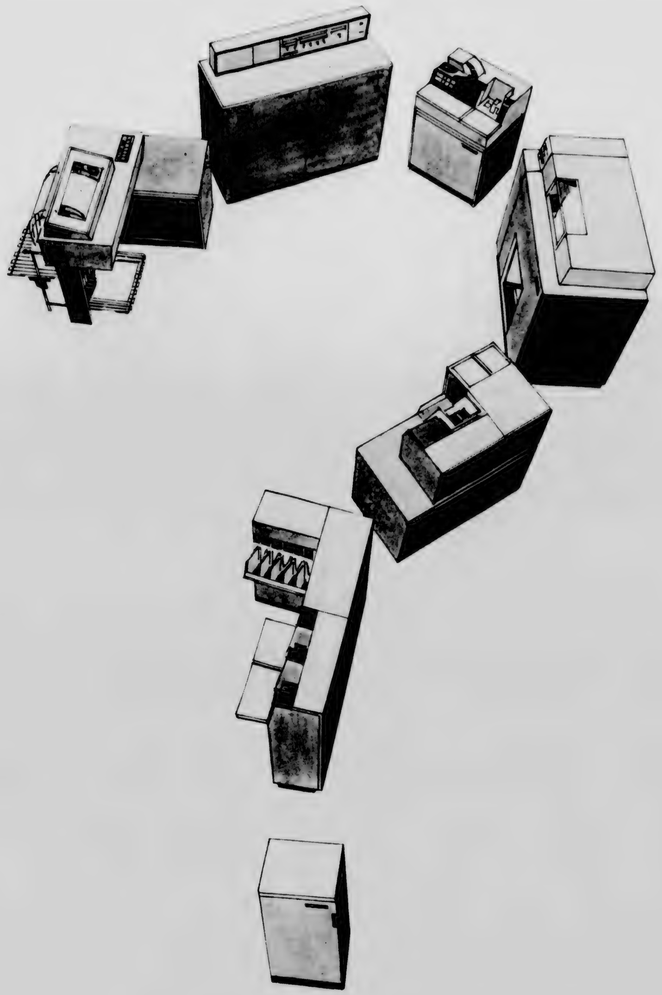
ÊLES NEM RECEBERAM O ABRAÇO DE FORMATURA

Agôsto de 1966. O Govêrno, através do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, dava início ao programa de diversificação da lavoura cafeeira. Café sobrava e, sobrando, criava os problemas que todos já tinham como crônicos: armazenamento, queda de preços e conseqüente perda de divisas. O Govêrno decidiu arrancar o que estava sobrando e plantar o que estava faltando. Os cafeicultores teriam, através de um estudado plano de financiamento e assistência, tôdas as facilidades para o plantio de produtos básicos para a subsistência: feijão, arroz, trigo, amendoim, frutas, mandioca... Plantar só não adianta. É preciso plantar bem e para plantar bem é necessária assistência técnica. O País se ressente de técnicos. Mas há uma turma se formando na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiróz, em Piracicaba. O Govêrno conversou com os moços. Êles já sabiam do plano. Não sabiam é que a execução era imediata. A solução partiu dos rapazes: "antecipamos a formatura e seguimos para o campo". E isso foi feito, espelhando uma nova mentalidade num País que pretende alcançar ràpidamente novas etapas do seu desenvolvimento econômico. Os jovens receberam seus diplomas e embarcaram, à porta da escola, nos ônibus do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ. Iam para o interior de São Paulo, Paraná, Espírito Santo e Minas Gerais. A pronta adesão dos agrônomos recém-formados e a entusiástica colaboração dos próprios cafeicultores tornaram possível ao Govêrno executar, em 4 mêses, a primeira etapa do programa de diversificação que estava prevista para 2 anos, com a erradicação de 500 milhões de cafeeiros de baixa produtividade, ou produtores de café de má qualidade. Assim se escreve a história de um País onde uma nova mentalidade administrativa está superando fórmulas obsoletas e quebrando velhos tabus.

PROGRAMA DE DIVERSIFICAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

MELHOR CAFÉ PARA O MUNDO
MAIS ALIMENTOS PARA O BRASIL





Quem disse que um Sistema/360 faz tudo sòzinho?

Não é bem isso. Apesar da sua incrível rapidez e extraordinária versatilidade de emprêgo, um Sistema/360 nunca está sòzinho. Êle é apenas parte de um conjunto de serviços oferecido a nossos clientes, de forma integral, objetivando melhor utilização do equipamento, através das mais avançadas técnicas de linguagem e programas. Esta é, realmente, nossa maior preocupação. Nossos Centros Educacionais, onde tècnicamente preparamos nossos Clientes e nossa Biblioteca de Programas, de onde, sistemàticamente, distribuímos todos os programas para nossos usuários, não existem por outro motivo. As técnicas de programação, elaboradas nos grandes centros de estudo e experimentação da IBM, em várias partes do mundo, são constantemente revistas e postas à disposição de nossos Clientes, no objetivo permanente de aperfeiçoar ainda mais a alta qualidade IBM. Cada máquina que instalamos leva consigo tôda a experiência de uma organização mundial. Experiência que se traduz em serviços. E no propósito, cada vez maior, de servir bem.

IBM

IBM do Brasil, Indústria, Máquinas e Serviços Ltda. - RIO DE JANEIRO: Rua do Ouvidor, 70 - 4.º andar - Telefone: 31-4010 - SÃO PAULO: Av. São Luiz, 86 - Tel.: 32-5167 - FILIAIS: ABC (São Paulo) - Belém - B. Horizonte - Brasília - Curitiba - Fortaleza - Niterói - P. Alegre - Recife - Salvador - Santos

Há gente que custa a entender as coisas. Na estrada, conversa não resolve. O que resolve é fenemê. Para transportar, durar e dar lucro. Em qualquer terreno, levando qualquer carga. Chassi longo, médio ou curto, se o negócio é transportar, é pra caminhão fenemê.

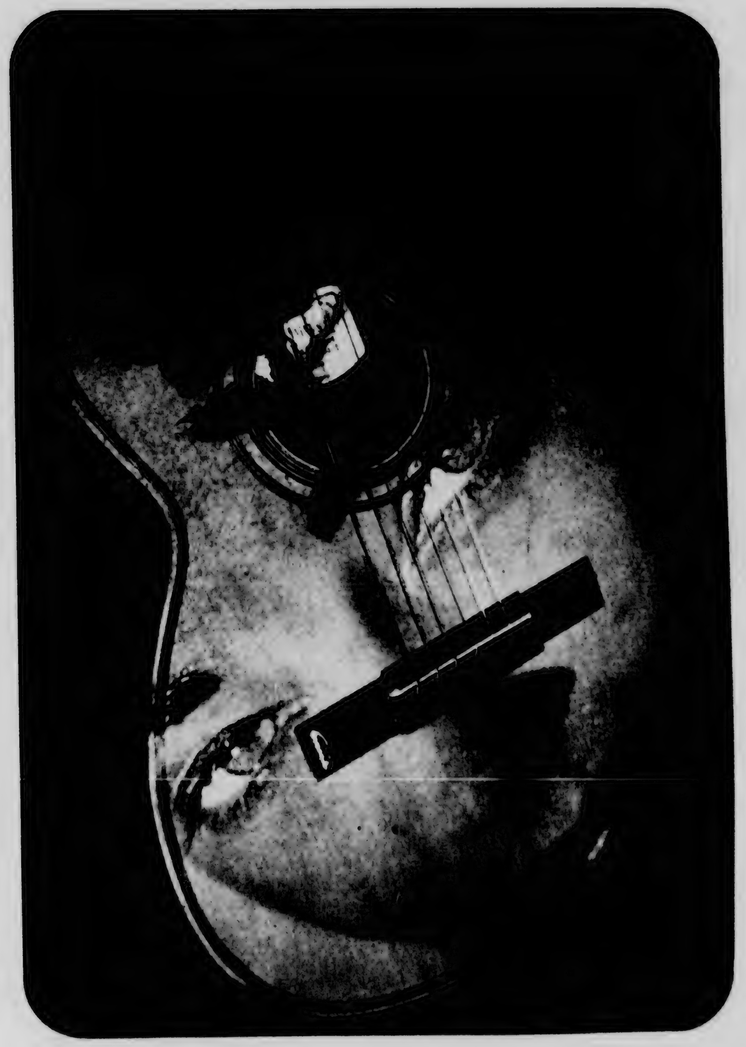
FÁBRICA NACIONAL DE MOTORES S.A.

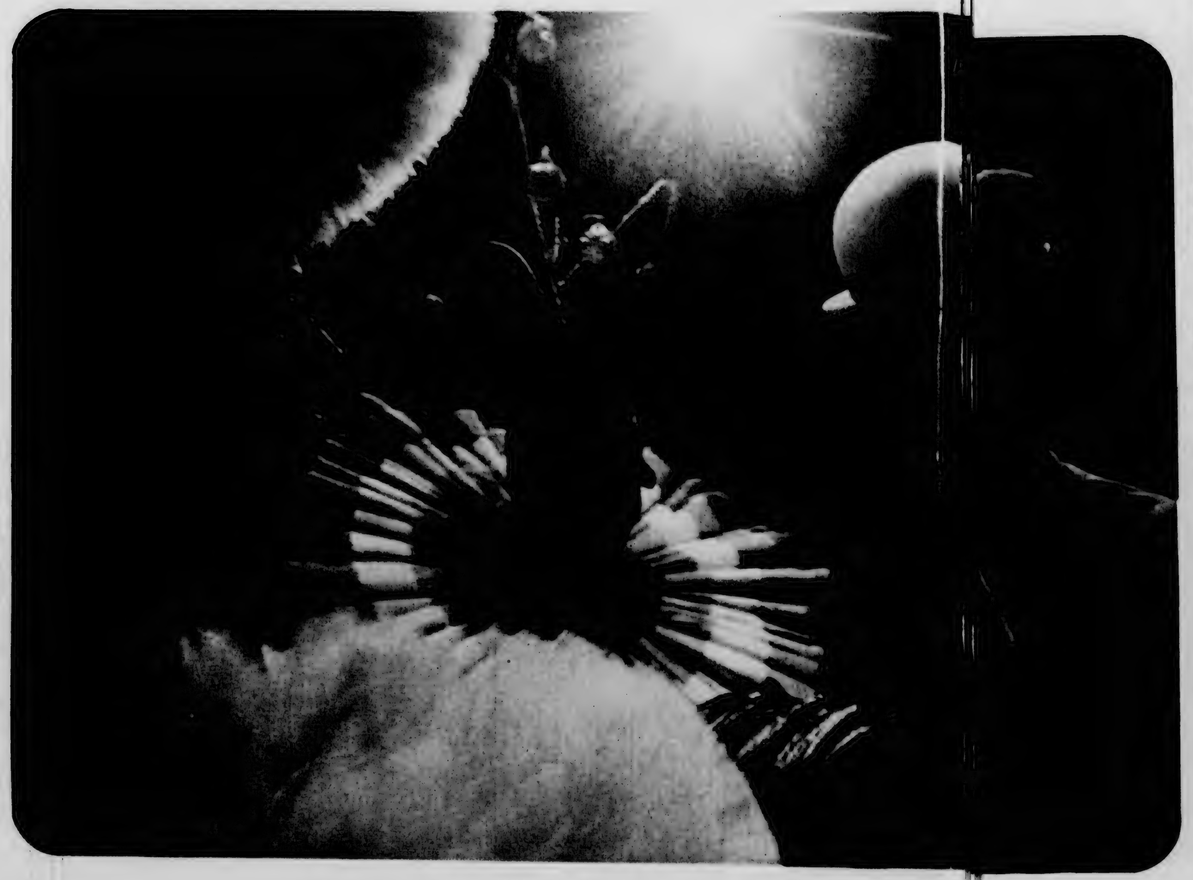
25 ANOS TRANSPORTANDO O PROGRESSO

No comêço os pulinhos eram com o xote, a valsa, a polca. A música de carnaval vinha de fora. Criaram o maxixe. Mas o povo ainda não cantava. Até que houve a grande explosão: nasceu o samba. Então o brasileiro começou a se entender melhor, pois

Esta é a festa de todos nós

Texto de Paulo Henrique Amorim
Fotos de David Drew Zingg





"Um Pierrô apaixonado/ que vivia só cantando/ por causa de uma Colombina/ acabou chorando/ acabou chorando/ A Colombina entrou no botequim/ bebeu, bebeu, saiu assim, assim/ dizendo: Pierrô cacete/ vai tomar sorvete/ com o Arlequim/ Um grande amor tem sempre um triste fim/ com o Pierrô aconteceu assim/ levando êste grande chute/ foi tomar vermute/ com amendoim/." A música (1936) *é de Heitor dos Prazeres. A letra, a melhor de quantas já apareceram sôbre pierrôs, arlequins e colombinas, é de Noel Rosa.*

Então surgiram o ziriguidum e uma môça gordinha

Os mascarados, arlequins, pierrôs, diabinhos, colombinas e jardineiras do cordão Filhos da Estrêla dos Dois Diamantes lotavam o bonde que ia pela Marquês de Abrantes. Polcas, maxixes e tangos saíam aos berros, atraindo crianças, moços e velhos às janelas dos casarões. No cruzamento com a praia de Botafogo o bonde teve que parar — um outro cordão, os Filhos da Primavera, tomava conta da rua. Ninguém deixou de cantar, mas a simples espera para a passagem de outro bloco acabou num conflito. No meio da confusão, um homem muito forte, fantasiado de rei dos diabos, tirou da cauda uma faca — dois foliões do Estrêla dos Dois Diamantes caíram mortos: Angelino Gonçalves, o Boi, e Jorge dos Santos. 9 de fevereiro de 1902. Domingo de carnaval.

No dia seguinte, segunda-feira de carnaval, o cordão — com as mesmas fantasias da véspera — acompanhava os dois caixões para o Cemitério São João Batista. Não havia chôro; ao contrário, os mascarados, arlequins, pierrôs, diabinhos, colombinas e jardineiras cantavam sacolejando os caixões e convidando quem estivesse no caminho a aderir ao bloco. E assim invadiram o cemitério. Os que haviam entrado no meio do caminho pararam no portão, aterrorizados, enquanto o pessoal do Estrêla dos Dois Diamantes seguiu saltitante, e só diante da cova aberta fêz-se longo silêncio. Até que um surdo vibrou; então uma pastôra, de voz bem quente, fez tudo recomeçar, cantando uma marcha: "Que bela rosa/ Que lindo jasmim/ Eu vi o triunfo/ Lá no seu jardim."

Era a pré-história do carnaval carioca, que vai, segundo os historiadores mais rigorosos, de 1840 — quando houve o primeiro baile chamado de carnavalesco, no antigo Teatro São José, na praça Tiradentes — até 1930, época da revolução nas técnicas radiofônicas e da consolidação do samba e da marchinha.

Mas, muito antes do encontro trágico entre os dois cordões na praia de Botafogo, existia no Rio, desde os tempos coloniais, uma série de brincadeiras carnavalescas conhecidas pelo nome genérico de **entrudo.** A palavra certa talvez não seja **brincadeira,** tamanha era a violência com que se comemorava o carnaval. Havia verdadeiras batalhas, em que as armas eram fuligem, goma, água, farinha, ensopando e sujando famílias e ruas inteiras. O entrudo era tão divulgado que, conta-se, até o Imperador D. Pedro II gostava de atirar limões-de-cheiro e bacias d'água nos nobres que freqüentavam a Quinta da Boa Vista.

No tempo da quadrilha

Nesse tempo dançava-se a quadrilha, o xote, a valsa, a polca e, a partir de 1870, o maxixe, primeira dança nacional — uma mistura de polca com o lundu, de origem africana.

Foi a maestrina Chiquinha Gonzaga quem deu o passo mais importante para a definição da música de carnaval no início do século. Em 1899, recebeu a encomenda de compor uma marcha para o cordão Rosa de Ouro. Utilizando-se dos dizeres que vinham nos cartazes dos ranchos que "pedem passagem à população" para fazer suas evoluções, compôs **Ô Abre Alas.** Foi um grande sucesso, mas a experiência não iria adiante. O carnaval continuava violento e ganhava, aí por 1902, outra inovação: o tango-chula, lançado por Arquimedes de Oliveira e Bastos Tigre com **Vem Cá Mulata.** Passava-se lentamente da fase do entrudo para a organização dos cordões, com pequenos desfiles nas principais ruas da cidade, o que chegou a merecer do Barão do Rio Branco a célebre frase: "Só há duas coisas regularmente organizadas no Brasil: a desordem e o carnaval."

Mas a diferença fundamental entre o carnaval do comêço do século e o de nossos dias está na música. Fora o **Abre Alas** de Chiquinha Gonzaga e os maxixes, a música daquela época ainda não era brasileira. A predominância das polcas e quadrilhas, que tiveram de ser substituídas pouco a pouco por não se adaptarem às novas formas de dançar exigidas pelo carnaval de rua, revelava o caráter estrangeiro na nossa formação musical. Foi com o aparecimento, no Rio, de um grupo baiano do bairro da Saúde, que os maxixes foram se aproximando do samba. O grupo se reunia na casa de Tia Ciata, e aí surgiu o primeiro samba: **Pelo Telefone.** Seu autor foi Donga que, com Sinhô e Caninha, freqüentava a casa da tia velha. Em 1920, também dêsse grupo, aparecia a primeira gravação com o nome de marchinha: **Pé de Anjo,** de Sinhô. Embora **Pelo Telefone** já trouxesse várias características do samba de nossos dias, principalmente uma ponta de irreverência e crítica social, ("O chefe de polícia/ pelo telefone/ manda-me avisar/ que na Carioca/ tem uma roleta/ para se jogar"), ainda nessa época, por influência do maxixe, permaneciam traços de música negra pouco adaptada à dança carnavalesca.

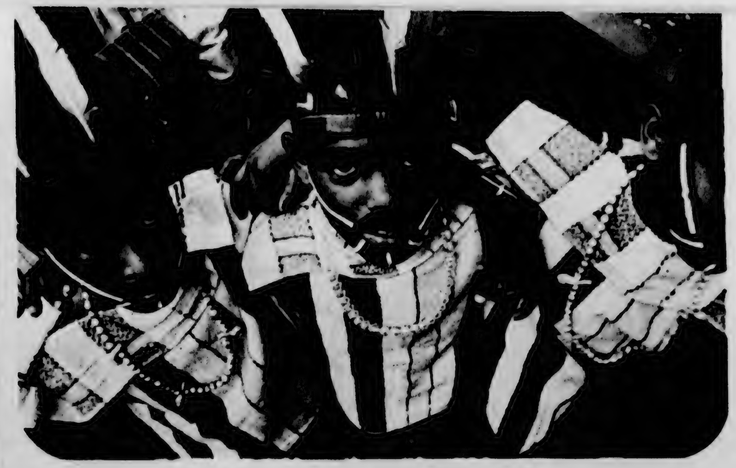
Surge a primeira escola

Com **Eu Botei o Samba pra Frente,** Ismael Silva, fundador da primeira escola de samba — Deixa Falar, em 1928 — queria dizer que foi o movimento que se criou à sua volta, perto do Morro de São Carlos, o primeiro a introduzir no samba e, por extensão, na música de carnaval, os elementos que permitiam a dança: a batida, o ziriguidum.

Ismael e seus companheiros do Estácio, principalmente Nílton Bastos, seu parceiro em "Se você jurar que me tem amor/ eu posso me regenerar", os irmãos Rubem e Alcebíades Barcelos e Mano Edgard foram os primeiros a despertar o interêsse dos cantores profissionais. Chico Alves, por exemplo, aparece como um dos autores de **Se Você Jurar,** quando, na verdade, comprou a parceria do samba a Ismael com a única função de gravar e divulgar a música. Com esta geração do Estácio, encerra-se a chamada pré-história da música de carnaval.

Em 1930 tem início o período de ouro do carnaval carioca. Nesse ano surge uma cantora gordinha, um pouco fanhosa e cheia de trejeitos que ia marcar uma fase de grandes sucessos populares. Seu nome era Carmem Miranda e sua carreira começava com uma música de Joubert de Carvalho que dizia assim: "Taí/ eu fiz tudo pra você gostar de mim/ ai, meu bem,/ não faz assim comigo não". No mesmo ano, iniciavam-se os, muitas vêzes violentos, concursos de escolas de samba. A Deixa Falar não saía mais sòzinha. Mestre Cartola tinha fundado a Estação Primeira de Mangueira.

SEGUE



A primeira música com índio na letra (1916), *tinha mau gôsto na melodia e nos versos. Era o* Caraboo, *música norte-americana em que um compositor famoso na época, Alfredo de Albuquerque, adaptou uma letra contando uma "lenda do Norte": um guerreiro é morto pela tribo inimiga, à qual pertencia sua amada. O maior sucesso no gênero apareceu 45 anos depois:* Índio Quer Apito, *de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira, que aproveitaram uma anedota popular na época da fundação de Brasília.*

Zumbis, caveiras, diabos, são a oportunidade para fazer humor. Em 1938, *a censura deixou escapar o malicioso* Diabo sem Rabo, *de Haroldo Lôbo e Milton de Oliveira: "Com a minha fantasia de diabo/ Quase me acabo/ Quase me acabo/ Eu vou botar um anúncio no jornal/ eu quero uma diaba/ pra brincar no carnaval./ Comprei lança, carapuça/ Comprei tudo/ até o pé de bode/ E a capa de veludo/ Mas que diabo/ Puxa! Puxa!... que diabo/ Depois de tudo pronto/ Eu notei que faltava o rabo (de diabo)."*

"Todo domingo/ havia banda/ no coreto do jardim/ E já de longe/ a gente ouvia/ a tuba do Serafim./ Porém um dia/ entrou um gato/ na tuba do Serafim/ e o resultado/ desta melódia/ foi que a tuba/ tocou assim:/ Pum pum pum — miau/ Pum puru-rum pum pum — miau." Com êste final de tuba acompanhada de um miado, a marchinha de João de Barro e Alberto Ribeiro (1948) *não podia deixar de ser o grande sucesso do ano em que o próprio João de Barro lançava duas outras músicas*: A Mulata é a Tal *e* A Baratinha.

"Seu condutor/ dim, dim/ Seu Condutor/ dim, dim/ Pára o bonde/. Pra descer o meu amor./ O bonde da Lapa/ é cem mil réis de chapa,/ o bonde Uruguai/ é duzentos que vai,/ o bonde Tijuca/ me deixa em sinuca/ e o praça Tiradentes/ não serve pra gente." — Esta música de Alvarenga e Ranchinho (1938) *não era a primeira a satirizar o bonde, condução tradicional dos cariocas. Durante anos, as músicas brincaram com o atraso, com o preço da passagem e até mesmo com certos tipos de passageiro.*

De repente, a música de carnaval muda de caminho

Ari Barroso, ainda nessa época, lançava uma marchinha — pràticamente uma adaptação do **rag-time americano** — cantada por Chico Alves: "Essa mulher há muito tempo me provoca/ Dá nela/ Dá nela/ É perigosa, fala que nem pata choca/ Dá nela/ Dá nela".

"O rádio brasileiro dava seus primeiros passos. A cidade transformava-se em floresta de antenas. Não havia residência que não ostentasse, sôbre os telhados ou pelos quintais, os mastros altíssimos, geralmente de bambu, a sustentar os fios horizontais indispensáveis à captação das ondas hertzianas. Sem a boa antena, de seus 20 metros de extensão, ninguém pensasse reter com eficiência a rudimentar energia dos 1.500 watts da Rádio Sociedade ou dos 500 da Rádio Clube." A descrição é de Almirante no livro **No Tempo de Noel Rosa.** Em 1931, surgiam mais três emissoras: Mayrink Veiga, Phillips e Educadora. Estava lançada a revolução tecnológica que permitiria a mais rápida e extensa divulgação da música popular, além de criar uma nova geração de compositores e intérpretes.

A gravação do samba **Na Pavuna,** de Almirante e Homero Dornellas, é o símbolo da revolução nas técnicas de gravação. Pela primeira vez entravam num estúdio os instrumentos típicos de uma escola de samba: cuíca, surdo, tamborim, pandeiro, reco-reco. Acompanhava a gravação o **Bando Tangarás** que tinha como violonista um dos compositores mais feios e desajeitados da história da nossa música popular: Noel Rosa.

A vez da classe média

Agora, os compositores de origem tìpicamente popular — como os do grupo baiano que freqüentava a casa da Tia Ciata e os moradores da favela de São Carlos que formavam o grupo do Estácio — não podiam enfrêntar os rapazes de classe média. Êstes, aos poucos vão tomando conta dos meios de divulgação e, em conseqüência, impondo seu estilo e seus padrões.

Lamartine Babo foi um dêles. Levava uma série de vantagens sôbre os antigos compositores. Entre elas, o que demonstrava um outro nível intelectual, a profissão de telegrafista. Conta-se que uma vez êle entrou numa repartição do Correio para passar um telegrama. Dois funcionários, parcialmente escondidos atrás de pilhas de papéis velhos, passaram a tamborilar com um lápis em Morse, comentando a feiura de Lamartine. Disse um: "Olha só êsse cara que entrou. Vai ser feio assim na China." Respondeu o outro, batucando o lápis na mesa, enquanto Lamartine permanecia de cabeça baixa, preocupado com o texto do telegrama: "Feio e magro." Lamartine, calmamente, olhou para os dois, e respondeu também em Morse: "Feio, magro e... telegrafista."

Noel Rosa chegou a freqüentar o curso universitário. Mas, antes de completar o segundo ano, abandonava a faculdade: "Prefiro ser um bom sambista a ser um mau médico." Autocrítica não lhe faltava. Seria muito difícil chegar a ser um bom médico, anotando as aulas mais importantes em forma de samba: "Coração,/ Grande órgão propulsor,/ Transformador do sangue/ Venoso em arterial; Coração,/ Não és sentimental,/ Mas, entretano, dizem/ Que és o cofre da paixão." Composto no Café Nice, Noel chamou **Coração** de um **samba anatômico.**

Ari Barroso, outro do grupo, chegou a vereador no Rio. João de Barro, parceiro de Noel em **As Pastorinhas,** precisou, no início, esconder da família de industriais o verdadeiro nome: Carlos Ferreira Braga. E Mário Reis, grande cantor que rivalizava com Chico Alves, ainda hoje mora no Copacabana Palace e todos os dias janta no Country Club, um dos mais sofisticados do Rio. Além da origem social, êsse grupo trazia, em função do nível intelectual, maiores possibilidades de controlar as programações das rádios, como era o caso de Noel, contra-regra de um programa na Rádio Phillips. É claro que suas músicas tinham mais possibilidades que as de Ismael Silva. E foi essa geração que, partindo das experiências de Ismael Silva, adaptando e mantendo-se fiel às motivações mais populares, fixou o samba e a marchinha. O samba comunica o lirismo da época: 1932 — **Mulher de Malandro,** de Heitor dos Prazeres; 1933 — **A Tua Vida é um Segrêdo,** de Lamartine, e **Fita Amarela,** de Noel Rosa; 1934 — **Agora é Cinza** de Alcebíades Barcelos e Armando Morçal; 1935 — **Foi ela** (Quem quebrou meu violão de estimação), de Ari Barroso; até 1944, com **Atire a Primeira Pedra,** de Ataulfo Alves e Mário Lago.

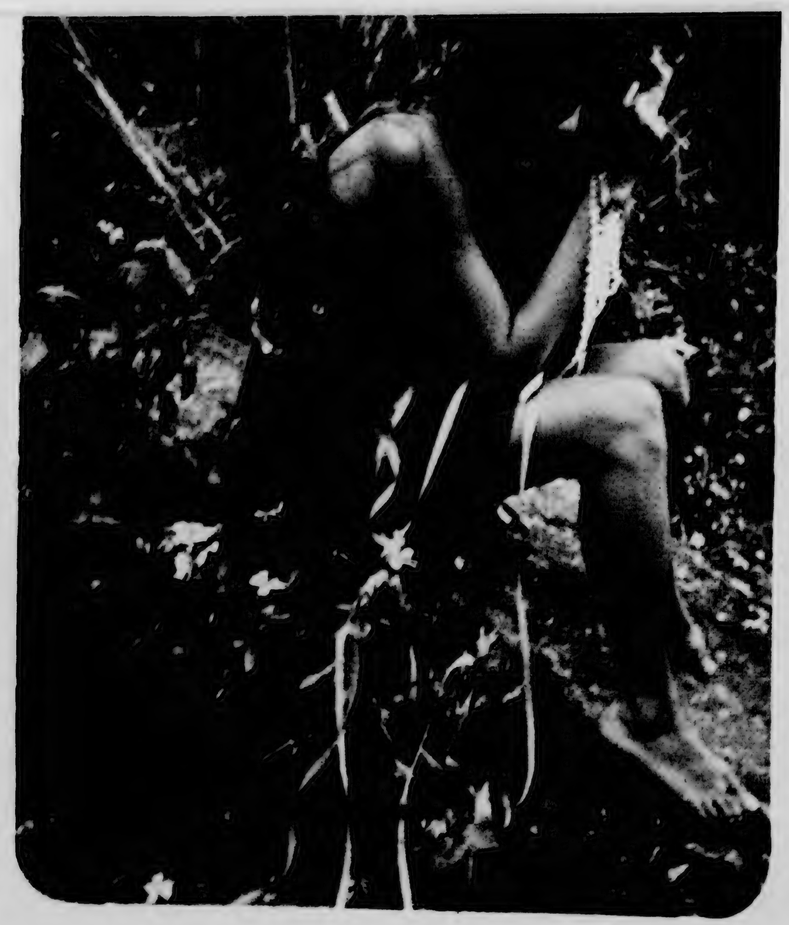
Lamartine Babo foi o mestre das marchinhas. A brincadeira com temas de óperas: **Ridi Palhaço,** de 1934; a lírica: **Com a Letra A Começa o Amor que a Gente Tem,** de 1932, mesmo ano de **Teu Cabelo Não Nega;** a sátira a temas históricos: **Quem Foi que Inventou o Brasil;** o espírito de molecagem carioca: **Aí Hein** (1933) e **A, E, I, O, U,** de parceria com Noel (1932).

O grande sucesso alcançado pelas músicas dessa fase se deve, acima de tudo, à fidelidade aos problemas do dia a dia do povo. Desde a crítica aos políticos — que atinge o auge durante o Estado Nôvo, quando o Departamento de Imprensa e Propaganda censurava a letra das músicas e obrigou Ataulfo a transformar "O Bonde São Januário/ leva mais um otário/ sou eu que vou trabalhar", em "leva mais um operário" — até a descrição das dificuldades de vida, como **O Orvalho Vem Caindo.** Isso sem falar na fidelidade à linguagem popular, de que Noel Rosa talvez seja o maior exemplo. Tôda essa identificação da música com o povo gerou um sucesso que pouco a pouco ia se traduzindo em faturamento para autores e intérpretes.

Nos primeiros anos do após-guerra, o rádio sofre uma invasão de autores improvisados e intérpretes de segundo time, atraídos pelos lucros do carnaval. Inicia-se a fase da **caitituagem,** expressão criada por Araci de Almeida, que identificava no **trabalho** dos compositores, para que suas músicas fizessem sucesso, uma verdadeira **cavação.**

Nesse momento, a música de carnaval se separa da música popular brasileira. Se, até então, era o carnaval a época própria para o lnçamento das melhores composições de Lamartine, Ari e Noel Rosa, a quadrilha que se instalou nas ante-salas das rádios para o contrôle das programações espantou os grandes autores.

SEGUE



"Acabou o nosso carnaval/ Ninguém ouve cantar canções/ ...E no entanto é preciso cantar" (Carlos Lira-Vinícius de Morais) "Carnaval, desengano/ ...Quarta-feira sempre desce o pano" (Chico Buarque). Duas das mais lindas composições que há sôbre o fim da festa não são cantadas nos três dias: Marcha da Quarta-feira de Cinzas e Sonho de um Carnaval.

Hoje, o samba e a marchinha não dizem mais nada

No ano de 1948, Ismael Silva tentou gravar para o carnaval, mas um intérprete pediu muito dinheiro para cantar sua música. Lamartine só voltou, sem muito sucesso, em 1958, com a marcha-rancho **Os Rouxinóis.** Essa marcha foi feita de encomenda para um rancho da Ilha de Paquetá.

Poucos, como João de Barro, resolveram continuar na luta carnavalesca; até hoje, já velhinho, êle é visto cutucando as costas dos maestros dos grandes bailes para que toquem suas músicas.

Era também a época da propina aos programadores das rádios, das compras de parceria em troca de **trabalhar** as músicas, associação de compositores com bicheiros que monopolizavam cadeias de alto-falantes nos subúrbios (um dêles chegou a comprar todo o acervo de Orestes Barbosa — autor de **Chão de Estrêlas** — por dez mil cruzeiros). Os cantores e compositores mais pobres eram obrigados a trabalhar de graça para divulgar suas músicas. Zé da Zilda, tmbém conhecido como **Zé com Fome,** chegou a dizer: "Já gastei quatro pares de botinas de tanto correr as rádios, mas o **Saca-Rôlhas** ("As águas vão rolar/ garrafa cheia eu não quero ver sobrar") vai pegar."

Com o aparecimento da televisão a coisa fica mais complicada. A produção aumenta: em 1930, foram editadas 130 músicas carnavalescas; em 1956, 500; 1961, 700, e atualmente, cêrca de mil. A superprodução artística gera a decadência e uma valorização da **caitituagem:** os mais revoltados dizem que se gastam seis milhões para se promover uma música e ainda quatro mil cruzeiros por vez que ela é executada.

Hoje se tem pressa

Esta necessidade de **trabalhar** as músicas para que atinjam sucesso não só afastou os melhores compositores, mas refletiu na sua própria criação. As músicas têm letras cada vez menores e mais simples, para que as rádios e televisões possam tocar (e faturar) mais e para que sejam mais ràpidamente digeridas pelo público. E um dos recursos é recorrer às onomatopéias. Essa fase de simplificação começou pràticamente com o **General da Banda,** em 1949, cantado por Blecaute: "Chegou o general da banda/ ê... ê/ Chegou o general da banda/ ê... a." Evolui (ou involui) para **Na China,** de 1953, que tem uma segunda parte não inteligível: "Tem nome de China/ Gozado prá chuchu/ É goma na jaca/ É cata caju/ É fura casaca/ É jaca naú/." E, passando-se para a era em que a televisão se intromete no carnaval, surge com Moacir Franco, em 1960, "Ei, você aí/ Me dá um dinheiro aí/ Me dá um dinheiro aí."

A música de carnaval, hoje, deixa de unificar a cidade, desapareceram as letras integradoras que permitiam um diálogo entre os foliões. É quando os sambas e marchinhas deixam de significar alguma coisa.

Um exemplo disso é a música que um dos candidatos mais ousados ao carnaval dêste ano apresentou. Ela tem esta letra: "Meu pai é um chato/ Minha mãe é uma chata/ Meu irmão é um chato/ Minha irmã é uma chata/ Êta vida chata".

FIM

hevea

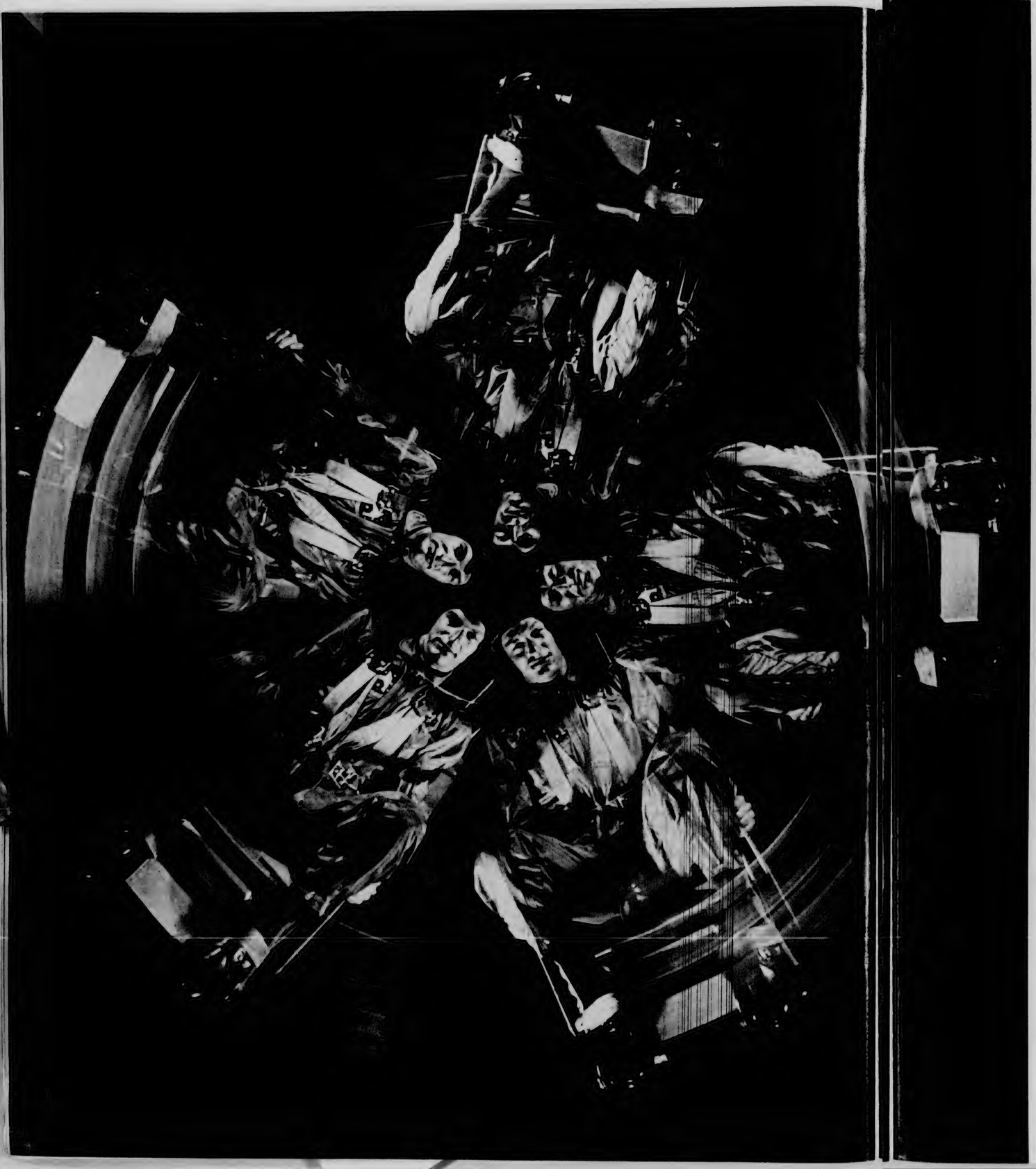
O pessoal da Hevea vai resolver todos os problemas de sua casa.
(Perdão... quase todos)

Pelo menos eles garantem
que V. terá uma casa muito
mais organizada.
Por exemplo:
onde V. guarda suas
garrafas de bebidas?
E os remedios que ficam
espalhados pelo banheiro?
Uma cesta de roupa de bom
aspecto até que iria bem.

Enfim são pequenos objetos
criados para resolver
grandes poblemas.
É a linha de utilidades
domésticas fabricada
pela Hevea.
Mas êles não param aí...
Mensalmente V. terá
novidades Hevea
para uma casa melhor!

plásticos
hevea s.a.
r. Bixira, 234
tel. 93-8108
São Paulo - SP
av. Polonia, 160
Pôrto Alegre - RGS

delta



Quando um astronauta parte para o cosmos, dentro de uma cápsula impulsionada por um foguete, a maioria dos perigos que êle enfrentaria já foi eliminada graças aos testes por que passaram centenas de voluntários: ausência de pêso, aceleração, câmaras de barulho, câmaras de silêncio - meses e meses de tortura.

VOCÊ AGÜENTARIA?

Fotos de John Zimmerman

Zero! A contagem inversa termina e o foguete é disparado para colocar em órbita um satélite tripulado. Nesse instante, dentro da cápsula, um homem sofre experiência comparável à de um peixe jogado fora da água. O esfôrço físico e psicológico que experimenta é terrível: em alguns segundos seu organismo deverá suportar uma variação de velocidade que o levará de zero a quase 28.000 quilômetros por hora, depois sofrerá a falta de pêso, a solidão e o silêncio cósmico, e se manterá à custa de estranhos alimentos, inevitáveis **lá fora.**

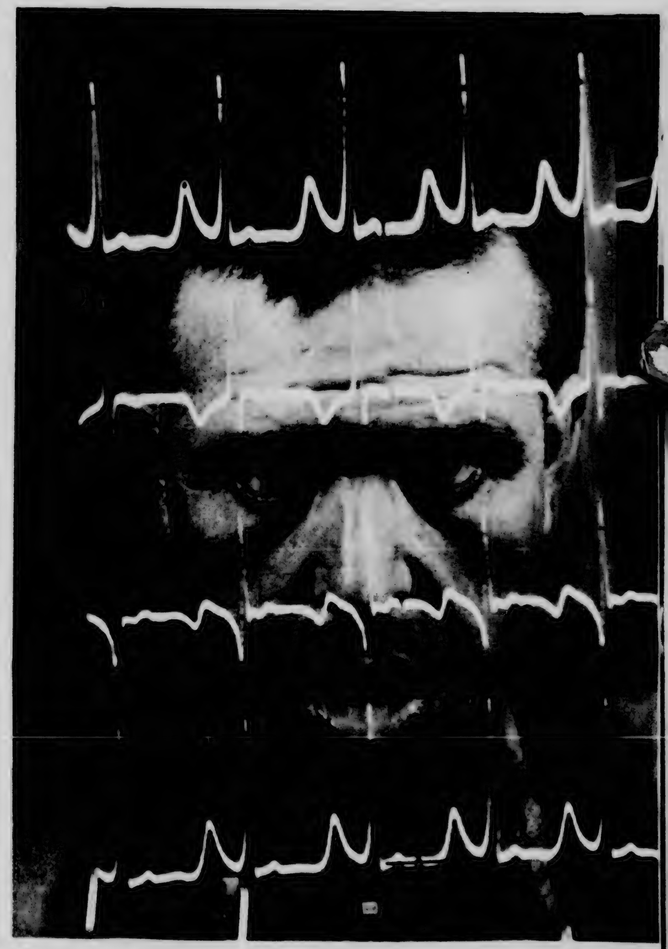
A primeira geração de astronautas já superou provas difíceis para adaptar-se a condições não-humanas de vida no espaço. E, mais tarde, para visitar outros planêtas, muito terá ainda que adaptar-se. Mas cada etapa e cada conquista sempre oferecem novos obstáculos e perigos: só poderemos viajar pelo cosmos profundo depois que aprendermos a evitar os mortíferos cintos radiativos que circundam a Terra, a proteger-nos das radiações e a fugir das tempestades solares — que poderão ser as grandes preocupações do navegante de amanhã. Além disso, é preciso que o homem se acostume a viver durante anos dentro de uma astronave.

Na infância da era espacial, em que hoje nos encontramos, o homem teve de adaptar-se com muita rapidez e riscos enormes. De um lado, foi preciso construir máquinas incríveis para poder andar no espaço; de outro, foi necessário estudar, **projetar** e condicionar estas não menos incríveis máquinas que são os astronautas.

Para deixar a Terra, viajar no vazio e, mais tarde, visitar outros mundos, o homem empregou — e continuará empregando cada vez mais — todos os seus conhecimentos técnicos e científicos, da biologia à medicina, da psicologia à química, mecânica, matemática, eletrônica, metalurgia, e — naturalmente — física.

Quando parte um foguete, o maior esfôrço físico do astronauta é suportar a aceleração que o leva de zero a quase 28.000 quilômetros por hora.

SEGUE



Testes da era espacial: dar 40 voltas por minuto na cadeira rotativa e ser submetido a uma aceleração igual a 7 vêzes a fôrça da gravidade (à esquerda). E, acima, o eletrocardiograma.

Os astronautas sofrem violentos choques mecânicos nas primeira e última fases do vôo. Para prepará-los e para conhecer até que ponto êles podem resistir, foram construídas máquinas que reproduzem as condições reais do vôo espacial. Acima, uma prova de pilotagem e resistência a rápidas rotações, num pequeno aparelho que imita o comportamento da astronave. À direita, em cima, uma prova de freada brusca. Embaixo, o homem sôbre a plataforma sofre fortíssimas acelerações verticais, de pequena amplitude. Poucos candidatos a astronauta passam por êstes severos exames.

Estas provas dizem até que ponto o homem resiste

Essa é a velocidade necessária à manutenção de uma órbita terrestre de equilíbrio, nas distâncias até agora alcançadas pelas naves. Esta rota quase circular só é possível porque a atração da Terra — que puxa a cápsula **para baixo** — é igual à fôrça centrífuga determinada pela velocidade do veículo em tôrno da Terra.

Não é a velocidade em si que prejudica: qualquer um de nós poderia viajar a 10 ou a 1.000 quilômetros por hora sem se impressionar (a própria Terra anda no espaço a 30 quilômetros por segundo). A dificuldade está nas variações de velocidade, que podem ser positivas (aceleração na decolagem) ou negativas (freada na volta à atmosfera terrestre). Positiva ou negativa, a variação de velocidade produz efeitos idênticos no organismo. Na astronáutica, foi necessário antes pesquisar êsses efeitos, e depois reproduzi-los artificialmente para treinar as futuras tripulações de satélites. Graças a estas experiências, os problemas da variação de velocidade estão sendo resolvidos e não está longe o dia em que qualquer pessoa possa fazer uma viagem à Lua ou um vôo balístico em tôrno da Terra como se entrasse num simples avião. Nessa época o homem já terá construído motores potentíssimos, com reservas pràticamente ilimitadas de propelente que permitirão efetuar enormes variações de velocidade gradualmente. Para compreender como isto é importante, basta lembrar que ninguém se sente mal quando acelera seu automóvel de zero a 100 quilômetros por hora em meio minuto, ou quando freia suavemente. Mas basta reduzir o tempo em que executa estas manobras para ter uma pequena idéia do que seria a variação de velocidade de um foguete partindo, ou chegando.

Quando uma astronave alcança a velocidade necessária para entrar em órbita, acontece o fenômeno mais característico e perturbador da fabulosa era iniciada há apenas cinco anos: a fôrça de gravidade e a fôrça centrífuga se anulam, porque são duas fôrças iguais que se dirigem em sentidos opostos. **Gravidade zero**: esta expressão, que milhões de pessoas usam com freqüência e familiaridade, significa uma quantidade de coisas e conseqüentes efeitos que apenas umas três dezenas de sêres humanos — entre os quais uma única mulher, a soviética Valentina — puderam conhecer. SEGUE

Tortura: do barulho infernal ao silêncio absoluto

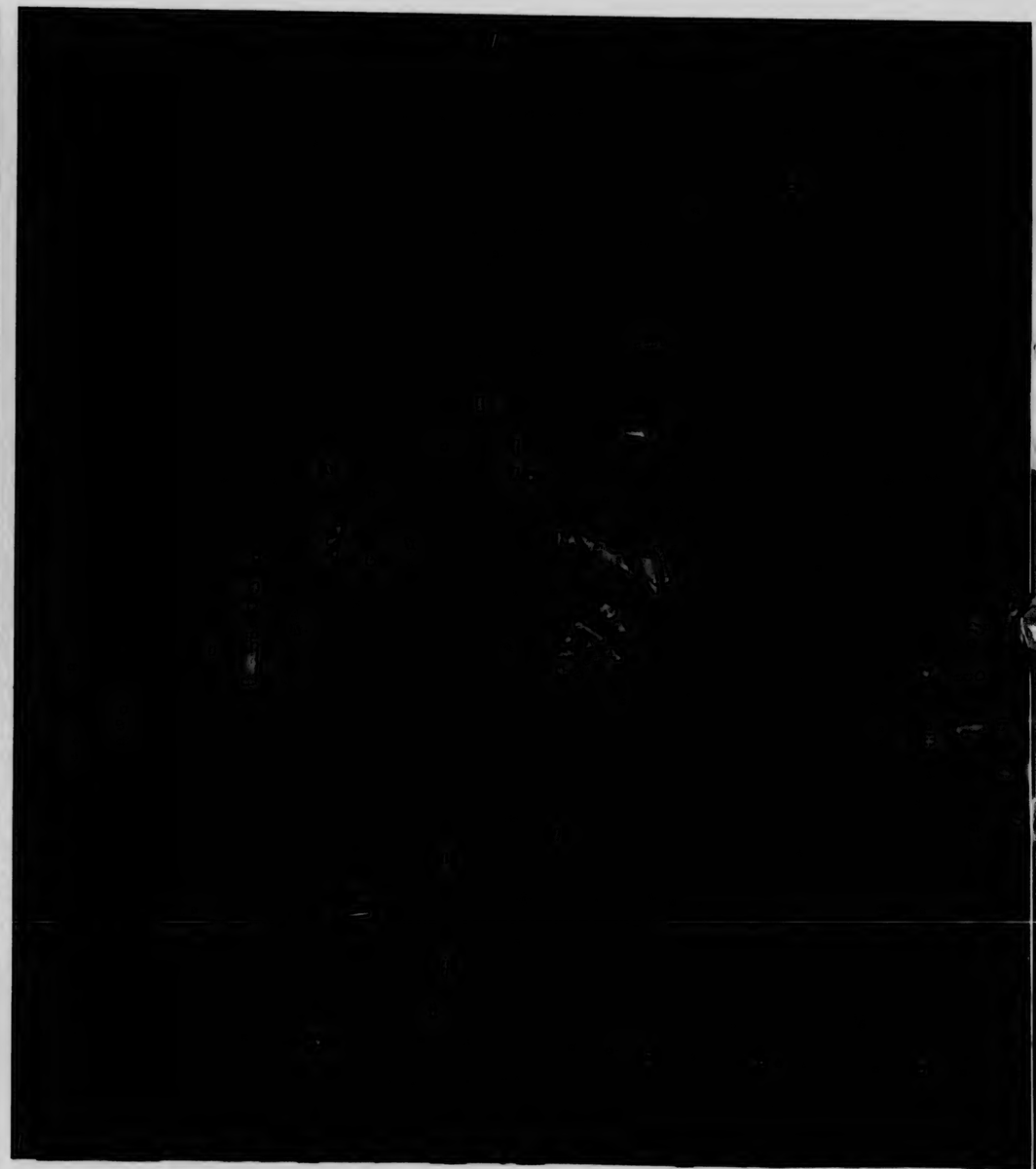
Em condições de **gravidade zero,** tôda matéria perde seu pêso, pois êste é determinado exclusivamente pela fôrça de gravidade.

Nascemos e vivemos através dos tempos **amarrados** à gravidade. Depois de milhões de gerações, chegamos a ser o que somos, também em razão da gravidade — fôrça universal responsável pela harmonia cósmica. A Terra nos atrai e nós atraímos a Terra: mas ela é muito maior que nosso corpo, e somos nós que ficamos atados ao planêta e temos **pêso.** Por isso, nosso esqueleto sustenta a construção do corpo; por isso, temos esta forma de pés; por isso a circulação é organizada de modo a fazer com que o sangue suba e desça; por isso nos cansamos quando mantemos os braços levantados; por isso precisamos deitar-nos algumas horas, para descarregar o pêso em superfícies mais amplas do corpo. Enfim, é em função da gravidade que nosso organismo é o que é, e não temos a forma de uma medusa, por exemplo, que não precisa de esqueleto, que vive quase sem pêso na água, mas que fora dela morre porque a gravidade a esmaga.

Viajando em tôrno da Terra, ou em qualquer caminho espacial, o astronauta não tem mais pêso, portanto, e sua sensação é difícil de descrever: a perturbante e suprema prova, no campo da percepção, de **existir** realmente fora da Terra.

Foram os astronautas norte-americanos Grissom e Young que experimentaram maior tempo sem pêso: duas semanas. O recorde foi estabelecido em março de 1965. E o fato de terem vivido duas semanas sem pêso, e sem conseqüências negativas, significa que o homem pode suportar muito mais — porém não se sabe quanto. Tudo pode ser imitado nos simuladores de vôo construídos na Terra, menos a **gravidade zero,** de modo que a experiência só poderá ser repetida nos laboratórios orbitais — nos satélites — que serão lançados pròximamente. Até agora sabe-se que na ausência de pêso o coração humano trabalha com facilidade até excessiva (porque foi projetado para um esfôrço bem maior); os músculos não precisam fazer fôrça; os ossos correm o risco de se descalcificarem; o sistema nervoso sofre bastante, já que o corpo que êle governa flutua, sem resistência a ser vencida, sem rumo. SEGUE

Os programas espaciais dedicam muito tempo a treinamentos para habituar os pilotos às imprevistas variações de posição que suas astronaves poderão sofrer e às rápidas rotações que provocarão uma espécie de gravidade artificial — e que podem ser perigosas, como ficou provado no programa da Gemini. Os pilotos precisam também suportar intensas vibrações sonoras produzidas pelos motores na fase da decolagem, que se juntam às vibrações mecânicas do foguete quando se levanta. Do barulho extremo, porém, passa-se ao extremo silêncio: fora da atmosfera, não se ouvem sons, pois não há ar. O silêncio cósmico é absoluto e não existe na Terra. Os astronautas apenas ouvem as ordens pelo rádio porque dentro da cápsula e de seus capacetes há uma atmosfera artificial. Para reproduzir estas condições existem câmaras de tortura como as que se vêem abaixo. À esquerda, o astronauta enfrenta o barulho e as vibrações semelhantes aos de um foguete na hora do lançamento. À direita, o silêncio quase absoluto, em que o homem testa severamente seu equilíbrio nervoso.



Antes de flutuar no espaço vazio, experimentando pela primeira vez a perturbadora e indescritível sensação de existir fora da Terra, os astronautas norte-americanos e soviéticos tiveram de passar por testes de laboratório que imitassem as condições de gravidade zero. *Um homem que fique submerso num tanque cheio de água durante várias horas, comunicando-se com o exterior através de tubos para respiração e contrôle, dá aos cientistas uma idéia dos efeitos produzidos pela ausência de pêso. Outra experiência é mostrada na foto ao lado: dentro de um avião veloz, em certas condições, é possível anular a fôrça de gravidade, embora por alguns instantes. Mas sair da astronave em pleno espaço será experiência mais bem estudada nos laboratórios que o homem brevemente colocará em órbita. Na outra página, a dramática demonstração de como o sangue de um astronauta "explodiria", se êle não se protegesse com a vestimenta pressurizada. O líquido contido no vasilhame não está protegido do vácuo, obtido artificialmente na cabina, e evapora.*

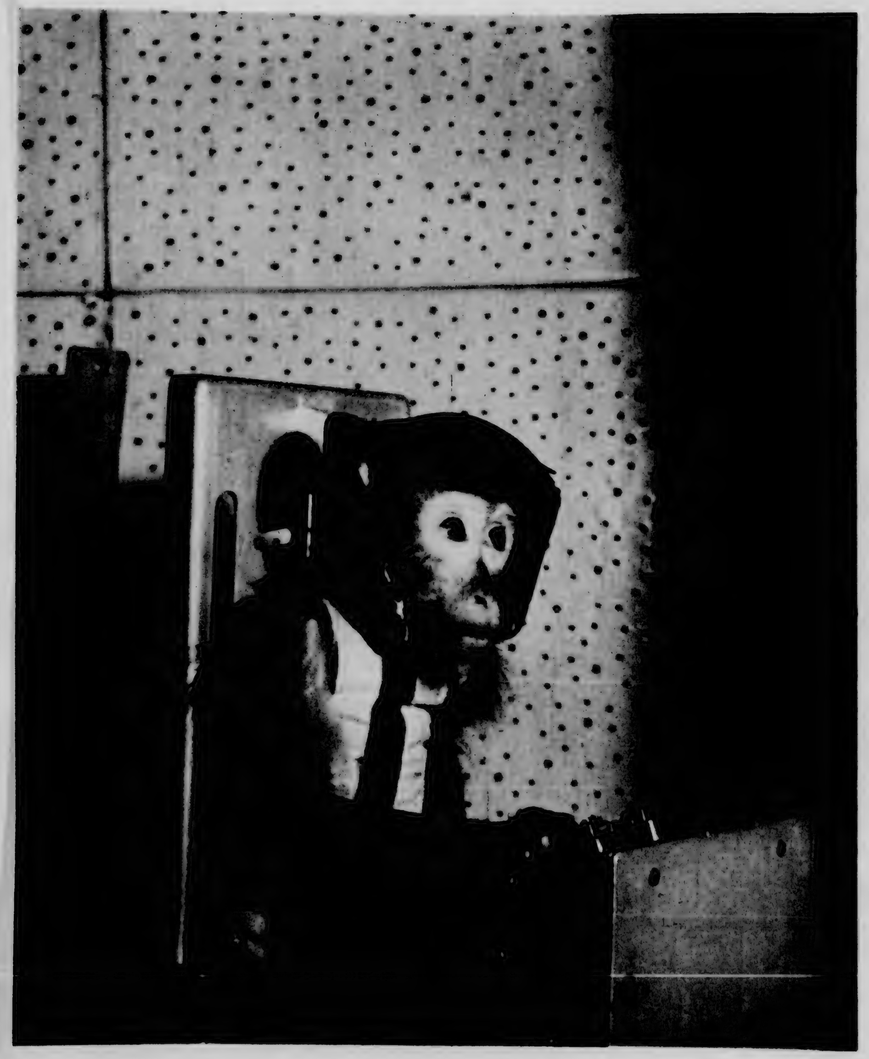
Se a roupa pressurizada falhar o sangue "explode"

A grande confusão que a **gravidade zero** provoca em nosso sistema nervoso, é determinada principalmente por um **aparelhinho** que temos no ouvido interno: o aparelho otólico. Trata-se de um par de corpos semi-esféricos, cheios de líquido, no interior do qual estão uns grãozinhos calcáreos (os otólitos). Por causa da gravidade, os grãzinhos ficam no fundo **inferior** das esferas, qualquer que seja a posição de nossa cabeça. Portanto, pressionando sempre uma parte da membrana que forma o aparelho otólico, os grãozinhos **informam** aos centros nervosos em que posição está o corpo, ou a cabeça. Na ausência da gravidade, o aparelho otólico não funciona e o sistema nervoso central não recebe mais as constantes mensagens que costuma receber. O cérebro não **sabe** mais onde está o alto e o baixo. Aparecem vertigens e o astronauta sente uma grande confusão de sentidos. Recorre-se então aos instrumentos, calculadores, pontos de referência visíveis (sempre duvidosos), muito treino e qualidades humanas fora do comum.

Para resolver êste problema preocupante, os homens de ciência acreditam que a solução seria dar às futuras astronaves um movimento de rotação bem estudado, que criasse uma espécie de gravidade artificial e limitasse ou eliminasse as perturbações físicas e psíquicas causadas pela prolongada ausência de pêso. Isto porque serão necessários meses, anos, para explorar o nosso sistema solar, além do qual não se conseguirá ir tão cedo. Ou pelo menos enquanto não se demonstrar que é possível a um corpo mover-se mais rápido que a luz, cuja velocidade é de 300 mil quilômetros por segundo. Alfa Centauri, a estrêla mais próxima de nós, encontra-se a 4,3 anos-luz. Ou seja, para chegar a ela, é necessário viajar 4,3 anos a 300 mil quilômetros por segundo. Num raio de 15 anos-luz existem apenas 40 outras estrêlas. Mesmo triplicando a velocidade dos satélites atuais, seriam necessárias dezenas de milhares de anos para uma só viagem de ida a essas áreas mais próximas de nosso sistema solar.

Outro grande inimigo da exploração espacial, e talvez o maior obstáculo encontrado até agora, são as radiações cósmicas, emanadas pelo Sol e outras estrêlas. A própria Terra está contìnuamente submetida ao bombardeio dos raios cósmicos. SEGUE

Macaco também serve para testar reflexos no espaço



Na frente do macaco está um painel com oito botões. Assim que uma luz se acende na cabina, êle deve pressionar um único botão, que aciona um distribuidor de confeitos. Em terra firme, êle ganha três confeitos por minuto. Quando estiver no espaço, reagirá ao sinal com a mesma rapidez e precisão? Esta experiência, para verificar se o espaço perturba os reflexos, será realizada pela França nos próximos dois meses. Os macacos astronautas já estão encerrando seus treinamentos, que também incluem outros exercícios, como os de ausência de pêso, aceleração e rotações.

Podemos comparar êsses raios a minúsculos projéteis capazes de atravessar qualquer barreira que não tenha sido construída especialmente para detê-los. Nossa atmosfera, porém, age como um filtro que enfraquece a energia dos **projéteis** e faz com que cheguem até nós, a cada instante, radiações cósmicas de baixa potência, inofensivas.

Para complicar as coisas, no entanto, descobriu-se recentemente que a Terra é circundada por duas espécies de rôscas (os cintos de Van Allen), em que as radiações ficam prêsas pela ação do campo magnético terrestre. Essas áreas são bastante perigosas para quem quiser atravessar. Os **cintos** estão abertos onde correspondem aos pólos da Terra, mas mesmo nestas vias obrigatórias de saída, para quem quer se afastar mais de 3.000 quilômetros (isto é, além da mais próxima faixa de Van Allen), as radiações têm uma intensidade 30 vêzes maior que ao nível do mar. Além disso, se o viajante do espaço enfrentar uma tempestade solar, ou seja, durante alguma das freqüentes erupções da estrêla de nosso sistema, a radiatividade poderia subir bruscamente a níveis perigosos e, talvez, mortais. Atualmente, é possível prever uma dessas tempestades 24 horas antes, o que sem dúvida é útil — mas não resolve tudo: ainda há o problema de como se proteger contra as radiações.

Viver no espaço apresenta uma infinidade de outros problemas, já conhecidos, mas cujas soluções não podem ser aprovadas antes que se realizem tentativas e experiências durante muito tempo. Pode-se começar por esta questão, aparentemente simples: como obter uma regulagem térmica perfeita, não tanto das cabinas (que já é boa), mas das roupas dos astronautas, que nas últimas experiências norte-americanas apresentaram imperfeições. Depois, há os problemas da regeneração do oxigênio que os navegantes devem levar, da água, dos alimentos. Embora possa parecer desagradável, os astronautas deverão tornar a utilizar a mesma água que consumiram e que eliminaram sob forma de urina, expiração ou suor. É claro que a química já proporciona meios de assegurar a êstes líquidos regenerados uma pureza maior que a que se obtém em qualquer torneira terrestre. Mas mesmo que esta pureza não fôsse total, a solução não poderia ser outra. Do contrário, em qualquer viagenzinha espacial de um ano, quatro pessoas precisariam levar dez toneladas de oxigênio, água e alimentos.

FIM

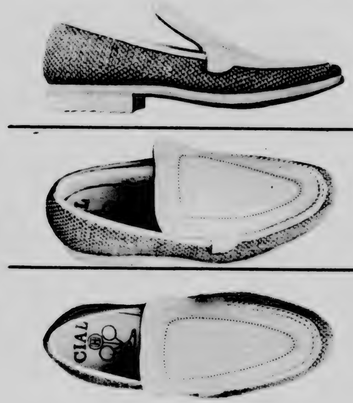
V. estava esperando um calçado de verão...

para usar no clube...

na praia...

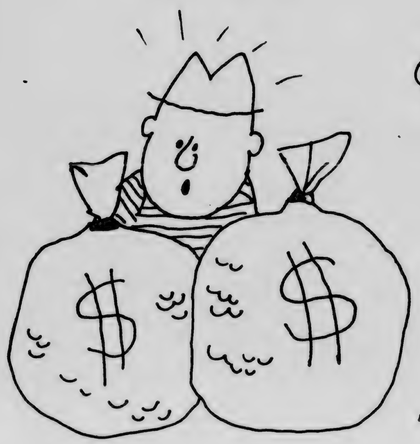
nos passeios com a família...

por isso criamos CIAL-LINHO



o único calçado refrigerado a ar.

nós apostamos:



V. não encontrará um calçado mais leve.

CIAL-LINHO

delta

HERCULES S. A.
r. Honório Maia, 447
Fone: 9-0516 - São Paulo

Tomar banho vestido, é demais, todavia... quando se veste um terno com a "QUALIDADE SCURACCHIO", qualquer exagêro é permitido. Além disso nosso Tergal autoriza você lavar seu terno em sua própria casa. Comprove a qualidade perguntando a seu alfaiate. Veja, se Tergal já é bom, imagine TERGAL SCURACCHIO.

TERGAL (MR)

Scuracchio

SOMOS

A Igreja se renova

Há pouco mais de um ano, terminava em Roma o Concílio Ecumênico. E para os católicos começava uma nova era de inovações, tôdas no sentido proposto por João XXIII: tornar a Igreja ainda mais presente no mundo e colocá-la em dia com o nosso século.

Estamos na Holanda, ao redor de uma longa mesa em forma de ferradura, 60 estudantes, de 16 a 18 anos, tomam seus lugares. Talheres e pratos estão preparados. Mas não é uma refeição comum que vai ser servida.

Entre os jovens está um padre paramentado. Sùbitamente todos fazem silêncio: a missa começou. Não uma missa como as outras, pois essa é uma missa celebrada "à mesa".

Chega o grande momento. Cada um dos presentes pega um pedaço do pão que o padre acaba de consagrar e se dá, a si mesmo, a comunhão. As últimas orações concluídas, uma refeição é posta na mesa, em meio à confusão de vozes que começa de repente.

Em outra cidade holandesa, numa pequena sala de paredes caiadas, cinco homens estão reunidos. Diante de uma mesa coberta por uma toalha escura, um homem vestindo um terno simples lê a meia voz uma epístola de São Paulo. Sôbre a mesa, um crucifixo, um cálice cheio de vinho e pão.

O padre se levanta. A emoção é intensa. Sôbre o pão e sôbre o vinho êle pronuncia as palavras de Cristo: "Êste é meu corpo... Êste é meu sangue... Fazei isso em memória de mim." Cada um, então, parte um pedaço do pão com suas próprias mãos.

Ainda na Holanda, numa igreja paroquial, 800 fiéis estão reunidos. Êles chegaram adiantados meia hora mais ou menos, pois todos queriam conseguir um lugar. Se bem que seja um domingo comum, 60 jovens vão cantar uma missa rítmica, acompanhados de uma orquestra composta de três guitarras, um banjo, um contrabaixo, bateria e órgão. O padre no altar e os fiéis na nave da igreja cantam em côro, dirigidos por um rapaz de 23 anos, com o rosto iluminado.

"Nós queremos fazer da missa uma festa para todos" — declara o pároco da igreja.

E àqueles que, com nostalgia, têm saudades do canto gregoriano diz um jesuíta holandês: "Por que não o jazz? A Igreja não teve sempre uma música adaptada ao tempo em que se vive?"

Inicia-se um canto fortemente ritmado. É a hora da comunhão. Grande parte dos presentes dirige-se para o altar. Aqui também, a Igreja católica da Holanda se renova. O padre não coloca a hóstia consagrada sôbre a língua dos fiéis e sim a entrega nas mãos de cada um, que a si próprio dá a comunhão. "Nossa comunhão — dizem depois os jovens holandeses — é mais humana, mais simples."

Tôdas essas cenas são comuns na Holanda, podendo-se assisti-las por tôda parte. Neste país, onde os católicos representam apenas 40% da população, a renovação litúrgica é o assunto do dia. Mas não é a única grande transformação em curso.

Os teólogos holandeses discutem tudo, desde o pecado original até a presença real de Jesus Cristo na Eucaristia. Êles não põem os dogmas em dúvida: querem simplesmente explicá-los numa língua acessível aos homens do século 20. E, demonstrando que o público é receptivo, a massa dos fiéis acompanha as novas experiências de perto — e com grande entusiasmo. Também os sacramentos são postos em causa, adaptados aos novos tempos. No caso da confissão, por exemplo, está se realizando,em algumas igrejas e em certos dias,uma série de experiências com verdadeiras confissões públicas.

Outra inovação: tôda a igreja católica holandesa está reunida em concílio nacional. Os métodos adotados são os mais democráticos possíveis: todos os católicos — padres e leigos, homens e mulheres, e até protestantes e ateus — são consultados sôbre todos os assuntos.

Paulo VI: "É preciso avançar com prudência"

No que resultará êsse pequeno concílio? É cedo para se saber, pois as reuniões, que começaram em fins de novembro último, irão se repetir até maio próximo. Mas já é extraordinário observar-se que, pela primeira vez, todo um povo, e não sòmente seu clero, se põe em marcha buscando fortalecer a sua Igreja.

Não é apenas na turbulenta Holanda que novas idéias e ações estão surgindo entre os católicos. Na França, cêrca de 50 padres estão trabalhando nas fábricas, como operários. Na Espanha, depois do Concílio convocado pelo Vaticano, um poderoso movimento católico de opinião pública leva o govêrno franquista a tomar medidas de democratização do regime. Na América do Sul, em diferentes países, padres e leigos unidos vêm tomando posição de combate às condições de pauperismo reinantes em diferentes áreas do continente. Nos Estados Unidos, ao contrário, bispos e padres parecem presos, ainda, aos aspectos formais da religião, não participando, por exemplo, das campanhas pela igualdade racial entre brancos e negros.

Mas por quase tôda parte os católicos debatem as grandes questões de nossos dias. E os leigos reivindicam um maior lugar ao sol, como lhes foi prometido no Concílio, enquanto os padres se interrogam sôbre seu trabalho e seu papel dentro da Igreja.

Um movimento semelhante acontece entre os protestantes. É certo que os "irmãos separados" — católicos e protestantes — não estão ainda reconciliados. Mas êles deixaram de perder tempo se batendo uns contra os outros. E mesmo as questões que os dividiram há 400 anos — A Bíblia, a língua vulgar, a liturgia, os leigos — servem hoje para reaproximá-los. "Nesses assuntos — diz um pastor anglicano — nós avançamos lado a lado e cada um recebe ensinamentos da parte do outro". Ao que um cardeal, já no início do Concílio, acrescentava profèticamente: "A era da Contra-Reforma está terminada".

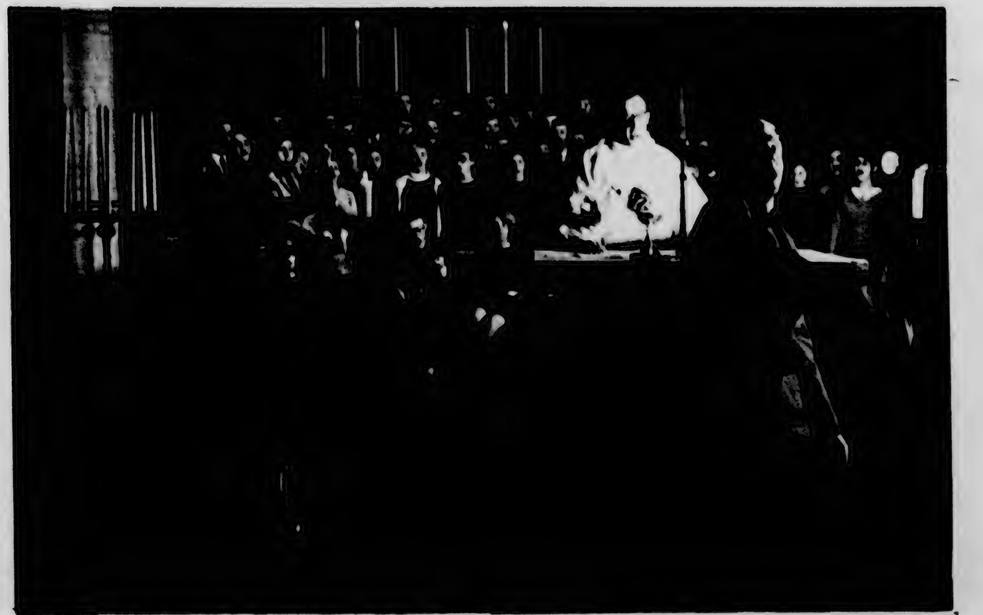
Um bispo anglicano, John Robinson, acaba de publicar um livro polêmico, "A Nova Reforma". Nêle, o prelado inglês afirma que a crise por que passa o cristianismo ainda não atingiu o seu ponto máximo. Convencido de que as transformações em curso são necessárias, Robinson procura compreendê-las. Aos seus olhos, a reforma protestante do século 16 não deu os resultados esperados. Lutero, Calvino e os outros líderes protestantes queriam renovar a Igreja. E êles não obtiveram mais que igrejas divididas. Assim, hoje, católicos e protestantes sentem a necessidade de uma nova reforma. Mas desta vez êles querem fazê-la juntos.

Que pensa Roma de tanta efervescência? Ao que tudo indica, o Vaticano está acompanhando as novas experiências com grande interêsse. Segundo a agência noticiosa católica holandesa, por exemplo, uma delegação vaticana visitou a Holanda em dezembro e ficou "entusiasmada" com os "bons resultados da renovação litúrgica" naquele país. A delegação era constituída pelo vigário-geral do Papa, pelo secretário do Conselho Para a Reforma Litúrgica, e por um representante da Congregação dos Ritos.

Mas, como não podia deixar de ser, a palavra final da Igreja é de moderação e cuidado. Pois nem tôdas as novas experiências se enquadram dentro do espírito renovador do Concílio. E, como declarou o Papa Paulo VI recentemente, "é preciso avançar com calma e prudência, pois há princípios eternos que ninguém pode mudar".

Igreja sempre teve a música de seu tempo

Os fiéis já não são mais simples espectadores. Os jovens que cada domingo enchem a Igreja de Santo Anthonius, no subúrbio de Nimegue, dizem: "Agora, a missa é um transbordamento de alegria, uma verdadeira festa para nós." Os holandeses chamam-na de "beat-messe" (missa ritmada). A orquestra se compõe de um banjo, três guitarras, um contrabaixo, uma bateria, um órgão e um côro de sessenta jovens de 17 a 25 anos, regida por um professor primário de 23 anos.



Missa cantada em neerlandês. Os músicos são quase todos estudantes. Na bateria: um pintor de paredes.

Na Holanda, os adultos também aderiram à "beat-messe". Êles gostam das cantigas em música de jazz.

Texto de Robert Serrou e fotos de Charles Courrière, do "Paris-Match".

Então o padre consagra pão e vinho

Numa casinha em território flamengo, num quarto de paredes caiadas, sem adornos, seis moços encontram-se reunidos em redor de uma mesa recoberta com uma fazenda de lã cinzenta. Juntos, na mais extrema simplicidade, êles celebram a eucaristia e cantam em neerlandês. O padre lê uma epístola de São Paulo e uma passagem do Evangelho. É uma verdadeira liturgia que se está desenvolvendo. A seguir, depois de uma curta, mas profunda meditação, num silêncio total, o padre consagra o pão e o vinho. E assim, num intenso recolhimento, cada um dêles comunga, compenetrado.

Nada de estátuas nem adornos. O padre veste um simples terno.

Não há pompa alguma.

Instante solene da comunnao em conjunto: o padre consagra o vinho num cálice simples, sem enfeites, que a seguir passa de mão em mão.

Atmosfera de fe pura.

Nas catacumbas de Priscilla, em Roma, os padres, vindos do mundo inteiro, renovam o gesto antigo da consagraçao.

Todos estão no mesmo movimento: paz

Cristãos na vanguarda do ecumenismo. Cada sexta-feira à noite, numa cidadezinha da Holanda, católicos e protestantes participam de uma experiência revolucionária: reunem-se numa ceia eucarística. Todos pertencem ao movimento "Shalom", da palavra hebraica que significa paz. Este movimento conta com mais de 6.000 adeptos. E, para os que se preocupam com o que consideram inovações excessivamente radicais, êsses revolucionários da fé dizem: "Estamos fazendo o que Cristo fêz na última Ceia."

Sexta-feira à noite: 20 estudantes foram convidados para uma ceia eucarística. O padre consagrou o pão ázimo e cada um se servirá

O pão de cada dia e o copo de vinho são a hóstia e o cálice.

no maior e mais profundo recolhimento. O vinho também é consagrado numa garrafa comum, e no decorrer da ceia êle será bebido com fé.

Chegou o momento da consagração: mãos juntas em cima da cabeça, os fiéis fazem o gesto da adoração

Não é folclore; é um dos lados da fé

Ao som do tantã, numa dança muito ritmada, um grupo de africanos expressa sua fé. Um missionário do norte do Camerum pôs tôda a riqueza das tradições negras ao serviço do cristianismo. Na missão de Djunglya, de acôrdo com o seu bispo, êle inaugurou a missa bailada em tôrno do altar enquanto o ofício é celebrado ao ar livre. "Não se trata de folclore visando a um pitoresco fácil — diz o padre. Só nos importa uma coisa: fazer nossos fiéis rezarem com os meios que Deus lhes deu."

Com a grande dança do Sanctus *marcando um dos pontos culminantes da missa, a alegria estoura na multidão.*

mas de algum modo a Pfizer contribui para seu bem-estar.

Aliás, não haveria mesmo razão para você saber os nomes de nossos produtos farmacêuticos. Sendo todos de venda sob prescrição médica, basta você confiar, como sempre confiou, na receita de seu médico. Ele os conhece.
O fazendeiro também conhece a Pfizer. Ela participa da sua vida de todos os dias, através dos seus produtos veterinários e de proteção à colheita.

E até na sua segurança noturna nas estradas, há a presença da Pfizer: na maioria dos carros nacionais, por exemplo, as lanternas traseiras são fabricadas com plásticos da Pfizer.

P. S. Sua esposa com toda a certeza conhece os nomes de muitos dos nossos produtos...
São os produtos da nossa nova divisão - Coty

Pfizer

Tôdas aquelas qualidades que V. já conhece

© VOLKSWAGEN DO BRASIL S A

mais isto.

Quando v. olhar o Sedan Volkswagen 1.300 pela primeira vez, vai ter a impressão de que já o conhece de algum lugar.

E v. tem razão.

Êle é aquêle VW de sempre, que se vê em tôda parte.

Com tudo aquilo que o tornou famoso.

Mas entre num dos novos VW, e dê uma volta.

V. vai sentir como tem tudo aquilo... e mais alguma coisa: o motor tem mais grrrrrrrrr.

São 10 HP a mais, pois o motor que tinha 36 HP, agora tem 46.

E v. vai senti-los, no instante em que pisar no acelerador: a resposta do motor é imediata.

E também vai senti-los ao subir uma ladeira.

Ou quando trocar as marchas.

Cada uma delas agora tem mais fôrça.

Assim v. troca menos vêzes de uma para outra.

Além dêsse aperfeiçoamento que nós colocamos lá atrás, o 1.300 tem outros, que nós colocamos em diversos lugares.

As novas e funcionais palhetas do limpador de para-brisas, que param do lado esquerdo, aumentando a visibilidade.

Comutador de luzes alta e baixa, na alavanca do pisca-pisca, com tecla para sinalização de luz alta, nas ultrapassagens ou cruzamentos.

Os estofamentos e as laterais em novas côres, em plástico e com faixa central porosa.

E vários outros.

Mas para saber se o Volkswagen do seu vizinho já é um 1.300, basta reparar numa das novidades: a janela traseira do nôvo VW é um pouco maior.

Enquanto o Brasil inteiro espera a posse do marechal Costa e Silva, Luiz Fernando Mercadante foi a Taquari, cidade natal do futuro presidente, e descobriu

UM GARÔTO CHAMADO ARTUR

No Bar Gaúcho, o melhor da Sete de Setembro, principal rua de Taquari, pequena cidade de seis mil habitantes do Rio Grande do Sul, o garôto Diógenes, filho dos proprietários, enquanto ajuda a servir as mesas, gosta muito de conversar com a freguesia:

— O senhor já conhece a última do Artur?

Em Taquari, é assim: lá o futuro presidente, marechal Artur da Costa e Silva, não é presidente, não é marechal, não é Costa e Silva e não é nem seu Artur. Lá, êle é o Artur. Para o garôto Diógenes e para todo mundo. Pois o Artur nasceu em Taquari. E a cidade é íntima do seu filho ilustre.

— Quer ver a casa dêle? É perto da lagoa.

A casa do Artur

Há mais de 60 anos numa madrugada de outubro, enquanto Taquari dormia, havia luz e movimento em uma única casa, o casarão dos Costa e Silva, o que chamou a atenção de um vizinho:

— O que estará acontecendo na casa do seu Aleixo?

— Deve ser criança nova.

— Então é pra hoje?

— É. É pra hoje.

Naquele dia e naquela hora, nasceu em Taquari o Artur, filho do comerciante Aleixo Rocha da Silva e de dona Almerinda da Costa.

Muitos anos, depois no mesmo dia 3 de outubro, muita gente em Taquari comentava:

— Então é pra hoje?

— É. É pra hoje.

Naquele dia, o Artur, filho de Taquari, seria eleito presidente da República.

E o casarão de esquina, número 1.690 da rua Cônego Tostes, virou atração turística:

— É aqui a casa do homem.

— Sim, foi aqui que êle nasceu.

— Aqui em frente é que êle brincava.

— Aqui viveram seus pais.

— Êle estêve aqui em julho, durante a campanha.

— Pois trouxe até o Pedro Aleixo.

— Êle prometeu voltar, depois da posse.

— Se o Artur falou que vinha, êle vem.

— O Artur tem uma palavra só.

— Ah! Isso é verdade!

O pai de Artur

Aleixo, o pai de Artur, foi menino pobre, filho de agricultores modestos da localidade de Beira do Rio, município de Taquari. Cresceu entre arrozais e pés de mandioca e possìvelmente teria passado tôda a vida trabalhando a terra se, numa das idas de seu pai à cidade para fazer compras, não tivesse havido uma proposta de um comerciante:

— O senhor não tem lá em sua casa um menino forte que queira vir para o comércio?

— Tenho o Aleixo, que está sempre sonhando com a cidade.

— Pois mande o guri aqui pra casa. Preciso de um menino para ajudar em tudo. Além de ganhar uns mil-réis, se tiver queda e vontade pode até fazer carreira.

Assim, Aleixo foi para a cidade e se tornou o **menino** do armazém dos irmãos Antônio e José Porfírio da Costa, em cujo sótão aprendeu a ler sòzinho decifrando, à luz de um candeeiro, velhos jornais de Pôrto Alegre e do Rio.

Durante o dia Aleixo ajudava no balcão — onde se vendia de perfume francês e casemira inglêsa, a feijão e farinha —, fazia entregas, levava recados e cuidava até da limpeza. De noite, no sótão, lutava com os jornais até cair de sono.

A seriedade, a fôrça de vontade e o espírito do jovem Aleixo acabaram por conquistar a amizade do seu patrão Antônio Porfírio da Costa e o coração de uma de suas filhas, Almerinda. Môço, o guri de Beira do Rio tornou-se sócio do patrão. E, depois, genro.

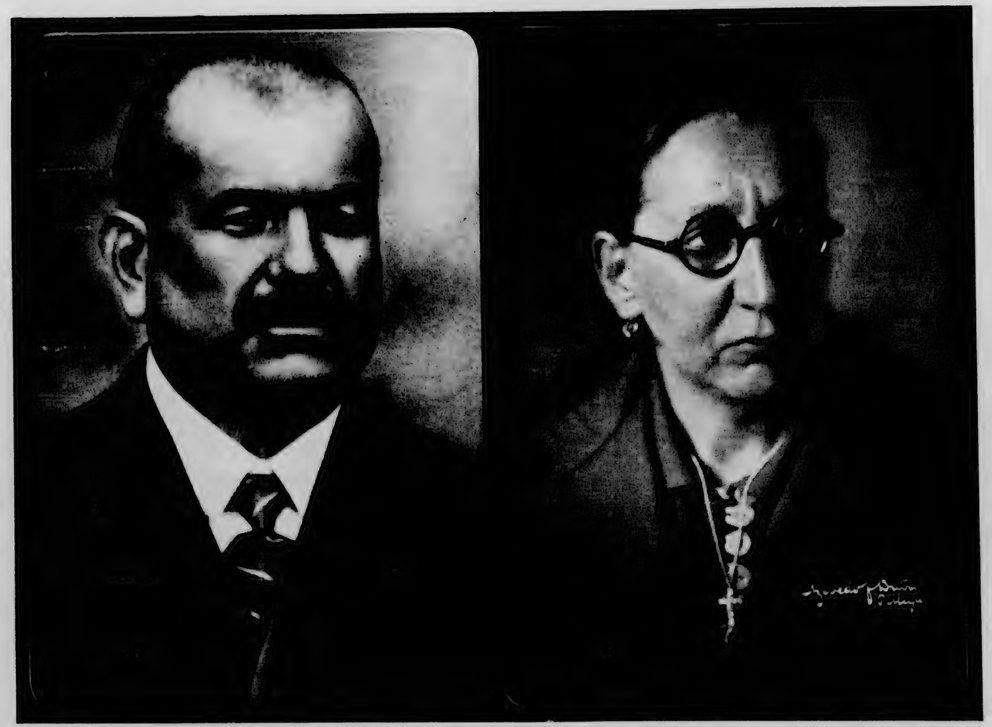
A mãe de Artur

Almerinda, a mãe de Artur, não foi menina pobre. Seu pai, o comerciante Antônio Porfírio da Costa viera de Mostardas para Taquari por volta de 1875, com um irmão, José. Em 1877, os dois estabeleceram um "negócio de secos e molhados, fazendas, ferramentas, louças, artigos de bazar, armarinho e moda", como dizia um anúncio da época. Os irmãos prosperaram e se separaram, depois, em duas firmas.

O pai de Almerinda fazia com que os filhos fôssem estudar em Pôrto Alegre e no Rio, e cuidava para que as filhas recebessem instrução, com um verniz de línguas e de música, o que era quase ousado para a época. Um dos irmãos de Almerinda, nascido na mesma casa em que depois nasceu Artur, tornou-se jurista famoso, foi ministro da Justiça no govêrno Dutra e é, hoje, procurador geral da República. Êsse tio de Artur, o primeiro ministro a nascer naquela casa, é o advogado Adroaldo Mesquita da Costa, um dos conselheiros do futuro presidente.

Almerinda e Aleixo conheceram-se meninos. Ela, a filha do patrão. Êle, o menino do armazém. Mas, aos poucos, o guri foi se tornando gente de casa. SEGUE

A volta à infância: ver a rua da janela da casa onde nasceu.



Seu *Aleixo e dona Almerinda. Modestos, os pais de Artur nunca sonharam que um filho fôsse tão longe.*

Era um menino que gostava de brincar de soldado

Quando Aleixo pediu Almerinda em casamento não houve surprêsa, como se a família, há muito, estivesse preparando a união.

O ambiente de Artur

Menino Artur nasceu numa família de muitos irmãos — eram 11 ao todo — em que dona Almerinda, a mãe, funcionava como disciplinadora, e **seu** Aleixo, o pai, era uma espécie de poder moderador. Ambos deixaram fama de grande bondade, mas enquanto o marido tinha gênio alegre e brincalhão, a mulher era mais fechada e severa.

Nascido no casarão que antes fôra de seus avós maternos, menino Artur cresceu sem preocupações, num lar onde não faltava nem confôrto, nem calor humano. Suas primeiras aventuras, ainda quando engatinhava, foram explorar a grande casa de 12 janelas, plantada num terreno de 38 metros por 40, que lhe oferecia três atrativos principais: a escada que leva ao sótão; a que desce ao porão; e o imenso quintal com o jardim, a horta e o pomar.

Nesse tempo, a República acabava de fazer 10 anos, o presidente Campos Sales se consagrava com a recuperação das finanças do país, abaladas pelas lutas internas, e vivia-se em ambiente de paz. Tanta paz que **O Taquaryense,** jornal semanário da terra, um dos dois mais antigos do Rio Grande do Sul, em editorial intitulado **Atualidades Brasileiras,** afirmava:

"Límpidos e serenos parecem correr os dias da República Brasileira, sem nuvens que toldem a sua vida política, sem embaraços que entorpeçam as suas energias administrativas".

Realmente, os primeiros e sangrentos anos da República haviam passado. Guerras, só bem longe, como noticiava **O Taquaryense:**

"Vai acesa a guerra travada entre a República do Transwall e a Inglaterra. Têm sido travados constantes combates, nos quais, para bem da humanidade e sossêgo dos pequenos países sujeitos à cobiça européia, os inglêses vão sendo derrotados estrondosamente. Bem bom!"

Mas Taquari da passagem do século não estava preocupada nem com o guerra nem com a paz. A cidadezinha, então com três mil habitantes, progredia e, usando o rio como estrada, transformava-se em importante entreposto comercial. Tinha até teatro. E lá andou naquele tempo a Cia. Portuguêsa, do ator Alvaro Barbeitos, fazendo sucesso com **A Tomada da Bastilha** e **Os Médicos.**

O menino Artur

Menino Artur foi crescendo em Taquari. Batizado numa pia de pedra entalhada pelos açorianos, fundadores da cidade, fêz sua primeira comunhão na velha igreja de São José, hoje com mais de 200 anos. E, depois de aprender as primeiras letras com Alzira, a irmã mais velha, matriculou-se na escola de dona Ana da Silva Job — internato, semi-internato e externato que atraía alunos de todo o Estado.

Na escola, menino Artur não deixava por menos: era sempre o primeiro. Fora da escola, também não deixava por menos: era o mais arteiro de todos. Há testemunhas em Taquari:

— Era um menino atilado — diz o sr. Gontran Saraiva, notário aposentado, que foi vizinho e colega de Artur.

— Um guri autoritário. Mandão como êle só — afirma Doralino de Oliveira Reis, comerciante, também amigo de infância de Artur.

— Mas sempre teve um coração muito bom — assegura Hirandino, irmão de Doralino.

— Era o bamba em português e Matemática — lembra Camilo Pereira da Silva, sitiante, seu contemporâneo na escola.

Do lado de cá dêste rio viviam os "soldados" inimigos. As "guerras" entre as duas turmas de meninos estão na história de Taquari.

Nesta loja começou o romance de seus pais

Aqui nasceu o menino Artur. Na porta, seu pai: a foto é antiga.

Os quatro estão muito contentes com o que chamam de "o êxito de Artur". Mas nenhum tão feliz quanto Odorico José dos Santos, um velho negro de ar bondoso, que foi barbeiro do menino Artur:

— De menino, de môço e de homem feito. Aqui em Taquari fui eu sempre quem o serviu. Vi nascer-lhe a barba. E sempre confiei nêle. Quando chegou a ministro eu disse, em casa, para a velha: agora vai a presidente. E foi. Para mim nem foi espanto. Há 60 anos eu sei que êle é uma cabeça.

Artur, o arteiro

Menino de muitas artes, Artur gostava de brincar de guerra. Quando tinha dez anos instalou-se em Taquari o Tiro de Guerra 159. Artur **e seus amigos** gostaram da novidade **e, muitas vêzes,** saíam marchando **atrás dos** soldados até que o instrutor do Tiro se aborrecia e os espantava:

— Sai daí gurizada! Seu dia de soldado ainda vai chegar...

Mas o dia de se incorporar ao Tiro estava tão longe, que o menino Artur resolveu fundar com os amigos um **tirinho de guerra** particular, sob seu comando, com bandeira, capacetes de papel e espingardas e espadas de pau. Como bons gaúchos, porém, os cavalos que usavam em suas batalhas simuladas eram de carne e osso. Daí o desastre.

Artur reunia na sua turma os meninos da lagoa vizinha à sua casa. Mas um outro grupo de meninos, que moravam nas margens do rio, era rival da turma da lagoa. Nem bem Artur fundara seu **tirinho de guerra** e um **espião** veio lhe contar que os meninos do rio também estavam organizando um.

— Melhor — disse o pequeno comandante. Assim combateremos de verdade.

E combateram.

Um dia, os dois **tirinhos** se chocaram e, no aceso da batalha, Artur invadiu a loja de um amigo de seu pai, perseguindo o comandante das tropas inimigas. Porém, a cavalo, tanto o perseguido quanto o perseguidor. Entraram pela porta da frente e saíram pelos fundos, deixando atrás de si muita louça quebrada e pilhas de mercadorias derrubadas.

Artur, militar

Seu Aleixo, o pai de Artur, pediu desculpas ao amigo e pagou o prejuízo. Dona Almerinda, a mãe, deu-lhe um castigo. E o casal tomou uma decisão séria:

— O jeito é mandar êsse guri para o Exército. Se quer ser soldado, vá ser de verdade. Para comerciante é que êle não dá.

E Artur foi.

Em 9 de março de 1912 foi criado o Colégio Militar de Pôrto Alegre. Artur, então um garôto forte, dividido entre suas batalhas fictícias, banhos de rio, brinquedos em volta da lagoa e grandes galopes nos campos sulinos, tinha a vida por decidir. Seu pai sonhava formar todos os filhos. E Taquari já dera tudo quanto podia a Artur. A vocação do filho para as armas e a instalação do Colégio Militar em Pôrto Alegre eram coincidentes. Artur candidatou-se e foi aprovado. Mais do que isso, foi classificado para cursar o segundo ano, correspondente ao segundo ginasial. A escola de dona Ana Job e a irmã Alzira haviam-no preparado muito bem.

O aluno Artur

No Colégio Militar, o aluno Artur não brilhou desde o começo. A mudança de ambiente, o regime de internato e o rigor disciplinar não o entusiasmaram. No primeiro ano de colégio foi sòmente um aluno razoável. Voltou para casa, nas férias, sem os galões dos mais aplicados. SEGUE

Modêlo NG-1130

Estereofônico. Amplificador com 2 canais separados. 4 velocidades de rotação com funcionamento automático para 10 discos. Comando por teclas. Fonocaptor especial com 2 agulhas de safira. Dois alto-falantes de 18 cm, de cone invertido, em caixas acústicas separadas. Funcionamento em 110 ou 220 volts, de corrente alternada. Não falha: é PHILIPS!

Modêlo NG-1153

Estereofônico. Dois canais de som. Dois alto-falantes de 17 cm, montados em tampas acústicas destacáveis. Toca-discos semi-automático com 4 velocidades para discos de todos os tipos. Agulhas de safira. Caixa revestida de plástico em moderna combinação de côres. Não falha: é PHILIPS!

conte na Assistência Técnica permanente do fabricante

PHILIPS

Ouvir os seus discos prediletos em qualquer lugar... aquela melodia irresistível que compõe um fundo romântico à beira de um lago... o ié-ié-ié vibrante numa festinha improvisada na casa de um amigo... momentos de alegria, e prazer espiritual onde quer que você se encontre, porque você leva a música para onde fôr, para reproduzi-la com a perfeição e a sonoridade jamais antes obtidas de um eletrofone portátil.

eletrofone **PHILIPS**

Modêlo NG-1151

Portátil. Transistorizado. Pode ser transportado para qualquer lugar. Funciona com 6 pilhas comuns de lanterna. Toca-discos automático de 4 velocidades. Agulhas de safira. Possante alto-falante de 17 cm. Caixa de plástico em belíssimas côres. Não falha: é PHILIPS!

Conte com

PHILIPS

para viver melhor

PHILIPS 1891 1966

Promo

ARTUR CONTINUAÇÃO

Castelo foi seu colega e grande rival nas notas

Estimulado por Alzira, a irmã mais velha, prometeu se atirar aos estudos:

— Mas que fracasso, hem Artur? — espicaçava a irmã. Estás sendo passado para trás. Nunca pensei que que isso pudesse acontecer.

Artur meteu-se em brios. E, desde então, foi o primeiro da classe. Nas férias seguintes, tinha galões para exibir a Alzira:

— Olha aqui Ziloca. Teu irmão agora é capitão-aluno.

De capitão-aluno foi promovido a comandante-aluno, com a patente de tenente-coronel, a máxima dentro de Batalhão Colegial. Seu subcomandante, e colega de classe, com a patente de major, era o cearense Humberto de Alencar Castelo Branco. E o capitão adjunto era o aluno Décio Palmério Escobar. Meio século depois, os três se encontraram de nôvo: Artur, no Ministério da Guerra; Humberto, na Presidência da República; e Décio, no comando do Estado Maior das Fôrças Armadas. Outros colegas e contemporâneos de Colégio Militar: Estevão Taurino de Rezende, Amaury e Riograndino Kruel, Dalísio Mena Barreto, Ladário Telles, Napoleão Alencastro Guimarães e Alcides Etchegoyen, nomes que ganharam evidência em épocas diversas.

O aluno Artur foi sempre melhor que o aluno Humberto, ambos matriculados no Colégio Militar no mesmo dia, 17 de junho de 1912. Artur era da terceira companhia e recebeu o número 254, e Humberto, incluído na segunda, recebeu o número 105. Humberto era aluno gratuito. Artur, aluno contribuinte. Eram rivais nas notas. Um dos boletins parciais do último ano, quando concluíram o curso em 1917, revela respectivamente as seguintes notas de português, francês, inglês, Geometria, História Natural e História do Brasil: Artur — 8, 9, 9, 10, 8 e 9; Humberto — 8, 7, 7, 7, 7 e 8. Dois bons alunos. Quem apanhava das notas era o aluno 287, Amaury Kruel: raramente conseguia um 7. Ainda na conclusão do curso, é possível comparar as notas obtidas em infantaria, tiro ao alvo, esgrima, equitação e ginástica — natação pelos alunos Artur e Humberto. Respectivamente: Artur — 10, 10, 8, 10 e 9; Humberto — 8, 10, 6, 8 e 6. Ambos excelentes na pontaria, matéria em que tiraram 10. Mas em esgrima, bom mesmo era o Amaury Kruel, que tirou 9.

Na banda do colégio, Humberto não quis entrar. Artur, porém, era bom clarinetista. E ainda melhor na flauta. Quando chegou a comandante-aluno, tinha até um ordenança para lhe carregar o instrumento. Dos colegas que se tornaram mais conhecidos, só o general Ladário fazia parte da banda. Tocava tuba.

Artur em férias

Seis horas de navio rio Taquari acima levavam Artur até a casa dos seus pais para as férias. A chegada ao pôrto de sua cidade era uma festa. Além da família, os companheiros do **tirinho de guerra** estavam sempre à espera. O **tirinho** fôra dissolvido e se criara um time de futebol. Artur era um refôrço: jogava na ponta esquerda, tinha boa corrida e chutava com os dois pés.

Em sua bagagem Artur trazia as novidades: músicas impressas pelos **Irmãos Vitale** e os últimos exemplares da **Revsista da Semana.** Passava os dias todos igualmente: de manhã, futebol ou natação; a tarde ficava dividida entre passeios a cavalo e o estudo das matérias em que se considerava mais fraco; e a noite com a família, em tôrno do piano. Seu pai gostava tanto de música que organizara uma orquestra familiar, em que Artur, como no colégio, andava da clarineta à flauta.

Nessas férias do Colégio Militar, Artur começou a freqüentar o Renascença, um dos dois grandes clubes da cidade, onde aprendeu a dançar e arriscou seus primeiros namoros. Havia, como ainda há hoje, muita môça bonita em Taquari. E Artur, um môço muito galante, fazia sucesso dentro da farda impecável.

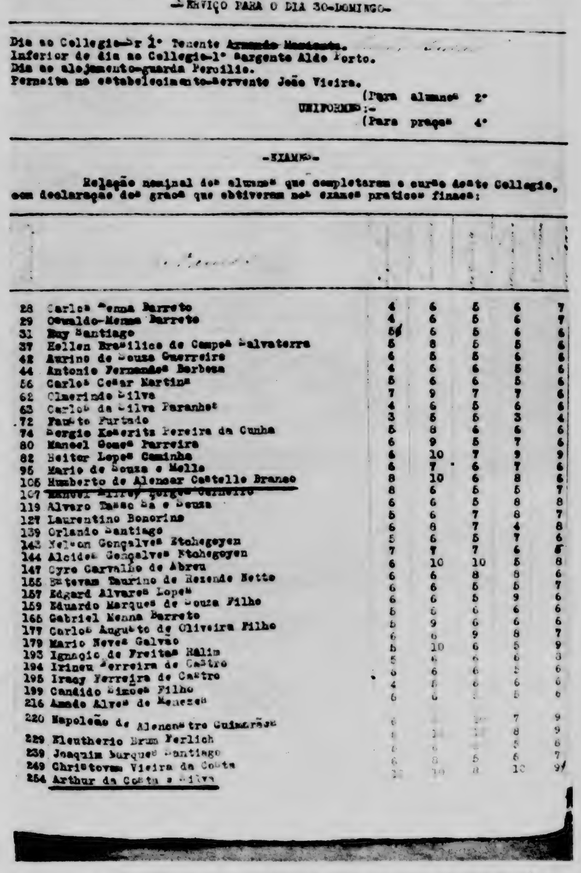
Então, fêz suas primeiras poesias. Dentro da mais absoluta métrica e de um romantismo derramado, como as da época.

Durante as férias, Artur freqüentava a igreja regularmente, assistia às missas dominicais e comungava. Sua mãe dera-lhe Nossa Senhora do Rosário por madrinha espiritual e êle tinha especial devoção pela madrinha e por São José, o padroeiro da cidade.

Artur no Rio

Em março de 1918, Artur sentou praça na 1.ª Companhia de Estabelecimento, no Rio, e matriculou-se na Escola Militar do Realengo. SEGUE

A formatura no Colégio Militar. Da sua turma faziam parte vários nomes que mais tarde iam, junto com êle, ficar famosos.



PUBLICO, PARA CONHECIMENTO DO COLLEGIO E DEVIDA EXECUÇÃO, O SEGUINTE:

-SERVIÇO PARA O DIA 30-DOMINGO-

Dia ao Collegio-1º Tenente Armando Mendonça.
Inferior do dia ao Collegio-1º Sargento Aldo Porto.
Dia ao alojamento-guarda Perolio.
Permeio no estabelecimento-Servente João Vieira.

(Para alumnos 2º
UNIFORME):-
(Para praças 4º

-EXAMES-

Relação nominal dos alumnos que completaram o curso deste Collegio, com declaração dos gráos que obtiveram nos exames praticos finaes:

28	Carlos Menna Barreto	4	6	5	6	7
29	Oswaldo Menna Barreto	4	6	5	6	7
31	Rey Santiago	5	6	5	6	6
37	Hellen Brasilico de Campos Salvaterra	5	8	5	5	6
42	Aurino de Souza Guerreiro	6	5	5	6	6
44	Antonio Fernandes Barbosa	4	6	6	5	6
56	Carlos Cesar Martins	5	6	6	5	6
62	Clemerindo Silva	7	9	7	7	8
63	Carlos da Silva Paranhos	4	6	5	6	8
72	Fausto Furtado	3	6	5	3	4
74	Sergio Kesarita Pereira da Cunha	5	8	6	6	6
80	Manoel Gomes Parreira	6	9	5	7	6
82	Heitor Lopes Caminha	6	10	7	9	9
96	Mario de Souza e Mello	6	7	6	7	6
105	Humberto de Alencar Castello Branco	8	10	6	8	6
107	Manoel Murtey Jorge Oliveira	8	6	5	6	7
119	Alvaro Tasso da e Souza	6	6	5	8	8
127	Laurentino Bonorino	6	6	7	8	7
139	Orlando Santiago	6	6	7	4	8
143	Nelson Gonçalves Etchegoyen	5	6	5	7	6
144	Alcides Gonçalves Etchegoyen	7	7	7	6	6
147	Cyro Carvalho de Abreu	6	10	10	5	8
155	Estevam Taurino de Rezende Netto	6	6	8	8	6
157	Edgard Alvares Lopes	6	6	5	6	7
159	Eduardo Marques de Souza Filho	6	6	6	9	6
165	Gabriel Menna Barreto	6	9	6	6	6
177	Carlos Augusto de Oliveira Filho	6	6	9	8	7
178	Mario Neves Galvão	6	10	6	5	9
193	Ignacio de Freitas Hallim	5	6	6	6	8
194	Irineu Ferreira de Castro	6	6	6	5	6
195	Iracy Ferreira de Castro	4	6	6	6	6
199	Candido Gomes Filho	6	6	6	5	6
216	Amado Alves de Menezes					
220	Napoleão de Alencastro Guimarães	6	9	6	7	9
229	Eleutherio Braz Ferlich	6	6	6	8	9
239	Joaquim Marques Santiago	6	6	6	6	6
249	Christovam Vieira da Costa	6	6	5	6	7
254	Arthur da Costa e Silva	7	10	8	10	9

Durante o curso, as notas melhores eram sempre do aluno Artur. O aluno Humberto Castelo Branco nunca lhe passou a perna.

lintas publicidade internacional

Lifebuoy é sabonete-desodorante e sabonete se usa no corpo inteiro.

Movimente-se à vontade
e conte com Lifebuoy.
Lifebuoy é o único sabonete
que tem Puralin Concentrado.
Sua espuma gostosa e perfumada
desodoriza o corpo todo
por horas e horas.
Em vez de resolver o problema
pela metade, use Lifebuoy.

ARTUR CONTINUAÇÃO

Pediu Iolanda em casamento quando estava prêso

Um sôldo modesto amarrava os alunos ao Realengo. Ganhava-se tão pouco que a única distração possível era chupar laranjas nos ambulantes da redondeza. Até que um professor gaúcho, o general Severo Barbosa, começou a convidá-lo para freqüentar sua casa, em Deodoro. Artur gostava do professor, gostava do churrasco dominical e do chimarrão, mas gostava, ainda mais, da filha do anfitrião.

Certo dia, levou lá um amigo, Agnaldo Caiado de Castro e, mostrando a menina, cochichou:

— Essa é a guria com quem eu vou casar.

Agnaldo explodiu:

— Não amola, Artur. É uma menina de dez anos. Uma criança!

Artur bateu levemente na cabeça, gesto muito seu até hoje, e respondeu sem se alterar:

— Mas ela vai crescer. Agnaldo. Ela vai crescer!

A menina se chamava Iolanda. É hoje a senhora Costa e Silva.

Em janeiro de 1921, Artur concluiu o curso da Escola Militar e se tornou aspirante a oficial. De volta à casa, para férias breves, foi recebido pela banda de música Euterpe Taquariense e por uma grande manifestação de todos os seus amigos.

Na ocasião, foi saudado como futuro general do Exército brasileiro. Corou. Mais tarde, quando era general e ministro, seria saudado como futuro marechal e futuro presidente. Outra vez Artur coraria.

Artur na política

Tenente desde 1921, Artur assistiu de perto e viveu intensamente os fatos políticos do agitado govêrno de Epitácio Pessoa e do ainda mais agitado período de Artur Bernardes. Assistiu e viveu, tanto que foi prêso em 1922, quando, com alguns companheiros, tentava sublevar a Vila Militar. Passou seis meses prêso na Baía da Guanabara, a bordo do navio **Alfenas.** Seu ex-professor, o general Severo Barbosa, pai de Iolanda, então mocinha, foi visitá-lo na prisão flutuante. Artur aproveitou a oportunidade e pediu a mão de Iolanda.

O professor estranhou:

— Não é muita ousadia pedir uma jovem em casamento quando se é prêso político e não se sabe do futuro?

— É — concordou Artur.

Mas, assim mesmo, obteve o compromisso de noivado.

Artur em Taquari

Na última visita que fêz a Taquari, a 5 de julho do ano passado, êle, dona Iolanda e a grande comitiva foram recebidos com muita festa. Artur ficou emocionado. Em tôda cidade brasileira a que chegava era recebido com festividades. Mas aquela era a sua cidade. E quando começou a percorrê-la a pé, entre alas de colegiais que agitavam bandeirinhas, o caminho da igreja à casa da família, os velhos prédios seus conhecidos, os rostos amigos a lhe recordar o passado, Artur chorou.

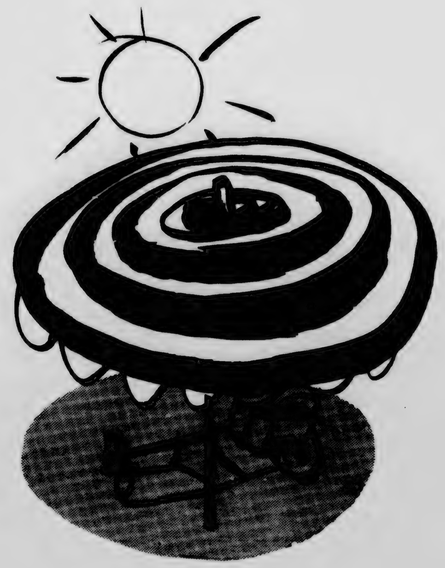
Taquari, hoje, vive de esperança. Um seu filho vai presidir a República. E o antigo entreposto comercial que já teve escola de agronomia, hotel habitável, companhias de navegação, estaleiros, pôrto movimentado, cinema, grupos de teatro amador, clube de regatas, Tiro de Guerra, aeroclube e aeroporto, hoje não tem nada disso e, cada vez mais, se reduz à condição de município agrícola em que a produção de acácia, mandioca, arroz, milho e laranja não assegura uma receita maior do que a despesa.

Taquari tem esperança no seu filho presidente. Taquari quer indústrias para voltar a progredir.

— Taquari confia no Artur — diz o prefeito Libério Fregapani.

Hoje, agora, em Taquari, se são 11 horas da manhã, Doralino, Hirandino o Gontran — três colegas de grupo de Artur — estão tomando seu chimarrão na porta do Depósito de Fumos Santa Cruz.

— Sim, senhor, hem — estará dizendo o Gontran — então o Artur estêve com o Johnson. FIM



férias gostosas...
uma bôa sombra... e um bom livro!

O HOMEM QUE LÊ VALE MAIS

CBL CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

SEM RIVAL

Procure pela àrvorezinha

Você a encontrará nas capas das revistas Claudia, Manequim, Capricho, Ilusão, Noturno, Contigo, Grandes Romances, Supernovelas, Realidade, Quatro Rodas, Transporte Moderno, Máquinas e Metais, Química e Derivados, Zé Carioca, Pato Donald, Mickey, Almanaque Tio Patinhas, e Intervalo

Revistas que você lê com prazer. Revistas que você pode levar para casa. Revistas que educam, entretêm; revistas feitas pensando-se em você. EDITÔRA ABRIL

Era uma vez...

(NA HORA DA GRAVAÇÃO DOS DISCOS LEMBRAMOS DE BATER ESTA FOTO PARA A CRIANÇADA)

Volume 1 - 6 Discos LP

6 estórias maravilhosas!

1. Lady e o Vagabundo
2. Dumbo
3. Bambi
4. Estórias do Tio Remus
5. Bobby dos Franciscanos
6. Os Três Porquinhos

Volume 2 - 6 Discos LP

11 estórias inesquecíveis!

1. Peter Pan
   Aladim e a Lâmpada Maravilhosa
2. Alí Babá e os 40 Ladrões
   Moura Torta
3. Pinocchio
   Gulliver
4. A Bela Adormecida no Bosque
   A Bela e a Fera
5. Chapèuzinho Vermelho
   Aventuras de Pedro Malazarte
6. Sindbad, o Marujo

MAIS UM LANÇAMENTO PARA A SUA DISCOTECA ABRIL CULTURAL - *sempre maior e melhor!*

COLE AQUI

Remetente: .....

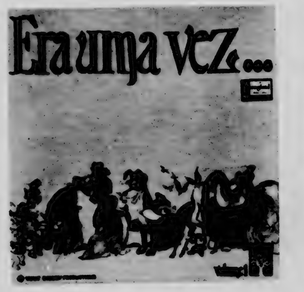
Endereço: .....

Envelope Resposta
Autorização N.º 737
Portaria N.º 75
De 21 de Junho de 1985
SÃO PAULO

ENVELOPE RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR ÊSTE ENVELOPE

O sêlo será pago por:
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL 30.777
SÃO PAULO - SP.

Aproveite: compre hoje estas maravilhosas coleções de discos LP!
(sem sair de casa)



"Era uma vez... volume 1" 6 Discos LP por **cr$ 27.000**
ou 15.000 na entrega e 1 mensalidade de 15.000

"Era uma vez... volume 2" 6 Discos LP por **cr$ 27.000**
ou 15.000 na entrega e 1 mensalidade de 15.000

oferta de lançamento:
as 2 coleções (12 discos LP) apenas **cr$ 50.000**
ou 26.000 na entrega e 2 mensalidades de 15.000!

Veja como é fácil receber em sua casa as maravilhosas coleções de Estórias Infantis da Abril Cultural. Preencha, com letra bem legível, a carta abaixo. Recorte na linha pontilhada e dobre na parte indicada. Cole o envelope e remeta-nos, ainda hoje, pelo correio (não precisa selar). Seu pedido será um dos primeiros a ser atendido.

CORTE AQUI

À
ABRIL CULTURAL LTDA.
CAIXA POSTAL N.º 30.777
SÃO PAULO - SP

Queiram enviar-me, com urgência, o pedido abaixo assinalado:

☐ Coleção "Era uma vez... vol. 1"
☐ à vista = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 15.000 na entrega e 1 mensalidade de Cr$ 15.000

☐ Coleção "Era uma vez... vol. 2"
☐ à vista = Cr$ 27.000 ou ☐ Cr$ 15.000 na entrega e 1 mensalidade de Cr$ 15.000

☐ As 2 coleções, juntas, como oferta de lançamento:
☐ à vista = Cr$ 50.000 ou ☐ Cr$ 26.000 na entrega e 2 mensalidades de Cr$ 15.000

DOBRE AQUI

DOBRE AQUI

IMPORTANTE! Antes de preencher, observe:
a) Escreva com letra bem legível;
b) Garanta nossa entrega a domicílio citando apenas o endereço para entrega e cobrança.

NOME .....

PROFISSÃO .....

ENDEREÇO .....
(para entrega e cobrança)

.....

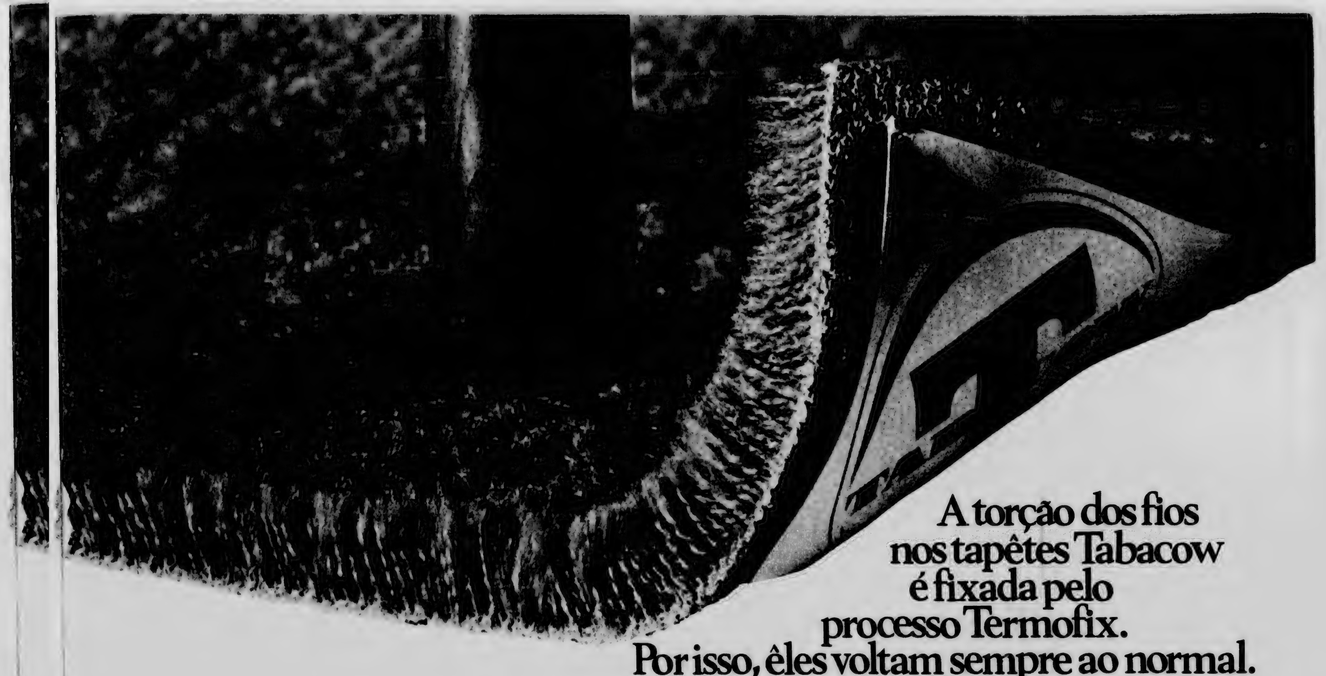
N.º ..... BAIRRO ..... FONE .....

CIDADE ..... ESTADO .....

ASSINATURA .....

CORTE AQUI

CORTE AQUI



A torção dos fios nos tapêtes Tabacow é fixada pelo processo Termofix. Por isso, êles voltam sempre ao normal.

Êste é um processo exclusivo que criamos para tôdas as pessoas que não gostam de ver onde o sofá estava ontem.

V. já reparou no vaivém da mola; quando v. comprime e depois solta, ela sempre volta à posição normal. Depois de se aplicar o processo Termofix acontece exatamente a mesma coisa. V. comprime o pêlo do tapête: quando solta, imediatamente êle torna a se erguer. E assim, indefinidamente. Por isso não ficam marcas de pés no tapête: nem de pessoas, nem de móveis.

Apesar disso, daqui a muitos anos, alguém ainda vai dizer: "Engraçado, os fios dêste tapête estão sempre em pé..." Sem saber que importamos máquinas especiais para fixar a torção dos pêlos. Não faz mal. "Engraçado", neste caso, é elogio.

TABACOW

Fábrica - R. Boa Esperança, 229 - Tels.: 9-0024 - 9-0188 - São Paulo.
Exposição e Vendas por atacado: Rua 24 de Maio, 35 - 19.º andar - cj. 1913 - Fone 34-0486 - Cx. Postal 7026

"Bahia, minha Bahia,/ Bahia do Salvador,/ quem não conhece capoeira não lhe pode dar valor./ Todos podem aprender,/ general e até doutor,/ mas pra isso é necessário/ procurar um professor./ Capoeira não aprende quem não quer./ Foi feita pra homem,/ menino, velho, até mulher./ Se queres aprender/ vem aqui em Salvador,/ procura mestre Pastinha/ que êle é bom professor."

É luta, é dança, é Capoeira

Texto de Roberto Freire
Fotos de David Drew Zingg

Mestre Pastinha: grande capoeirista, pintor e poeta popular.

A dança esconde a viloência dos golpes de pernas e de cabeça que, se atingissem o adversário, seriam mortais. São desferidos com o lutador agachado, de pé ou de cabeça para baixo. Sôbre a murada do Forte do Farol, na praia da Barra, em Salvador, alunos de mestre Pastinha fazem demonstrações públicas da capoeira de Angola. Estas fotos mostram alguns dos seus golpes fundamentais: a ginga, *a* meia-lua, *o* aú, *a* bananeira, *a* chapa de frente.

"Ela pode matar, já matou"

Dois homens vão lutar. Estão acocorados um diante do outro, presos ao ritmo de uma estranha música. Atrás dêles, um velho toca berimbau e puxa o canto que será repetido pelos outros cinco instrumentistas. Todos os seus versos terminam com a palavra **camarada.** O nome do velho é mestre Pastinha. A luta vai se travar em sua **Academia,** no bairro do Pelourinho, em Salvador, na Bahia. Um dos músicos retira o berimbau das mãos do mestre, que estende os braços à procura das cabeças dos lutadores. Êle diz um último verso: é a senha para o início da luta. Os dois homens vão lutar capoeira, e se benzem quando a mão do mestre deixa suas cabeças. Surgem os primeiros golpes. Só mestre Pastinha não os vê, mas parece pressentir. Êle está quase cego, mas sabe tudo sôbre capoeira, que lutou, invencível, até os 78 anos de idade. A história de sua vida alcança quase tôda a história da capoeira no Brasil. Êle a conta assim:

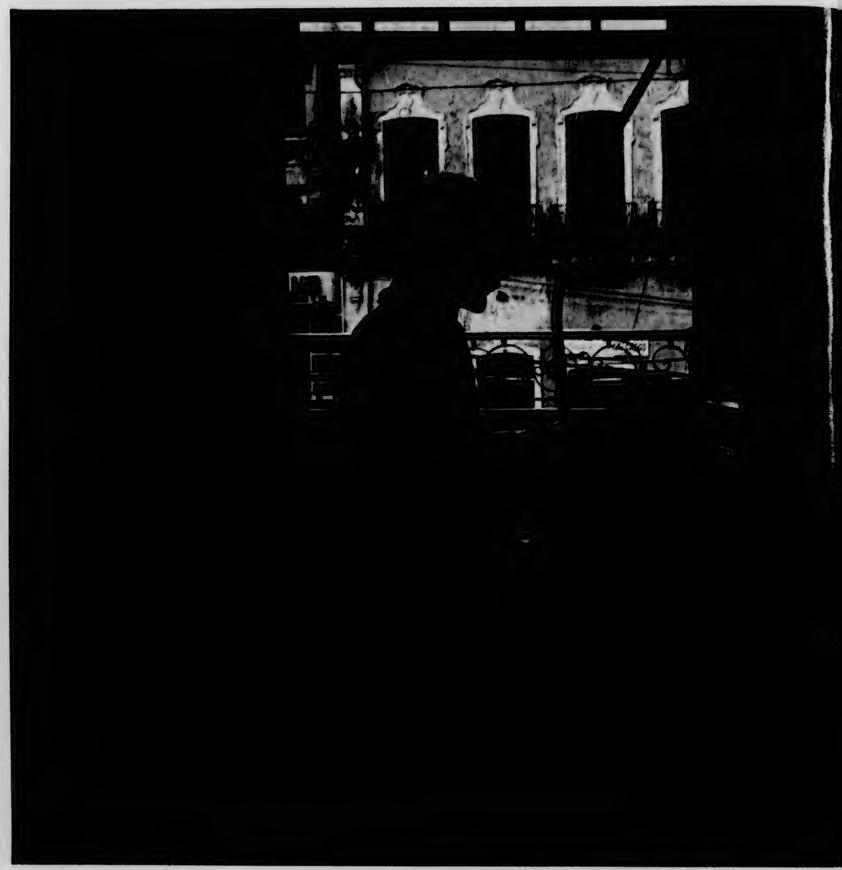
"Compreende melhor quem vê a luta. Ela parece uma dança, mas não é não. Capoeira é luta, e luta violenta. Pode matar, já matou. Bonita! Na beleza está contida sua violência. Os meninos estão só mostrando, os golpes passam raspando ou são contidos antes de atingir o adversário. Mas mesmo assim ela é bonita.

"Tudo o que eu penso de capoeira um dia escrevi naquele quadro que está na porta da Academia. Em cima, só estas três palavras: **Angola, capoeira, mãe.** E, embaixo, o pensamento: **Mandinga de escravo em ânsia de liberdade; Seu princípio não tem método; Seu fim é inconcebível ao mais sábio capoeirista.**

"Mas tem muita história sôbre o começo da capoeira que ninguém sabe se é verdadeira ou não. A do **jôgo da zebra** é uma. Diz que em Angola, há muito tempo, séculos mesmo, fazia-se uma festa todo ano em homenagem às meninas que ficavam môças. Primeiro elas eram operadas pelos sacerdotes, ficando igual, assim, com as mulheres casadas. Depois enquanto o povo cantava, os homens lutavam do jeito que fazem as zebras, dando marradas e coices. Os vencedores tinham como prêmio escolher as môças mais bonitas entre as **operadas.** Pode não ser verdade, mas os capoeiristas de hoje bem gostariam que fôsse, desde que suas vitórias tivessem prêmio igual...

"Bem, mas de uma coisa ninguém dúvida: foram os negros trazidos escravos de Angola que ensinaram capoeira pra nós. Pode ser até que fôsse bem diferente dessa luta que êsses dois homens estão mostrando agora. Me contaram que tem muita coisa escrita provando isso. Acredito. Tudo muda. Mas a que a gente chama de capoeira de Angola, a que aprendi, não deixei mudar aqui na Academia. Essa tem pelo menos 78 anos. E vai passar dos 100, porque meus discípulos zelam por mim. Os olhos dêles agora são os meus. Êles sabem que devem continuar. Sabem que a luta serve para defender o homem.

"Os negros usavam capoeira para defender sua liberdade. Pode ser até que o nome da luta venha justamente disso. SEGUE



No bairro do Pelourinho, num casarão colonial funciona a Academia de Capoeira de Pastinha. Com 78 anos, quase cego, êle ainda é o mestre de sempre: "dirijo tudo pelos olhos e fidelidade dos meus meninos". Mas há momentos de solidão e tristeza na vida do mestre. Coisas do passado e coisas do futuro. O berimbau, porém, será sempre o maior mestre, e os alunos a herança de Pastinha.

"Eu aprendi que cada um é cada um"

Negro fugia era para o mato. Se algum capitão-do-mato o alcançava, se era um a um, numa clareira, numa capoeira — então, ali, o negro era mais livre para se defender.

"E dizem também que êsse jeito de lutar de brincadeira como ainda fazemos hoje, era a maneira do escravo se exercitar, disfarçando de baialarino na frente do feitor. Acho que é até verdade, capoeirista é mesmo muito disfarçado, ladino e malicioso. Contra a fôrça, só isso mesmo. Está certo.

"Mas o que serve para defesa também serve para o ataque. A capoeira é tão agressiva quanto perigosa. Quem não sabe lutar é sempre apanhado desprevenido. Malandros e gente infeliz descobriram nesses golpes um jeito de assaltar os outros, vingar-se de inimigos e enfrentar a Polícia. Foi um tempo triste da capoeira. Eu conheci, eu vi. Nas bandas das docas... Luta violenta, ninguém a pode conter.

"Agora que o ritmo está mais apressado, sinto a agilidade dêsses dois homens e imagino cada um dos seus golpes acertando em cheio o adversário. Imagino raiva, mêdo, despeito, desespêro, empurrando êsses pés... Uma vez vi um capoeirista afugentar uma patrulha inteira. Outra coisa: um lugar escuro, uma mulher, chega um cara querendo coisa — homem querendo mulher está sempre desprevenido — então, de repente, êle recebe um golpe, só um e cai ferido, desacordado ou morto. Sim senhor, havia capoeirista malandro que se vestia de mulher para roubar os dão-joões.

"Eu sei que tudo isso é mancha suja na história da capoeira, mas um revólver tem culpa dos crimes que pratica? E a faca? E os canhões? E as bombas? O que eu gosto de lembrar sempre é que a capoeira apareceu no Brasil como luta contra a escravidão. Nas músicas, que ficaram até hoje, se percebe isso. Uma é essa que êles estão cantando e que eu vou cantar junto: E, valha-me Deus, camarada./ E, para de beber, camarada./ E, que vai fazer, camarada./ E, êle é mandingueiro, camarada./ E, êle é cabeceiro, camarada./ E, faca de ponta, camarada./ E, faca de matar, camarada./ E, o galo cantou, camarada./ E, có-có-ró-có, camarada./ E, a volta do mundo, camarada./ E, é o que o mundo dá, camarada.

"Entenda quem quiser, está tudo aí nesses versos o que a gente guardou daqueles tempos. Tem brincadeira também; vou fazer uma pra um dêsses dois lutadores. Minha voz, mesmo baixa e de longe, êles escutam: E, valha-me Deus,/ valha-me Nossa Senhora da Vitória./ Vi êsse menino agora/ lá no reino da gulória./ Menino se eu quisesse, (ah, ah, ah) tinha lhe botado fora. Pois capoeira é luta, sim, mas é folclore e tradição bonita também. E a gente conservou ela pura, todos fazendo escola, criando academias e ganhando o respeito do povo, dos artistas, dos estudiosos e do govêrno. Digo a gente, lembrando os grandes capoeiristas do passado. Já estão mortos. Cada nome dêstes é uma história: Bigode de Sêda, Américo Ciência, Bugalho, Amorzinho, Zé Bom Pé, Chico Três Pedaços, Tibirici da Fôlha Grossa, Doze Homens, Inimigo Sem Tripa, Zé do U, Vitorino Braço Torto, Zé do Saco, Bemó do Correio, Sete Mortes, Chico Me Dá. Só pelos apelidos dá para saber como eram, como lutavam. E tinha duas mulheres também: Júlia Fogareira e Maria Homem.

"Tôda essa gente praticava a pura capoeira de Angola como eu até hoje e êsses meninos que estão aí. Tem grandes capoeiristas vivos que mudaram a forma de lutar, mas continuam sendo grandes mestres. Falo do mestre Bimba que pratica a **capoeira regional,** e de Carlos Senna que inventou a **capoeira estilizada.** Agora que não luto mais, confio em dois contramestres meus para a conservação da capoeira de Angola: João Oliveira dos Santos e João Pereira dos Santos — João Grande e João Pequeno. É o que tem de melhor, na Bahia...

"Êstes versos eu fiz para homenagear êles: Eu tenho dois meninos/ que se chamam João/ um é cobra mansa/ e o outro é gavião./ Um joga no ar (ah, ah, ah)/ e o outro se enrosca pelo chão.

"Êsses dois aprenderam com a Academia mas eu aprendi com a sorte. Quando tinha uns 10 anos — eu era franzininho — um outro menino mais taludo que eu tornou-se meu rival. Era só eu sair para a rua — ia na venda fazer compra, por exemplo — e a gente se pegava em briga. Só sei que acabava apanhando dêle, sempre. Então eu ia chorar escondido, de vergonha e tristeza. Um dia, da janela de sua casa, um velho africano assistiu a uma briga da gente. Vem cá, meu filho, êle me disse, vendo que eu chorava de raiva depois de apanhar. Você não pode com êle, sabe, porque êle é maior e tem mais idade. O tempo que você perde empinando raia vem aqui no meu **cazuá** que vou lhe ensinar coisa de muita valia. Foi isso o que o velho me disse e eu fui. Então êle me ensinou a jogar capoeira, todo dia um pouco, e aprendi tudo. Ele costumava dizer: não provoque, menino, vai botando de vagarzinho êle sabedor do que você sabe. Na última vez que o menino me atacou fiz êle sabedor com um só golpe do que eu era capaz. E acabou-se meu rival, o menino ficou até meu amigo de admiração e respeito. O velho africano chamava-se mestre Benedito, era um grande capoeirista e quando me ensinou o jôgo tinha mais idade do que eu hoje.

"Aos 12 anos, em 1902, eu fui para a Escola de Aprendiz de Marinheiro. Lá ensinei cappeira para os colegas. Todos me chamavam de 110. Saí da Marinha com 20 anos. Vida dura, difícil. Por causa de coisas de gente môça e pobre, tive algumas vêzes a Polícia em cima de mim. Barulho de rua, presepada. Quando tentavam me pegar eu lembrava de mestre Benedito e me defendia. Êles sabiam que eu jogava capoeira, então queriam me desmoralizar na frente do povo. Por isso, bati alguma vez em polícia desabusado, mas por defesa de minha moral e do meu corpo.

"Naquele tempo, de 1910 a 1920, o jôgo era livre. Passei a tomar conta de casa de jôgo. Para manter a ordem. Mas, mesmo sendo capoeirista, eu não me descuidava de um facãozinho de doze polegadas e de dois cortes que sempre trazia comigo. Jogador profissional daquêle tempo andava sempre armado. Assim, quem estava no meio dêles sem arma nenhuma bancava o besta. Vi muita arruaça, algum sangue, mas não gosto de contar casos de briga minha. Bem, mas só trabalhava quando minha arte negava sustento. Além do jôgo, trabalhei de engraxate, vendia gazeta, fiz garimpo, ajudei a construir o pôrto de Salvador. Tudo passageiro, sempre quis viver de minha arte. Minha arte é ser pintor, artista.

"Foi em 1941 que minha vida mudou. Foi na Ladeira da Pedra, fim da Liberdade, no bairro da Gingibirra. Um ex-aluno meu, de nome Aberré, bom capoeirista, já morto, me convidou para apreciar uma roda de capoeira. Na roda só tinha mestre. O mais mestre dos mestres era Amorzinho, um guarda civil. No apertar da mão me ofereceu tomar conta de uma Academia. Eu dei uma negativa, mas os mestres todos insistiram. Confirmavam que eu era o melhor para dirigir a Academia e conservar pelo tempo a capoeira de Angola. Fundei então o Centro Esportivo de Capoeira de Angola, em 1941, e registrei a Academia em 1952. Botei carteira para capoeiristas. Meus meninos são diplomados.

"Saem daqui sabendo tudo. Sabendo que a luta é muito maliciosa e cheia de manhas. Que a gente tem de ter calma. Que não é uma luta atacante, ela espera. Capoeirista bom tem obrigação de chorar no pé do seu agressor. Está chorando, mas os olhos e o espírito estão ativos. Capoeirista não gosta de abraço e apêrto de mão. Melhor desconfiar sempre das delicadezas. Capoeirista não dobra uma esquina de peito aberto. Tem de tomar dois ou três passos à esquerda ou à direita para observar o inimigo. Não entra pela porta de uma casa onde tem corredor escuro. Ou tem com o que alumiar os esconderijos da sombra ou não entra. Se está na rua e vê que está sendo olhado, disfarça, se volta rasteiro e repara de nôvo no camarada. Bom, se está olhando ainda, é inimigo e o capoeirista se prepara para o que der e vier.

"Capoeira de Angola só pode ser ensinada sem forçar a naturalidade da pessoa, o negócio é aproveitar os gestos livres e próprios de cada qual. Ninguém luta do meu jeito, mas no dêles há tôda a sabedoria que aprendi. Cada um é cada um.

SEGUE

"Ninguém ainda me pôs no chão"

"Não se pode esquecer do berimbau. Berimbau é o primitivo mestre. Ensina pelo som. Dá vibração e ginga ao corpo da gente. O conjunto de percussão com o berimbau não é arranjo moderno, não, é coisa dos princípios. Bom capoeirista, além de jogar, deve saber tocar berimbau e cantar.

"E jogar precisa ser jogado sem sujar a roupa, sem tocar no chão com o corpo. Quando eu jogo, até pensam que o velho está bêbado, porque fico todo mole e desengonçado, parecendo que vou cair. Mas ninguém ainda me botou no chão, nem vai botar.

"Tenho um lema na vida: gosto de entrar sempre por baixo, para ver como é que saio. Não me casei ainda, já tive muitos filhos mas morreram todos. Tenho agora uma camaradinha que está louca para casar comigo. Dessa, não sei se escapo, não. Mas ainda é muito cedo para decidir. Depois, até agora não arrumei recursos para poder casar. Fome dá margem para muita coisa ruim. Se ao menos eu tivesse uma casa para morar, então eu me casava. Porque casa é o que mais mata o pobre, e mata na cabeça, ela come o pirão que os meninos deviam comer. Por isso não caso e o resto deixo à disposição de Jesus. Não fôsse Jesus tava na sarjeta hoje, pedindo esmola.

"E tudo isso no Brasil! Brasil que tem pra dar, vender, jogar fora e negar a seus filhos. Mas fica tudo dependendo dos decretos. Saem os decretos e êles vão caducando, caducando, como caducou o grito da Independência.

"Aprendi só o primeiro livro, mas direito. O resto foi a vida que me ensinou. Ensinou a ver. Tem coisas que a gente vê e que os letrados, os professôres, os políticos não escrevem. Gostaria de ter estudado mais, mas quem não tem pão para levar para casa pode ficar lendo dicionário?

"O homem pode falar duas linguagens, mas uma delas é falsa. Não sou católico nem sou de candomblé. Eu creio em Deus, num só. Respeito gente de religião quando há respeito.

"Já viajei bastante pelo Brasil, já fui até na África. Em Angola, não, mas quero ir. Só para comparar capoeira daqui e a de lá. Na hora de elogiar é Pastinha pra cá e pra lá, mas quando é viagem e apoio do govêrno para a capoeira de Angola, sou esquecido. É sempre assim: o trabalho é do feio para o bonito comer. Eu estou falando assim porque é modo de pensamento. Não é revolta contra a natureza. A natureza não liga para nada.

"Meu livro sôbre capoeira de Angola vou vendendo e vou comendo.

"Quem me ajuda mais é Jorge Amado. Jesus lhe dê fôrça e coragem. É muito mal empregado dizer que eu sou amigo de Jorge Amado. Êle é que é meu amigo. Quem precisa de Jorge Amado sou eu.

"Agora só falta dizer uma coisa bonita. O que vai sair na revista eu vou poder ler porque os meninos da Academia estão juntando dinheiro para pagar a operação dos meus olhos. Êles dizem que precisam do que ainda posso ver. Bonito, não?" FIM

Mestre Bimba, o criador da regional baiana.

As três escolas

Três são as modalidades em que se pratica a capoeira atualmente em Salvador, porém guardando entre si semelhanças fundamentais: **capoeira de Angola, a regional baiana** e a **capoeira estilizada.**

CAPOEIRA DE ANGOLA — Seria a forma mais pura, de grande importância para o folclore. Acompanha a luta um conjunto instrumental, composto de berimbau, pandeiro, reco-reco, agôgô, atabaque e chocalho. O berimbau é o instrumento principal e indispensável. As melodias que os capoeiristas cantam são genuìnamente de origem popular, sem maiores preocupações de métrica ou rima nas letras que são freqüentemente improvisadas. O ritmo anda de acôrdo com a própria luta, obedecendo variações tradicionais.

A capoeira de Angola começa com o ritmo do berimbau que é logo seguido pelos demais instrumentos. Depois de algum tempo o cantor solista vai cantando, acompanhado pelos outros que repetem seus versos.

Os capoeiristas que vão fazer a demonstração ficam acocorados ao **pé do berimbau,** ouvindo respeitosamente a cantoria. É o berimbau solista que indica o início do jôgo. Os capoeiristas se benzem e saem da posição em que se encontram, girando o corpo no sentido do adversário, iniciando o **jôgo de baixo,** de movimentos rasteiros, constantemente giratórios. O corpo não pode tocar o chão e importante é não deixar a cabeça exposta aos golpes de pé do adversário. Todos os golpes da capoeira podem ser aplicados no jôgo de baixo.

Depois, na posição **de-pé** desenvolve-se o resto da luta, que agora se torna mais violenta, enquanto o ritmo aumenta. Os golpes de capoeira são: **meia-lua** — tem êsse nome devido ao movimento giratório que a perna executa quando o capoeirista o aplica. **Bananeira** é quando o capoeirista se equilibra sôbre as mãos com as pernas para cima; nessa posição poderá atacar com os pés, de cima para baixo e deslocar-se em qualquer direção. **Aú** difere da bananeira porque o corpo gira, lateralmente, com enérgico impulso, permitindo ao capoeirista saltos de vários metros de distância. É um grande recurso quando o capoeirista é atacado por várias pessoas. **Chapa de frente:** é um golpe muito perigoso não só pela violência mas pelos orgãos que podem ser atingidos por êle; é um pontapé de coxa erguida, lançado contra o peito ou ventre do adversário. **Chapa de costas:** é semelhante a um coice, estando o agressor de costas para o adversário; trata-se de golpe malicioso pois a vítima é atingida quando julga que o agressor se retira. **Cabeçada:** desferida de preferência sôbre o torax ou no rosto e, ainda, de baixo para cima, sob a mandíbula. **Rabo de arrala:** golpe muito aplicado no jôgo de baixo. Seu movimento é em forma de chicotada com a perna em rápido movimento giratório, procurando atingir a vítima com a face lateral do pé, geralmente na cabeça. **Cutilada:** aplica-se com a mão, em forma de cutelo, sôbre numerosas partes do corpo; só é possível aplicá-lo quando os capoeiristas estão muito próximos.

REGIONAL BAIANA — Foi criada por Manoel dos Reis Machado, mestre Bimba, que durante dez anos praticou a Angola e depois resolveu juntar a esta alguns golpes da **savate,** do **jiu-jitsu,** da luta **greco-romana** e do **judô.** Compôs, assim, um método que tem 52 golpes, dos quais 23 — se bem aplicados — são mortais. Também é acompanhada pelo conjunto instrumental e pelas cantigas. Mestre Bimba tem hoje 66 anos e foi quem levou para as academias grande número de jovens de classe média e classe alta. Exercitam-se lá cêrca de 150 alunos por ano. Bimba só aceita aluno que tenha carteira profissional e prove que está empregado ou estudando. Êle inventou também — há 35 anos — uma bebida com pouco álcool que serve aos alunos depois da luta, para reanimá-los. Chama-se **mulher barbada.**

CAPOEIRA ESTILIZADA — Carlos Sena partindo da capoeira de **Angola,** passando pela **regional,** acabou criando a **estilizada.** Mantendo os golpes básicos, mais os de outras lutas, procurou criar tôda uma ética para a capoeira, como a do judô. A Senavox — êsse é o nome da Academia de Carlos Sena — visa fundamentalmente fins educativos além de atléticos, requerendo do aluno uma capacitação intelectual, física e espiritual. Tem uma regulamentação severa e uma exigência disciplinar respeitosa. Criou uma saudação típica antes das lutas, os contendores usam jaquetas próprias e o grau do aprendizado é indicado por faixas coloridas, como no judô. É a mais moderna de tôdas as academias e, inclusive, publica uma pequena revista ilustrada sôbre suas atividades.

Use Signal e fale de perto.

Sòmente Signal tem listas vermelhas. Nas listas vermelhas está o hexaclorofeno. Signal é garantia de hálito puro.

Signal
O DENTIFRÍCIO COM HEXACLOROFENO NAS LISTAS VERMELHAS

O hexaclorofeno de Signal é um moderno antisséptico que purifica o hálito. Enquanto isso, o elemento branco limpa e clareia os dentes. Signal é gostoso, refrescante.

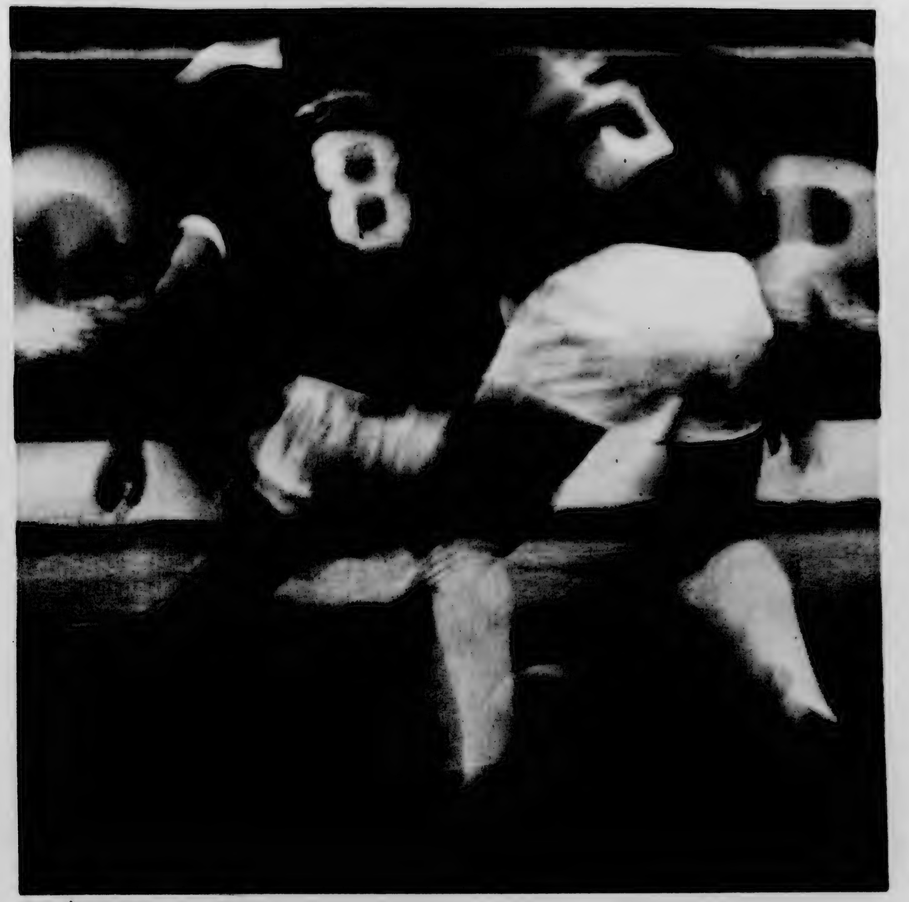
Jornais publicidade internacional

Sol e sal. Brisa marinha.
Aventura. Ritmo impetuoso.
Alegre. Jovial.
O ritmo da vida moderna.
E um cigarro moderno.

Capri

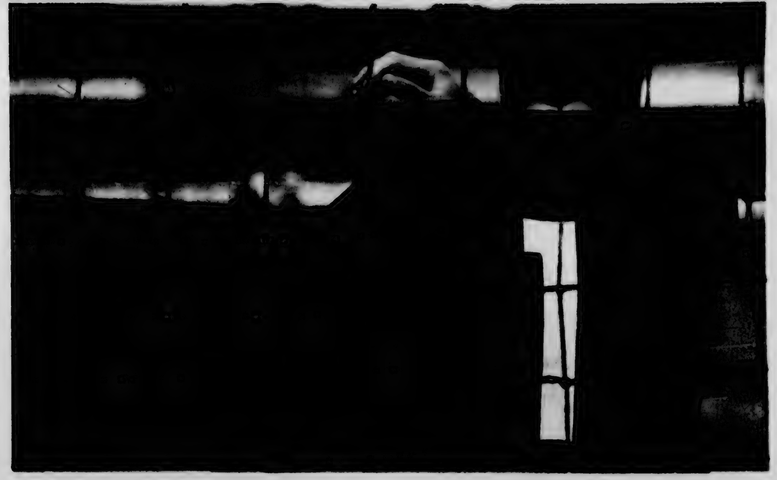
CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ

futebol

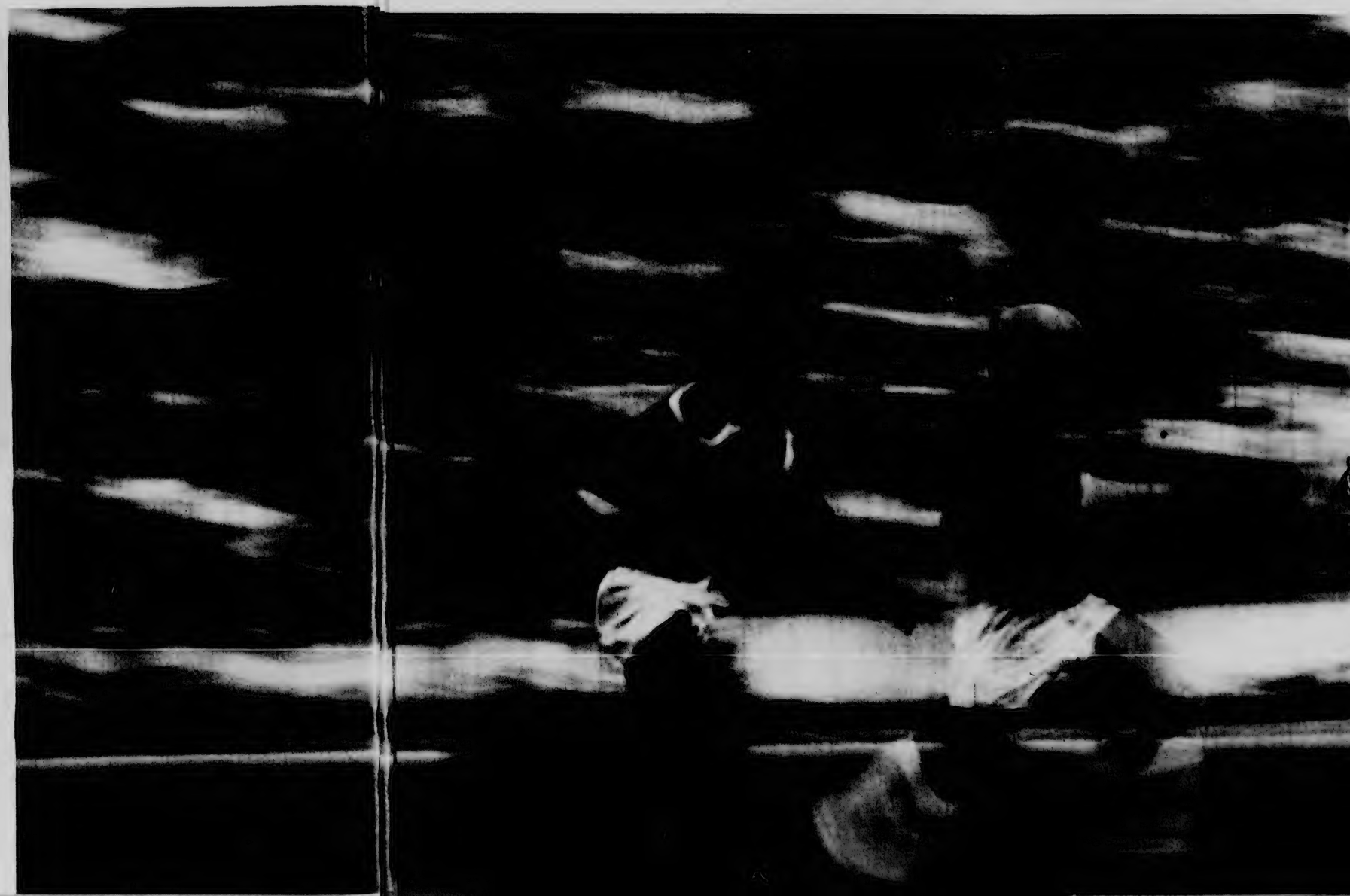


Aqui a guerra é pela bola

George Love, o fotógrafo, foi ao Pacaembu e ao Morumbi. Sentou à beira do gramado, entrou nos vestiários, trabalhou com a luz do dia e a dos refletores — fêz um ensaio. Carlos Azevedo, o repórter, subiu nas arquibancadas, observou as torcidas, consultou livros sôbre a psicologia do torcedor, de Buytendijk, Myra Y Lopez, Ataíde Ribeiro da Silva — fêz um artigo. Nestas páginas, fotógrafo e repórter, cada um em seu campo, contam o que é a guerra e a paz no esporte mais popular do mundo.

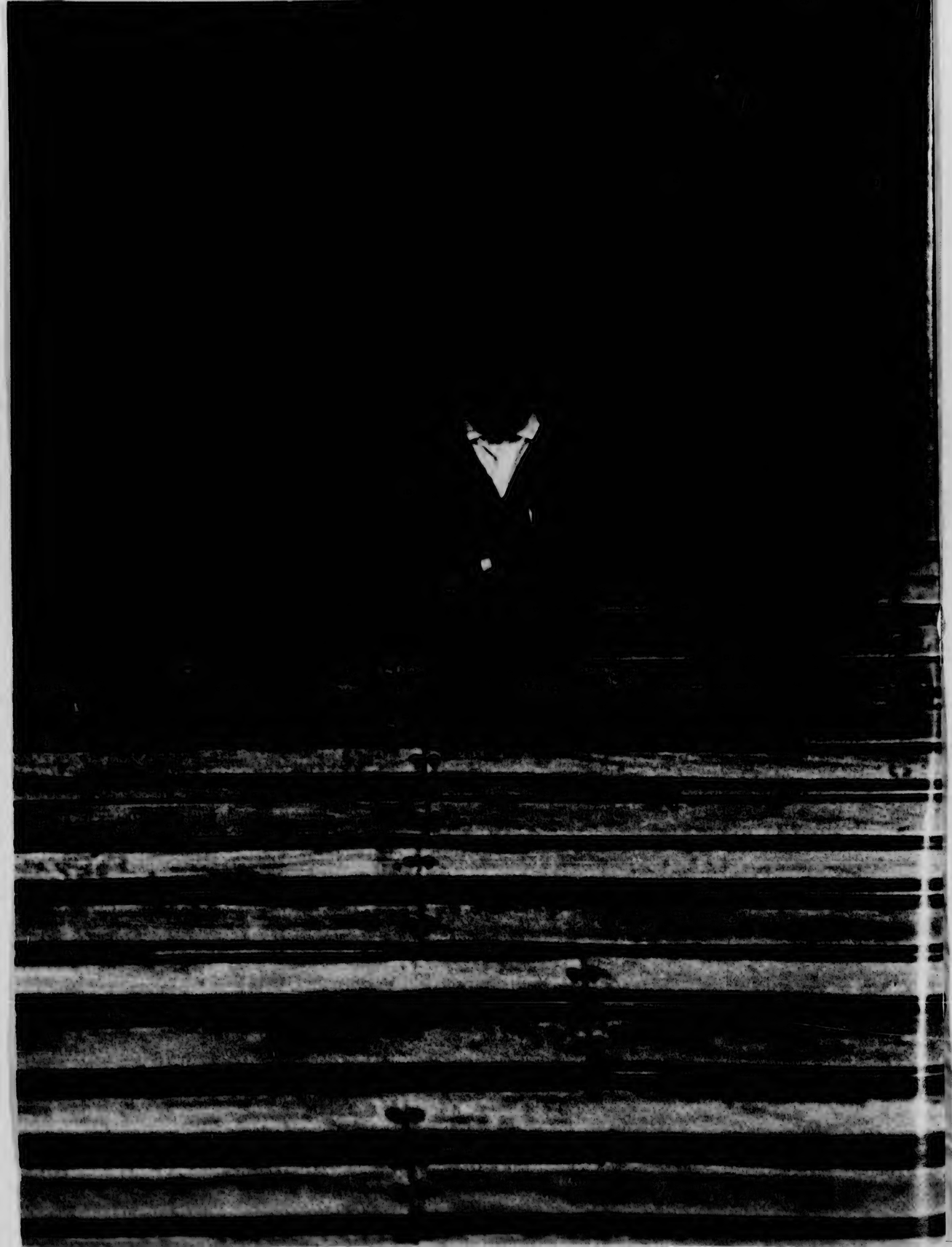


Da calma do túnel êles saem para a agitacão do jôgo



futebol

O estádio vive enquanto há velocidade e violência



Aqui só há paz com a vitória

Dentro da grande construção de cimento armado há 50 mil pessoas, sentadas lado a lado. De repente, elas gritam, quase tôdas ao mesmo tempo; em seguida, estão rindo mansamente. Num momento a sua vaia ecoa longe e já no outro ressoam suas palmas e gargalhadas. A multidão fuma nervosamente e mexe-se em movimentos lentos, dando a impressão de uma grande coisa viva.

Todo mundo tem a atenção prêsa no mesmo ponto: um retângulo de grama de 120 metros de comprimento por 60 de largura, onde 22 homens de camisas e calções coloridos perseguem uma bola de couro. Um 23.º homem, todo de prêto, corre junto com êles e os interrompe a cada instante com um apito agudo e feroz. Há outros dois personagens que acompanham tudo do lado de fora do retângulo, também vestidos de prêto e também com o poder de interromper a movimentação dos 22 homens. Só que em lugar de um apito eles utilizam uma pequena bandeira de côr viva.

Talvez um marciano, ao ver esta cena, confirmasse que os habitantes da Terra são mesmo loucos. Mas, no Brasil, uma partida importante de futebol é um acontecimento que atrai milhares de pessoas, é assistida por centenas de milhares de outras por intermédio do rádio e da televisão, e é assunto obrigatório nos jornais do dia seguinte. Pois, com tôda probabilidade, o leitor estará mais interessado na seção de esportes do que nas notícias que falam da alta dos preços dos alimentos, da ameaça à paz mundial, dos golpes de estado da semana, do terremoto que destruiu uma cidade no Peru.

Alguém poderá dizer: "ridículo, lamentável, um sinal de **degenerescência** da nossa civilização". Ou, então: "reflexos de povo imaturo, de país subdesenvolvido". Mas nesse mesmo dia, com igual cobertura jornalística, coisa semelhante estará acontecendo em Roma, Londres, Moscou, Paris, Madri, Buenos Aires. Porque há hoje no mundo milhões de pessoas a quem a industrialização e a produção em massa deram tarefas "sem compromisso", que não despertam interêsse vital. E essa gente procura nos esportes — no futebol, principalmente — experiência humana, uma participação que não consegue mais obter em seu trabalho.

A equipe contra o homem só

Num mundo em que o indivíduo cede cada vez mais o lugar ao coletivo, em que o trabalho é executado por grandes equipes, em que os transportes são rápidos e as distâncias vão ficando sempre menores, enquadra-se bem um esporte que dê margem a uma comedida agressividade masculina e uma boa habilidade técnica, possibilitando o gôzo de sensações violentas e um culto nacionalista, ou até bairrista, mas sem maiores conseqüências. Êsse esporte é o futebol.

Por que o futebol e não corrida de automóveis, a tourada, o boxe, a luta livre, que oferecem sensações mais violentas? Porque são esportes individuais, e o problema hoje não é tanto vencer sòzinho, mas fazer parte de algum grupo e participar de sua vida e realizações. Para isso o jôgo de equipe é o ideal: ninguém mais está só, é a integração, a luta comum. Além disso, o futebol tem a bola, que é o mais completo complemento de um jôgo.

O que é que a bola tem?

A esfera é a mais simples e a mais perfeita forma geométrica. Ao apalpar uma bola a mão resvala por uma superfície em que não se encontra nehuma resistência ou surprêsa, rugosidade ou aspereza. Isso dá uma excepcional satisfação, coisa que não acontece quando se apalpa um objeto anguloso. E, devido à curvatura inteiramente igual, a mão se acha sempre à mesma distância do centro de gravidade do objeto. Ao se pegar uma bola, tem-se a intuição de um todo único sem qualquer resistência: quase ninguém escapa da sensação provocada nas mãos pelo movimento de um objeto redondo e liso.

Olhar uma bola rolando não é tão bom, mas também é agradável. Jogada, ela dá a impressão de poder realizar qualquer tipo de movimento. E, assim, leva o espectador a sentir maiores possibilidades de realização.

Os estudiosos concordam em que jogar bola é, até para as crianças, o símbolo da separação e da reunião, da subida e da queda, da livre entrega e do receber. Ela é o mais natural e perfeito objeto de jôgo, pois nunca se joga senão com aquilo que joga com a gente. Mas por que o futebol é mais atraente? Por que não o basquetebol, o beisebol, o **rugby**, o voleibol, que também são jogos de bola e de equipe? Porque o futebol tem uma característica irresistível: é jogado com o pé.

O pé, êste selvagem

Dois meninos estão jogando bola na rua. De repente ela escapa e vai parar diante de um velhinho que está passando por ali. É quase certo que êle dará um pontapé na bola, aparentemente para atirá-la de volta aos meninos. Mas, na verdade, não é êsse o único motivo. Antes de tudo, êle chuta porque não pode deixar de fazê-lo, pois ver uma bola rolar, impulsionada por uma ação da gente, causa uma sensação muito agradável. E gostamos tanto disso que só o fato de ver outro fazê-lo já nos dá prazer.

A mão é civilizada. O pé é selvagem. Dá-se a mão e não o pé a outra pessoa. Num momento de raiva dá-se uma bofetada e isso não é tão feio quanto dar-se um pontapé. O pé é bruto e, segundo os psicólogos, um símbolo de primitivismo, de virilidade. As meninas são mais inclinadas aos jogos de bola com a mão, e os meninos preferem chutá-la.

Torcendo todos os homens se igualam

Mais tarde, essas meninas jogarão até hóquei, mas futebol, nunca. Isso confirma a atitude dos dois sexos: chutar é a agressividade masculina em ação, que pressupõe uma resposta — repelir; enquanto atirar com a mão pressupõe outra resposta que é receber a bola, definindo a atitude feminina, que é a receptividade.

O jôgo é a vida

O futebol é rico em vibração, fazendo o homem projetar sentimentos e aspirações individuais. É um espetáculo primitivo, mas de grande beleza, onde o torcedor participa da luta com a mesma tensão que os jogadores. O jôgo de futebol se confunde com a luta pelo triunfo na vida, fazendo o torcedor vibrar diante de um gol de seu time com a mesma satisfação que se houvesse alcançado algo que desejasse pessoalmente.

Êle **joga** nas onze posições do seu time preferido e goza do privilégio de executar o lance, na imaginação, igual ao do jogador e até melhor, se êste falhar. O torcedor é um parceiro e um crítico ao mesmo tempo. O que não deixa de ser uma excepcional vantagem.

Junte-se a isso a incerteza quanto ao resultado da partida e também a certeza de que nada de trágico poderá acontecer, a impossibilidade de se alcançar a perfeição da técnica de jôgo, a existência do cerimonial das regras (a cerimônia da saída após cada gol, por exemplo), o orgulho pelo time, que aumenta quando se trata da seleção nacional, o culto dos ídolos e heróis, e o estímulo dado a tudo isso pela imprensa e pelos bate-papos, então se estará entendendo porque o futebol é o mais popular esporte do nosso tempo.

Quem é o torcedor

Há os que falam sem parar e os calados; os gesticuladores e os que ficam grudados ao banco, duros, imóveis; os que xingam; os que têm uma **escrita** para ir ao campo (usam sempre a mesma roupa, sentam-se no mesmo lugar); os que apostam em tudo (gols, escanteios, bolas na trave); os que tomam cerveja, café, sorvete, comem sanduíche e amendoim e os que não comem nada.

Muitos torcedores trazem cartazes, faixas, roupas extravagantes, cornetas, tambores. Há os que trazem só as suas inúmeras piadas, que vão soltando durante o jôgo. Uns estarão pessimistas enquanto seu time não tiver estabelecido uma vantagem folgada, mas há os otimistas que em nenhum momento pensam na derrota.

Quase todos vêm em grupos de quatro, cinco, porque é mais divertido.

Mas se o torcedor não encontrou companhia, vai sòzinho mesmo, porque logo fará amizade com os vizinhos de banco, e, ainda que não torçam para o mesmo time, assistirão à partida juntos, comentando cuidadosamente — para não se ofenderem — as jogadas. Êles são de tôdas as classes sociais e, no entanto, agora, em nada diferem: todos são **substitutos** do técnico do time — de cuja capacidade desconfiam — discutindo a formação do quadro e o esquema de jôgo adotado.

O importante é descarregar

E quando termina o espetáculo — se o jôgo possibilitou muita comunicação, identificação, afirmação, isto é, oportunidade para liberação psicológica e afirmação de tendências particulares — nem mesmo a derrota fará o torcedor voltar aborrecido para casa. Dirá que "foi um jôgo movimentado" parecendo imitar a máxima "o importante é competir", mas realmente significando "o importante é descarregar, comunicar, afirmar". A busca da vitória no jôgo passa a ser um pretexto consciente para liberações inconscientes.

O juiz é o bode expiatório: para muitos, o seu time só perde quando o juiz rouba, porque êles não podem admitir que seus heróis falhem. Depois, o juiz é também símbolo de autoridade, que deveria ser justa, mas, na opinião do torcedor, raramente é. No fundo, o juiz representa o patrão para o empregado, o professor para o estudante, o pai para o filho. Assim, quando xinga o juiz, o torcedor está descarregando suas tensões acumuladas contra essas autoridades.

No decorrer do jôgo as diferenças sociais — classe, raça, religião, opção política — desaparecem. Os mais simples vivem o ambiente de euforia desde que chegam ao estádio e os mais complicados entram nesse clima aos poucos. Assim, os palavrões e gritos podem não vir no mesmo tom de voz, mas vêm igualmente das gerais e das cadeiras numeradas.

SEGUE

Êle é sempre um sério candidato a sofredor

Ali entre as 50 mil pessoas que estão no estádio há o **interessado que se diverte,** aquêle que não vai a todos os jogos obrigatòriamente, não tem exatamente um time de sua preferência, em geral gosta daquele que está jogando melhor no campeonato; por isso êle se define como "um amante do futebol-arte" e não um "escravo de paixões". Evidentemente, êie tem mais o que fazer do que sofrer por causa de futebol. Mas é sério candidato a sofredor.

O **engajado tranqüilo** tem seu time, suas preferências. Não corre grandes riscos — não é um sofredor e talvez nunca o será — pois para êle o seu time raramente perde por injustiça: "o adversário jogou melhor", é sua frase. Não discute futebol freqüentemente e, embora julgue o assunto importante, prefere ouvir que falar. Seu entusiasmo aparece só durante o jôgo, influenciado pelos movimentos em campo e pela emoção geral.

O **engajado entendido e racional** é um tipo raro de torcedor, apesar de exteriormente muitos se apresentarem sob essa condição. Chega cedo ao campo "para assistir ao espetáculo de um estádio encher-se". Senta-se num bom lugar porque entende de onde é melhor a visualização do jôgo e do campo (êle sabe onde ficará cada torcida e como é o seu comportamento). Antes, durante, e depois da partida comenta cada situação, os problemas que um time está vivendo, a disposição dos quadros em campo e as razões técnicas que levaram seu time à derrota: "estava na cara que jogando assim com os pontas atrasados e caindo sôbre o miolo do campo o Palmeiras não podia ganhar". Discute as decisões do juiz, explicando em voz calma porque êste agiu certo ou errado na marcação daquela falta. E, ao fim do jôgo, é capaz de uma frase assim, mesmo sendo torcedor do Botafogo: "o Bangu venceu e isso foi justo. Seu time jogou um futebol honesto, um futebol-verdade, êle se dispôs certo em campo, desejou a vitória. Não foi como o Botafogo que apresentou um falso futebol, que quis enganar o adversário, a torcida e a si mesmo. Não ganhou porque não mereceu ganhar". Ninguém sabe como está sofrendo, e a tensão que se nota em sua fisionomia êle justifica como resultante das emoções naturais de uma boa partida. Confirma que está muito tranqüilo. Mas ninguém estranhe se êle abandonar a turma e se embrenhar na multidão. Desculpem-no os amigos, que êle quer sofrer um pouco sòzinho.

Êle ama é o clube

Já o **engajado apaixonado** é um entendido que perdeu a vergonha de sofrer. Êle ama muito o futebol como esporte, mas ama ainda mais o seu clube. Acompanha pelo, rádio, televisão e jornais tudo que seu time faz, tem palpites ("êste ano êle será campeão"), durante a semana inteira discute futebol com os amigos, o tempo todo prepara o espírito para a grande partida que se aproxima. Marca tudo certinho com a turma — "êste jôgo eu não posso perder" — e no domingo está no estádio, bem antes da hora: "êste sol, esta grama, esta gente me emocionam pra chuchu", confessa para o amigo. Grita, reclama, dá pulos quando seu time marca gol, pode até enfurecer-se embora isso seja muito raro. Sai leve do estádio, descarregou tôdas as frustrações acumuladas, a derrota nunca conseguirá entristecê-lo por mais de meia hora. Caminha simples e realizado para um chope ou uma **pizza.**

O **fanático** pode estar em qualquer situação, mas nunca perde o **estado civil:** "Antônio Gomes, corintiano", "o meu time é o maior do mundo"; "o único defeito da seleção nacional é não aproveitar os onze jogadores do meu time". O fanático é um tipo bastante numeroso na torcida.

Para êle o jôgo é sòmente um episódio — ainda que importante — da vida do clube. Acompanha tudo (não para fiscalizar, pois êle só sabe amar), e conhece todos os jogadores pessoalmente. Enterrado na política interna do clube, ajuda a fazer coletas para construir o nôvo estádio ou para contratar o jogador famoso. Seu pior momento é quando o time sofre uma derrota surpreendente. Então desaparece por alguns dias. Não vai ao trabalho para fugir à gozação, pois havia dito que se a vitória do time "fôsse por menos de 2 a zero tiraria as calças no meio da rua". E agora? Manda dizer que está doente, não aparece. Depois de passada a onde lá está êle de nôvo.

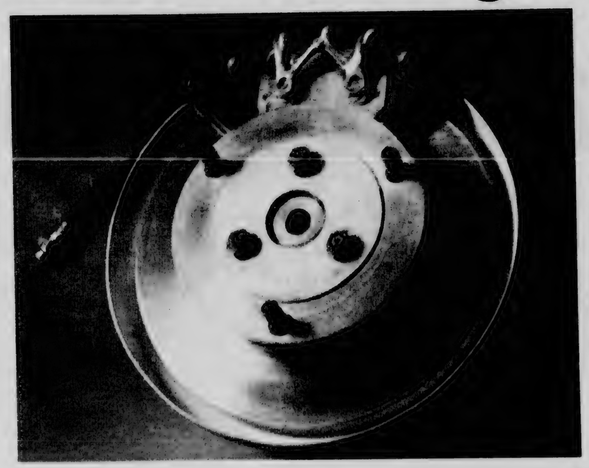
No campo é o que carrega aquela imensa bandeira que não pára de se agitar durante tôda a partida; é aquêle que pulou o alambrado e foi bater no juiz porque anulou aquêle gol legítimo (e acabou apanhando de cassetete da Polícia). É aquêle que jogou uma garrafa vazia dentro do campo, que brigou com três sujeitos que falaram mal de um jogador **seu.** É aquêle que durante um campeonato inteiro foi visto acompanhando seu time em tôdas as cidades em que a equipe teve de jogar. Êle ganha pouco, mas faz um esfôrço para sempre estar presente, custe o que custar. É aquêle que depois da vitória sensacional carregou o artilheiro do time nas costas, chorando de felicidade, humilde como um servo diante de seu ídolo, o seu herói — o jogador de futebol.

FIM

Os pilotos Bird Clemente e Luiz Pereira Bueno e os mecânicos da Equipe Willys.

Nossos pilotos achavam que só faltava freio a disco no Gordini II.

O Gordini III já tem.



Sôbre o Gordini II, os pilotos da Equipe Willys disseram que a fôrça de arranque, a estabilidade e a velocidade estavam 100%. Mas deram uma sugestão: freio a disco nas rodas dianteiras, como têm os modernos carros-esporte europeus.
Acentuaram que o freio a disco dá maior estabilidade e reduz a distância de freagem. Resiste ao cansaço e não sofre superaquecimento, mesmo com uso freqüente em alta velocidade. Não patina, mesmo molhado.
Tudo isso quer dizer segurança. A sugestão está aceita: o Gordini III tem freio a disco nas rodas dianteiras.*
E tem também outras novidades, como: luz interna acoplada no retrovisor, uma bossa muito européia.
Novas lanternas traseiras e luz de placa embutida no pára-choque.
No Gordini III só faltam, agora, você e sua família.
* opcional

RENAULT GORDINI III 67

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de alta qualidade

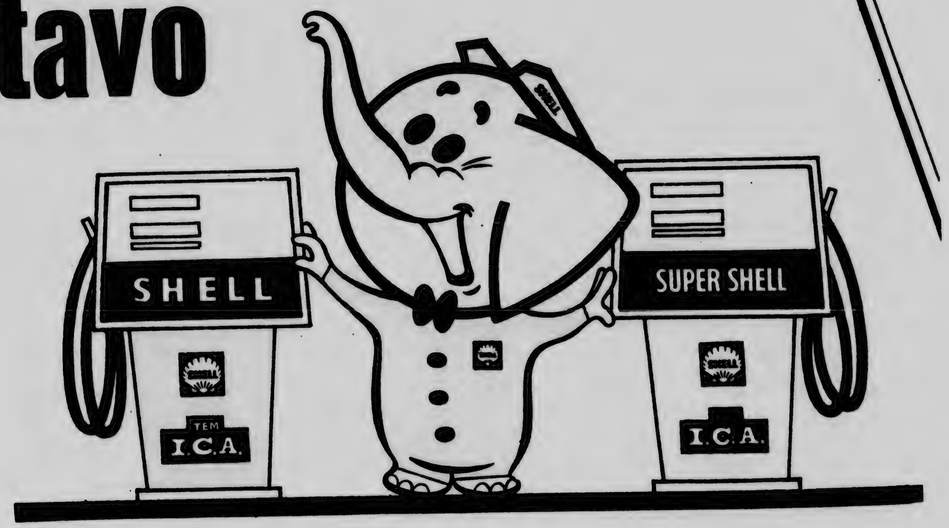
©Willys-Overland 66.10.25

quando lhe disserem que tôdas as gasolinas são iguais, lembre-se que só nos postos shell você encontra

I.C.A.

gasolina contendo centavo e não paga um a mais por isso.

(isto é ou não é algo mais?)



Quase três mil jovens paulistas estudam num nôvo tipo de ginásio onde tudo é diferente: não há exames, viaja-se muito, quase não há aula, e até a cola é livre. Trata-se de uma experiência fascinante que tem cinco anos e que os educadores de todo o Brasil acompanham com muita esperança.

Já existe a escola de amanhã

Texto de José Hamilton Ribeiro - Fotos de Geraldo Mori

O deputado João Afonso, de 15 anos aproxima-se do balcão e começa a preencher um cheque, quando se lembra de alguma coisa. Chama o gerente do banco, dois anos mais nôvo que êle, e faz uma consulta:

— Eu vou-me embora o ano que vem, mas quero manter minha conta aqui. Qual é o mínimo que preciso deixar?

— Noventa cruzeiros.

— Quer ver meu saldo, por favor?

Um atendente vai ao arquivo, anota a quantia num papel e entrega a João Afonso, que faz umas contas e acaba de prencher o cheque. Troca-o por uma ficha, e passa a aguardar a chamada do caixa, um menininho loiro, que não terá mais de 12 anos de idade. O gerente puxa conversa:

— Então, deputado, será que o nôvo governador vai fazer muita coisa?

— Espero que sim. Sua equipe apresentou um plano de ação bem estudado e está com vontade de trabalhar.

O caixa chama seu número, o deputado João Afonso vai ao guichê, confere o dinheiro (mil e novecentos cruzeiros), coloca na carteira, despede-se do gerente e sai apressado.

Isto não é teatro infantil. É apenas uma cena comum na vida diária do ginásio João XXIII, de Americana, um dos cinco ginásios vocacionais que o govêrno do Estado de São Paulo vem mantendo, há cinco anos, experimentalmente. Tôda a técnica pedagógica empregada é moderna. E essa é uma delas: aprender fazendo.

O banco é um banquinho de verdade, com mais de dois milhões de cruzeiros em depósitos; o deputado é um deputado de verdade, no govêrno estudantil do ginásio João XXIII. João Afonso retirou todo o dinheiro que tinha porque vai embora: formou-se. A conta aberta no banco será o último vínculo material que o ligará a uma instituição onde passou quatro anos movimentadíssimos, e de onde êle nem queria sair. No começo da última série, até ameaçou relaxar os estudos para tomar bomba e poder ficar mais um ano. Mas mudou de idéia a tempo e chegou à última entrevista com a orientadora educacional, que ia aconselhá-lo sôbre os rumos a tomar na vida:

— João, a sua ficha é clara como água. Se você puder, procure entrar para uma escola de aviação...

— Ganhei, professôra! Ganhei uma aposta com meu pai. Eu sabia que era isto que a senhora ia me dizer.

O Serviço do Ensino Vocacional no Estado de São Paulo foi criado quando era secretário da Educação um homem de emprêsa, sr. Luciano Vasconcellos de Carvalho (Exposição-Cipper). O sistema teve cinco anos para provar que é bom, e o prazo terminou no ano passado. Agora, o govêrno medirá os resultados a fim de decidir se vai abrir novos ginásios, para ampliar o ensino vocacional pelo Estado todo ou encerrar a experiência, por não acreditar em sua eficiência.

Escola que ensina a estudar

Nos quatro anos de ginásio, o aluno aprende muita coisa, mas principalmente aprende a estudar. A escola vocacional é diferente das outras em tudo. Não tem nota, nem exame, nem matérias isoladas. Nem tem aula, se a gente pensar naquela situação de um professor falando do alto de sua mesa para 40 alunos distantes. Seu objetivo não é apenas a escolaridade intelectual promovida pelos ginásios comuns. A meta é desenvolver a personalidade do aluno, ajudá-lo a descobrir o ramo de atividade para o qual tem aptidão e prepará-lo para enfrentar um mundo difícil e em permanente modificação.

O ginásio funciona o dia todo, com classes de 30 alunos, mistas. De preferência com igual número de meninos e meninas. A convivência faz nascer amizade entre êles. E às vêzes a amizade vai **mais longe,** como relata o jornalzinho **Gaveta,** da primeira série (entre 10 e 12 anos) do Ginásio Vocacional do Brooklin, São Paulo:

"O Sérgio (1.ª série C), confessou em voz alta que gosta da Maria Inês (1.ª B). Aliás, ela já namorou o Carlos Alberto (1.ª C), o Luís (2.ª B), e o Gil (1.ª C), e confessa também que agora gosta do Sérgio. A Maria Inês diz que quando está ao lado dêle fica bàrbaramente nervosa."

O jornalzinho é uma atividade promovida e orientada pela **área** de Português, mas observada e consultada por tôdas as outras áreas (área é uma matéria ou grupo de matérias afins). Assim, a notícia sôbre os namoros de Maria Inês chamou a atenção da orientadora e trouxe um bom tema para Educação Sexual, que é apresentada com naturalidade em tôdas as séries, de acôrdo com o interêsse e a maturidade dos alunos.

O aproveitamento das classes é testado pela **bateria,** uma espécie de prova onde a consulta é livre: o aluno pode recorrer ao que quiser — anotações, cadernos, mapas e livros. A única exigência é que faça com seu próprio esfôrço. Não importa que erre.

Os cinco ginásios vocacionais em funcionamento estão localizados em Batatais, Barretos, Rio Claro, Americana e São Paulo (Brooklin). Cada um tem um programa de estudo adaptado à sua cidade. Assim, no ginásio de Americana, cidade fundada por americanos, os alunos da primeira série podem começar o ano estudando a Guerra de Secessão dos Estados Unidos. Enquanto isso, no ginásio de Batatais, os mesmos alunos de primeira série estão iniciando as atividades em volta de um quadro de Portinari: o pintor nasceu na região (Brodósqui) e deixou muitas obras espalhadas pela cidade. Já em Barretos tudo pode ter seu começo numa fazenda, à beira de um curral de zebus.

Pai também vai à aula

O ensino segue a técnica dos círculos concêntricos. Os garotos não dão saltos no vazio, mas passam a **estágios** de conhecimento deslizando naturalmente de estágios anteriores bem mastigados. Às vêzes o método não é compreendido. No meio do ano passado, um pai cuidadoso apareceu no ginásio vocacional do Brooklin e procurou a diretora:

— Olha, dona Tomises, não é que eu duvide do gabarito da escola. Mas meu vizinho tem um filho na mesma série do Júnior, e eu andei examinando, êle sabe mais coisas de Matemática que o meu menino. Estou preocupado, a senhora sabe, será que o Júnior passa no vestibular depois?

Não era o primeiro pai que estranhava a Matemática moderna do vocacional. O caso foi discutido em conselho e decidiu-se fazer um cursinho intensivo para os pais. Apareceram 240, que ganharam até diploma e aprenderam por que suas crianças às vêzes parecem mais **atrasadas** que outras, em determinadas matérias: elas mastigam mais, para digerir melhor.

O ano escolar é dividido em bimestres, e em cada bimestre há uma nova **unidade de estudo.** A primeira **unidade** é o próprio ginásio vocacional. Tôdas as áreas preparam seu programa a partir dessa fonte. SEGUE

Êles aprendem a fazer, fazendo

— Vocês já viram o **Diário Oficial?** É êste jornal aqui. O exemplar que está em minha mão é do dia 27 de junho de 1961, uma data histórica para nós. Nesse dia, o ginásio vocacional começava a existir, por fôrça de um decreto do governador do Estado. Todos os documentos oficiais saem no **Diário Oficial,** e, assim, êste jornal acaba sendo uma das grandes fontes para conhecimento da vida do país.

É o professor de História falando, integrando sua matéria na unidade escolar. O professor de Geografia, ao perguntar à classe como é o caminho para o ginásio, começa a dar-lhe noções de relêvo e topografia. Outro professor, pedindo-lhe para calcular a distância entre suas casas e a escola, introduz as primeiras noções de Matemática.

O primeiro bimestre é um exercício de conhecimento mútuo. Os alunos descobrem o ginásio e adaptam-se a seus métodos; os professôres conhecem os alunos, seus gostos, condições familiares e problemas. Então o ritmo começa a apertar. Ao fim do segundo mês, cada classe já está organizada em cinco ou seis equipes de trabalho, segundo uma técnica chamada sociograma, em que cada membro do grupo completa o outro e onde se descobre e se incentiva a liderança. Ninguém recebe **dever** para fazer em casa. A equipe, sim, tem tarefas, que podem ser resolvidas no ginásio mesmo. Os membros da equipe estudam seus problemas juntos, primeiro sob a orientação do professor, depois fiscalizando-se a si próprios.

Um caso de namôro

Dona Olga, orientadora educacional, recebe uma queixa:

— O Jaime, da segunda série C, anda negligente, dispersivo, e todo o trabalho da equipe está sendo comprometido com seu comportamento.

A orientadora consulta vários professôres, conclui que o menino tem algum problema e o procura:

— Então, Jaime, que há com você? Dizem que está meio desanimado, não se dedica mais, anda calado. O que houve?

— Não é nada, dona Olga.

— Vamos, rapaz. Nós sempre nos entendemos tão bem.

O menino cede. Está com problemas de convivência na equipe. Dois colegas, Pedrinho e Lucas, andam fazendo piadinhas a respeito de seu namôro com a Dirce. Isto o deixa tão amargurado que êle não pode nem ver a cara dos outros dois. E propõe que êles sejam afastados da equipe. Dona Olga analisa a situação junto com Jaime. Mostra-lhe que a solução apontada é um ato de fôrça. O que está havendo é uma falta de consideração de Pedrinho e Lucas para com os colegas Jaime e Dirce, e êle precisa reagir construtivamente.

— Fale com êles — sugere dona Olga. Vá calmo, mas decidido: a razão está do seu lado. Diga que pensou no assunto e que êles estão errados; seja enérgico e mostre-se disposto até a uma briga. Depois de tudo isso você vem aqui e me conta o resultado.

Jaime, depois de uma conversa "de homem para homem" com os dois colegas, esclareceu a situação e ainda saiu fortalecido: ganhara o respeito de Pedrinho e Lucas, sem perder a namorada. Às vêzes, porém a incompatibilidade numa equipe é mais profunda, e só se resolve com a transferência de alguns membros para outra equipe. Em casos extremos de desajustamento, promove-se a matrícula do aluno em outro ginásio.

A técnica de aprender fazendo

Maria Helena era um terror. Doze anos, magrinha e feia, não ficava mais de uma semana em cada equipe: brigava logo. Não rendia em nenhuma área e nem havia grupo que a suportasse. A orientadora educacional levou quase um ano para encontrar a solução: Educação Física. A professôra de ginástica, agindo segundo um plano traçado com a orientadora e outros professôres, fêz de Maria Helena a líder da matéria. Ela escalava os times, fiscalizava os horários, tomava conta do material e muitas vêzes até apitava os jogos. E, passando a canalizar tôda sua energia para o que gostava, começou a acertar no resto. Não brigou mais com ninguém, ajeitou-se numa equipe e chegou até a ser disputada por outras. É, agora, ótima aluna, com um sonho: ser professôra de Educação Física.

O trabalho em equipes, a técnica de aprender fazendo, o **estudo do meio** e a execução de **projetos** tornam o ginásio um local ativo e movimentado. Já na primeira série os alunos começam a **fazer:** meninos e meninas de 10 a 12 anos são encarregados do funcionamento da cantina — muito freqüentada na hora do recreio.

Orientados pela área de Práticas Comerciais, enquanto tomam conta do estabelecimento, êles vão recebendo, sem sentir, aulas de Matemática — cálculos, juros, operações comerciais; de História — como surgiu o comércio no mundo, que países cresceram à custa dêle; Português — redigir relatórios e prestações de contas; Geografia — que alimentos são encontrados na região, que tipo de solo favorecem o crescimento dos cereais utilizados na cantina; Ciências — conservação de alimentos, combinação de elementos que entram na fabricação dos refrigerantes; e assim por diante.

Nem sempre tudo corre bem. No ginásio de São Paulo, o professor de Práticas Comerciais descobriu que um dos encarregados do caixa da cantina, logo no primeiro mês, tinha avançado no dinheiro. Discutiu a questão com a orientadora e, dentro do espírito de autodisciplina que o ginásio procura despertar nos alunos, ficou resolvido que só a própria equipe responsável pela cantina deveria tomar uma decisão. Simultâneamente, o professor de Práticas Comerciais entrou com as aulas de balancetes, explicando-lhes que qualquer descuido financeiro apareceria no fim do mês. O plano deu certo. Antes mesmo que os outros descobrissem, o aluno faltoso procurou os companheiros e contou suas dificuldades. O dinheiro foi reposto pela equipe e no fim do mês o balancete apresentado à orientadora estava certinho. Mesmo assim, havia uma surprêsa para os meninos:

— Nós soubemos que, por falta de contrôle, vocês tiveram dificuldades com o caixa. Isto é normal, uma vez. E quem erra uma vez aprende a acertar para sempre. Não vamos fazer rodízio de equipe na cantina êste mês. Vocês vão continuar com ela e verão que manter o caixa em ordem é fácil.

A equipe sentiu-se muito importante com isso e o menino conseguiu reabilitar-se totalmente.

Durante o curso êles podem aprender tôdas as profissões

O Banco Estudantil guarda as economias de todos alunos. Análise do solo, ou aula da área agrícola. O governador-mirim e seus secretários, reunidos, traçam seu plano de ação.

A previsão do tempo, do govêrno estudantil, traz verbas federais para Americana

Às vêzes uma aula determina a vocação.

O título de eleitor é igual ao oficial.

Estudar o meio é conhecer, em contato direto com a realidade, o que se deve aprender. Êste ano, no ginásio de São Paulo, o estudo do meio da área de Português da primeira série foi uma pesquisa sôbre a Academia Paulista de Letras. Os estudantes visitaram o prédio, assistiram a uma sessão literária, entrevistaram o presidente, viram que livros escreveram os paulistas e aprenderam muita coisa de literatura. Após cada estudo do meio, os alunos devem entregar ao professor um relatório com suas impressões. Sôbre a visita à Academia, Maria Ângela da 1.ª série C, escreveu: "Quando eu crescer, quero ser romancista. E pretendo escrever muitos livros bacanas. Mas duvido que aquêles velhinhos me aceitem na Academia dêles."

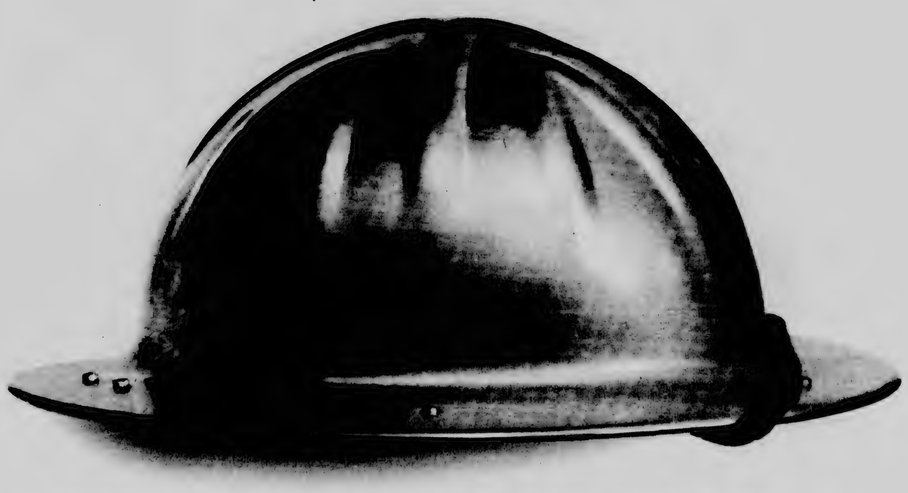
A área de Estudos Sociais repartiu as classes em três grupos e levou cada um a um dos três poderes do Município: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário. Na volta, em assembléia geral, enquanto cada equipe contava como trabalham o prefeito, os vereadores, os juízes, o professor aproveitava para ir explicando a interdependência que existe entre os três poderes.

Uma nova jovem guarda

Os locais de visita não são escolhidos ao acaso. Os professôres discutem antes; e, depois, procuram extrair dos alunos as opiniões que interessam em cada área. Assim, um local escolhido especialmente pela área de Ciências, serve também às de Geometria, Inglês, Práticas Comerciais e outras áreas. O estudo do meio deve ainda acompanhar a evolução de cada ano escolar. Na primeira série, as pesquisas não feitas na própria cidade. Na segunda, quando se estuda o Estado, os alunos viajam para o litoral ou centros industriais, praias e portos, estabelecimentos comerciais e agrícolas. Na terceira, quando o centro de interêsse é todo o país, as pesquisas podem ser feitas até em outros Estados. Na quarta série é o mundo que está em foco e a visão que cada aluno adquire é testada num trabalho de observação direta dentro da própria comunidade, de modo que todos sintam que têm um papel a desempenhar na sociedade. SEGUE

nas construções, telhados,
pontes e esquadrias, o alumínio
é cada vez mais importante.

no seu dia-a-dia,
cada vez mais, o homem usa
ALUMÍNIO



Não é apenas uma tendência. Nem moda. Aqui está a explicação lógica para os engenheiros de hoje estarem usando cada vez mais o alumínio: a evolução. Até a geração passada, não tínhamos alumínio em tantas formas e tão desenvolvido como existe agora.
Forte, leve, versátil, inatacável pelo tempo e fácil de ser trabalhado, o alumínio está fazendo cada vez mais esquadrias, telhados, tôrres, armações e até fachadas inteirinhas. Para fazer coisas que precisam ser resistentes, e para fazer coisas que não precisam de acabamento ou pintura para se conservarem bonitas, por que não pensar no alumínio? Nesse ponto entramos nós, da ALCAN, contribuindo para maior utilização do alumínio no mundo todo. No Brasil, estamos há cêrca de vinte anos (lembra-se de nossa marca Albra?), como fornecedores de alumínio para todos os setores. Cada vez mais, disponha do alumínio ALCAN.
Por que não fazer de alumínio? Estamos às suas ordens.

ALCAN ALUMINIO DO BRASIL S.A. ALCAN

Govêrno estudantil, um exercício de democracia

Em Batatais, o tema de estudo da quarta série foi "Condições de Saúde e Habitação no Mundo de Hoje". E quando buscaram uma aplicação prática do que haviam estudado, os alunos descobriram que sua cidade ainda não tinha estação de tratamento de água. Fizeram um plano, encaminharam à Prefeitura e agora a estação está sendo concluída.

A execução de projetos é outra técnica do colégio vocacional. No começo do ano, cada aluno escolhe um projeto que quer ver realizado. O ano passado, um grupo de Americana instalou uma estação de rádio completa, dentro da área de Artes Industriais. Uma equipe de São Paulo quis montar um computador eletrônico e está trabalhando nisso. Conjuntos de teatro e de música (inclusive de ié-ié-ié) existem em todos os ginásios. Um dêles, os **Ticos**, de São Paulo, adaptaram o **Pequeno Príncipe** para o teatro e dizem, animados:

— Nós vamos ser a jovem guarda do TUCA. E também chegaremos à Europa...

O grupo de Batatais, no fim do ano, montou a peça mais comentada de tôdas: um auto de esperança na juventude do mundo, escrito por êles mesmos, chamado **A Terra é Azul.**

Alunos elegem o govêrno

As matérias dividem-se em três grupos: Cultura Geral, Iniciação Técnica e Práticas Educativas. Entre estas últimas, uma recebe muito destaque: a Educação Social Moral e Cívica, que procura fazer do aluno um elemento integrado nas relações com a família, a comunidade e o país. Nesta área, a técnica mais incentivada é a do govêrno estudantil.

O primeiro instalado, alguns dias na frente do de Batatais, foi o govêrno estudantil do ginásio de Americana. Através de eleições, os alunos elegem governador e deputados, tal e qual um regime democrático adulto. O Legislativo faz as leis, o Executivo aplica, o Judiciário vigia os dois. Tôdas as Secretarias de Estado funcionam. A da Fazenda mantém um banco do govêrno, inspetoria fiscal e coletoria. A da Agricultura, através de sua seção experimental, vendeu no ano passado mais de 100 mil cruzeiros de verduras e agora está criando coelhos. Sua maior realização, porém, é o pôsto meteorológico. Todo dia, às 11 horas, a rádio de Americana anuncia: "Previsão do tempo, segundo dados fornecidos pelo Serviço de Meteorologia da Secretaria de Agricultura do govêrno estudantil de Americana..."

A Secretaria da Educação, entre outras coisas, edita um jornal — o **Diário Oficial** do govêrno. E a Secretaria da Segurança mantém uma polícia própria (os escoteiros), muito solicitada quando há eleições ou excursões.

Atuando no govêrno estudantil, os alunos exercitam tôdas as artes da política, inclusive as jogadas e manobras eleitorais. Houve eleições em dezembro, para governador, vice-governador e deputados. Cláudio Rosa Gallo, da terceira série, magrinho e sabido, era um dos candidatos a governador. Dois dias antes das eleições, seus assessôres fizeram um levantamento e verificaram que a situação de Gallo não era boa. Tinha menos de 40% dos votos. Era preciso fazer alguma coisa com urgência.

Gallo sabia que o governador em exercício não tinha muita simpatia pelo outro candidato, mas também não sabia se lhe daria apoio oficial. Pediu audiência, trancou-se numa sala com o governador e, no outro dia — véspera das eleições — circulou por tôda a escola um manifesto de apoio à candidatura Gallo, assinado não só pelo governador, como por todo o secretariado. Resultado: foi eleito com mais do dôbro dos votos do adversário.

— Está certo — diz êle. O maior poleiro é sempre para o Gallo.

As matérias de Cultura Geral — Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais e Inglês ou Francês — são obrigatórias nos quatro anos. As matérias de Iniciação Técnica — Artes Industriais, Artes Plásticas, Práticas Comerciais, Práticas Agrícolas e Educação Doméstica — só são obrigatórias nas duas primeiras séries. Na terceira série, os alunos podem escolher duas dentre estas cinco últimas, e se desobrigar das outras. As Práticas Educativas — Educação Física, Musical, Social, Moral e Cívica, Religiosa, Familiar, Astística — seguem durante os quatro anos.

No fim do curso, o aluno recebe um laudo vocacional que lhe indica as profissões para as quais tem aptidão. O laudo se baseia em três pilares: 1 — a fôlha de observação do aluno, onde são anotados, de dois em dois meses, todos os dados da sua vida escolar; 2 — os testes psicológicos feitos a partir da primeira série, com provas de inteligência, aptidão e interêsse; e 3 — os projetos realizados e as escolhas feitas na terceira e na quarta série. A fôlha de observação contém anotações de duas naturezas: a) análise psicológica do aluno; b) análise da escolaridade — resultado de **baterias,** apreciação do interêsse e da aplicação do estudante em cada área.

Ao fim de cada ano, a promoção ou reprovação, vai depender das anotações da fôlha de observação, que é analisada em conjunto por todos os professôres. Levam-se em conta, também, fatôres de ordem pessoal que possam ter influído no rendimento do aluno. João Alberto, por exemplo, foi promovido êste ano, apesar de ter andado mal em algumas áreas. A orientadora explicou na reunião:

— Êste menino é de família pobre e inculta. Seu pai acaba de abandonar a casa e o estado emocional de João Alberto é instável. Reprová-lo será talvez, prejudicá-lo irracionalmente. Proponho que seja promovido, e que na segunda série seja bem acompanhado nas áreas em que está mais fraco.

Todos concordaram.

Nas duas últimas séries o ensino é decididamente orientado segundo as inclinações de cada um. E no fim do curso, o jovem recebe o certificado de conclusão do ginásio com o laudo vocacional, que pode ser assim:

"É um talento para laboratório, tem muita sensibilidade para fenômenos científicos. Aproveitamento insuficiente em Geometria e Português. Deve ser encaminhado para um curso de Química."

Os pais precisam compreender

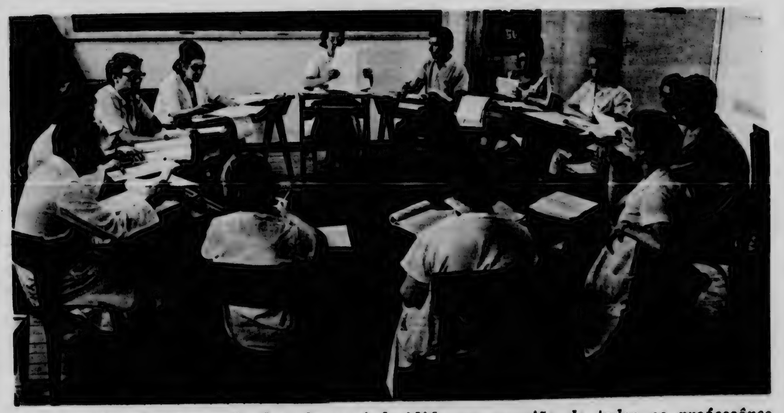
É nesse momento que entra em ação a compreensão ou incompreensão dos pais:

— Eu queria que meu filho fôsse o que não pude ser: médico. Agora o ginásio diz que devo matriculá-lo numa escola agrícola. Então meu menino não pode ser doutor?

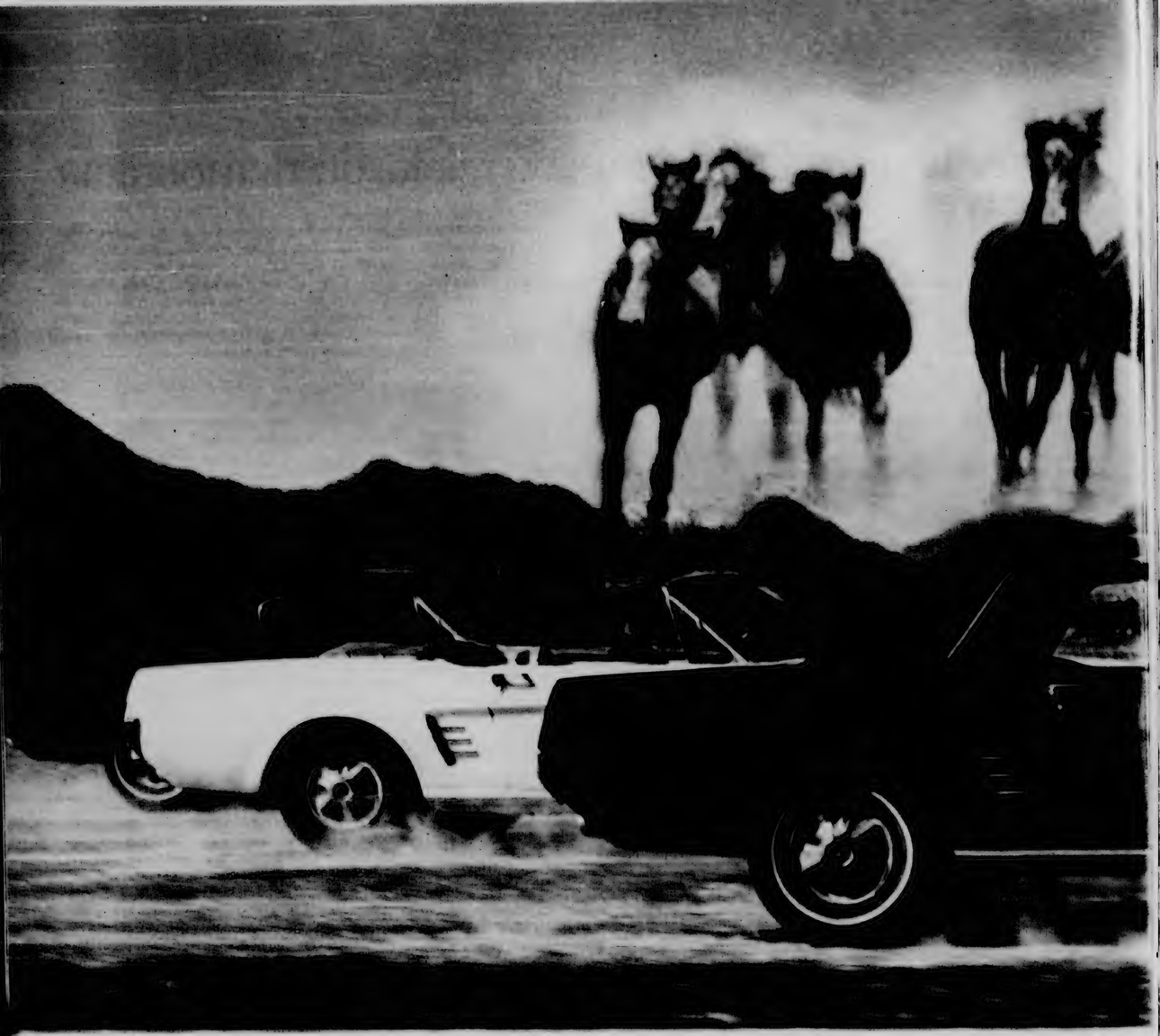
No ginásio vocacional de São Paulo, onde os alunos são de classe média para alta, a compreensão dos pais é grande: 80% dêles encaminham os filhos para os cursos indicados na ficha escolar. Em algumas cidades do interior, entretanto, a maioria dos pais resiste à orientação do ginásio. O caso do menino Luís Carlos é um exemplo.

Testes psicológicos, gráficos de aproveitamento e observações dos professôres provavam que êle tinha grande aptidão para matérias técnicas, práticas. Mas em tudo o que dependia dêle — projetos, entrevistas e escolhas — a conclusão era outra: queria ser advogado. Só na quarta série, poucos meses antes de acabar o ano escolar, Luís Carlos foi à orientadora:

SEGUE



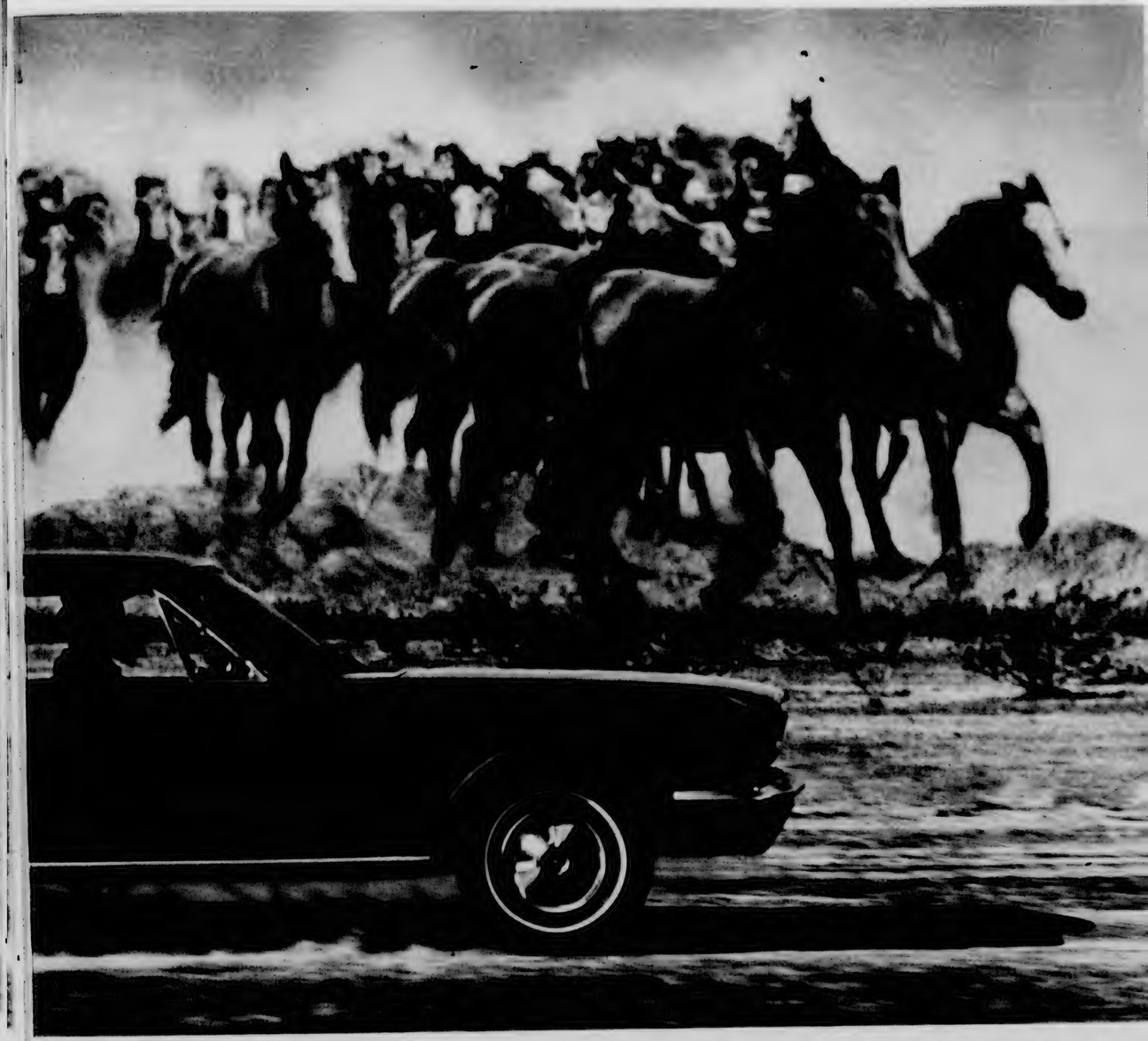
A aprovação ou reprovação dos alunos é decidida em reunião de todos os professôres.



Êste automóvel já fêz um milhão e meio de pessoas Seu nome: Mustang

No próprio dia em que apresentamos o "Mustang"* ao público americano, vendemos 15.000. Recorde absoluto de vendas. Em menos de 30 meses vendemos 1.500.000 Mustangs em todo o mundo. Recorde absoluto de vendas; nunca um modêlo teve sucesso tão grande em tão pouco tempo. Nos Estados Unidos e na Inglaterra fala-se em "mustang-fever":mustangmania. Quem vê austeros homens de negócio transformarem-se em jovens impetuosos atrás do volante de um Mustang, pensa um pouco nas palavras de George Bernard Shaw: "A juventude é uma coisa maravilhosa: É um crime desperdiçá-la em crianças".

HÁ UM FORD GALAXIE BRASILEIRO EM SEU FUTURO



no mundo inteiro sentirem-se vinte anos mais jovem. Sua marca: FORD

O Mustang é uma criação típica da jovem Ford.

A mesma jovem Ford, cujos carros de corrida e GTs venceram as principais competições automobilísticas dos últimos dois anos: Daytona, Indianápolis, Le Mans e muitas outras. É a Ford dos "Falcons", "Fairlanes", "Thunderbirds" e "Galaxies"

É dessa dinâmica organização mundial que faz parte a nossa Ford brasileira. A mesma que, dentro em breve, lançará em nosso País o Ford Galaxie.

O automóvel que colocará o Brasil em dia com o que há de mais moderno no mundo automobilístico internacional.

*"Mustang" significa potro selvagem (do espanhol "mesteño" = selvagem)

Ford

FORD MOTOR DO BRASIL S.A.

Jovem formado no vocacional vê a vida sem mêdo

Cláudio Rosa Gallo é o novo governador em Americana: êle vê o futuro com bons olhos.

— Dona Glória, não agüento mais fingir. Vou estourar com meu pai.

E contou tudo. O pai queria um jurista na família, e conhecendo o sistema do vocacional, orientava o menino para que **desse certo** seu encaminhamento para a Faculdade de Direito. A orientadora tranqüilizou-o e prometeu conversar com seu pai. Hoje, Luís Carlos é um dos melhores alunos numa escola técnica de São Paulo.

Uma pesquisa feita sôbre o primeiro ano de atividade dos ex-alunos revelou que os jovens encaminhados aos cursos indicados no laudo vocacional, são alunos acima da média, interessados e estudiosos. Os que foram matriculados em cursos contra-indicados pelo laudo são alunos abaixo da média ou, quando muito, regulares.

Uma crise política

À medida em que os ginásios vocacionais vão-se tornando conhecidos, uma situação nova ocorre: os pais se consideram meio **donos** das escolas. Discutem programas, cotizam-se para consertar janelas ou comprar instrumentos e até fazem cursos. Benedito Luís Fonseca, que tem filhas no vocacional, afirma:

— Ser pai de aluno nesse ginásio dá mais trabalho que estudar nêle.

O arquiteto Pedro Torrano, da Diretoria de Obras Públicas, fêz o projeto do ginásio vocacional de Rio Claro em dois meses, trabalhando noite e dia.

— E isso — diz êle — não é só porque tenho um filho no ginásio, não. É que também sou um apaixonado pelo sistema, e acredito nêle.

Em meados do ano passado, um movimento de pais de alunos impediu que o Serviço de Ensino Vocacional fôsse envolvido pela roda da política. O secretário da Educação quis matricular um protegido que não havia sido classificado no exame de seleção no ginásio de São Paulo, onde anualmente aparecem 1.500 candidatos para 120 vagas. A direção da escola negou-se e foi destituída pelo secretário. A Associação de Pais e Amigos do Vocacional não aceitou a situação. Fêz várias assembléias, sensibilizou todo o Estado e conseguiu fazer o secretário voltar atrás. Durante o período de crise (quase um mês), os próprios alunos se encarregaram das atividades escolares. Os da quarta davam aulas para os da terceira série, êstes para os da segunda, os da segunda para os calouros.

As classes funcionam o dia todo, das 8 às 5 da tarde. Professôres e alunos almoçam e tomam lanche no próprio ginásio. Os professôres pagam suas refeições. Os alunos que podem pagam o preço normal ou até um pouco mais, se a isso se dispõem. Os que não podem não pagam e, às vêzes, gozando bôlsas de estudo que o ginásio consegue com emprêsas comerciais e industriais, até levam dinheiro para casa.

O ano escolar começa mais cedo e termina mais tarde, mas as férias não são menores que as dos ginásios comuns, porque há uma semana de folga no meio do primeiro semestre, e outra no segundo. As férias dos professôres são menores. Êles aplicam três semanas delas para atualizar métodos, planejar aulas e analisar atividades. Durante as aulas, tiram um sábado por mês para acompanhar projetos. Uma vez por semana realizam junto com a direção e os orientadores o Conselho Pedagógico, em que se estabelece a integração das unidades escolares nas várias áreas e se organizam os locais para o estudo do meio.

Professôres de nível universitário

O ensino é integrado; isto significa que, na semana em que o professor de Matemática ensina razões e proporções, a área de Artes Industriais ensina escalas e medidas utilizadas nas construções; a de Práticas Comerciais ensina juros e percentagens; a de Ciências ensina fórmulas químicas; e assim por diante.

Todos os professôres têm nível universitário e, antes de lecionar no ginásio, fazem um curso de três meses para se adaptarem ao método.

— Entrar no vocacional é fácil — diz uma jovem professôra de Barretos. Mas só consegue ficar mesmo quem tem muito amor para dar.

Dona Maria Nilde Mascellani é a coordenadora do Serviço do Ensino Vocacional e dirige a experiência desde o começo. A idéia nasceu da observação de duas classes experimentais que ela ajudou a criar no Instituto de Educação de Socorro, em 1958. Filha de pai brasileiro e mãe austríaca, trabalha dezoito horas por dia mas tem sempre um sorriso juvenil no rosto. Sua mãe, dona Margarida, comenta: "Essa aí é que nem bicicleta: precisa estar correndo para ficar de pé. Se tira férias, de uma semana que seja, aparece doença de todo lado."

Dona Maria Nilde acha que São Paulo precisa resolver seus problemas de educação não só em quantidade de salas de aula, mas também em qualidade de ensino. Entende que renovação só é possível com o preparo de uma nova mentalidade no professor e uma modificação na estrutura do ensino. Em sua opinião, o ginásio vocacional fêz estas duas coisas e procura preparar o estudante para uma situação ajustada à realidade de nossos tempos e de nosso país. A pedagogia moderna do vocacional busca eliminar as maiores falhas do ginásio comum, principalmente estas:

1 — Ensino acadêmico e palavroso, sem contato com a realidade; 2 — falta de unidade entre as matérias; 3 — sistema de promoção que ignora as diferenças individuais e coloca todos os adolescentes numa mesma bitola de capacidade; 4 — a distância entre a escola e a família; 5 — educação com objetivo puramente intelectual, quando é necessário haver uma educação mais ampla, que envolva educação moral e cívica, religiosa, estética, física e de iniciação profissional.

E os resultados, segundo dona Nilde, são animadores:

— O ginásio vocacional não profissionaliza seus alunos, mas nossos formandos terão maiores oportunidades de conseguir emprêgo, trabalharão naquilo de que gostam e serão ótimos profissionais.

Dona Maria Nilde tem grande esperança no nôvo govêrno de São Paulo — "um govêrno sabidamente renovador", diz ela. Confia em grandes perspectivas para o ensino vocacional, principalmente abertura de novos ginásios em cidades que já os solicitaram e instalação do 2.º ciclo (algo mais que Clássico e Científico). Tudo vai depender do julgamento que os assessôres de Educação do nôvo governador fizerem dos primeiros cinco anos de funcionamento. Uma das restrições é a de que o ensino vocacional fica mais caro para o Estado que o sistema secundário comum. Dona Nilde raciocina:

— Talvez fique. O vocacional funciona o dia todo e mantém oficinas, ateliês, plantações, laboratórios e viagens. O que, naturalmente, custa dinheiro. Mas o importante é que, nos colégios vocacionais, nossos filhos recebem uma educação que realmente os prepara para a vida e os torna mais úteis ao país. E isto não tem preço...

FIM

Nôvo prazer em fotografia!

abriu...

carregou...

fotografou...

Novas câmaras Kodak Instamatic carregamento instantâneo

Pode ser que você já gostasse de fotografia. Mas que dava um pouco de trabalho, isso dava. Enrolar... ajustar... rebobinar... trocar o filme. Uma parte do prazer se ia nessa brincadeira. E, às vêzes, o bom momento também. Mas agora, com as novas câmaras Kodak Instamatic, você só tem prazer — e nenhum trabalho. É só colocar o cartucho na câmara (mesmo à luz do sol) e começar a tirar as mais agradáveis fotografias de sua vida!

Utilize os seguintes filmes 126 na sua câmara Kodak Instamatic: **Kodak Verichrome Pan** (ampliações em prêto-e-branco), **Kodacolor X** (ampliações em côres) ou **Kodak Ektachrome X** ("slides" coloridos). Estoque permanente em todos os Revendedores Kodak.

KODAK INSTAMATIC HAWKEYE — simples e leve. Cabe na bôlsa ou no bôlso. Com adaptação para "flash".

KODAK INSTAMATIC 100 — tôda automática. Muito elegante. Com "flash" embutido

PREÇOS A PARTIR DE Cr$ 39.900, NO SEU REVENDEDOR

câmaras Kodak

Nesta entrevista, Norma Benguel confessa que diz verdades – para serem publicadas – pela primeira vez. Conta como foi difícil se transformar em estrêla do cinema, como sofreu desde menina e como já viveu muito.

ELA TEM 500 ANOS

Texto e fotos de Gilda Grillo

Numa festa de São João, só ganhou estrelinhas. Mas adorou. E foi brincar na praça, com uma amiguinha. Lembra a cena:

— Eu soltava as minhas que eram pequeninas e sem luz, enquanto as dela eram enormes, lindas. Então fiquei só olhando, e ela começou a rir de mim. Não agüentei de raiva, acendi uma e joguei em cima dela. Caiu dentro da manga de seu casaco e ela gritava de susto e de dor. Talvez isto tenha sido uma reação contra a menina porque eu achava que os pais dela eram felizes. Bolas, pais felizes, estrelinhas maiores e ainda ri de mim?

Norma Benguel, a menina das estrelinhas de pobre, tinha oito anos na época. Ela nasceu em 21 de fevereiro de 1935, filha única de pais modestos. Viu a mãe trabalhar sempre para reforçar o orçamento da família. Principalmente durante a guerra, quando o pai não conseguia emprêgo por ser alemão. Nessa época, a casa em que moravam foi apedrejada. Norma não esquece mais a cena: ela vinha voltando da escola e ficou parada no meio da rua, achando que aquilo era um pesadelo.

Aos seis anos, percebeu que seus pais não viviam bem. Aos dez, foi para um colégio interno, porque êles se separaram. Rodou de colégio em colégio, sempre rebelde. Recebia estranhos castigos, como contar em voz alta de trás para diante de 5.000 até um. Contava, mas não se emendava. Colava muito nas provas de História e na Matemática, nunca escapou da segunda época. Era boa em Latim, Francês, Português e Inglês. No resto, abaixo da crítica. Principalmente em comportamento: jogava feijão no quadro negro, atirava bolas de papel nos professôres.

Aos 13 anos achava-se feia, sardenta, gorda, alta demais e desengonçada. Mas aos 17 devia estar bem mudada, para melhor, pois depois de desfilar numa festa da escola foi **descoberta:** recebeu convite para ser manequim da Casa Canadá. Aqui seria descoberta pela segunda vez. Agora por Carlos Machado, para trabalhar em seus **shows.** Logo em seguida já estaria no cinema, e a fama, inclusive no exterior, não a deixaria mais.

Hoje, ela vive em guerra com a sua imensa solidão. Às vêzes, como aqui, diz coisas que a retratam como ela é. Na sua beleza. No seu talento. No seu humor variável. E na sua simpatia inalterada. É só perguntar:

Gilda Grillo — Quase todo mundo tem uma imagem a seu respeito. Se essa imagem não é correta você tem parte da culpa. Como você é realmente?

Norma Benguel — Eu me descreveria assim: a mulher mais generosa do mundo; a mulher mais emotiva do mundo; a mulher que pretende fazer tudo pelas pessoas, que não dá bola para dinheiro, que não pode ver um amigo em dificuldade sem ajudar. E ajudar sem esperar nada de volta. Uma mulher que ama muito a humanidade, enfim. Essa seria a Norma formidável que posso ser, que sou. Aí, eu paro e vejo que posso ser a pessoa mais egoísta do mundo, pior do mundo. Acho que sou uma confusão, que tenho duas personalidades, não sei. Ou posso também ser maluca e precisar de um psicanalista, não sei. Há dias em que amo todo mundo, aceito tudo, até a mediocridade. Há outros em que olho todos agressivamente. Não reclamo e não grito, mas por dentro fico um vulcão, desprezando até a mim mesma.

G.G. — As pessoas, em geral, dizem que você é agressiva e pretensiosa. Por que você humilha os outros?

N.B. — Eu fazia muito isso, mas não faço mais. Antigamente afrontava as pessoas com o que "eu fiz" e com o que "eu posso fazer". Agora não tenho mais coragem. Se tiver que contar que estive em Hollywood, por exemplo, não digo nunca: "Estive em Hollywood". Aprendi a dizer: "Pois é, estive na América, trabalhei... Assim como se dissesse: "Estive em Niterói, trabalhei..." Pois, hoje, acho que não tenho o direito de menosprezar ou subestimar as pessoas. Essa foi uma das coisas que aprendi na Europa. Porque lá eu lutei muito, me senti muito sòzinha e foi muito difícil fazer uma carreira. Às vêzes eu penso: "Eu realmente queria que tôdas as atrizes, que todo mundo tivesse a chance que eu tive... Aprendi minha lição de humildade e agora sou mais feliz. Embora muitas pessoas possam ter inveja de mim, não conseguem me odiar. Tenho a prova disso quando vou ver um show do Machado e encontro uma corista que me diz: "Você não mudou nada. É ainda aquela môça expansiva e maravilhosa; pensei que a Europa fôsse fazer você ficar esnobe." Eu mudei sim, mudei para melhor. Cinco anos atrás eu era insuportável.

G.G. — E agora? Você é suportável?

N.B. — Sou uma atriz normal, com um trabalho normal. E digo sempre que existem atrizes melhores que eu no Brasil e que não tiveram essa chance. Por exemplo: Fernanda Montenegro, Natália Timberg, Glauce Rocha e várias outras. Mas tem uma atriz aí que disse: "Olha, Norma, acho que a chance que você teve foi maravilhosa porque você soube aproveitá-la. Se fôsse o meu caso, eu não saberia". Talvez a sorte tenha vindo para mim, exatamente porque eu iria saber o que fazer dela.

G.G. — Você fala muito em talento. Mas seu corpo bem feito ajudou bastante a sua carreira.

N.B. — Me acho muito feia. Me acho um monstro. Bonita é a Shrimpton. Mas talvez por defesa, acho bonitas as atrizes tipo Anne Bancroft, Brigite Bardot, Annie Girardot e Anouk Aimée. É um processo de identificação. Tenho dentes separados, rôo unhas, acho uma porção de defeitos em mim. Não tenho corpo maravilhoso. Não me acho bonita, não. Eu tenho ôlho, bôca, nariz, orelha, pescoço e garra.

G.G. — Você nunca freqüentou uma universidade, como consegue dialogar com os chamados intelectuais do cinema?

N.B. — Não sei se sou inteligente, mas muito viva eu sou. Pensando melhor, sou inteligente sim; não sou é um poço de cultura. O que é compreensível. Sou uma môça que lutou muito e não teve tempo para estudar. Tudo o que aprendi, foi sòzinha. Quando comecei a freqüentar o grupo do cinema nôvo, me sentia muito burra. Eu os escutava muito e não falava. Para falar besteira é melhor não falar. Aquilo foi me incentivando e eu fui aprendendo e fui lendo e fui sabendo. Lógico, eu tinha uma cultura normal, de qualquer môça burguesa que tem primário, ginásio e dois anos de clássico; quer dizer, isso não é cultura nenhuma, é cultura de mulher que vai casar. Não era tanto curiosidade intelectual, mas eu não podia fazer cinema ou teatro sem saber de nada. Porque, por exemplo, quando fiz O Pagador de Promessas, só tinha feito antes Procura-se uma Rosa no teatro, e foi tudo por instinto. Embora não me considere uma atriz genial, tenho uma vantagem: sou uma instintiva. Quando me movo parece que estou tomada.

SEGUE

"Tôda minha vida é uma mentira"

No primeiro filme que fiz — **O Homem do Sputnik** — ganhei o prêmio **Revelação do Ano.** Mas se você fôr só trabalhar na base do instinto, chega a um ponto em que estaciona. E eu não queria isso. Já que tinha partido para uma carreira, queria partir direito. No **Pagador de Promessas,** sei que estou exagerada, que grito demais. Mas o público me aplaude. Nesse filme eu não tive nenhuma crítica negativa. Talvez por que todos soubessem que eu estava começando... Depois, fiz **Os Cafajestes** e o diretor era barra pesada em matéria de intelectual. Mas eu conseguia conversar com êle: eu com a minha sensibilidade e instinto, e êle com aquêles livros todos que tem na cabeça. Depois fui para a Europa trabalhar com aquela gente tôda sem saber de nada. Acho que entrei em eclipse na Europa. Para combater a minha solidão, procurei aprender coisas. Até negócio de história que eu odiava no colégio. Ia quase todo dia aos museus, conheci, vi tudo que tinha para ver e, hoje, bato o ôlho num quadro e sei de quem é. Isso não tem nada de importante porque muita gente faz, mas eu aprendi sòzinha, ninguém me ensinou, entende? Eu quero saber tudo, e a minha vida prática de luta e sofrimento me ensinou muito. Tive desapontamentos com pessoas, com trabalho e comigo mesma. Eu me desaponto muito comigo. Cada vez que faço uma coisa errada, me digo: "Que coisa feia, dona Norma, o que é isso?" Aí, procuro não fazer mais. Eu não perdoava nada em ninguém, até que um dia pensei: se as pessoas não perdoarem nada em mim como eu não perdôo nelas, o mundo vai ser uma porcaria. Então procurei entender mais as pessoas e não criticar tanto.

G.G. — Mas você continua prepotente e egoísta.

N.B. — Agora nem tanto. Eu tinha aquela mania: faça isso, faça aquilo. Mandona de morrer, parecia um oficial alemão. Mas já diminuiu muito. Hoje, sou 30% do que era, por causa da falência do meu casamento. Egoísta eu sou, e acho que todo mundo é. No meu trabalho sou muito egoísta, não reparto com ninguém. Mas quando gosto das pessoas e quero que façam tudo para mim, eu devolvo. Sou egoísta, mas não prejudico ninguém com isso. Não chateio ninguém. Que mais? Prepotente... Eu era uma garôta terrível: cabelos vermelhos e sardas; e por dentro também eu tinha cabelos vermelhos e sardas. Terrível! Não sei explicar como eu era. Sempre com um sorriso profissional, mas fazia tudo o que queria. Tudo! Se eu mudei? Hoje ainda faço tudo que quero, mas dentro de uma honestidade tremenda comigo mesma. Aprendi tudo na Europa. Não porque a Europa seja a primeira maravilha do mundo. Mas lá tive de lutar sòzinha.

Lá não adiantava nem prepotência, nem egoísmo, nem nada. Fiquei muito mais doce, embora sem bajular ninguém. No fundo eu sou doce, minha prepotência é defesa. Aprendi a ser o contrário e estou me dando muito melhor agora.

G.G. — Sua infelicidade pode ser medida pelo número de vêzes em que você foi vista chorando em público?

N.B. — Eu choro por tudo: se vejo qualquer pessoa muito feliz; em jôgo de futebol; com aplauso; com a cara de um cachorro pedindo carinho. Sou muito emotiva, vivo isto o dia inteiro e é um desgaste terrível. Para outras pessoas pode ser uma qualidade, mas para mim é um defeito. Na Itália o meu apelido é Anna Magnani, porque eu chorava o dia inteiro. Quer ver uma coisa que me emociona muito? Depois de adulta nunca tinha visto um carnaval no Rio, porque ia sempre para fora. Mas quando vim com meu marido fui ver o desfile das escolas de samba. Quando elas apareceram, abri o maior berreiro no palanque do rei Momo... Acho o carnaval a festa mais triste do mundo. Não digo o do Municipal, não, que é todo na base do lança-perfume, todo mundo pulando sem saber por que, uma euforia construída, tôda falsa. O bonito é a pureza daquêles crioulos da escola de samba e se você prestar atenção nas letras das músicas dêles, é um sofrimento total, e aquilo é que me emociona. Vi um jôgo no Maracanã entre o Pelé e o Garrincha: Botafogo e Santos. Quando êles entraram em campo e o Maracanã inteiro batia palmas, tive vontade de morrer, de desaparecer. Me emociono com música, com teatro bonito. É um desgaste horroroso. Esta ruga que tenho na testa nasceu quando eu tinha 25 anos e está cada vez mais funda. Aos 40 anos devo estar uma ruga só, se continuar assim... Mas acho que estou aprendendo a me controlar.

G.G. — Você se diz controlada, mas há diretores que a consideram temperamental.

N.B. — Uma atriz não pode ser emotivamente normal. Quando sinto que o diretor não tem pulso comigo, êle pode me explicar a cena 500 vêzes, mas faço como quero. Porque sei que se fizer o que quero não vou ficar ridícula. Mas não estou sempre desmaiando, nem vivendo daquilo que faço no palco, ou daquilo que aprendi tècnicamente para representar, entende?

G.G. — Pode dar certo o casamento entre um ator e uma atriz?

N.B. — Acho que não, e falo por experiência própria. São dois hiperbólicos, são dois impulsivos, são dois tudo.

G.G. — O Actor's Studio não seria uma boa escola para seu temperamento?

N.B. — Tenho minha opinião sôbre o Actor's Studio: acho muito bom saber todos aquêles negocinhos. Mas os melhores atôres, para mim, nunca fizeram parte do Actor's Studio. De lá o único que eu amo mesmo é o Marlon Brando, e boa noite para o resto.

G.G. — Você é intuitiva e emocional. Mas dá respostas lógicas e objetivas. Onde está a mentira: em sua vida pessoal ou em suas declarações de atriz?

N.B. — Minha vida é uma mentira até o dia em que eu resolver deixar a armadura. Êsse dia eu deixarei de ser o mito, a atriz, sei lá o quê. Mas a vida de atriz também não é só mentira. Acho que a armadura eu tenho que ter. Nesta entrevista estou tirando-a. Só a metade, porém. Tirei o capacete; fiquei só de botas.

G.G. — Você se fêz por si mesma. Está certo. Mas teve que usar processos extraprofissionais para vencer?

N.B. — Sim. A mulher que parte para ser alguém vai ter que lutar contra o mundo. Posso exemplificar com os problemas que surgiram no meu setor que é cinema e teatro. Em cinema e teatro, na Itália, tive de lutar contra cantadas de produtores, e até êles se convencerem de que não dava pé e me convidarem para trabalhar porque acreditavam no meu talento, foi um custo. Chamavam e eu trabalhava. Mas sem o contrato de sete anos que teria se... você sabe. Em 1959, fui contratada para fazer uma turnê na Austrália, ganhando 200 dólares por apresentação, passagem de primeira classe e todo o resto. Em cada aeroporto em que eu parava me davam flôres. Na minha chegada a Sidney havia 20 jornalistas à minha espera. Fiz uma turnê por todo o sul da Austrália, passei o Natal num avião, mas no Ano Nôvo, sabe como eu estava? Olhando a lua e chorando porque não tinha passagem para voltar para o Brasil — o empresário tinha fugido com o dinheiro. O pianista ficou comigo na Austrália. Nós dois sem um tostão e sem passagem para voltar. Até que consegui uma passagem de turista. Voltei pelos Estados Unidos, parando em Nova Iorque. Deixei minha bagagem no aeroporto e fui para a casa de uma amiga. Ela me apresentou o seu empresário: fiz algum dinheiro, trabalhei um pouquinho em **night-clubs,** cantando. Conheci o sr. Mayer, da Metro, não o **big-boss,** mas um dêles. Levei-lhe um disco que tinha feito aqui em 1958, chamado **Oh Norma** e êle ficou entusiasmado. Mas não aconteceu nada também. Acabei ficando em Nova Iorque, na casa de um fotógrafo, até março. Chegou um dia em que não agüentava mais ver aquêle homem gordo, de charuto na bôca, falando em dólar o dia inteiro e nem ver a mulher dêle — Amélia — com aquela voz metálica, andando de papelote pra lá e pra cá. Até que uma manhã olhei pra cara dêle e disse: "Jack, vou voltar." E êle perguntou: "Com que dinheiro?" Eu falei: "Tá aqui, meu colar de pérolas, para pagar pelas fotos, publicidade, e tudo o mais". Deixei tôdas as minhas roupas e cheguei ao Brasil com uma valise de mão. Dei muita entrevista e nunca falei a verdade. Achava que isso ia me prejudicar, porque acho que as pessoas não gostam de ouvir a verdade.

G.G. — Em tudo o que você diz há um toque de ambição. Você quer público ou a plena realização como atriz?

N.B. — Sou muito ambiciosa, na medida em que a ambição não prejudique minha comodidade ou meus princípios. Há 10 anos eu era quatro vêzes mais ambiciosa que hoje. Não é o sucesso que cansa, o sucesso é bom, o que cansa é lutar sempre. Se eu chegasse a ser uma Elizabeth Taylor, teria ainda mais responsabilidade, pois ela tem a obrigação de passar de um milhão que ela faz por filme, para um milhão e meio. E isso é um círculo vicioso. Você ganha 15 milhões, tem que passar para 30, de 30 para 60, acaba louca, neurótica e toma pastilha para morrer, sei lá. SEGUE

"Amor com sofrimento é bom para letra de samba"

G.G. — Mas a sua carreira não é incerta também?

N.B. — É uma carreira incerta, é lógico, mas tudo é uma questão de chance. Às vêzes, uma pessoa grava 500 músicas maravilhosas e depois grava uma coisa horrível e fica milionária com aquêle disco. E o caso da atriz é o filme... É só ter **o filme.** Na Itália, já tive o meu filme, mas ficou lá mesmo... E fêz muito sucesso: **La Bella Grinta** com Renato Salvatori. Mas ainda vou fazer **o filme.** Talvez daqui há dois anos, três. Quem sabe se quando eu tiver 40 anos, não vá ter o **meu filme** em Hollywood, fazendo uma matrona, com um sucesso enorme... Vou ter. Só que agora luto com mais calma, não estou mais apressada como antes.

G.G. — Mas continua correndo...

N.B. — Desta última vez que estive na Europa, freqüentei muito a casa do Marcelo Mastroiani e saí muito com êle e a mulher dêle e fiquei impressionada. Êle dana para o mundo. Dana para êle mesmo, não quer saber de nada, não liga para nada, é um preguiçoso que vai trabalhar porque tem que trabalhar. É tão preguiçoso que chega a recusar um milhão de dólares para não falar inglês — êle não quer dizer **good-morning.** E agora fêz uma contraproposta ao diretor Joe Levine: "Está bom, você quer muito que eu vá fazer seu filme, então vou fazer um xerife mudo." E vai fazer um xerife mudo. Êle me impressionou demais, não tem encanto nenhum como pessoa. Está sempre cansado, tem preguiça de falar, mas êle também continua correndo...

G.G. — Um filho não resolveria a sua vida?

N.B. — Eu só teria um filho no dia em que soubesse que êle pode ter tudo aquilo que não tive: segurança moral, muito amor, apoio integral. Se não fôr assim, morro sem ter filhos, adorando crianças. Se não fôr assim para que ter? Só para dizer que ser mãe é padecer num paraíso? Prefiro ficar brincando com o filho dos outros. Só me apaixonei em circunstâncias terríveis de solidão. O caso do Alain Delon foi isso. Eu estava na Sicília sòzinha, filmando com a besta do Alberto Sordi (não falo como ator, mas como gente é um péssimo caráter). Eu já conhecia o Alain, desde a época da Palma de Ouro, em Cannes, almoçando com a Romy Schneider, em nossa mesa. Achei-o branco, parecia uma lagartixa. Na época eu estava me sentindo muito bem, rodeada de amigos, nem prestei atenção à presença dêle. A segunda vez que o vi, foi lá na Sicília. Eu estava numa prancha tomando banho de mar e vi aquela coisa, ploc-ploc-ploc, nadando. Êle me levou de barco ao aeroporto para ir ao Festival de Berlim, onde apresentariam **Os Cafajestes.** Então eu o achei formidável, mas foi realmente um namôro de solidão. Quando conheci Gabrielle Tinti, com quem acabei me casando, estava numa solidão ainda maior. Eu era uma mulher que estava dando uma festa por semana, gastando fortunas para ter 200 pessoas dentro da minha casa, comendo, bebendo e falando besteiras para não ficar sòzinha e me sentindo cada vez mais só. Numa dessas festas conheci meu marido. Foi aquela paixão de louco. Tudo errado. Tudo errado.

G.G. — Para você amor e paixão são a mesma coisa?

N.B. — Paixão eu tive pelo meu marido e acabou. Amor de verdade não acaba. É isso que eu tenho por êsse rapaz que conheci na Espanha agora: Julian Mateos. Quando quebrei a perna em quatro lugares e chamei pelo meu marido, êle não veio. Se eu cair agora e quebrar outra vez a perna, telefono para o Julian e tenho certeza de que êle vem. Talvez só para ficar sentado comigo batendo papo, mas eu sei que êle virá. Então isso é mais importante.

G.G. — E o seu lado burguês? Você não gostaria, no fundo, de casar por amor, ter muitos filhos e ter uma vida organizada?

N.B. — Gostaria muito. Eu queria tanto ter aquêle marido, cinco filhos, tudo lindo. Minha grande defesa contra o meu lado burguês é dizer: tudo o que fiz foi por amor. Se não amar não adianta, nem que me dêem uma Tôrre Eiffel. Mas eu não tenho mais condições para isso.

G.G. — Condições físicas?

N.B. — Não é a idade. Não interessa eu ter 31 anos, se tenho 500 dentro de mim. Sei que não posso mais porque já sou muito independente.

G.G. — Independência atrapalha casamento?

N.B. — Atrapalha. Atrapalhou o meu. A não ser que eu encontre um homem muito especial. O homem é em geral um bicho muito acomodado. No momento em que êle vê que a mulher é independente, que vira, mexe e faz, êle se acomoda. Preciso de um homem que me faça sentir que dependo dêle. O Julian, por exemplo, não se acomoda. Ao lado dêle sinto-me uma garotinha de 15 anos, meiga e maravilhosa. Mas embora sonhe com a felicidade burguesa, também me pergunto quanto tempo eu agüentaria essa vida. A liberdade é um vício. Por isso não posso arriscar, e também não tenho o direito de fazer ninguém infeliz conscientemente. Eis a razão por que digo não ter condição, embora tenha vocação, para ser uma burguesa feliz. E a culpa é minha e da vida que levei.

G.G. — Essa liberdade não te pesa?

N.B. — Muito. Mas pássaro livre prefere morrer magro voando, que gordo prêso numa gaiola.

G.G. — Como é que você mudou?

N.B. — Emocionalmente, mudei muito ùltimamente. Antes eu batia o ôlho num homem e dizia para mim mesma: é o homem da minha vida. Agora, eu pergunto: será o homem da minha vida? Sofri muito com o casamento fracassado e agora penso duas vêzes antes de começar uma relação afetiva. Aprendi muito, e uma das coisas que aprendi foi que a gente só deve amar quem ama a gente. Êsse negócio de amor só com muito sofrimento é bom para letra de samba. Eu sofro desde os 17 anos. Já chega.

G.G. — Qual a sua maior ambição?

N.B. — Viver em Búzios, longe de tudo e dos chatos, com os meus bichos, tomar banho de mar nua, tomar coquinho e ver sòmente as pessoas que amo, isto tudo com o amor da minha vida.

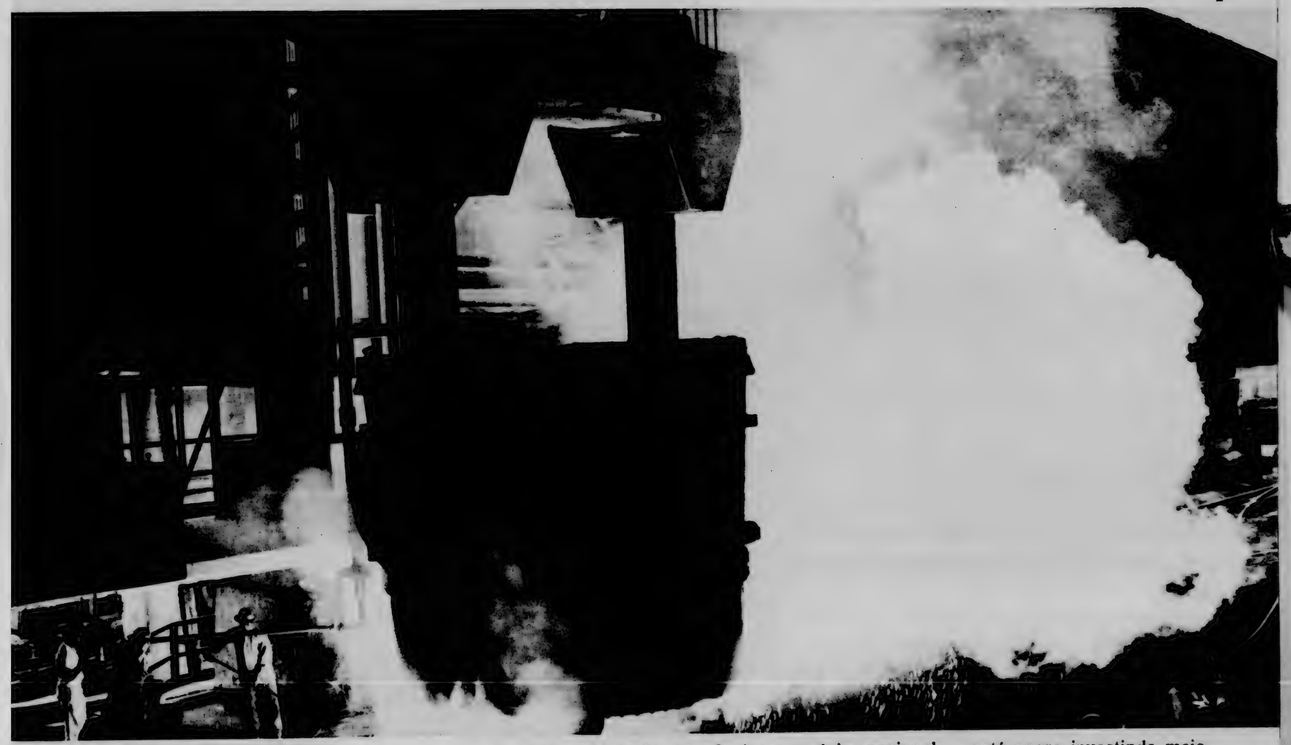
FIM

A região Rio-São Paulo servida pela Light ocupa menos de 1% do território nacional

reune apenas 17% da população

mas produz 70% da renda nacional.

É a região mais desenvolvida da América Latina. Sabe porque?



Porque é a região que possui maior disponibilidade de energia elétrica. Logo, é a mais industrializada. E, no mundo moderno, o desenvolvimento econômico e o bem estar geral só se processam plenamente através da industrialização.

Assim, em apenas 0,4% do território nacional vieram se concentrar 17% da população, que aqui construiram, com seu esfôrço, dinamismo e determinação — e com o aproveitamento intensivo da energia elétrica fornecida pela LIGHT —, o maior parque industrial da América Latina e os dois maiores centros urbanos, comerciais e financeiros do país, contribuindo com 70% da renda nacional.

Êsse quadro começou a configurar-se no início do século, quando a LIGHT inaugurou as suas primeiras usinas, no curso do Rio Tietê, em São Paulo, e no Ribeirão das Lajes, no Estado do Rio. Hoje, a região fabrica 65% de tôda a produção industrial brasileira.

A LIGHT — que se orgulha de sua contribuição decisiva ao desenvolvimento nacional — está agora investindo meio trilhão de cruzeiros na expansão de seus sistemas de transmissão, transformação e distribuição de energia elétrica, indispensáveis ao desenvolvimento da indústria, ao progresso do comércio e ao confôrto da população da região Rio-São Paulo por ela servida.

LIGHT
A SERVIÇO DO PROGRESSO DO BRASIL

Volta o tempo das limousines.

"Landau" do fim do Império, Willys - Knight 1928 e Itamaraty Executivo

A limousine Itamaraty Executivo é a versão contemporânea do luxo e da distinção das carruagens históricas.

É a versão moderna de outras limousines famosas.

A limousine Itamaraty Executivo é para quem andava procurando um carro fora da rotina, o carro estritamente pessoal.

Luxo e confôrto sob encomenda: ar condicionado* para você ter o confôrto do clima a seu gôsto. Motor de 3.000 cm³, 132 HP, maior potência, mais velocidade, melhor desempenho. Bancos laterais no compartimento de passageiros. Painel divisor de vidro elètricamente acionado. Música em stereo-fita. Direção macia e obediente para manobras rápidas e cômodas. Pneus sem câmara. Tapetes de veludo. Estofamento em couro legítimo.

Detalhes que a Willys acrescentou à limousine Itamaraty para personalizar ainda mais o único carro brasileiro de luxo fabricado sob encomenda.

*opcional

ITAMARATY *Executivo*

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos
de alta qualidade

©Willys-Overland 66.1016 - ITA EX.

Cuidado, isto é conto-do-vigário

Texto de Narciso Kalili e Moacir Japiassu

O homem bem vestido entra na pastelaria e fala com o chinês:

— Quero encomendar 300 pastéis. É para uma festa. Venho buscar de tarde.

O chinês concorda, o homem bem vestido sai e entra na loja ao lado. O proprietário atende-o:

— Deseja, senhor?

— Uma enceradeira.

Discutem o preço, a marca, chegam a um acôrdo. Na hora de pagar, o homem bem vestido fêz um ar de surprêsa:

— Que maçada! Deixei a carteira no outro paletó. Mas espere, o chinês aqui do lado me deve 300 mil cruzeiros; e prometeu me pagar à tarde. Se o senhor não se incomoda, podemos ir até a porta e falar com êle.

— Não tem importância, vamos.

Na porta da pastelaria, o homem bem vestido grita para o chinês:

— Escuta! Daqueles 300 que você tem que me dar, entrega 150 aqui pra êle. Os outros 150 eu venho buscar mais tarde. Certo?

O chinês diz que sim, o dono da loja alegra-se com a venda à vista e o homem bem vestido vai embora com a enceradeira. Às quatro horas da tarde o chinês entra na loja de seu vizinho com um enorme pacote nas mãos:

— Estão aqui os seus 150 pastéis.

Embora tenha nascido muito antes, o vigarismo só entrou para a história do Brasil em 1814, quando um português, Antônio Teodoro, aplicou um golpe que deu origem ao têrmo **conto-do-vigário.** Estava aberta a fase **experimental** do vigarismo brasileiro. Depois os estilos foram se diversificando e alcançando um grau de malícia e esperteza que pode ser ilustrado com aquêle caso do fim da guerra, em Belém do Pará, quando o malandro brasileiro vendeu ao soldado americano a coruja como papagaio: "o bicho não fala, mas presta uma atenção..."

Hoje em dia o vigarista já aplica técnicas modernas, mas mesmo assim o conto-do-vigário continua sendo um golpe de muita audácia, cuja prêmio é ganhar dinheiro sem o mínimo trabalho e o castigo umas **férias,** às vêzes longas, numa cadeia.

Teodoro, o pioneiro

No livro **Crônicas da Polícia e da Vida do Rio de Janeiro,** o delegado Fernando Bastos Ribeiro conta como Antônio Teodoro chegou ao Brasil em 1814, a fala macia, os gestos de grande cavalheiro. Fêz-se amigo das famílias tradicionais cariocas e dos comerciantes mais prósperos. Aos poucos, entre uma mesura e uma contradança nos salões elegantes, foi contando por que tinha vindo para o Brasil. Era o único herdeiro de um tio muito rico, falecido em Portugal havia pouco tempo. A fortuna imensa obrigara-o a abandonar Lisboa por causa da ganância de alguns parentes e amigos. Tinha deixado lá um procurador e brevemente chegariam seus baús e arcas carregados de moedas de ouro.

A história do tio vigário fêz sucesso. Meses depois de sua chegada, Teodoro segredou a amigos que a demora do procurador estava deixando-o em dificuldades. Choveram oferecimentos e o môço de fala macia foi aceitando e vivendo muito bem, durante um ano inteiro, na promessa das moedas do tio vigário. Até que um desconfiado major da Polícia resolveu escrever para Portugal, pedindo informações sôbre o môço Antônio Teodoro. A resposta foi curta e clara: "antigo malandro, muito conhecido na rua do Ouro, aqui em Lisboa". Teodoro foi prêso e depois sumiu, mas o conto-do-vigário tinha sido batizado.

Embora na época a **escola** fundada por Antônio Teodoro não conseguisse formar muitos alunos, os vigaristas menores, que atuavam junto às classes mais baixas, deram asas à sua imaginação, criando alguns contos simples, quase infantis, mas cuja eficácia era tanta que são usados até hoje.

Um dêles, o conto do **paco** (corruptela de pacote) ou **cascata,** necessita de muita conversa mole para enganar a vítima. Acontece assim:

Um caipira típico — roupa larga, lenço no pescoço, botina, cara de otário — aborda a vitíma na rua:

— Môço, o senhor me diz onde mora o doutor Eduardo? Vim do interior para entregar êsse pacote a êle e perdi o enderêço.

Nem bem acaba de falar, surge outro personagem em cena: um comparsa do vigarista, que vinha passando **por acaso.** Interessa-se pelo caso, faz perguntas. O caipira repete a história, entreabrindo o pacote onde há um bôlo de notas de cinco mil cruzeiros. O **passante** arregala os olhos, faz sinais para a vítima e dirige-se ao caipira:

— Ora, veja só! Eu conheço muito bem o doutor Eduardo, mas êle mora muito longe daqui. Você só chegará lá à noite.

O caipira põe a mão na cabeça. Não pode ficar tanto tempo, comprou passagem de volta para às seis da tarde. Então vem a sugestão do passante:

— Eu e o môço aqui (aponta para a vítima) podemos entregar o pacote, não é môço?

A vítima, à vista de dinheiro fácil, geralmente concorda. O caipira reflete e prepara o segundo e decisivo ato do golpe:

— Mas eu posso confiar nos senhores?

O passante se intromete e mostra que êle pode confiar:

— Amigo, eu tenho dinheiro, não vou furtar o senhor. E o rapaz aqui também tem, não é? Me dê o seu dinheiro que eu enrolo nesse lenço, com o meu e o do meu companheiro.

Pega o dinheiro do caipira, da vítima, o seu, enrola tudo num lenço. Ràpidamente, sem que a vítima perceba, troca o lenço onde está o dinheiro por outro prèvimente preparado. Entrega-o à vítima e afasta-se um pouco, para acabar de **enganar** o caipira, dizendo:

— Espere ali na esquina que eu vou despachar o homem.

Na esquina, a vítima, se é gananciosa, sai correndo, se não é, espera até cansar. Aí, resolve abrir o lenço: só papel velho. SEGUE

DESENHOS DE MÍLTON LUZ

Balança é coisa que nós não usamos mais...

adoçamos tudo com SUITA

Suita existe para você esquecer os problemas de gordura, sem abandonar as coisas doces da vida! E com Suita você pode ter o paladar mais exigente do mundo: não existe doçura mais pura e mais concentrada. Um cafèzinho fica adoçado com apenas 2 ou 3 gôtas de Suita. Refrescos, chá, doces e bolos, tudo fica ótimo com Suita: nada muda de gôsto. Suita torna-se um hábito gostoso, para quem não quer engordar ou quer emagrecer. Você gosta do que é bom? Experimente Suita.

adoce com SUITA... não engorda!

O do bilhete é bem velho, mas ainda há quem caia

O **conto do bilhete,** muito parecido com o da cascata, surgiu junto com a loteria. Ainda é um caipira que aborda a vítima na rua:

— Doutor, onde posso descontar êste bilhete? Foi premiado e vim do interior apanhar o dinheiro.

A vítima vai responder quando aparece, a poucos passos, um cambista, cúmplice do falso caipira, que então convida:

— Os doutôres me ajudam a ver de quanto é o prêmio?

Os dois vão. O cúmplice vê o número, percorre a lista e devolve o bilhete sorrindo:

— Tem 500 mil de prêmio.

— E onde eu recebo?

— Agora está tudo fechado. Só amanhã.

— Mas eu não posso esperar...

O cúmplice vai embora e o caipira fica chorando as mágoas para o **doutor:**

— Vendo o bilhete pela metade do preço, môço. Tenho negócios na minha terra, não posso ficar. Fique com êle. Me ajude.

A vítima diz que não pode, o caipira reduz o preço e no fim, entrevendo a possibilidade de ganhar dinheiro fácil, a vítima oferece 50 mil cruzeiros pelo bilhete premiado. O caipira aceita, dizendo que vem buscar o resto num outro dia e marca encontro.

No dia seguinte, a vítima tenta receber o dinheiro e vem a desilusão. A data é falsa ou a lista do cambista cúmplice foi alterada.

Muito capital na guitarra

Na maioria dos casos, o vigarista joga com a ambição dos que se julgam espertos e no fundo são desonestos. E, para convencer a vítima, êle até gasta dinheiro. Há dois contos que precisam de muito capital para serem aplicados. O primeiro é o da **guitarra.**

Os vigaristas escolhem a vítima, geralmente um fazendeiro ou um homem rico do interior. Um dêles, depois de ganhar a confiança da vítima, faz a proposta:

— Escuta, doutor, tenho um amigo em São Paulo que está com algumas complicações. O doutor vai achar engraçado, mas êle faz notas de cinco mil cruzeiros, perfeitas, e quer vender a máquina. Olhe, eu trouxe uma porção delas para ver se a gente faz negócio. Examine para ver.

A vítima apanha o dinheiro **falso** e chega à conclusão que é igualzinho ao verdadeiro. Fica mais entusiasmada, ainda, quando, ao sair com o vigarista, o vê trocar o dinheiro **falso** com a maior facilidade. A prova final é feita na caixa de um banco. Nessa hora, a vítima faz a pergunta inevitável:

— Mas por que êle quer vender a máquina?

— Porque a Polícia anda atrás dêle. Já fêz tanta nota falsa que está desconfiado de tudo. Não quer arriscar mais e está disposto a dar a máquina por 20 milhões de cruzeiros.

Convencida, mas achando o preço muito alto, a vítima aceita ter um encontro com o dono da **guitarra,** num lugar deserto. Êste chega trazendo o aparelho embrulhado e a transação se inicia. A máquina é desembrulhada: um rôlo, montado sôbre uma caixa, movida por uma manivela. A vítima pede uma demonstração. O vigarista introduz uma fôlha de papel branco, do tamanho de uma nota de cinco mil, no lado esquerdo da máquina. Vira a manivela e do outro lado sai uma nota novinha em fôlha. A demonstração é repetida, a vítima se entusiasma, entrega o dinheiro aos vigaristas e fica com a máquina. Em casa, escondida no quarto, ela começa a fabricação: enfia papéis brancos e retira notas de 5 mil. Depois da décima, a guitarra pára de **produzir,** embora continue a engolir os papéis.

No **3 por 1** a vítima pode ser do interior ou da cidade. O indispensável é que tenha dinheiro. A história que o vigarista conta é imaginosa:

— Tenho um amigo que trabalha na Casa da Moeda. A máquina de fazer dinheiro do govêrno encrencou e a numeração de muitas notas saiu repetida. Êle guardou uma porção dessas notas duplicadas e agora está disposto a negociá-las, na base de três notas dêle, por uma. Para êle, que trabalha na Casa da Moeda, é difícil passar as notas frias. Mas, para o senhor, é negócio seguro. Eu garanto.

Se o "negócio" interessar, é marcado o encontro, e a vítima é instruída para levar muito dinheiro. No lugar estabelecido, as notas são espalhadas numa mesa, a vítima examina a **mercadoria** e a transação se inicia. De repente, um grito:

— Polícia!

Sai todo mundo correndo e o dinheiro some, levado pelos vigaristas disfarçados de policiais. E a vítima não pode dar queixa à Polícia, também queria ganhar dinheiro fácil.

Um conto cruel

O mais cruel de todos os contos é o do pau-de-arara. Para executá-lo, o vigarista usa a boa-fé e ignorância das vítimas e um caminhão. Êle chega em qualquer Estado do Nordeste e espalha a notícia:

— Estou indo para o Rio e lotando o caminhão. Barato, viagem rápida, só três dias.

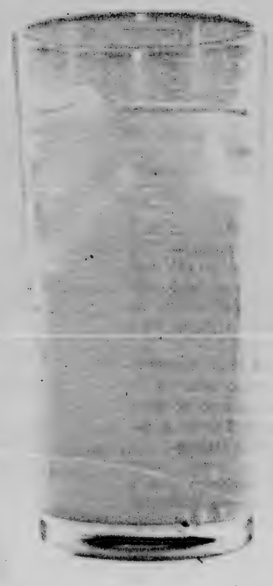
Em pouco tempo arranja a freguesia e parte. Três dias depois, quando o caminhão chega a uma cidade movimentada, êle pára e grita:

— Desce, turma! O Rio é aqui!

Alegre, o grupo salta, mas vai saber a verdade na primeira esquina: a cidade é Feira de Santana, Bahia, e o Rio está bem longe. O caminhão também. SEGUE

Vamos explicar porque no verão é maior a necessidade de vitamina C

O calor diminue a vitamina C, no organismo. A falta de vitamina C é uma das causas do desânimo, cansaço e sêde excessiva que V. sente nos dias quentes. A vitamina C desintoxica, melhora o estado físico e mental. Aumenta, também, a resistência contra as infecções. Por isso, para sentir maior disposição no clube, praia e trabalho, V. deve tomar vitamina C. Citrovit é a maneira mais gostosa de fazê-lo. É um nôvo produto que apresenta a vitamina C associada ao suco de laranja liofilizado. Dissolvendo 1 envelope de Citrovit, em 1 copo de água, V. obtém suco de laranja puro, com tôdas as virtudes da fruta fresca, além de 1 grama de vitamina C graças ao processo altamente científico da liofilização. Citrovit é proteção e bem estar para V. e sua família. Experimente.



CITROVIT

Lepetit

LABORATÓRIOS LEPETIT S/A.

NAS FARMÁCIAS E DROGARIAS

Vigarista tira vantagem de tudo; até de violino

No **conto do bisturi,** a boa-fé entra em jôgo novamente. Com roupa de enfermeiro, o vigarista sai de um hospital, apanha um táxi e ordena:

— Para o aeroporto! Rápido!

No caminho, conta ao motorista — com todos os detalhes — que vai retirar um bisturi vindo dos Estados Unidos para salvar a vida de um doente. Quando chegam ao aeroporto, o motorista já está comovido com o caso. O vigarista desce e manda o táxi esperar. Demora-se cinco minutos lá dentro e volta desolado:

— Que pena! O bisturi chegou, mas esqueci o dinheiro para desembaraçá-lo da Alfândega. São apenas 30 mil cruzeiros. Acho que desta vez o doente morre mesmo. Não há jeito.

O motorista acredita, dá os 30 mil e nunca mais vê o enfermeiro.

O **conto da desgraça** explora o choque emocional e faz muitas vítimas por ano. Varia muito nos detalhes, porém a estrutura é sempre a mesma: anunciar uma desgraça a alguém e disso tirar vantagens. Começa com o vigarista observando a casa da vítima durante algum tempo, até descobrir-lhe o nome, os hábitos, a profissão. No dia escolhido, depois que a vítima saiu para o trabalho, êle bate à porta e pede para falar com a espôsa, a mãe, o filho, o pai:

— Bom dia. Sou amigo de José. Êle foi atropelado por um caminhão. Não se assuste, é coisa leve. Foi para o hospital e mandou buscar 30 mil cruzeiros para pagar a ambulância.

Mais tarde, quando o **atropelado** é encontrado, o alívio quase sempre compensa o dinheiro perdido.

Um violino na origem

Para os vigaristas, conto bom é o que desperta a cobiça da vítima, transformando-a também em vigarista o que a impedirá de recorrer à Polícia. O **conto do violino,** um dos mais antigos, foi dos primeiros a explorar êsse veio.

Há muito tempo, hospedou-se num hotel de São Paulo, um caipira trazendo um violino na bagagem. Passou dois dias e no terceiro pediu a conta. Malas prontas, despesas pagas, quis um favor do dono do hotel:

— Môço, tenho de viajar para o interior e não posso levar meu violino. Foi de meu avô e não quero perdê-lo. Dizem que vale muito dinheiro. Posso deixar guardado aqui?

O dono concordou e o caipira partiu. No dia seguinte, um homem elegante hospedou-se no hotel. Fêz amizade com o proprietário e na primeira oportunidade entrou com o jôgo:

— Sou professor de violino.

— Coincidência. Sabe que um tipo do interior deixou aqui um violino dizendo que era muito valioso?

— Posso vê-lo?

Mostrando o instrumento, o **professor** surpreendeu-se:

— Mas é um Stradivarius! Vale milhões. Quero comprá-lo imediatamente. Dou 10 milhões de cruzeiros.

— Não posso fazer isso. O violino não é meu.

— Converse com o dono, então. Pago até 10 milhões. Viajo hoje, mas volto dentro de três dias. Aqui está meu cartão. De meu lado, o negócio está fechado.

O **professor** partiu e, quando o caipira voltou, o dono do hotel foi logo perguntando:

— Escuta, môço. O senhor quer vender seu violino? Resolvi ensinar música a meu filho e preciso de um instrumento. Quanto quer por êle?

— É a única coisa que tenho, môço. Deve valer bom dinheiro. Eu não conheço nada disso. Faça o senhor o preço.

— Que tal 100 mil cruzeiros?

— É pouco, mas eu me arrumo com 500 mil. Acho que vale até mais que isso. Se o senhor quiser podemos ir até uma casa de música para perguntar.

— Não, nada disso. Não faço questão: um filho é um filho.

O caipira recebe o dinheiro, vai embora e o nôvo dono do violino fica esperando o **professor** o resto da vida, ou até descobrir que o instrumento não vale mais que 100 mil cruzeiros.

Golpe que ficou na história

Alguns golpes ficaram famosos e são contados, hoje, como verdadeiras aulas de malandragem.

Dizem os antigos vigaristas que um homem chegou a uma grande loja do Rio, na manhã de um sábado, e comprou um automóvel. Pagou em cheque, partiu e defronte à loja raspou a pintura do carro num poste. Juntou gente e o homem, diante da multidão e dos funcionários da loja que acorreram curiosos, ofereceu o carro pela metade do preço, a quem quisesse comprar. Chamaram a Polícia: certamente era um vigarista e o seu cheque não tinha fundos. Como os bancos estavam fechados, o gerente da loja exigiu que êle ficasse prêso até segunda-feira. O homem protestou, pois tinha negócio de muitos milhões para resolver segunda-feira na Argentina e não poderia esperar. Apresentou telegrama de um sócio, carimbado de Buenos Aires, falando do negócio e a passagem de avião. Mais, prometeu acionar a emprêsa, no valor do negócio perdido, se fôsse prêso.

Para o gerente da loja, aquilo era **conversa de vigarista** e o homem dormiu dois dias na prisão. Na segunda-feira, quando os bancos abriram, o cheque foi apresentado: tinha fundos. O homem recebeu uma pequena fortuna de indenização.

Uma de cleptomania

Os vigaristas imaginam de tudo. Até as neuroses são aproveitadas, como no **conto do irmão cleptomaníaco,** aplicado não faz muito tempo numa das principais joalharias de São Paulo. Um jovem de olhar nervoso entra na casa de jóias e pede para ver anéis. O funcionário põe vários em cima do balcão, o jovem os examina, de repente pega um dêles e sai correndo. Quando o funcionário sai atrás dêle, é seguro por um senhor de aspecto distinto, que vem entrando:

— Môço, deixe estar. O rapaz é meu irmão. Cleptomaníaco, o senhor sabe. Eu pago o que êle levou. Quanto é?

Acertada a nota, o senhor distinto pede desculpas. No dia seguinte, lá vem de nôvo o rapaz de olhar nervoso. O funcionário já está meio prevenido mas mesmo assim mostra as pulseiras que o **cleptomaníaco** pede para ver. Acontece a mesma correria do dia anterior e surge o mesmo senhor distinto, que paga a pulseira roubada. E assim acontece mais uma vez, só que as jóias que o **cliente** escolhe são cada vez mais caras.

SEGUE

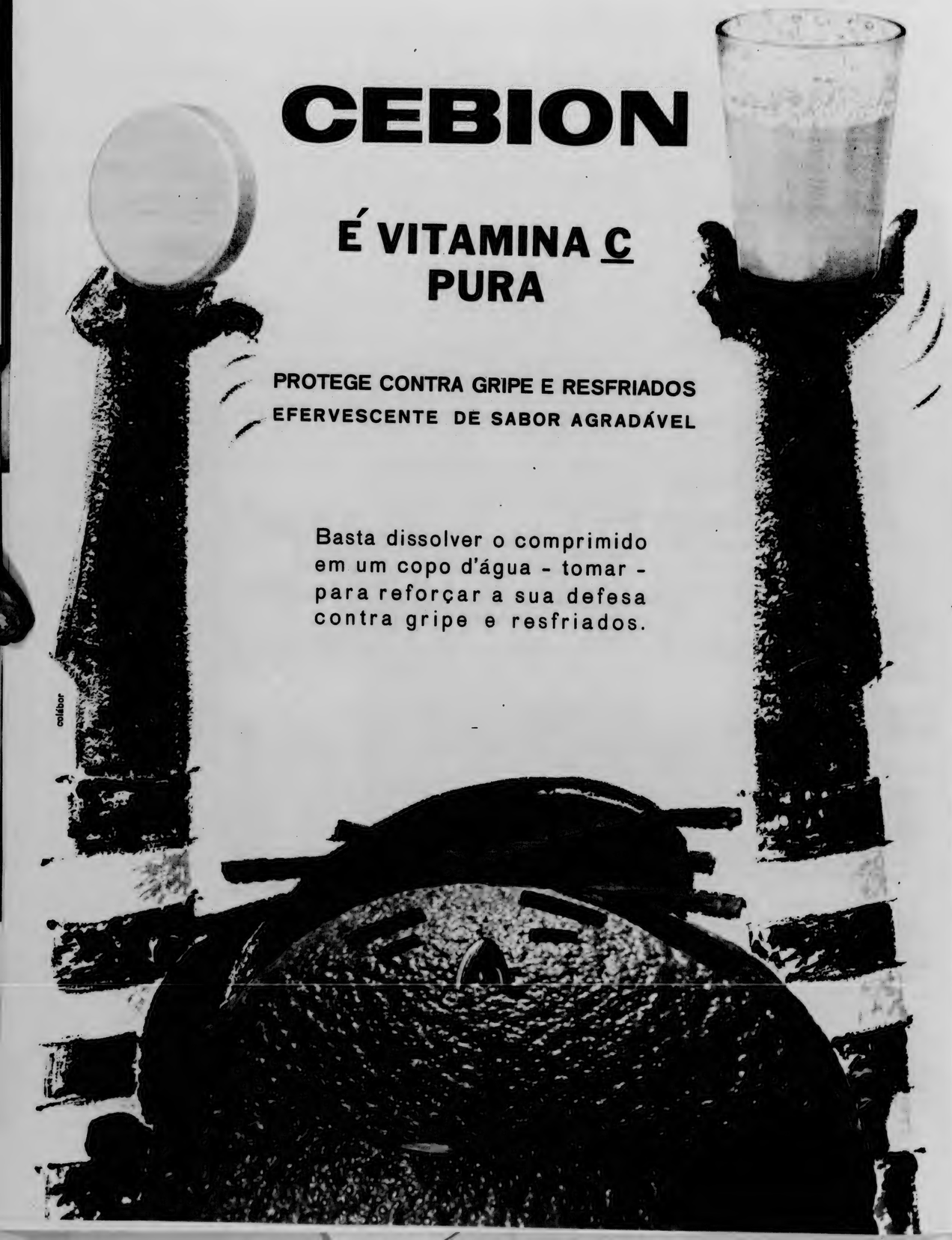
CEBION

É VITAMINA C PURA

PROTEGE CONTRA GRIPE E RESFRIADOS

EFERVESCENTE DE SABOR AGRADÁVEL

Basta dissolver o comprimido em um copo d'água - tomar - para reforçar a sua defesa contra gripe e resfriados.



calibor

Malandro só vê dois mundos: o dêle e o dos "patos"

O senhor distinto vai pagando e a certa altura o dono da joalharia está até torcendo para aparecer o rapaz que tem mania de roubar.

E êle aparece mais uma ou duas vêzes. Agora todos os funcionários correm para atendê-lo, oferecem-lhe os melhores artigos. Êle escolhe um colar caríssimo e sai correndo. Ninguém se abala, dentro da loja. Todos ficam olhando para a porta, à espera do infalível senhor distinto. Mas desta vez êle falha: o colar valia vinte vêzes mais que tôdas as outras jóias que tinham sido levadas — e pagas — até aquêle dia.

Golpe a distância

O telefone também entra na história dos vigaristas, com o **conto do trôco.** Nas grandes cidades êle é aplicado quase todos os dias. O vigarista escolhe um prédio que tenha duas entradas e liga para uma farmácia das proximidades.

— Escuta, môço, aqui é do apartamento 21 da rua Martins, 130. Por favor, mande um xarope, um sabonete e uma aspirina. E trôco para dez mil.

Minutos mais tarde o entregador da farmácia chega ao número 130 da rua Martins. Encontra o vigarista na porta:

— Você é da farmácia, não? Pode me dar os remêdios e o trôco. Espera um pouquinho enquanto eu vou lá em cima buscar o dinheiro.

O entregador fica na porta, mas nunca mais vai ver o vigarista, que já saiu pela outra entrada.

Porém nem sempre o conto tem essa simplicidade. O golpe aplicado por um célebre vigarista carioca — Ulisses de Azevedo — é um primor de imaginação. Êle ficou sabendo que um milionário, apontado pelas colunas sociais como prestes a desquitar-se, ia viajar para os Estados Unidos. Como vinha seguindo a vítima há muito tempo já havia lhe furtado um cheque e falsificado a assinatura. Esperou o milionário viajar e telefonou para o procurador do banco — um conhecido advogado — onde sabia que a vítima tinha depósito de milhões.

Apresentou-se como o milionário — o procurador conhecia o milionário apenas de nome — e marcou encontro no restaurante do Copacabana Palace. Almoçaram juntos e Ulisses contou-lhe seu drama: ia desquitar-se e queria contratá-lo como advogado.

Existia apenas um problema: Ulisses viajaria às quatro horas para São Paulo, ainda tinha de resolver alguns assuntos no Rio e estava sem dinheiro. Pediu ao advogado para retirar 30 milhões de cruzeiros de sua conta no banco — para isso deu-lhe o cheque falsificado — enquanto êle resolvia os problemas, e marcaram encontro para mais tarde na porta do hotel. O advogado correu ao banco, foi direto ao caixa e como êle era procurador, embora fôsse uma quantia elevada, conseguiu descontar o cheque sem nenhum problema. Na porta do Copacabana Palace encontrou Ulisses a quem entregou o dinheiro. Conversaram amigàvelmente e marcaram encontro para discutir os pormenores da ação de desquite. Naturalmente, Ulisses sumiu em seguida, e o procurador ficou em situação difícil quando apresentou-se ao verdadeiro milionário para saber por que êle não havia comparecido ao encontro.

Depois que um vigarista conseguiu vender um bonde a um mineiro, e outro malandro o viaduto do Chá a um caipira de São Paulo, êsse tipo de transação ficou meio desacreditado. Entretanto, em Paris, um vigarista vendeu a Tôrre Eiffel, duas vêzes, num dos maiores contos-do-vigário que o mundo já viu. Os exemplos de fora são sempre seguidos pelos malandros brasileiros. O célebre caso das Filipetas, corrido no Rio, há alguns anos, foi imitação do golpe aplicado pelo italiano Carlo Pozi, nos Estados Unidos. Êle convocou o povo com um **slogan:** dobre seu dinheiro em três meses.

Aos primeiros clientes êle pagou em dia e o dinheiro começou a entrar como nunca. Com isso, Carlo conseguiu manter-se durante muitos anos vivendo como um milionário até que um dia a Polícia acabou com a brincadeira. Com o nosso Luís Felipe — o dono das **filipetas** — a história se repetiu, inclusive com o mesmo final.

Assim, com o correr dos tempos, o primitivo conto-do-vigário foi se tornando cada vez mais complexo e, hoje em dia, os golpes são dados através de grandes organizações, com tôda a aparência de negócio legal. A vítima agora não é apenas uma, pois os vigaristas aprenderam a trabalhar com as grandes massas. Mas, para os primitivos passadores do conto da cascata, do bilhete, do bisturi, do violino, o verdadeiro vigarista é aquêle que usa a inteligência e suas habilidades diretamente em contato com a vítima. Êles se consideram atôres, embora na maior parte dos casos mal pagos. Sua grande alegria, porém, é ver as façanhas serem contadas e admiradas pelos que êles chamam de otários, para os quais fizeram vários ditados. Entre êles, um que diz assim:

"Enquanto existir cavalo, São Jorge não anda a pé". FIM

Elas estão revolucionando o mundo em que vivemos, fazendo coisas até há pouco consideradas impossíveis: realizam em horas o trabalho de muitos cientistas durante muitos meses, sabem contar à velocidade de 300 mil quilômetros por segundo, guardam milhões de informações, podem controlar tudo que o homem queira controlar.

Estas máquinas só faltam falar

Texto de Duarte Pacheco
Foto de Roger Bester
Desenhos de Jaime Figuerola

Nova Iorque, Estados Unidos. Um passageiro se dirige ao balcão de uma companhia de aviação. Acaba de chegar, e quer garantir sua viagem para Detroit e Los Ângeles, no dia seguinte. O funcionário que o atende aperta um botão e instantâneamente aparece numa pequena tela a imagem do avião com os lugares ocupados e os disponíveis. O passageiro escolhe o seu e o funcionário, enquanto emite o bilhete, aperta um segundo botão. Se, naquele exato instante, outro passageiro, em Chicago, acabasse de reservar passagem para o mesmo vôo, a imagem do avião já apareceria com um lugar a menos.

Êste sistema de reserva simultânea em todos os aeroportos dos Estados Unidos não seria possível sem uma complicada rêde de telex, telefones e circuitos fechados de televisão, mas sobretudo não seria possível sem um conjunto central de computadores. No caso de não haver lugar no horário desejado, são êsses computadores que fazem as verificações e comparações necessárias para oferecer ao passageiro, em menos de um segundo, tôdas as alternativas possíveis de vôo.

Londres, Inglaterra. Vários carros da Polícia perseguem um criminoso. Enquanto isso, na central da Scotland Yard, calculadoras eletrônicas, computando dados numerosíssimos sôbre intensidade de tráfego e comparando vários itinerários, vão automáticamente avisando os carros quais são as avenidas e encruzilhadas menos movimentadas. Esta é apenas uma das formas já encontradas pelos computadores para auxiliar no combate ao crime. Na Inglaterra, nos Estados e alguns outros países, êles já estão ajudando a Polícia também a analisar os relatórios diários de ocorrências, a fim de determinar as áreas de maior incidência criminal; a controlar os registros das casas de penhor, das licenças de carro, de porte de arma, de objetos roubados e de prisões; e a identificar imediatamente determinadas impressões digitais entre milhares de outras.

Sem êles não há vôo no espaço

Alguma parte da União Soviética. A contagem regressiva chega ao fim. Os astronautas partem para mais uma aventura espacial. Nem êste, nem qualquer outro vôo espacial, soviético ou americano, teria sido possível sem os computadores, para planejar e testar cuidadosamente as espaçonaves, calcular com exatidão admirável as trajetórias dos foguetes ou transmitir a qualquer momento novas instruções detalhadas aos astronautas. Ainda recentemente, os dois astronautas americanos, que, pela primeira vez, comandaram uma mudança de órbita em pleno vôo, não teriam realizado sua proeza se não levassem a bordo um computador-miniatura, do tamanho de uma valise, capaz de fazer 7.000 cálculos por segundo. Êle não só desenhou a nova órbita, mas ainda determinou o momento exato em que a manobra deveria começar, executando — em 30 minutos — 13 milhões de cálculos. Dois calculadores humanos, com lápis e borracha, levariam no mínimo quatro anos para fazer os mesmos cálculos.

Basílica de São Pedro, Vaticano. Estamos em pleno Concílio Ecumênico. Bispos de todo o mundo pronunciam seus votos, que são, no mesmo instante, apurados e tabulados por um computador eletrônico.

São Paulo, Brasil. Estão quase prontos os estudos para instalar um sistema de sinalização eletrônica nas ruas da capital paulista. Cêrca de 200 semáforos automáticos serão dirigidos por um conjunto de seis sistemas de computadores interligados. A interligação garantirá a formação de correntes de trânsito que correrão pela cidade com interferência mínima de sinais vermelhos.

Eis alguns aspectos da imensa revolução que os computadores eletrônicos estão fazendo em nosso mundo. Realizando em algumas horas um trabalho de muitos meses e muitos técnicos, êles planejam cidades, calculam os custos de construção e pavimentação de rodovias; simplificam e aceleram o processo eleitoral; remetem contas aos consumidores de gás e eletricidade; dirigem as explosões atômicas subterrâneas; descobrem a melhor receita para fabricar salsichas; controlam o tráfego ferroviário e a distribuição de eletricidade num país inteiro; pilotam, aviões; calculam os impostos; e até — nos Estados Unidos — preparam cheques, devolvendo eventuais quantias adicionais pagas pelos contribuintes. Já ajudaram os cientistas a descobrir cem partículas subatômicas. Agora os bioquímicos estão utilizando-os na pesquisa da célula humana. Um computador compôs a letra e a música de uma canção que bateu os recordes de venda nos Estados Unidos: **All Angels Blue.** E outro, em manobras de treinamento, à frente de uma esquadra, derrotou a gloriosa armada de sua majestade britânica, superior em tonelagem e potência de fogo, e comandada pelos melhores almirantes inglêses.

Em Detroit, há pouco mais de um ano, entrava em funcionamento o primeiro computador postal do mundo: êle lê os envelopes escritos a máquina e os distribui, segundo o endereço, pelos diversos canais. Seu ritmo de trabalho: 27 mil cartas por minuto. SEGUE

Em poucos segundos, preparam faturas ou sinfonias

Mas há computadores que gostam de coisas mais amenas. Arthur Samuel, técnico da IBM, ensinou um a jogar xadrez. Êle só perdeu até agora algumas partidas e para campeões mundiais. Ainda assim, os técnicos fazem questão de explicar por quê: "As decisões de um jogador se deixam levar pela intuição, ou por seu temperamento agressivo ou defensivo. Ora, até hoje não foi possível ensinar a um computador tais sentimentos humanos."

Êles também já escrevem poemas. Na Califórnia, um engenheiro **treinou** computadores para que escrevessem poemas. O resultado não foi dos piores. Outros cérebros eletrônicos (como são chamados por muitas pessoas) preferem imitar Mozart ou Bach. E têm se saído tão bem que os melhores críticos de música não conseguiram distinguir as partituras verdadeiras das imitadas. Basta que um computador analise longamente um grande número de peças de determinado músico para que, em seguida, comece a compor no seu estilo, com os seus maneirismos, seus ritmos e suas harmonias. Já existe quem sonhe em usar tal processo para concluir as obras que alguns mestres deixaram por terminar — como a **Sinfonia Inacabada**, de Schubert. Um engenheiro-eletrônico vai mais longe: "Dêem-me durante cinco anos um computador e um Beethoven vivo, e terei o tempo necessário para transformar o computador num Beethoven. Então, bastará que eu aperte um botão, e pronto! Terei tôdas as sinfonias beethovianas que Beethoven não chegou a compor. Nenhum entendido dará pela coisa e as sinfonias de meu computador só apresentarão um defeito: serão melhores do que as do mestre de Bonn, porque, como se sabe, Beethoven tinha suas fraquezas... Muitas vêzes êle se fatigava, enganava-se nas notas, enquanto um computador não se cansa, nem erra jamais."

Fabricando melhores automóveis

Êstes fatos são os que mais chamam a atenção dos leigos. Os técnicos e especialistas, entretanto, estão mais interessados na série de tarefas que os computadores podem cumprir, com enorme rapidez e precisão, na indústria, na administração pública, na estratégia militar, na educação, na medicina, na pesquisa científica. Por exemplo, um carro moderno tem cêrca de 6.000 peças ajustáveis e aproximadamente 4.500 soldas. Nestas condições, o contrôle de qualidade é uma operação delicada e sempre pode acontecer que alguma peça, em algum lugar, alguma vez, não esteja perfeitamente ajustada. Computadores colocados em diversos pontos da linha de montagem estão permitindo localizar e corrigir êsses defeitos em poucos segundos.

Outro exemplo: as fábricas de produtos alimentícios nos Estados Unidos estão utilizando cada vez mais os serviços dos computadores em tôdas as fases da produção: na seleção do solo mais adequado para determinado plantio, na seleção das sementes e métodos de cultivo, na escolha das formas de industrialização e embalagem, na pesquisa das preferências dos consumidores. Já existem mesmo algumas panificadoras nos Estados Unidos em que um conjunto de máquinas e computadores permite medir os ingredientes para o pão, misturá-los na medida exata, botar a massa na fôrma e dentro do forno, retirá-la quando pronta, cortar o pão em fatias, embrulhá-lo, depositá-lo na plataforma de carregamento e ainda fazer as faturas — tudo automàticamente!

Quando devidamente instruído, um computador pode até efetuar a **contabilidade** por exceção. Isto é: tendo uma quantidade de elementos a processar, a máquina escolhe os casos que se desviam do normal ou que exigem atenção particular. Assim, no caso em que controle o estoque de grande número de peças, o computador só imprimirá relatórios quando o estoque estiver reduzido, ou concentrado em excesso num grupo errado. Depois de tudo isso, não admira que M. Moreau, diretor da IBM francesa, confesse meio atordoado: "Quando chguei a esta casa tinha idéias muito precisas a respeito do que um computador pode e não pode fazer; hoje, não sei mais o que pensar..."

Nos Estados Unidos, há apenas 12 anos atrás, era vendido o primeiro computador eletrônico a uma emprêsa privada. Hoje, existem grandes companhias que, sòzinhas, empregam mais de 200. Naquele país, havia em 1957 pouco mais de 100 computadores em operação. Em 1959 o número já subia para 1.000. No ano passado, chegava a 30 mil, espalhados por escritórios, fábricas, laboratórios e escolas. Calcula-se que em 1976 — quando o computador completará 30 anos de vida — seu número já terá atingido só nos Estado Unidos 100 mil **descendentes**. Em 1956, as máquinas existentes eram capazes de fazer 12 bilhões de cálculos por hora; em 1966, podiam fazer 20 trilhões; por volta de 1976, elas já estarão em condições de fazer 400 trilhões de cálculos por hora, ou seja, aproximadamente 2 bilhões de cálculos por hora para cada homem, mulher, ou criança americanos.

Os computadores já se ligaram de tal forma à sociedade americana, que a vida naquele país seria hoje incompreensível sem êles. Um exemplo só: para processar, sem computadores, o movimento de cheques que estarão circulando por volta de 1970, os bancos teriam de empregar **tôdas as mulheres americanas** entre 21 e 45 anos.

Primeiro a escrita; agora os computadores

É verdade que nem todos os países se encontram, como os Estados Unidos, na linha de frente desta revolução. Mesmo assim, uma estimativa feita por uma revista inglêsa, no ano passado, traçava o seguinte quadro: existem nos Estados Unidos 120 computadores para cada milhão de trabalhadores, na Suíça 80, e na Suécia 60, na França 56, na Noruega 50, na Alemanha Ocidental 47, na Holanda 46, na Dinamarca 44, na Bélgica 43, na Itália 38, na Inglaterra 28, na Áustria 24. Não são conhecidos dados gerais sôbre os países socialistas, e nem — infelizmente — sôbre a América Latina.

No Brasil, a era dos computadores está apenas começando. Mas em 1960, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) já fêz o censo com o auxílio dêles. Hoje, o Departamento do Impôsto de Renda também já tem o seu. E as máquinas eletrônicas de cálculo estão, pouco a pouco, entrando nas Universidades, nos centros de pesquisa e em algumas emprêsas mais poderosas e desenvolvidas. Já houve até no Brasil um computador que desenhava. Durante a última Feira de Utensílios e Serviços de Escritório, a Burroughs instalou um, que, em questão de segundos, desenhava a imagem da Virgem com o Menino. Quem analisa o que os computadores já estão fazendo e o que ainda poderão fazer, não pode deixar de concordar com o prof. Herbert Simon, do Instituto Tecnológico Carnegie, dos EUA: "O computador eletrônico é um avanço nos processos do pensamento humano tão radical quanto a invenção da escrita."

Há perigo de desemprêgo?

Mas êste avanço traz também os seus problemas. O maior dêles: o desemprêgo. Segundo estatísticas de Washington, a automação suprime nos Estados Unidos cêrca de 35 mil emprêgos por semana, um milhão e 800 mil por ano. Na fábrica Ford, de Cleveland, EUA, um só homem comanda uma máquina capaz de realizar cinco mil operações diferentes, antes realizadas por 70 homens num espaço de tempo muito maior. Em Chicago, dois homens sòzinhos, manejando suas máquinas eletrônicas, fabricam mil aparelhos de rádio por dia. A **dactilo-automatic** do Exército americano faz, sem êrro e com maior segurança, o trabalho de 350 datilógrafas. O computador torna dispensáveis centenas de arquivistas, ao extrair, em seis segundos, de uma documentação de 30 mil dossiês, um relatório com tôdas as informações pedidas. Computadores estão possibilitando acertar 290 mil contas bancárias em 33 horas em vez de em três semanas. Êles permitem fazer dois milhões de faturas com apenas dez empregados em lugar dos milhares usados anteriormente, ou aprontar 12 mil fôlhas de pagamento em seis horas em vez de sete dias. Já se calculou que, empregando as modernas técnicas de automatização e cibernação, 25 operários qualificados seriam suficientes para fabricar tôdas as lâmpadas elétricas utilizadas nos EUA. E um dos maiores especialistas em automação garante que "bastariam dois por cento da população americana para fabricar tudo o que os Estados Unidos produzem atualmente".

Nada mais natural, portanto, que enquanto alguns se entusiasmam com a perspectiva de um **fim de semana** de seis dias e meio, outros fiquem preocupados com a possibilidade de perderem seus emprêgos definitivamente. Para muitos sociólogos, porém, não há razão para tanto mêdo, pois a automação, ao mesmo tempo que suprime velhos empregos, vai criando novos. E, na realidade, o que tem acontecido é menos uma redução do que um deslocamento de mão-de-obra. A **automação** — que combina a **automatização** (emprêgo de máquinas cada vez mais automáticas), com a **cibernação** (emprêgo de cérebros eletrônicos para controlar e dirigir essas máquinas) — vai eliminando cada vez mais os emprêgos ligados diretamente à produção, mas cria ocupações novas, sobretudo no setor de **serviço** e na administração. De modo que, se as conseqüências de automatização sugerem medidas de reorganização social de grande alcance, de forma nenhuma podemos nos esquecer do fato fundamental: o grande avanço que os computadores, associados às máquinas automáticas, representam no domínio do homem sôbre a natureza. Dêste ponto de vista, o computador é o coroamento da revolução que começou nas cavernas, quando o homem primitivo inventou o primeiro machado de pedra. E é também o produto inevitável e necessário da revolução industrial, iniciada há alguns séculos na Europa. Assim, tem tôda razão o engenheiro eletrônico americano Louis Fein, quando exclama iritado: "Que diabo estão fazendo estas máquinas eletrônicas, senão libertar o homem de tarefas penosas e desnecessárias?"

Uma máquina que sabe pensar?

Primeiro, o homem inventou máquinas para substituir seu esfôrço muscular. Depois, criou máquinas para substituir seus sentidos. Faltava descobrir a máquina que pensasse em lugar do homem. O computador poderá ser esta máquina.

À primeira vista, parece que sim. Êle é capaz de resolver intrincados problemas, tem uma memória fantástica e sabe até tomar decisões de rotina. Mas só faz o que o homem manda. E para falar a verdade, êle não **pensa** pròpriamente: apenas faz contas. Por isso é chamado **computador**, pois **computare**, em latim, quer dizer contar. E, o que surpreende, êle só sabe somar e diminuir, e de 1 em 1. Como é então que consegue executar tão bem tantas tarefas, a ponto de muita gente considerá-lo um cérebro artifical? Isto acontece porque, como dizia Augusto Comte, "não há problema que não possa ser reduzido finalmente a uma questão de números". E também porque mesmo as equações mais complexas podem, no fundo, ser reduzidas a uma série imensa de somas e subtrações. Como o computador é capaz de somar e subtrair com rapidez sôbre-humana, êle tem condições de resolver com mais eficiência a maioria dos problemas de repetição e rotina que o homem enfrenta a cada instante, e que são justamente os que mais fatigam — sem necessidade — sua inteligência.

O computador não passa, portanto, de uma máquina eletrônica capaz de fazer contas, guardar um grande número de dados e trabalhá-los com incrível rapidez. Qualquer um dos computadores mais modernos pode fazer em uma hora mais cálculos do que o estádio do Maracanã cheio de cientistas conseguiria fazer em 50 anos.

Para fazer tanta coisa, o computador é uma máquina ao mesmo tempo muito complicada e muito simples. SEGUE

OS COMPUTADORES CONTAM ASSIM

Os computadores não falam a nossa língua, nem contam como nós. Seus fios, transístores e discos conhecem apenas dois estádos possíveis, os mesmos de uma lâmpada comum: aceso ou apagado. Por isso, os computadores só podem falar sim ou não e só contam de 1 em 1: "aceso" representa 1 ou sim e "apagado" representa 0 ou não. Diferentes combinações de 1 e 0 podem representar as letras ou números. Para isso, porém, os computadores são obrigados a empregar, em lugar do nosso sistema decimal de contagem, que utiliza dez símbolos (de 0 a 9) e conta por potências de 10, um sistema especial: o sistema binário, que usa apenas dois símbolos (0 a 1) e conta por potências de 2.

O SISTEMA DECIMAL

No nosso familiar sistema decimal de contagem, os números são construídos com blocos no valor de 1, 10 e potências de 10 (como 100, que é igual a 10x10; 1.000, que é igual a 10x10x10, etc.). Assim, para construir o número 3, bastam três blocos de 1. Para construir o número 13, são necessários um bloco de 10 e três blocos de 1. Os números devem ser lidos ou escritos sempre da esquerda para a direita e cada coluna vale dez vêzes mais do que a coluna à sua direita. Por exemplo: o 7 em 37 significa unidades; o 3 representa 3 dezenas, ou seja; 30. 30 mais 7 é 37. Cr$ 500 no desenho ao lado significa que uma dúzia de bananas custa 500 cruzeiros, ou seja, pelo sistema decimal:

10000	1000	100	10	1	
			3	7	37
		5	0	0	500

O SISTEMA BINÁRIO

Neste sistema os números são construídos com blocos que têm o valor de 1, 2 e potências de 2 (como 4, que é igual a 2^2 : 2x2; 8, que é igual a 2^3 : 2x2x2, etc.). Assim, para construir o número 3 pelo sistema binário são necessários um bloco de 2 e um bloco de 1 e o número 3 neste sistema, seria escrito 11. Para construir o número 13 são necessários um bloco de 8, um bloco de 4, nenhum bloco de 2 e um bloco de 1, ou seja, 1101. Isto acontece porque, embora os números sejam escritos e lidos também da esquerda para a direita, cada coluna no sistema binário vale apenas 2 vêzes mais do que a coluna à direita. Por exemplo: 37 pelo sistema binário se escreve 100101, isto é, 32 mais 4 mais 1 igual a 32. O preço de 500 cruzeiros ficaria assim:

512	256	128	64	32	16	8	4	2	1	
				1	0	0	1	0	1	37
	1	1	1	1	1	0	1	0	0	500

Em poucos anos, cada um carregará o seu no bôlso

No interior de suas cabinas, que são bastante parecidas com refrigeradores, mora um intrincado conjunto de fios muito finos, transístores e centenas de milhares de pequeninos discos de metal magnetizado. O lugar em que cada fato fica armazenado na memória do computador é muito menor que a cabeça de um palito de fósforo, e no entanto êle jamais esquece esta localização.

Todo computador é constituído por cinco unidades básicas: entrada, contrôle, memória, processamento e saída. Na **entrada,** o computador recebe suas informações de várias fontes: cartões perfurados ou fitas de papel perfuradas, onde os dados são representados pela presença ou ausência de buracos; fita magnética, onde a informação é representada pela presença ou ausência de manchas magnetizadas; papel com letras e símbolos impressos com uma tinta magnética especial. Outro meio é transmitir os dados diretamente para a memória, através de uma máquina datilográfica especial, ligada ao computador.

Milhões de números dentro de um carretel

Quando, por exemplo, os cartões perfurados passam através da máquina leitora de cartões (uma das máquinas da unidade de entrada), escôvas de metal estabelecem contato através dos buracos e completam circuitos elétricos. Em outros tipos de leitoras de cartão, são feixes de luz que, passando através dos buracos, ativam células fotoelétricas. Naturalmente, cada fato é antes traduzido para a **linguagem binária** dos computadores, diferente do sistema decimal **(ver quadro).** Recebida a informação, a unidade de **contrôle** a envia para a unidade de **memória,** por meio de impulsos eletrônicos que "arquivam" o fato numèricamente definido em vários discos de metal. As informações, em código, podem ser armazenadas também em fitas magnéticas. E milhões de números — como, por exemplo, os dados de um censo inteiro — podem ser guardados em apenas um carretel de fita.

Para que o computador resolva um problema, é preciso defini-lo na sua linguagem — uma combinação de letras, números, sinais de pontuação e símbolos matemáticos. Mas é preciso, além disso, alimentá-lo com instruções detalhadas de todos os passos que deve dar para resolver a questão: os dados que precisa procurar em sua memória, os cálculos que tem de fazer na sua unidade de **processamento.** Dar ao computador essas instruções é o que se chama "programá-lo". Logo que toma conhecimento das instruções, a máquina envia impulsos elétricos através de seus fios e transístores, com a velocidade da luz (aproximadamente 300 mil quilômetros por segundo), e examina cada disco de metal para ver se êle contém a informação desejada.

A máquina remexe arquivos com tanta rapidez que é capaz de consultar 300 mil números por segundo. Que equivale a ler tôdas as palavras contidas em 365 jornais de 80 páginas cada, em exatamente seis minutos.

Bàsicamente, cada disco de metal examinado — ativado pelo impulso elétrico — responde sim ou não 1 ou 0, e o computador fica assim sabendo se o disco representa ou não uma parcela do número binário desejado. Se o computador pretende usar o número 87, por exemplo, êle obterá respostas positivas dos discos que constituem os números 1, 2, 4, 16 e 64, (cuja soma é igual a 87), ao passo que receberá respostas negativas de todos os outros discos. Numa vasta série de tais ações instantâneas, milhares de transístores se apagarão e acenderão em resposta aos impulsos elétricos, até que a máquina tenha reunido os dados necessários e tenha concluído os cálculos solicitados.

Na **saída,** a resposta final pode ser fornecida de diferentes formas. O computador pode ter sido instruído para dar os resultados por escrito. Há computadores equipados com máquinas impressoras tão rápidas que podem bater 600 sinais por segundo. Essas impressoras podem preparar, em instantes, relatórios, listas, cheques, faturas. As informações podem ser dadas e recebidas também a distância: muitos computadores já "falam" por telefone com seus "irmãos" de outras cidades. Se os resultados devem ser processados outra vez, a saída pode tomar a forma de cartões perfurados ou fitas e discos magnéticos, que serão usados depois como entrada para o próximo problema.

Tudo isso é feito com tal rapidez que os engenheiros eletrônicos não falam mais em microssegundo (um milionésimo de segundo): sua unidade passou a ser o nanossegundo (um bilionésimo de segundo). E alguns técnicos já pensam em psicossegundos (um milionésimo de bilionésimo de segundo).

Tudo começou contando os dedos

Não há quem não se surpreenda ao saber o que os computadores já andam fazendo. E a surprêsa é ainda maior quando se lembra que êles são ainda muito jovens — têm apenas 20 anos de idade. Na verdade, o computador não é senão o fruto de muitos e muitos séculos de esfôrço do homem para aperfeiçoar seus meios de calcular. Pode-se dizer que desde que inventou os números o homem começou a descobrir instrumentos que o ajudassem a manipular grandes quantidades. O primeiro dêsses instrumentos foram seguramente os dedos de sua mão, porém um dos mais lembrados e o mais tradicional é o ábaco, com seus tentos enfiados em arames.

Vieram depois as tentativas de construir calculadoras mecânicas. Há indícios de que os gregos antigos já conheciam um modêlo rudimentar. O certo porém é que em 1642 um jovem francês de 19 anos, chamado Blaise Pascal, que viria a ser filósofo famoso, cansado de fazer contas para seu pai comerciante, inventou uma máquina cheia de alavancas, cilindros e engrenagens, capaz de somar e subtrair.

Poucos anos depois, em 1671, o filósofo e matemático alemão Leitbnitz tentou, sem muito sucesso, construir uma máquina multiplicadora. Também não teve êxito o inglês Charles Babbage que, em 1834, desenhou uma máquina para calcular e imprimir tábuas de multiplicação, a qual em muitos detalhes antecipava os princípios básicos dos computadores modernos. Coube a Leon Bollee criar, em 1889, a primeira máquina que fazia multiplicações diretamente e não por adições sucessivas.

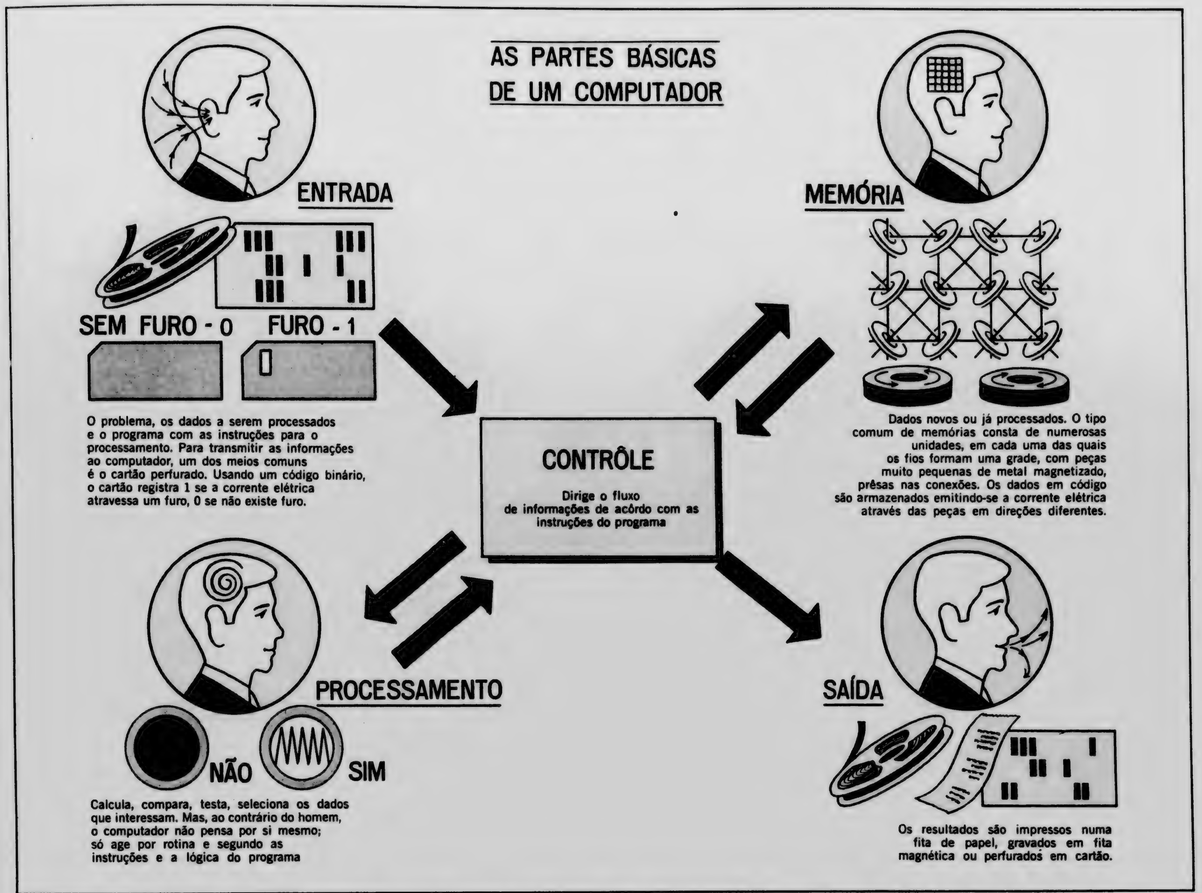
Em 1890, o americano Herman Hollerith inventava a primeira máquina para processar dados, usando cartões perfurados, e conseguia convencer o govêrno a usá-la, para os trabalhos do censo do mesmo anos. O resultado foi uma redução de dois terços no tempo empregado anteriormente.

O primeiro era um gigante

Em 1930, era construído no MIT (Instituto Tecnológico de Massachussets, EUA) o analisador diferencial de Vannevar Bush: um computador mecânico gigante, capaz de resolver equações diferenciais. Um modêlo posterior, aparecido em 1944, chamado Mark I e desenvolvido por um professor da Universidade de Harvard, Howard Aiken, substituía muitas engrenagens e eixos por seqüências elétricas e pode ser considerado o verdadeiro ponto de transição para os computadores eletrônicos. O Mark I foi usado durante a Segunda Guerra Mundial para calcular trajetórias de artilharia e para apressar a produção da bomba atômica e dos foguetes teleguiados.

Só em 1946 surgiria o ENIAC (Eletronic Numerical Integrator and Calculator), considerado o primeiro computador eletrônico da história. Era muito mais rápido, porque, em contraste com os movimentos das engrenagens e alavancas dos computadores mecânicos, já empregava a eletricidade, movendo-se com a velocidade aproximada da luz através de fios, válvulas e interruptores. O ENIAC — uma caixa enorme em que dois professôres da Universidade de Pensilvânia trabalharam dois anos e meio, ligando 500 mil conexões a 18 mil válvulas — fazia, para espanto da época, 5 mil somas por segundo. Hoje os computadores mais poderosos já estão fazendo 5 milhões, para nosso espanto.

Embora o ENIAC representasse um grande avanço, suas válvulas eram muito caras, esquentavam muito, falhavam freqüentemente e eram excessivamente volumosas: êste primeiro computador pesava 30 toneladas e ocupava um andar inteiro. Por isso, durante muito tempo, os poucos computadores existentes nos Estados Unidos tinham finalidades principalmente experimentais. Em 1958 nascia, porém, a segunda geração de computadores. As válvulas foram substituídas por esta revolucionária criação da era eletrônica que é o transístor. As dimensões foram reduzindo-se cada vez mais com melhores características de velocidade e de potência, acompanhando o desenvolvimento da tecnologia da miniaturização e logo da microminiaturização com dispositivos e circuitos reduzidos a dimensões microscópicas. E em 1964 nasceu a terceira geração, com potência e velocidade operativas quase inacreditáveis, e com tamanho e pêso cada vez mais surpreendentes. Até já se fala num computador portátil para muito breve.



Os novos dados passam pela **entrada** e vão, através do contrôle, para a **memória.** Em seguida, o **contrôle** os envia juntamente com dados anteriores para o **processamento,** e depois de volta para a **memória,** ou então para a **saída,** ou para ambas.

Mas a história do aperfeiçoamento dos computadores ainda não terminou. Agora está-se procurando **ensiná-los** a falar, enquanto outros são **treinados** para traduzir automàticamente várias línguas. E já há computadores sendo empregados para desenhar outros. Assim os computadores estão libertando a inteligência do homem para se preocupar com problemas até aqui tidos por insolúveis e satisfazer necessidades e aspirações humanas até agora consideradas impraticáveis. Mas o que acontecerá a nosso mundo quando de repente fôr invadido por uma geração avançada de cérebros eletrônicos capazes de falar, ouvir, ler, raciocinar, aprender com seus próprios erros e experiências, comentar seus defeitos e até reproduzir sua própria espécie? Que acontecerá quando os computadores forem tão comuns quanto são hoje a máquina de escrever, o telefone, ou a televisão?

Já têm o que fazer no govêrno

Os computadores foram originalmente inventados para solucionar problemas matemáticos. Pouco a pouco, no entanto, foram encontrando o que fazer no govêrno, na indústria, nos laboratórios, de modo a já cumprirem hoje mais de 700 tarefas, até em campos inesperados. Já há computadores substituindo professôres, indicando fontes de estudo, respondendo perguntas de alunos e passando e corrigindo exames. Em suma: isto liberta os professôres para os trabalhos de pesquisa e para a orientação direta, pessoal, dos próprios alunos.

Nos hospitais, também foram introduzidas modificações surpreendentes. Um computador é ligado diretamente aos instrumentos do laboratório e a monitores elétricos que mantêm constante vigilância sôbre os doentes, e, recebendo os resultados dos vários testes e exames, registra todos os dados relativos a cada doente. Assim, fica em condições não só de informar a qualquer instante sôbre o estado do doente, mas ainda de comparar seus sintomas com outros milhares que lhe foram **ensinados,** para entregar uma relação de possíveis enfermidades, acompanhada de uma bibliografia completa de cada uma delas.

Enfim, já não está longe o dia em que cada pessoa terá seu computador pessoal, do tamanho de um maço de cigarros, no qual registrará tôdas as suas experiências e tudo que tiver aprendido na vida. Nesse dia, os estudantes levarão às aulas, além de livros e cadernos, seu computador de bôlso. Por essa época, as máquinas eletrônicas de cálculo e processamento de dados já terão **digerido,** e passado para suas **memórias,** o conteúdo de todos os livros de tôdas as principais bibliotecas do mundo, todo o saber que o homem acumulou em milhares de anos. E como então já terá sido criado um sistema de acesso simultâneo a um complexo central de computadores, o cérebro eletrônico se tornará uma utilidade pública como o telefone, e qualquer pessoa poderá obter, a qualquer instante, as mais incríveis informações que desejar. Aí terá ocorrido na história da humanidade uma revolução nas informações e comunicações cujo alcance ninguém ainda pode sequer imaginar, em tôda sua extensão.

Uma coisa, porém, é certa: o computador eletrônico não é nem pode ser inimigo do homem. Êle não se cansa; êle nunca esquece; êle pode trabalhar 24 horas por dia e com a rapidez da luz. Mas êle é incapaz de possuir inteligência, vontade, malícia, imaginação, intuição e decisão própria. Não sabe enfrentar situações não previstas por seus programadores. E só formula uma apreciação limitada aos elementos que possui. Por isso, Einstein dizia: "A máquina poderá resolver qualquer problema, mas jamais levantará um sequer".

Contudo, fazendo **tão pouco,** os computadores eletrônicos fazem infinitamente muito pelo homem, porque o deixam livre para a tarefa que constitui a sua originalidade e a sua grandeza: a criação.

E há quem sonhe ainda, para daqui a algumas gerações, com uma sociedade do ócio e do lazer, em que apenas 5% dos homens ainda terão o **privilégio** de trabalhar, e os 95% restantes estarão se dedicando à arte, ao estudo, ao esporte — ou à procura apaixonada do que fazer. FIM

Responda: os sabonetes que prometem mais beleza para Você têm creme de limpeza e creme umectante?

O todo nôvo Palmolive Rosa tem.

Sòmente o todo nôvo Palmolive Rosa pode lhe prometer mais beleza. Porque Palmolive Rosa é o único sabonete que contém a combinação perfeita de dois cremes cosméticos - creme de limpeza e creme umectante.

O creme de limpeza do todo nôvo Palmolive Rosa limpa profundamente, retirando tôda a oleosidade e poeira que se entranham na pele. E o creme umectante do todo nôvo Palmolive Rosa mantém sua pele convenientemente umedecida.

Comece um nôvo tratamento de beleza.

Use, diàriamente, o todo nôvo Palmolive Rosa. Para limpar a pele. Para retirar a maquilagem. Para ter uma cútis sedosa, macia e sempre jovem.

Responda outra vez: qual é o sabonete que pode prometer mais beleza para Você?

PALMOLIVE ROSA É TODO NÔVO.

Novos ingredientes de beleza!
Nôvo e delicado perfume!
Nova e atraente côr rosa suave!
Nôvo formato!
Nova e sugestiva embalagem!

TENHO CÂNCER E NÃO QUERO MORRER

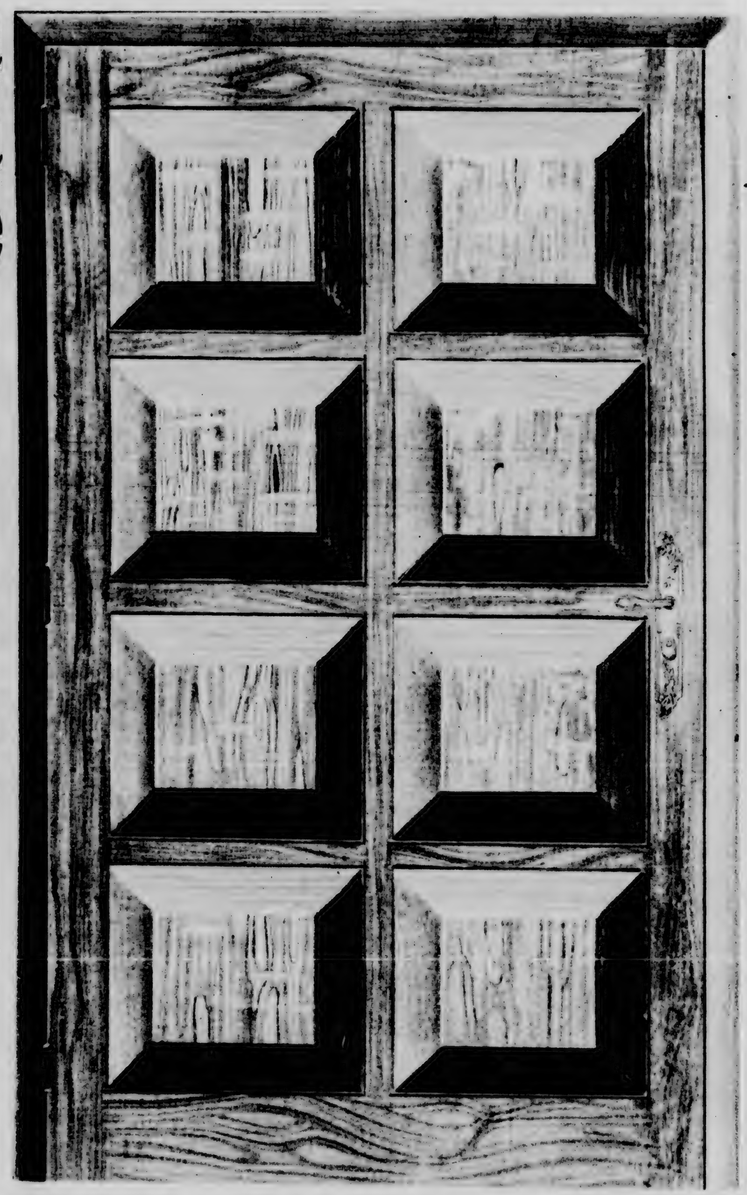
Entrevista a Milton Coelho
Fotos de Olivier Perroy

Seu nome é M.D.F. ou, mais simplesmente, Maria. Tem 24 anos, é professôra universitária numa capital do norte do Brasil. E alegre, tem o rosto sempre sereno. Às vêzes uma sombra de melancolia aparece em seu olhar penetrante mas é um segundo apenas. Logo Maria volta a falar com tranqüilidade de seu problema. Um problema grande e terrível: ela tem câncer nos vasos linfáticos, a doença de Hodkins. Em 1961, sentenciaram: "Essa garôta vai agüentar dois a três anos, no máximo". Desde então seis anos já passaram. Maria ainda sorri, cheia de esperança. E, neste depoimento sincero e corajoso, conta por quê.

publitec 14.65

Apresentamos aqui a nova mola hidráulica Fecha-Porta La Fonte

(desculpe, mas ela é invisível)



Invisível mesmo! Fecha suave e silenciosamente. Resiste a empurrões. A nova mola hidráulica Fecha-Porta La Fonte é disponível em três modelos: embutida, semi-embutida e de sobrepor. Para portas leves, médias e pesadas. Lançamento exclusivo da

LA FONTE

A FECHADURA QUE FECHA E DURA.

Metalúrgica La Fonte S.A.

Fábrica e Escritórios: Av. Cruzeiro do Sul, 3200
Loja: Rua Rêgo Freitas, 420 - S. Paulo
Santos: Metalúrgica La Fonte S.A.
Rua Itororó, 158
Rio de Janeiro: Ferragens La Fonte S.A.
Rua México, 111-B
Curitiba: Metalúrgica La Fonte S.A.
Rua João Negrão, 713
Londrina: Comercial e Construtora Vezozzo Ltda.
Rua Miguel Blasi, 40
Pôrto Alegre: Morganti S.A. Indústria e Comércio
Rua Voluntários da Pátria, 888
Salvador: Samac S.A. Material de Construção
Rua Miguel Calmon, 42 - s/ 810
Recife: Agostinho B. Silva Ltda.
Rua Cleto Campelo, 44 - L. 7
Fortaleza: Nordeste Represent. e Com. S.A.
Rua Major Facundo, 170

"Quando eu soube, senti uma raiva profunda"

CÂNCER CONTINUAÇÃO

Quando me disseram pela primeira vez, cheguei a ficar atordoada. Tinha 18 anos. Sentia-me humilhada pela presença em mim da doença terrível. Não me lembro se cheguei a ter inveja de minhas amigas ou até de minha mãe, forte, robusta, cheia de saúde e alegria. Não sei explicar agora o que senti quando descobri que ia morrer. Tudo foi tão rápido, tão apressado, mas chego — hoje, depois de seis anos — a recordar perfeitamente o instante em que me explicaram o significado da doença de Hodkins. Ainda vejo os óculos embaçados do médico — faz sempre muito calor na minha cidade — e seu rosto pálido. Parecia um culpado na minha frente. Sua impotência frustrava-o e o esfôrço que fazia para achar as palavras da sentença, para escolhê-las com delicadeza, chegava a ser comovedor. Sòmente agora, no entanto, consigo ver tudo isso. Lembro-me de que, no momento, senti nascer dentro de mim uma raiva profunda. Apertei com fôrça o lenço que tinha entre as mãos e acabei quebrando uma ou duas unhas. Claro, o médico não tinha culpa. Mas eu também não. E nem meu pai. Nem ninguém. Uma por uma, as palavras foram me ferindo cada vez mais. Pedaços de frases tranqüilizadoras ganhavam um significado quase ofensivo: "...calma... confiança... remédios estrangeiros... antes de mais nada, muita calma..." Tudo isso servia apenas para aumentar a rebelião que crescia em meu íntimo. Meu pai (seu terno prêto, próximo ao avental do médico, fazia uma mancha escura em meio à brancura do hospital), cabisbaixo, olhava de esguelha ora para mim, ora para o doutor, e aceitava, talvez, suas palavras com mais fé. Disse-me com um nó na garganta: "Não vai ficar assim. Não pode ser. Remédios, há remédios, você vai ver. Talvez em São Paulo..." Também o médico repetiu que em São Paulo eu teria maiores possibilidades de cura e repetiu: "Calma... confiança..." Eu não agüentava mais. Achava ridícula aquela oferta de esperança, ligada a uma viagem até São Paulo. A morte então morava na minha cidade? Bobagem. Tudo aquilo não tinha sentido nenhum. Recordo que, quando chegamos em casa, meu pai é que foi para a cama, com febre de 40 graus, e a preocupação com seu mal-estar súbito conseguiu distrair-me teporàriamente.

Mas à noite não consegui dormir. Levantei-me cinco, seis vêzes, e fui à frente do espelho para observar — como nunca tinha feito antes — as marcas da doença. Pus um abajur mais perto da penteadeira e os reflexos iluminaram a base de meu pescoço, que hospedava as raízes do mal: gânglios (desde então passei a chamá-los de caroços com a maior naturalidade) que despontavam, rosados, proeminentes, sob a pele. Não pude deixar de pensar: "eis como é o câncer". Toquei-os com delicadeza e aconteceu uma coisa curiosa, quase desconcertante: lembrei-me da primeira vez em que, ainda menina, acariciara um namorado. **Gostar** talvez não seja a palavra mais adequada, mas não consigo encontrar outra: posso dizer que nessa noite cheguei a gostar de meus caroços?

Viajamos, meu pai e eu, para São Paulo. Deixava minhas amigas, a cidade em que sempre vivera, a casa modesta mas acolhedora onde nasci, meus estudos. Preparava-me para o vestibular de Medicina, um projeto que agora não havia mais razão de ser perseguido. Estudar, ser médica, por que e para quem? Estava farta de médicos. E ainda: o diploma não estava muito além do prazo que me haviam dado?

Os exames em São Paulo foram rigorosos e o veredicto foi o mesmo. Esperança, calma, serenidade: tudo me foi repetido pelo médico, com o mesmo tom de bondoso conselho. Dessa vez não fiquei calada: "Se o senhor tivesse câncer, ficaria calmo, sereno, esperançoso?" Naquele momento, o histerismo estava tomando conta de mim. O que conseguiu amainar a minha cólera foi uma pequena história, um episódio dos que aparecem de vez em quando em almanaques e revistas americanas e que a gente lê em sala de espera de dentistas. Quem contou foi o próprio médico, depois de me oferecer um copo d'água. Êle dizia que era uma vez um cientista muito famoso em seu país, e seu filho tinha crupe, doença que na época era incurável. A última fase do crupe é brutalmente dolorosa, a asfixia chegando lentamente, a morte vindo em conta-gôtas. Quando o menino atingiu essa fase, o pai levou-o para a sua biblioteca e começou a mostrar-lhe um lindo livro de gravuras. O menino, distraído, nem sentiu quando o pai encostou o cano de um revólver em sua nuca. No dia seguinte, voltando do entêrro, o cientista encontrou, entre a correspondência, as primeiras amostras da atual vacina antidiftérica. Hoje é difícil morrer de crupe, mas o cientista não soube ter calma... serenidade... esperança...

Talvez uma historinha, nada mais do que isso. Mas o médico contou-a com tal acento de verdade, que alguma coisa ficou em mim. Mais tarde — não imediatamente — voltei a lembrá-la muitas vêzes, querendo firmemente acreditar nela. E descobri — também mais tarde — que a esperança é um grande remédio.

Mas não foi essa a minha atitude logo ao voltar à minha cidade. Ao contrário, eu ficava, cada dia que passava com menos fé e maior amargura. Os caroços continuavam lá. Vez por outra desapareciam, graças à radioterapia e aos remédios, mas logo depois voltavam, sempre desafiantes, lembrando-me a sentença primitiva. Eu pensava: dois anos sòmente? Que sejam, então, dois anos bons, dois anos de alegria, de despreocupação.

Voltava para casa às três da madrugada, às quatro quando a **turminha** agüentava. Experimentei o sabor áspero do uísque e dos cigarros (nunca, antes, tinha fumado). Substituí por muitos acidentados namoros o tranqüilo amor que achava não poder conseguir. Às vêzes, chegava a ter certeza de que tudo aquilo me fazia feliz. Em casa, nem uma palavra de censura. Todos me olhavam e pareciam pensar: "O que podemos dizer a uma condenada?". Não escondia minha doença para ninguém. Começava a gostar desta atitude de vítima rebelde, que me fazia diferente aos olhos dos outros. E se alguma vez escutava a bisbilhotice de alguém ("olha aquela menina magra de copo na mão, tem câncer"), ficava quase orgulhosa, satisfeita de perceber minha condição de garôta diferente, de garôta **sem futuro.** Uma noite um rapaz me tirou o copo da mão. "Chega — disse — você não tem idade para isso e aposto que nem gosta de beber ou de tomar pileque à toa". Respondi-lhe com uma chicotada: "Ô menino, fica calado. Sabe que você está falando com uma cancerosa? Sabe que eu poderia morrer amanhã?" O rapaz me olhou com espanto e quase fugiu. Murmurou: "Mas, é verdade?" E foi embora, enquanto eu o perseguia até a porta do bar, gritando-lhe: "E não chateia mais, ouviu?"

São epsódios de poucos anos atrás, que hoje eu conto como se a protagonista fôsse outra mulher. SEGUE

Para cada ambiente, Giroflex criou a poltrona certa...

...porque sente-se bem em tôda GIROFLEX. Pois, analisamos, para você, a maneira correta de sentar. GIROFLEX foi construída, baseada em diretrizes fisiológicas de trabalho. É, portanto, anatômicamente certa.

...porque em tôda GIROFLEX senta-se confortàvelmente, durante horas, dias, mêses e anos. Seja qual fôr a atividade. Seja qual fôr a posição de sentar. GIROFLEX transformou o trabalho em suave prazer. É sólida, prática, cientificamente aprovada.

...porque a linha é bonita, pela simplicidade, funcionalidade e harmonia. Foi idealizada pelo conhecido especialista em formas – o "designer" – Prof. Catedrático Arno Votteler. GIROFLEX corresponde às exigências de estilo atuais.

EM GENUÍNO Courvin
UM PRODUTO DE QUALIDADE Kelson's

O correto assento anatômico... giroflex

Sòmente nas boas lojas de equipamentos de escritório

Giroflex s. a. - c. postal 449 - são paulo

"Tenho uma razão para o anonimato: eu amo"

CANCER CONTINUAÇÃO

Às vêzes me pergunto: "eu fiz isso?", "eu disse isso?". Quase não acredito. Porque essa vida, digamos, de frenética intensidade, durou pouco: três ou quatro meses. Voltei à realidade depois de uma crise que me obrigou a ficar na cama mais de duas semanas. Tive tempo de pensar, de ficar comigo mesma, numa atmosfera de extrema serenidade. E enquanto pensava: "esta é a última vez que vejo a luz do dia" ou "talvez nunca mais verei o quadro que está pendurado em cima da cama", sentia que tudo isso se tornava menos importante do que outra idéia que começava a nascer em mim. Se, antes de saber da doença, eu nunca havia pensado em viver uma vida sem significado, sem rumos, sem um fim, de que adiantava, hoje, lançar as últimas gôtas de minha existência num turbilhão de inconseqüências? As palavras do meu médico de São Paulo, os primeiros conselhos do doutor que diagnosticou minha doença, começavam a bater com fôrça cada vez mais intensa à porta de meus sentimentos. Leituras, reflexão e, talvez, o silêncio de meu quarto e os passos furtivos dos meus parentes ajudaram-me a compor novamente um projeto positivo de vida.

Logo que saí da crise (os carocinhos mais uma vez tinham sumido no choque com os remédios, embora se tratasse de uma derrota provisória), resolvi voltar a estudar e arranjei um emprêgo. Estabeleci uma rotina que tinha por objetivo tornar-me uma mulher socialmente útil e, interiormente — não digo feliz, porque ninguém acreditaria —, pelo menos tranqüila. A doença passou a ser um acessório, uma presença certamente amarga, mas não mais única e obsessiva.

Fiz um curso de Biblioteconomia. Acho a matéria fascinante, especializei-me na classificação dos manuscritos e dos incunábulos. Fui considerada uma das melhores alunas da escola e deram-me a possibilidade de ensinar. Comecei a lidar com livros raríssimos e antigos, impressos há 300, 400 anos. As datas de impressão — ainda hoje — me fazem sorrir: três, quatro séculos de papel, de tinta, de couro encardenado. É muita coisa. Se é verdade, como talvez seja, que eu morrerei no próximo ano (ou no próximo mês) êstes livros ficarão. Com as palavras bem impressas e as idéias bem claras.

Hoje não falo mais com a mesma cínica atitude a respeito de minha doença. Ao contrário, muita gente me acha **apenas** um pouco pálida e magrinha (peso 37 quilos e tenho 1,54 de altura) e outros são de opinião que eu trabalho demais. Não acredito. Penso que poderia fazer muito mais, se tivesse tempo e fôrça suficiente. Uma colega de universidade, que soube de meu **segrêdo,** perguntou-me admirada: "Mas, minha filha, porque você não requer sua aposentadoria? Nenhuma junta médica poderia negá-la. E com os vencimentos integrais". Percebi que minha colega não tinha compreendido nada e não fiz qualquer esfôrço para explicar. Tenho mêdo de ser considerada uma heroína, tenho pavor de quem tem pena de mim. A doença é minha e sòmente minha: entre mim e ela existem agora relações de íntima compreensão e não quero que ninguém ponha o nariz entre nós duas. Às vêzes chego mesmo a perguntar, quase que divertida: não será ciúme?

Agora vou falar de meus projetos. Esta palavra se refere a um futuro mais ou menos próximo. Seis anos atrás, projeto perdera completamente o sentido em meu dicionário pessoal. Agora tem, e em lugar de muito destaque. Quero dizer a verdade: os primeiros dois anos foram terríveis, mas à medida em que foi se esgotando o prazo que me haviam dado originalmente, comecei a não ter mais mêdo da morte. Ou melhor, a considerá-la uma eventualidade possível, como qualquer outra pessoa dêste mundo que está confiada à vontade de Deus e não pode deixar de enfrentar o mesmo problema. A mim, deram um prazo, mais ou menos certo. Os outros, as pessoas que andam em volta de mim, não têm êste prazo: a única diferença está aí... Mas, voltando aos projetos: estou dando duro para conseguir uma bôlsa de estudos na França. Não é fácil, mas espero obtê-la. Já me imagino andando pelos corredores da Sorbonne, nas bibliotecas de Versailles, folheando livros raros que só conheço em reproduções. Tem mais: quando voltar da França, quero comprar um apartamento pequeno, em minha cidade. Não quero deixar minha família, mas gostaria de ter um cantinho só meu. Um lugar cheio de livros — já estou vendo — e tendo numa estante, bem à mão, um volume das **Cartas Íntimas,** de Michelet, em que se pode ler um trecho assim: "A doença traz consigo sentimentos e idéias que nós nunca temos enquanto estamos bem. E nos mostra muito melhor as coisas que a agitação da vida e a febre da ação nos impedem de ver". Eu acredito nisso.

Quando conto a meu médico êsses projetos, êle sorri. Com um pouco de satisfação, porque foi êle quem me deu esta boa dose dupla de confiança arrasadora; e um pouco de penosa descrença. Dá para perceber, lendo em seu olhar. E eu lhe digo: "O senhor não acredita, hem, o senhor acha que não dará mais tempo, não é?" Nossas conversas são muito divertidas; quem entrar de repente no consultório, pode até achar que nós dois estamos contando piadas engraçadas.

Muita gente poderá estranhar a minha decisão de não divulgar meu nome. Já expliquei uma das razões fundamentais disso: acho que passou o tempo das cínicas revelações, e que a piedade alheia não conseguirá ajudar nem a mim nem aos outros. Se meu nome fôsse publicado, receberia centenas de cartas incitando-me a ter coragem e esperança. Mas o que eu quero é **dar** coragem e esperança aos outros, não é **receber.** Acho que tenho os títulos necessários para fornecer, a quem precisar, a receita indispensável. E tenho uma outra razão para o anonimato. Estou apaixonada. Nunca tive motivo para esconder minha doença, mas com **êle** acho que estou seguindo o caminho certo. Não creio que, por isso, possa ser acusada de egoísmo. Às vêzes fico pensando que êle poderia deixar de me querer, se soubesse, ou poderia passar a ter pena de mim, ao invés de amor. E isso eu não quero. Êle hoje é um componente de minha vida e de meu desejo de viver e está fazendo por mim muito mais do que os remédios ou as aplicações de raios-X. Em troca, tenho por êle uma dedicação profunda e terna, talvez misturada com um pouco de gratidão. Se um dia nosso caso terminasse simplesmente, ou êle deixasse de me querer por qualquer uma das muitas de razões que fazem um amor terminar, eu enfrentaria a situação com a dose normal de amargura que qualquer outra mulher teria. Não quero, no entanto, perdê-lo por algo que vive comigo independentemente de minha vontade. Não é justo. FIM

JA' CHEGOU AO SEU PÔSTO SHELL:

O NÔVO GUIA QUATRO RODAS DO BRASIL EDIÇÃO 1967

Além das 388 páginas de informações sôbre onde ir, dormir e comer, o Guia Quatro Rodas do Brasil inclue um folheto chamado "Onde encontrar Shell na Estrada", que indica a localização e especifica as instalações de todos os Postos Shell situados ao longo dos roteiros publicados no Guia.

E lembre-se: só nos Postos Shell você encontra gasolina com ICA e Shell Super, o óleo que assegura superquilometragem com supermargem de segurança.

AQUI VOCÊ VAI ENCONTRAR 1000 RAZÕES PARA VIAJAR PELO BRASIL.

A Equipe do Guia Quatro Rodas do Brasil conseguiu fazer com que a edição de 1967 trouxesse tôdas estas novas informações e aprimoramentos:

1) Informações completas sôbre 1000 cidades — 700 a mais do que constavam na edição do ano passado.
2) 803 hotéis e 1475 restaurantes pesquisados e devidamente classificados
3) Quadro de distâncias rodoviárias entre os centros mais importantes do país, dando mais de 500 quilometragens (calculadas pelo melhor caminho).
4) Marcador de páginas plastificado, contendo além de outras informações úteis ao viajante, uma relação de todos os símbolos apresentados no código do Guia, possibilitando assim uma leitura fácil e direta de tôdas as informações contidas na publicação.
5) Mapa de rotas aéreas, nacionais e internacionais, apresentando as distâncias e horas de vôo entre os principais centros do país e do mundo.
6) Novas secções indicando pontos turísticos de maior interêsse em todo o território nacional e a lista completa de pratos típicos regionais, com explicações sôbre cada especialidade.
7) Os cinco roteiros turísticos brasileiros de maior destaque, inteiramente re-atualizados e ilustrados por mapas e fotos.
8) Plantas detalhadas do centro e dos arredores das principais capitais, indicando todos os acessos e os locais de interêsse.
9) 44 mapas verticais com o esquema quilométrico e o roteiro completo de tôdas as rodovias nacionais de maior importância.
10) O Nôvo Guia foi totalmente re-estruturado e aprimorado tanto do ponto de vista gráfico, como do ponto de vista papel e encadernação. O número de páginas foi aumentado (de 324 para 388). Enfim, não foram poupados esforços para melhorá-lo até nos mínimos detalhes.
11) Além do enorme volume de novas informações, todos os dados que já constavam na 1.ª edição foram novamente pesquisados e atualizados.

Você percebe que o Guia Turístico tem muito mais de 1000 razões para ser adquirido. Compre-o e tire o máximo proveito de suas viagens:

ALGO MAIS PARA SEU CARRO E VOCÊ
BOA VIAGEM CQM

SHELL

A CEGONHA EXISTE?

SIM Com relação a um dos mais palpitantes assuntos de todos os tempos — "Como nasce uma criança" — começaram a surgir, nas últimas semanas, versões contrastantes e boatos sem nennum fundamento. Orgãos de imprensa, evidentemente mal informados (ou, talvez, a serviço de interêsses nem sempre claros), chegaram a publicar relatos de lírica invenção, alguns avançando a hipótese de que a criança forma-se no ventre materno, depois de um espermatozóide ter fecundado um óvulo. Em conseqüências desta tão pouco provável e tão pouco sugestiva solução do problema, logo chegaram outros que — suscitando a hilaridade geral — acharam-se no dever de declarar: "A criança, pois, nasce da mulher." Ainda é viva nos meios intelectuais a polêmica que tal declaração provocou e ainda permanece uma atmosfera de preocupação com respeito à leviandade dos ingênuos divulgadores de tais tolices. Para restabelecer definitivamente a verdade, entrevistamos o Coordenador Geral do SIC. (Sindicato Internacional das Cegonhas), com sede em Praga. Pela primeira vez, quebrando um silêncio antigo, ditado não sòmente pelo pudor que o assunto impõe, mas, também, pelo inexcedível zêlo profissional, o ilustre representante das cegonhas relata, neste breve depoimento, de forma inquívoca, as fases mais comovedoras do nascimento de uma criança. Antes de entrar no mérito da questão, quis expor resumidamente a importância do organismo que coordena:

"Melhor do que eu, a doutora presidente de nosso Sindicato, conseguiria dissipar as nuvens cinzentas que envolvem o caso, lançando sôbre êle luzes reveladoras. Mas ela está atualmente em missão de "consignação", como nós chamamos a entrega das crianças. É figura muito conhecida, pois, ainda no esplendor de sua juventude, foi uma das protagonistas do filme premiado "Quando Voam as Cegonhas". O SIC foi fundado há milênios, e conta hoje cêrca de 300 mil sócios. Cada cegonha, ao assinar seu contrato com o SIC, compromete-se a: a) prestar serviço gratuitamente, pois a "consignação" é um áto filantrópico; b) manter absoluto sigilo quanto a quem faz a encomenda e quem a recebe; c) jamais participar de polêmicas com associações médicas, cientistas, intelectuais e jornalistas, sem falar das assim chamadas "curiosas". O SIC criou "Centros de Preparação", e cada ano organiza seminários internacionais sôbre temas de empolgante atualidade: o melhoramento dos transportes, as comunicações, a embalagem e, inclusive, noções de psicologia aplicada, para enfrentar entreveros no caso de "consignações conturbadas."

A esta altura, o Coordenador Geral entra na parte mais apaixonante de seu depoimento:

"Como nasce uma criança? Apesar das contrastantes e imaginosas versões dos últimos tempos, eis a verdade simples e cristalina: o Sindicato Internacional das Cegonhas, recebe as encomendas com nove meses de antecedência. Quase sempre são marido e mulher que nos escrevem, registrando o pedido. Isso não impede que, vez por outra, seja sòmente a mãe a signatária do requerimento. Em todo caso, o SIC precisa de nove meses para organizar uma entrega, em face dos inúmeros pedidos que chegam de tôda parte do mundo, principalmente da Ásia e da América Latina. Nossos serviços não são, infelizmente, infalíveis: por isto, verificam-se, às vêzes, algumas "consignações" prematuras, que surpreendem os cônjuges, seus parentes e amigos, embora muitas dessas antecipações não sejam absolutamente de nossa responsabilidade.

"Uma vez anotado o pedido, o mecanismo do SIC entra em ação. Cada ficha de requerimento é confiada a uma das nossas associadas, que entra logo em contato com o CMC (Centro Mundial da Criança), isto é, com o depósito abastecedor, onde reserva para daqui à data da entrega um bebê, com as características discriminadas no pedido. Tal o acúmulo de pedidos ao CMC, que ocorrem muitas vêzes entregas que não combinam còm as especificações contidas na encomenda. Para dar um exemplo, há poucas semanas, foi entregue em Tóquio uma criança encomendada por Londres, e vice-versa: o caso provocou lamentável confusão.

"Esgotado o prazo, chega o momento da "consignação". Dificuldades em coordenar os serviços de transporte com as diferenças de fuso horário, fazem com que a entrega geralmente seja feita à noite ou de madrugada. Isto provoca reações nem sempre corteses dos maridos, mas o SIC ainda não conseguiu superar êste problema, que, no entanto, vem sendo meticulosamente estudado pelo DTT (Departamento de Tráfego e Transportes).

"É com gemidos e, às vêzes, gritos de profunda ansiedade que as mães acolhem a sombra branca de nossa associada e de sua doce carga. Penetrar na sala, onde a mulher está aguardando, nem sempre é empreendimento fácil: os médicos que "assistem" o acontecimento (nunca conseguimos descobrir por que, e não queremos, nesta ocasião, desvendar o mistério) fazem questão de manter tudo fechado, tornando, assim, ainda mais fatigante a última fase da missão de nossa associada. Enquanto a cegonha, apesar de seu trêmulo e delgado embrulho, faz fôrça para chegar até à mãe ofegante de expectativa, a criança — ainda não oficialmente nascida — começa a mostrar seus primeiros relâmpagos de vida, rompendo pouco a pouco a perfeita embalagem que a envolve. Dificilmente os pais assistem ao momento da chegada, tão grande a emoção. Preferem passear num corredor perto da sala, ou aguardar num bar. Nossa organização não faz distinção entre encomendas reais ou plebéias: somos democráticos. Mas somos também cônscios de nossa dignidade: nunca permitimos, apesar das tentativas e das muitas insistências, que as mães, no momento exato da entrega, tirassem penas das asas da cegonha como lembrança do inesquecível evento.

"Uma vez na sala, eis o ritual que, apesar da rotina, é sempre permeado de mistério e doçura. Quase que inconscientemente, a mãe reclina-se na direção da cegonha e acolhe a criança, tomando-as nos braços, numa atitude de proteção comovedora. "Foi tudo muito bem. A criança é linda", ouve-se sussurrar em volta. A convenção, entretanto, estabelece que não se deve comentar a presença da cegonha, mas sim fingir que ela é invisível. Assim, tendo cumprido sua missão, a entregadora anônima deixa o recinto tão silenciosamente como entrou.

Para finalizar, eis a resposta a uma pergunta, que, com certeza, muitos farão: E os gêmeos? E os trigêmeos? E os quadrigêmeos?

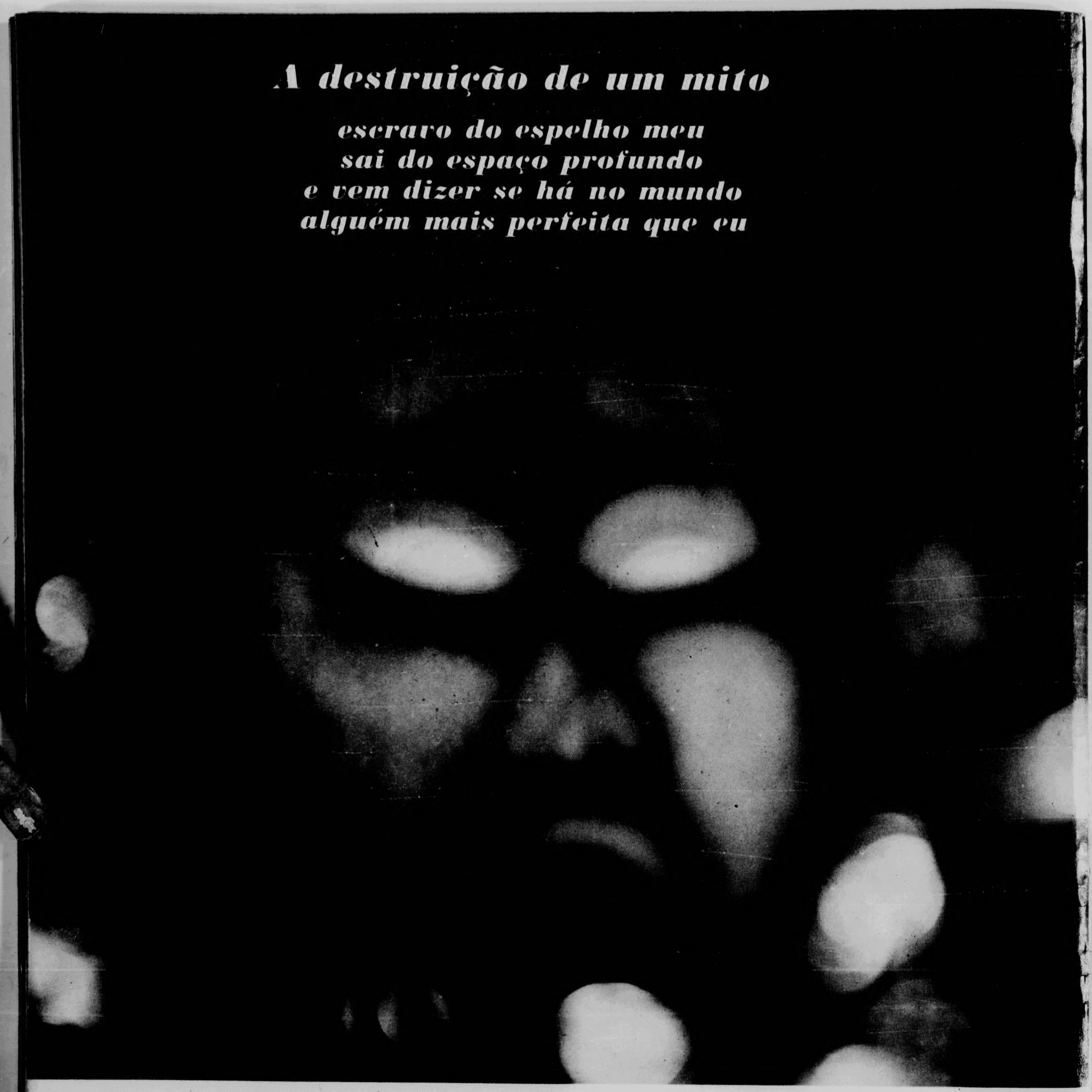
Alessandro Porro
Jornalista

"Trata-se, apenas de uma ínfima deficiência do CMC. O êrro acontecia quando nos escritórios desta organização usava-se papel carbono, e acontece, ainda hoje, quando os computadores eletrônicos "trabalham" as fichas de encomenda: mais cópias de um único pedido, ou mais de uma mesma encomenda, fazem com que duas, três ou quatro cegonhas cheguem ao encontro marcado com a mãe ansiosa, no mesmo instante. O caso das cinco gêmeas Dionne (quando ainda estava em uso o papel carbono) provocou a demissão sumária do Chefe do Departamento de Encomendas do CMC."

Resposta à pergunta do leitor Jorge Batistela — Botucatu — S.P.

A destruição de um mito

escravo do espelho meu
sai do espaço profundo
e vem dizer se há no mundo
alguém mais perfeita que eu



Há quem se julga perfeito e adormece sôbre as eventuais vitórias alcançadas. Foi assim com Golias — o mito da grandeza invencível — destruído pelas armas do bom senso: pesquisar cada vez mais, corrigir as próprias falhas e só aceitar como bom o que é excelente. Com essas armas a Burroughs instalou, nos últimos seis anos, o primeiro computador científico da América Latina e o primeiro computador de porte médio no Brasil (Pontifícia Universidade Católica), o primeiro sistema de caracteres magnetizáveis na América Latina (Banco Nacional de Minas Gerais), o primeiro sistema "on-line" do Brasil (IAPI). E ainda foi pioneira na introdução dos vários elementos de entrada: fitas de papel, caracteres magnetizáveis e uso extensivo de fitas magnéticas. Com essas armas, feitas de perseverança, humildade e trabalho, estamos colhendo novos e palpáveis triunfos, e desfazendo o mistério criado em tôrno do processamento eletrônico de dados. Estamos destruindo velhos mitos.

Burroughs Eletrônica

NA VANGUARDA EM PROCESSAMENTO E DADOS

44.024
IMPR. S.A.I.B. — SÃO PAULO